



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ISAAC FRANCISCO DO NASCIMENTO

ESPACIALIDADES DOS PEQUENOS GRUPOS OU GRUPOS-CÉLULAS NO
CONTEXTO DA IGREJA BATISTA NORDESTINA (PB/PE)

JOÃO PESSOA/PB
2025

ISAAC FRANCISCO DO NASCIMENTO

ESPACIALIDADES DOS PEQUENOS GRUPOS OU GRUPOS-CÉLULAS NO
CONTEXTO DA IGREJA BATISTA NORDESTINA (PB/PE)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões (PPGCR) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na linha de pesquisa Educação e Religião, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ciências das Religiões.

Orientador: Prof. Dr. Marinilson Barbosa da Silva.

JOÃO PESSOA/PB
2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N244e Nascimento, Isaac Francisco do.

Espacialidades dos pequenos grupos ou grupos-células
no contexto da igreja batista nordestina (PB/PE) /
Isaac Francisco do Nascimento. - João Pessoa, 2025.
218 f. : il.

Orientação: Marinilson Barbosa da Silva.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE.

1. Geografia da religião. 2. Espaço sagrado. 3.
Pequenos grupos religiosos. 4. Igreja batista. I.
Silva, Marinilson Barbosa da. II. Título.

UFPB/BC

CDU 911.3:2-67(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ESPACIALIDADES DOS PEQUENOS GRUPOS OU GRUPOS-CÉLULAS NO CONTEXTO DA
IGREJA BATISTA NORDESTINA (PB/PE)

ISAAC FRANCISCO DO NASCIMENTO

Dissertação apresentada à banca examinadora formada pelos seguintes especialistas.



Marinilson Barbosa da Silva
(orientador)



Clevisson Junior Pereira
(membro-externo/UFPR)



Assinado de forma digital por Prof.
Dr. Sylvio Fausto Gil Filho
DN: cn=Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil
Filho, o=UFPR, ou=Departamento
de Geografia,
email=faustogil@ufpr.br, c=BR
Dados: 2025.08.29 10:21:14 -03'00'

Sylvio Fausto Gil Filho
(membro-externo/UFPR)



Documento assinado digitalmente

VITOR CHAVES DE SOUZA

Data: 29/08/2025 16:40:53-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Vitor Chaves de Souza
(membro-interno)

Aprovada em 27 de agosto de 2025.

AGRADECIMENTOS

Neste momento, gostaria de expressar minha gratidão a todos que contribuíram de maneira significativa para o êxito desta dissertação.

Agradeço ao professor Marinilson Barbosa pela orientação atenta, paciência, confiança e apoio ao longo de toda a caminhada. Ao professor Vitor Chaves, pela disposição em compor a banca de defesa e pela relevante contribuição à minha formação como pesquisador. Aos professores Sylvio Fausto Gil Filho e Clevisson Júnior Pereira, pela participação nas bancas de qualificação e defesa e pelas valiosas contribuições que ajudaram a lapidar esta pesquisa. Registro, ainda, minha gratidão ao professor Gerson pelo apoio e orientação junto ao Comitê de Ética, bem como aos professores e servidores do PPGCR da Universidade Federal da Paraíba.

Às igrejas, pastores, líderes e membros de pequenos grupos que me acolheram com tanta hospitalidade e aceitaram participar da pesquisa, deixo meu sincero agradecimento. Sou igualmente grato às Secretarias de Educação da Prefeitura de João Pessoa e do Governo do Estado da Paraíba por autorizarem meu afastamento das atividades profissionais durante o mestrado.

Agradeço à Primeira Igreja Batista no Jardim Aeroporto, pelo apoio, orações e companheirismo. Aos amigos Paulo Cavalcante e Luís Felipe, sou grato pela amizade, incentivo e boas conversas.

À minha mãe, pelas orações constantes; à minha sogra, sogro e cunhada, pelo apoio nos momentos necessários; aos meus irmãos e sobrinhos, pelo apoio incondicional; e a Mahilton e Priscylla, por estarem próximos à minha família em tempos difíceis – meu muito obrigado.

Aos meus filhos, Isaac Felipe e Pedro Ferraro, agradeço pelos abraços, sorrisos, orações e alegrias que tanto me fortaleceram. À minha esposa, companheira fiel em todas as horas, sou eternamente grato pela compreensão e apoio incansável.

Acima de tudo, agradeço ao meu Deus, dono da minha vida, a quem rendo toda honra, glória e louvor. Foi Ele quem guiou meus passos e tornou possível iniciar esta jornada em meio à recuperação de uma grave crise de saúde provocada por um tumor na hipófise. Fui submetido à cirurgia, e, pela graça divina, fui curado da acromegalia – conhecida como “doença do crescimento”. A ciência e os médicos foram instrumentos da providência de Deus, que transformou a enfermidade em uma oportunidade de crescimento humano e profissional

Ao Senhor Jesus Cristo, toda minha confiança e eterna gratidão!

*“Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome,
ali estou eu no meio deles.”
Mateus 18.20*

*“Se os grandes reformadores religiosos desejavam
ser ouvidos e compreendidos, precisavam falar não só a linguagem de Deus,
mas também a linguagem do homem.”
Ernst Cassirer*

*“Espero o dia em que investiremos o equivalente ao custo de um
ou dois mísseis na procura de uma compreensão mais adequada
das relações humanas.”
Carl Rogers*

RESUMO

A presente dissertação teve como objetivo geral analisar as relações sociais entre membros e líderes de pequenos grupos na constituição de espacialidades geográficas em duas igrejas batistas da região Nordeste, vinculadas à Convenção Batista Brasileira. Como objetivos específicos, buscou-se compreender, de modo aprofundado, as estruturas estruturantes do fenômeno religioso – especificamente, das relações sociais entre os membros e líderes de pequenos grupos – bem como identificar a presença (ou ausência) dos elementos propostos por Carl Rogers para uma relação social saudável: genuinidade, aceitação e compreensão. Com base nesses objetivos, formulou-se a seguinte questão de pesquisa: como se estruturam as relações sociais entre os membros e líderes de pequenos grupos, e em que medida essas relações contribuem para a construção de vínculos sociais saudáveis? A fundamentação teórica incluiu um levantamento histórico das contribuições da geografia para o estudo do fenômeno religioso. Nesse percurso, foram apresentadas as principais tendências contemporâneas da geografia da religião no Brasil, especialmente os dois principais enfoques teórico-metodológicos relacionados ao espaço sagrado. Optou-se por trabalhar com o espaço sagrado como conformação simbólica, à luz da Filosofia das Formas Simbólicas de Ernst Cassirer e das contribuições dos geógrafos Sylvio Fausto Gil Filho e Clevisson Júnior Pereira. Para a análise das sociabilidades nos pequenos grupos, foram incorporadas as contribuições de Carl Rogers sobre as condições que favorecem uma relação social saudável. O estudo adotou uma metodologia de natureza compreensiva, inserida no campo da Geografia Humana, correlacionando o fenômeno das relações sociais nos pequenos grupos no contexto religioso evangelical batista. Realizaram-se Entrevistas Qualitativas com pastores, membros e líderes de pequenos grupos em duas igrejas batistas, cujos dados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo Temática, conforme proposta de Laurence Bardin. Os resultados da análise possibilitaram a identificação de categorias relevantes que evidenciam o papel estruturante do discurso religioso e do discurso fundador nas representações simbólicas dos entrevistados. Por fim, chegou-se à conclusão de que as condições que sustentam as relações sociais nos pequenos grupos são fortemente influenciadas pelas espacialidades estruturantes do discurso fundador e do discurso religioso, mediadas pela forma simbólica religião.

Palavras-Chave: Geografia da Religião; Espaço Sagrado; Pequenos Grupos; Protestantismo Batista.

ABSTRACT

This dissertation aimed to analyze the social relationships between members and leaders of small groups in the constitution of geographical spatialities in two Baptist churches located in the Northeast region of Brazil, both affiliated with the Brazilian Baptist Convention. The specific objectives were to gain a deeper understanding of the structuring structures of the religious phenomenon—specifically, the social relationships between members and leaders of small groups—and to identify the presence (or absence) of the elements proposed by Carl Rogers for a healthy social relationship: genuineness, acceptance, and understanding. Based on these objectives, the following research question was formulated: how are social relationships between members and leaders of small groups structured, and to what extent do these relationships contribute to the construction of healthy social bonds? The theoretical framework included a historical review of geography's contributions to the study of the religious phenomenon. Along this path, the main contemporary trends in the geography of religion in Brazil were presented, especially the two main theoretical-methodological approaches related to sacred space. Sacred space was approached as a symbolic formation, in light of Ernst Cassirer's *Philosophy of Symbolic Forms* and the contributions of geographers Sylvio Fausto Gil Filho and Clevisson Júnior Pereira. For the analysis of sociabilities within the small groups, Carl Rogers' contributions regarding the conditions that foster healthy social relationships were incorporated. The study adopted a comprehensive methodological approach within the field of Human Geography, correlating the phenomenon of social relations in small groups within the evangelical Baptist religious context. Qualitative interviews were conducted with pastors, members, and small group leaders in two Baptist churches, and the data were analyzed using Thematic Content Analysis, as proposed by Laurence Bardin. The results of the analysis made it possible to identify relevant categories that highlight the structuring role of religious discourse and foundational discourse in the symbolic representations of the interviewees. In conclusion, it was found that the conditions sustaining social relationships within the small groups are strongly influenced by the structuring spatialities of the foundational and religious discourses, mediated by the symbolic form of religion.

Keywords: Religion Geography; Sacred Space; Small Groups; Baptist Protestantism.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Caracterização dos participantes: Membros e líderes de pequenos grupos	79
Quadro 2 - Caracterização dos participantes: Pastores presidentes.....	80

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAAE:	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CBB:	Convenção Batista Brasileira
CBPB:	Convenção Batista Paraibana
ES:	Espírito Santo
EST:	Escola Superior de Teologia
G12:	Grupo dos Doze
GD:	Grupo de Discipulado
IBCBH:	Igreja Batista Central de Belo Horizonte
IBGE:	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JMN:	Junta de Missões Nacionais
NEBs:	Núcleos de Estudos Bíblicos
NEER:	Núcleo de Estudos em Espaço e Representações
NEPEC:	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura
NUPPER:	Núcleo Paranaense em Pesquisa e Religião
PB:	Paraíba
PE:	Pernambuco
PGM:	Pequeno Grupo Multiplicador
PIB:	Primeira Igreja Batista
Pr:	Pastor
RD:	Relacionamento Discipulador
RI:	Relacionamento Intencional
RJ:	Rio de Janeiro
RS:	Rio Grande do Sul
SP:	São Paulo
TO:	Tocantins
UERJ:	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFMG:	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPB:	Universidade Federal da Paraíba
UFPR:	Universidade Federal do Paraná
UNESP:	Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OS PEQUENOS GRUPOS E A GEOGRAFIA DA RELIGIÃO.....	25
2.1 GEOGRAFIA E RELIGIÃO: UM DIÁLOGO ANTIGO EM NOVAS PERSPECTIVAS	25
2.2 ABORDAGENS CULTURAL E HUMANISTA DO FENÔMENO RELIGIOSO	28
2.3 ESPAÇO SAGRADO: DO LÓCUS MATERIAL À CONFORMAÇÃO SIMBÓLICA..	34
2.4 CONCEPÇÃO DE HOMEM EM ERNST CASSIRER: DO “ANIMAL RATIONALE” AO “ANIMAL SYMBOLICUM	37
2.5 MITO E RELIGIÃO NA ESTRUTURAÇÃO DA EXPERIÊNCIA HUMANA.....	38
2.6 O HOMEM DE FÉ E O HOMEM LITÚRGICO NA EXPERIÊNCIA DO HOMEM RELIGIOSO	40
3 OS PEQUENOS GRUPOS NO PROTESTANTISMO E NA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA	42
3.1 OS PEQUENOS GRUPOS NA IDADE MODERNA.....	44
3.1.1 O legado dos anabatistas.....	47
3.1.2 A doutrina da perfeição cristã e a evangelização através dos pequenos grupos.....	50
3.2 OS PEQUENOS GRUPOS NA TRADIÇÃO BATISTA	57
3.3 FAZER DISCÍPULOS ONTEM E HOJE	64
3.4 RELAÇÃO SOCIAL SAUDÁVEL	67
3.4.1 A genuinidade	69
3.4.2 A aceitação	70
3.4.3 A compreensão.....	71
4 ESPACIALIDADES DOS PEQUENOS GRUPOS.....	74
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO	74
4.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	76
4.3 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES	79
4.4 GENUINIDADE	83
4.5 ACEITAÇÃO	92
4.6 COMPREENSÃO	99
4.7 O CHAMADO PARA SER LÍDER DE PEQUENOS GRUPOS.....	108
4.8 OS DESAFIOS	113
4.9 AS PRESSÕES.....	124

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
REFERÊNCIAS	131
APÊNDICES	140
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA UTILIZADO PARA MEMBROS E LÍDERES DE PEQUENOS GRUPOS	140
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA UTILIZADO PARA OS PASTORES PRESIDENTES DAS IGREJAS	141
APÊNDICE C - SÍNTESES DAS ENTREVISTAS.....	142

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação intitulada “Espacialidades dos pequenos grupos ou grupos-células no contexto da igreja batista nordestina (PB/PE)” é resultado de uma pesquisa que teve como objetivo geral analisar as relações sociais entre membros e líderes de pequenos grupos na constituição de espacialidades geográficas em igrejas batistas vinculadas à Convenção Batista Brasileira (CBB)¹. A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFPB, sob o registro/número CAAE: 79619624.4.0000.5188.

A princípio é necessário trazer um esclarecimento a respeito do título desta pesquisa. A utilização do termo igreja² em um trabalho acadêmico precisa ser criteriosa, pois, por si mesmo, este é um termo bastante amplo que, por vezes, exige uma certa delimitação para não incorrer em imprecisão. O termo por nós utilizado no título faz referência ao Protestantismo Batista³, tendo em vista que esta pesquisa foi realizada no contexto desta denominação religiosa. Longe de captar todos os detalhes que compõem o mosaico espacial desta denominação, esta pesquisa traz uma reflexão sobre uma das dinâmicas relacionais presentes em algumas igrejas batistas que são os pequenos grupos, visando compreender a importância que estes representam para os fiéis como espaços de construções sociais e relacionais.

Em seu livro *Geografia da Religião e a Teoria do Espaço Sagrado*, Pereira (2014) utiliza o termo Protestantismo ou Protestantismo Histórico para se referir às “Igrejas/denominações originadas ou articuladas na (ou Pós) Reforma Protestante; ou que surgiram por sua inspiração” (Pereira, 2014, p. 185). A primeira Igreja Batista surgiu em 1612 em Spitalfields, nos arredores de Londres, Inglaterra. Por isto, como coloca o autor, esta

¹ A Convenção Batista Brasileira é o órgão máximo da denominação batista no Brasil. Conforme dados publicados em seu sítio eletrônico (https://www.convencaobatista.com.br/site/pagina.php?MEN_ID=19). Em consulta realizada em 09/09/2024, esta instituição representava 8753 igrejas filiadas e 1.706.003 fiéis, sendo a maior convenção batista da América Latina. Os batistas são cristãos reformados ou protestantes (Mendonça, 2005, p. 51), cujas igrejas seguem o modelo democrático congregacional e historicamente são conhecidos por defenderem a separação entre a igreja e o Estado, a liberdade religiosa e o livre sacerdócio de todos os cristãos.

² De acordo com Bechara (2011), igreja vem do latim *ecclesia* e pode significar desde a comunidade religiosa em geral até denominações específicas, como, Igreja Anglicana, Catolicismo, etc. O termo também pode ser utilizado para se referir ao templo utilizado pelos cristãos para o culto ou qualquer templo ao culto divino, podendo também se referir ao clero ou, de forma ainda mais ampla, a um grupo de pessoas com mesmos ideais, conceitos, etc, sem necessariamente um sentido religioso. Dentro da teologia o termo pode ainda ter várias conotações e sentidos que não cabe aqui analisar e não é o objetivo deste trabalho tratar o termo teologicamente, mas sim socialmente.

³ Pereira (2014, p. 186) afirma que “devido à sua heterogeneidade e aos diferentes momentos históricos que passou, o Protestantismo Batista não é algo que evoca uma definição fácil. Pelo contrário, apresenta uma grande dificuldade aos pesquisadores na hora de enquadrá-lo ou como movimento, ou como denominação, ou como tradição”. Sendo assim, os três termos podem ser utilizados, dependendo do contexto. Neste estudo, utilizamos predominantemente o termo “denominação Batista”, pois a pesquisa teve como foco membros e líderes de pequenos grupos de igrejas vinculadas a esta denominação. No entanto, quando o contexto exigir referência a igrejas que não estejam institucionalmente ligadas à denominação Batista, mas que compartilham as mesmas tradições, heranças e princípios comuns, também poderemos empregar o termo “tradição”.

tradição é classificada como Protestante, embora uma pequena parcela dos fiéis batistas não se identifiquem como tal, reivindicando razões históricas que pouco se sustentam. Ainda que não se negue a influência que grupos pré-reformistas tiveram na composição da tradição Batista, institucionalmente, esta religião surgiu no contexto pós Reforma Protestante, o que a faz ser classificada como pertencente à tradição protestante.

Este entendimento é prevalente entre outros autores, pesquisadores e cientistas da religião, como, Mendonça (2005, p. 51), o qual afirma que:

[...] protestantes seriam aquelas igrejas que se originaram da Reforma ou que, embora surgidas posteriormente, guardam os princípios gerais do movimento. Essas igrejas compõem a grande família da Reforma: luteranas, presbiterianas, metodistas, congregacionais e batistas. Estas últimas, as batistas, também resistem ao conceito de protestantes por razões de ordem histórica, embora mantenham os princípios da Reforma. Creio não ser, por isso, necessário criar para elas uma categoria à parte. São integrantes do protestantismo chamado tradicional ou histórico, tanto sob o ponto de vista teológico como eclesiológico.

Tratando sobre a fenomenologia da liderança cristã, Silva (2020, p. 34) apresenta um pressuposto, segundo o qual “a igreja⁴ tem se preocupado muito mais em ser uma instituição doutrinária denominacional do que um organismo vivo”. Desta forma, o autor aponta que a ênfase que deveria recair nos relacionamentos mútuos e acentuar a multiplicidade de líderes acaba se tornando institucional e centralizadora. Esta crítica provoca reflexões sobre o “ser igreja”⁵ e a importância das relações sociais que acontecem no ambiente religioso. Desta forma, sem adentrar no mérito teológico, o espaço sagrado⁶ batista foi analisado nesta pesquisa a partir das narrativas dos líderes e membros das igrejas em pequenos grupos, também chamados de células⁷.

⁴ O termo “igreja” aqui citado refere-se à igreja enquanto instituição, independentemente da denominação.

⁵ O termo “ser igreja” utilizado por Silva (2020, p. 34) refere-se às diferentes maneiras como os fiéis podem vivenciar a fé e a experiência cristã. O pensamento do autor é desenvolvido no primeiro capítulo do seu livro, onde trata sobre a Fenomenologia da liderança, sustentabilidade e educação religiosa. A partir de teorizações Thompson (1993, *apud* Silva, 2020, p. 33), o autor contrapõe o que chama de modelo hebreu de “ser-igreja” (apresentado como orgânico, holístico e descentralizado) com o modelo grego (institucional-academicista). Estes dois modelos resultam em duas formas de orientação pedagógico-eclesiásticas que se refletem nas maneiras como as lideranças transmitem seus ensinamentos aos fiéis e perpetuam a cultura institucional.

⁶ Como veremos mais adiante, há ampla diversidade conceitual no uso do termo “espaço sagrado” entre os geógrafos (Pereira, 2014, p. 34). No presente estudo, este é analisado como determinação epistemológica ao invés de determinação locacional.

⁷ Os pequenos grupos têm sido constantemente apresentados no meio acadêmico como uma estratégia de crescimento numérico utilizada por algumas denominações evangélicas (Carvalho, 2014; Filipe, 2014; Mazzeo, 2020). O termo “células”, utilizado por algumas denominações, traz implícita justamente esta ideia de crescimento. Originário da biologia, esse termo carrega um sentido metafórico que remete à ideia de multiplicação, o que objetiva facilitar a compreensão do fiel sobre o propósito de crescimento dessas igrejas, uma vez que as células se multiplicam, renovam o corpo e geram novas conexões (Mazzeo, 2020, p. 39). Da mesma forma, os pequenos grupos, comparáveis às células religiosas, buscam expandir o número de fiéis e, conseqüentemente, promover o crescimento da comunidade religiosa por meio de uma estratégia proselitista. Em nossa pesquisa, visando padronizar, optamos pelo uso convencional do termo “pequenos grupos”.

Na literatura religiosa confessional⁸, utilizada pelas igrejas em pequenos grupos, estes são apresentados como um resgate dos princípios bíblicos que originaram a igreja⁹, tendo como uma de suas principais características o princípio do sacerdócio universal de todos os crentes¹⁰. Para estes autores, a Igreja se distanciou do seu propósito original e os pequenos grupos seriam uma forma de corrigir a rota, especialmente, pelo incentivo que é dado aos leigos para o exercício da liderança.

Partindo de análises baseadas em Otto (2011) e Barro (2013), Silva (2022, p.69) apresenta uma tensão do processo de institucionalização da liderança eclesial, baseada no deslocamento do “chamado divino” de uma “experiência existencial, autoperceptual e interpretativa do líder religioso a partir de um sentimento de dependência com o sagrado, na qualidade de uma relação místico-sobrenatural”, para uma relação de chamado institucional, denominada “pastoral de manutenção”.

O autor apresenta o conceito de chamado divino a partir de experiências místicas de chamamento espiritual vividas por líderes religiosos no contexto Pentecostal e Neopentecostal, relacionando estas experiências com as ideias apresentadas pelo teólogo alemão Rudolf Otto (1869-1937) em seu livro *O sagrado*, no qual as experiências místicas vividas pelos fiéis são interpretadas como uma manifestação do sentimento de dependência.

Neste aspecto, de acordo com o autor, “para Otto, esse sentimento de dependência gera sentimentos de 'sentir-se condicionado' ao sagrado. Nesse sentido, inferindo sobre o sentimento do líder religioso, este se submete total e plenamente ao sacerdócio de forma condicionante e

⁸ Os autores confessionais que defendem o modelo de pequenos grupos, independentemente da denominação à qual pertencem, apresentam sempre razões muito semelhantes para tal defesa, quais sejam, resgate dos princípios bíblicos neotestamentários, foco no crescimento numérico e formação de líderes leigos. Como exemplos, podemos citar Beckham, 2007; Brandão, 2014; Carvalho, 2016; Freitas, 2016; Moore, 2015; Tunala, 2014. É importante salientar que esta literatura distingue-se da acadêmica e científica, dentre outros aspectos, por ter como foco o público evangélico e, principalmente, por manter um viés confessional cristão, embora não necessariamente denominacional. Nossa intenção ao mencionar este tipo de literatura não é atestar nem negar a sua veracidade, mas simplesmente apresentar a existência de uma linha formativa interna às referidas comunidades religiosas no que diz respeito ao tema em estudo.

⁹ O termo “igreja”, aqui mencionado e apresentado nas literaturas citadas na nota anterior, remete às igrejas cristãs da época do Novo Testamento. Há uma tendência nestas obras em considerar que as igrejas do início da Era Cristã mantinham uma unidade de princípios que devem ser imitados pelas denominações protestantes modernas.

¹⁰ Este foi um dos princípios apresentados pelo reformador Martinho Lutero (Lanfranchi, 2019, p. 94) em sua obra escrita em alemão “An den Christlichen Adel deutscher Nation” (À nobreza cristã da nação alemã acerca da reforma do Estado Cristão) em 1520. Com este princípio, “Lutero rompe com a hierarquia e sugere que essa hierarquia não só é desnecessária, como é também uma ‘invenção’ da Igreja Católica Romana, que dividira a humanidade em duas classes e colocara em superioridade a ‘classe espiritual’, formada pelos monges, padres, bispos e o Papa. Para Lutero, todos são clero, todos são sacerdotes”. Este princípio é utilizado como uma forma de defesa do modelo de pequenos grupos, principalmente, por seu incentivo à formação de líderes leigos. O pequeno grupo cresce devido ao trabalho dos seus membros em ganhar novos adeptos e só se multiplica se houver um líder leigo apto para assumir o grupo nascente (Carvalho, 2016, p. 99; Earley 2016, p. 73). Portanto, a formação de líderes leigos é uma constante na dinâmica do grupo.

esvaziante” (Silva, 2022, p. 68). Assim, o sentimento de humildade e serviço ao próximo que caracteriza o chamado divino procederá deste sentimento de dependência que molda o líder religioso.

A tensão acontece quando o chamado divino emancipa-se do sentimento de dependência, convertendo-se em chamado institucional. Este “veicula-se pelo chamado à pastoral da manutenção, do ordenamento do instituído, pela manutenção do status quo denominacional-institucional existente, dando ênfase assim aos aspectos eclesiais doutrinários, competitivos e mercadológicos da fé” (Silva, 2022, p. 69).

O problema não está na instituição, mas sim no institucionalismo. Como coloca Barro (2013, p. 20-21):

Este é o risco da pastoral institucional: desenvolver um ministério de manutenção autoconsumido. [...] Quando essa organização (instituição) vira institucionalismo (de cima para baixo), o foco passa a ser outro: a preservação do que se tem ou do que se conquistou ao longo dos anos.

Na pastoral da manutenção, a liderança relacional perde espaço para a liderança institucional e burocrática; os processos hierárquicos prevalecem ao invés dos processos complementares e as decisões são tomadas de cima para baixo (Barro, 2013, p. 19).

Diante desta conjuntura, tem surgido no meio da cristandade evangelical de tradição e raízes históricas o resgate de uma interpretação do que seriam os princípios bíblicos de liderança baseados nas vivências em pequenos grupos. Os defensores deste modelo tendem a afirmar que não estão inovando, mas que estão resgatando princípios bíblicos ancorados numa perspectiva de vivência comunitária, orgânica e sistêmica que com o tempo foram se perdendo em meio à institucionalização eclesiástica (Beckham, 2007; 2015; Carvalho, 2016; Freitas, 2016).

Desejamos então compreender, na dinâmica dos pequenos grupos, a importância das relações sociais para a constituição do espaço sagrado batista. “Se tomarmos o senso mais elementar da ideia de espaço sagrado, entendido como um enquadramento físico-espacial sagrado *per se*, o protestantismo em geral parece se distanciar desta noção” (Pereira, 2014, p. 188). Para os protestantes, nem o templo nem o local de encontro do pequeno grupo são em si mesmos espaços sagrados. Estes são vistos apenas como “lugares de reunião dos fiéis” (Pereira, 2014, p. 189). Tanto é assim que em algumas igrejas o templo onde se realizam os cultos pode ter outras funções em outros horários com fins que podem ser educativos, sociais, culturais, etc.

O espaço sagrado do protestantismo batista é melhor compreendido quando analisado a partir da perspectiva do próprio fiel. “Nesta perspectiva, claramente a dimensão discursiva prepondera a visual, e assim privilegia uma compreensão de ‘espaço sagrado’ envolto no

discurso teológico ao invés de erigido na percepção estética” (Pereira, 2014, p. 190). Conquanto os batistas geralmente se reúnam em um templo e os encontros dos pequenos grupos aconteçam quase sempre em espaços residenciais, estes espaços não são determinantes como *locus* do sagrado, embora tenham sido escolhidos pelos fiéis como *locus* de reunião da comunidade religiosa.

Por esta dinâmica, uma compreensão de ‘espaço sagrado’ que almeje capitanear as diretrizes da experiência religiosa protestante, deve pensá-lo como algo diferente de uma mera espacialidade material, distinto de uma simples percepção estética, e mais próximo da dinâmica do grupo/comunitária. (Pereira, 2014, p. 190)

No protestantismo, o templo, enquanto local físico de reunião, não pode ser relacionado, sem prejuízo, à noção de “espaço sagrado”. Este deslocou-se para as experiências de fé dos indivíduos/grupos religiosos, como aponta Pereira (2014, p. 191-192). De acordo com o autor, embora esta dinâmica espacial protestante tenha abrangido as diferentes tradições com variadas intensidades, entre os batistas ela mostrou-se inalterada no decorrer do tempo, estando presente no discurso institucional desde a segunda Confissão de Fé Batista de 1689:

Agora, no evangelho, nem a oração nem qualquer outra parte da adoração religiosa está relacionada a um lugar específico, nem se torna mais aceitável por causa do lugar em que é feita ou para o qual a pessoa esteja voltada. Deus deve ser adorado em todo lugar, em espírito e em verdade. (Confissão de fé batista de 1689, 1991, p. 45-47)

Outra questão apresentada por Pereira sobre a dinâmica religiosa batista diz respeito à mediação, ou seja, à noção de que cada indivíduo, através de Jesus, é responsável pela própria mediação junto à divindade: “a ideia de mediação individual vai impulsionar o fiel a uma prática da experiência pessoal do divino; sem pessoas, líderes ou espaços mediando esta experiência” (2014, p. 194). Neste aspecto, embora o espaço físico seja útil para a reunião/culto, ele não é um instrumento de mediação entre o fiel e a divindade.

O culto protestante é uma dinâmica que, no contexto batista, pode ser comparável ao conceito de espaço sagrado pelo fato de reunir as dimensões da fé nas escrituras sagradas, subjetividades interiores dos adoradores e encontro dos fiéis em nome de Deus (Pereira, 2014, p. 194). Neste caso, é a espacialidade proporcionada pela dinâmica cültica que recebe a característica de sagrado e não o espaço físico em si.

Embora aconteça em um contexto de informalidade e com um grupo menor de pessoas, a reunião dos pequenos grupos contem os mesmos elementos que caracterizam um culto, quais sejam, as escrituras sagradas, a subjetividade e o encontro dos fiéis. “A célula [o pequeno grupo] é: espaço! Para ensino, para crescimento, para relacionamento, para vivência de fé. Este espaço é sagrado não devido sua localização específica, ou pelos símbolos que possa conter. Ele é

sagrado *na reunião* daqueles que o fazem uso” (Mazzeo, 2020, p. 19). Assim como a sacralidade do culto não está no local físico onde ele ocorre, no caso do pequeno grupo também acontece o mesmo.

O principal elemento diferenciador entre o culto e a reunião dos pequenos grupos é o favorecimento de relações sociais mais próximas que existe neste último. Como aponta Mazzeo (2020, p. 18): “De fato, o ambiente de uma célula (um pequeno grupo) ocorre em uma casa, fora de um espaço formal da igreja, de um templo ou de cerimonial litúrgico rígido, criando um espaço despojado *calcado nas relações pessoais*”, o que favorece a proximidade através interação e da troca de experiências entre os fiéis. Assim, esta dinâmica também é um importante meio para compreender o espaço sagrado batista. Dessa forma, para Pereira (2014, p. 165).

Dentro desta perspectiva, a noção de espaço sagrado que emerge estaria mais próxima de uma projeção simbólica da realidade religiosa; e não se voltaria, estritamente, a um enquadramento euclidiano de espaço. Seria mais propriamente uma conjunção de espacialidades da experiência religiosa do que uma base material. Pois o que se está em jogo não são os fatos em si (a materialidade), mas sim seus sentidos e significados (a idealidade).

Partindo do arcabouço filosófico da Filosofia das Formas Simbólicas de Ernst Cassirer (1874–1945) e das teorizações dos geógrafos Clevisson Pereira (2013, 2014) e Sylvio Fausto Gil Filho (2012a; 2012b; 2012c) sobre o espaço sagrado como conformação simbólica, esta pesquisa adota uma abordagem fundamentada em uma fenomenologia do conhecimento. Tal perspectiva busca compreender como o saber religioso se apresenta ao sujeito e como, a partir desse saber, o mundo religioso é simbolicamente elaborado. Nesse sentido, trabalha-se a noção de espaço sagrado e de espacialidades no contexto dos pequenos grupos na denominação batista, considerando a religião como forma simbólica de mediação da realidade.

Ao falar sobre espacialidades não podemos limitar o espaço ao seu *locus* físico. Embora a espacialidade material seja a mais nítida, não se deve ignorar no plano simbólico-ideal das representações uma forma-espacialidade preponderante que é o discurso religioso, pois há no espaço sagrado uma articulação entre as diferentes espacialidades, entre as expressões concretas e as representações (Pereira, 2014, p. 170).

Podemos inferir de acordo com Gil Filho (2012a) que as espacialidades religiosas não se restringem ao aspecto material. O autor trabalha o conceito de espaço sagrado como “espaço de representação do fenômeno religioso desde a sua materialidade imediata e seu sentido, como parte do mundo simbólico” (Gil Filho, 2012a, p. 11-12).

É com base na filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer e a partir do resgate de uma teoria das representações que o autor constrói a sua linha teórica em geografia da religião,

de onde se derivam três espacialidades estruturantes do espaço sagrado: a espacialidade concreta das expressões religiosas, a espacialidade das representações simbólicas e a espacialidade do pensamento religioso (Gil Filho, 2012a, p. 11-12, 63-68).

A espacialidade concreta das expressões religiosas abrange o espaço físico, o templo, o local de reunião ou de culto. Esta é a materialidade imediata do espaço sagrado. A espacialidade das representações simbólicas é apresentada através do plano da linguagem, ou seja, do discurso religioso. A espacialidade do pensamento religioso diz respeito ao sentimento religioso e ao conhecimento religioso, fundado nas escrituras e tradições orais (Pereira, 2014, p. 169).

Neste viés, o Espaço Sagrado congrega diversos elementos religiosos em relação mútua. Ocorrem espacializações daquilo que não é de natureza espacial; configurando-o qualitativamente. Dessa forma, o espaço sagrado é estrutural, pois, o homem religioso classifica de forma qualitativa o seu interior (Gil Filho, 2012a, p. 63-65).

As espacialidades estruturantes geram novas espacialidades (espacialidades conformadas/estruturadas). A partir desta perspectiva, é possível desvelar as espacialidades conformadas que fazem parte do espaço sagrado, como, por exemplo, o discurso religioso, os ritos, o sentimento mítico, a performance da fé, a religião institucionalizada, a estética religiosa, as práticas de adoração, etc. (Pereira, 2014, p. 171).

O discurso fundador, o sentimento religioso e o discurso religioso – seja o discurso proferido pelos fiéis ou pelos líderes institucionais – são compreendidos como formas-espacialidades estruturantes (Gil Filho, 2012a, p. 21; Pereira, 2014, p. 170). Neste aspecto, cabe ao pesquisador investigar de que forma estas espacialidades moldam as sociabilidades das comunidades religiosas analisadas – neste caso, os pequenos grupos – e como, a partir delas, se conformam novas espacialidades.

Assim, esta pesquisa busca compreender como se estruturam as relações sociais entre os membros dos pequenos grupos e de que maneira essas estruturas influenciam as práticas religiosas, a identidade dos seus membros, o sentimento de pertencimento e criam novas relações no contexto comunitário.

Dentro dessa mesma perspectiva de análise das relações sociais e das sociabilidades produzidas nos pequenos grupos, é pertinente recorrer à contribuição de Carl Rogers sobre a construção de vínculos mais saudáveis e menos diretivos. O autor oferece um conselho que pode ser aplicado por qualquer líder que aspire melhores resultados na sua liderança. Segundo ele, “Se o administrador, ou líder militar ou industrial, criar esse clima dentro da sua organização, então sua equipe se tornará mais auto-responsável, mais criativa, mais apta a adaptar-se a novos problemas, e basicamente mais colaboradora” (Rogers, 1997, p. 50). Qual

líder não gostaria de promover esta mudança de dentro para fora? Quem não gostaria de auxiliar os seus liderados a encontrarem por si mesmos a motivação e a direção para a mudança positiva?

Segundo Rogers, para alcançar esta mudança não basta instruir os liderados com conhecimentos. Assim, o treinamento por si só não produz resultados duradouros. Ele afirma que a mudança duradoura só é produzida por meio da experiência em uma relação social, sendo o relacionamento amistoso e empático o fator mais importante para que este processo de mudança se efetive (Rogers, 1997, p. 37).

De acordo com Carl Rogers, este relacionamento precisa de algumas condições. A primeira que ele coloca é a genuinidade ou realidade (Rogers, 1997, p. 37). De fato, verdadeiros líderes colocam-se num nível de igualdade e não de superioridade com os seus liderados. Esta igualdade proporciona um ambiente comum para abertura e natural exposição por parte do líder acerca das suas próprias limitações. Aqui não há o uso de máscaras e o papel do líder pode até mesmo se confundir com o do liderado à medida que este líder também se coloca como uma pessoa vulnerável, em construção. Esta realidade transmite para o liderado segurança para também apresentar as suas fraquezas em busca de ajuda. Esta atitude por parte do líder, além de transmitir um ambiente seguro, proporciona o ambiente ideal para a multiplicação da liderança através do exemplo, da igualdade e da empatia. Líderes servidores agem desta maneira, pois o seu objetivo é servir. Mesmo que precisem muitas vezes testar os limites da sua força psicológica enquanto tentam ajudar outras pessoas, jamais se colocarão num pedestal em um patamar de superioridade.

Até que ponto esta vivência genuína faz parte das relações entre líderes e liderados nas igrejas evangélicas? Estaria esta característica presente nas vivências dos pequenos grupos? Até que ponto os frequentadores destas igrejas tem no líder alguém acessível com quem possam contar nas horas de necessidades? Até que ponto os líderes destas igrejas apresentam suas reais vulnerabilidades para os seus liderados?

Outra condição é a aceitação (Rogers, 1997, p. 38). A aceitação supõe a aproximação daquele que é ou pensa diferente e que necessita de ajuda. Aceitar é não excluir ninguém com base em preconceitos e suposições. É ouvir o diferente e prestar-lhe apoio. É não fechar-se em si mesmo, não excluir os doentes, os pobres, os famintos, mas, como Jesus fez, estender-lhes a mão.

A terceira e última condição é a compreensão (Rogers, 1997, p. 38). Na relação líder-liderado a compreensão é extremamente importante, principalmente, diante das diferenças que

causam estranhamento e muitas vezes acabam afastando as pessoas por não se sentirem compreendidas e acolhidas.

Há no modelo de liderança de igrejas em pequenos grupos o estabelecimento de relações humanizadoras que apresentam alguma semelhança com o modelo de relações saudáveis proposto por Carl Rogers? É possível que as condições de genuinidade, de aceitação e de compreensão coexistam numa relação de liderança nas igrejas evangélicas, especialmente, naquelas formadas por pequenos grupos, respeitando-se a liberdade de crença?

A presente pesquisa desvelará como se estruturam as relações sociais entre os membros e líderes de pequenos grupos. O leitor será conduzido à identificação de pontos de convergência e dissonâncias nas relações sociais dos pequenos grupos, baseado na teoria rogeriana. Também serão observadas tensões entre os discursos dos entrevistados e os discursos institucionais, revelando aspectos muitas vezes não evidenciados no discurso institucional. O espaço sagrado representado pelos pequenos grupos se manifestará por meio das falas dos participantes, permitindo ao leitor uma compreensão, ainda que parcial, das complexas estruturas simbólicas que fundamentam tais relações.

Essa análise é conduzida por um pesquisador que, além de geógrafo, possui experiência concreta no contexto denominacional abordado. Tal vivência confere-lhe uma perspectiva endógena sobre a tradição que envolve o objeto de estudo. No entanto, essa inserção não visa defender o modelo de pequenos grupos – tampouco qualquer outro modelo eclesialístico —, mas o coloca em estado de vigilância crítica, sustentando um esforço constante pela maior neutralidade possível na abordagem científica.

Considerando a configuração relacional e simbólica dos pequenos grupos, foi necessário adotar uma abordagem metodológica que permitisse acessar os sentidos atribuídos pelos próprios fiéis às suas vivências nesses espaços. Embora a Observação Participante seja reconhecida como valiosa em pesquisas dessa natureza, as limitações de tempo e o foco nas representações verbais e conscientes dos participantes levaram a priorização de técnicas mais adequadas para este fim. Após revisão bibliográfica, optou-se pela Entrevista Qualitativa e pela Análise de Conteúdo, procedimentos considerados eficazes para captar os significados atribuídos pelos sujeitos e alinhados aos objetivos da pesquisa.

A pesquisa foi conduzida com membros e líderes de pequenos grupos pertencentes a duas igrejas batistas vinculadas à Convenção Batista Brasileira e à Convenção Batista Paraibana. A escolha dessas igrejas se justifica pelo fato de serem pioneiras na implementação do modelo de pequenos grupos entre as igrejas batistas na Paraíba, o que as torna referência

nesse tipo de trabalho dentro do estado. Uma das igrejas participantes localiza-se no estado de Pernambuco, embora faça parte da Convenção Paraibana.

A decisão de entrevistar líderes e membros vinculados à Convenção Batista Brasileira também está relacionada à vivência do próprio pesquisador nessa denominação. Tal escolha reflete suas inquietações e interesses em compreender como se estruturam as relações sociais entre os membros e líderes no modelo de igrejas em pequenos grupos.

Considerando que se trata de uma pesquisa qualitativa, a seleção dos entrevistados não seguiu critérios de amostragem estatística, mas sim a escolha de participantes, por adesão, capazes de contribuir significativamente para a compreensão do fenômeno estudado. De acordo com Bardin (2020), na análise qualitativa, a apreensão do sentido é o aspecto mais relevante. Por isso, esse tipo de análise “pode funcionar sobre corpus reduzidos [...] visto não estar ligada, enquanto análise quantitativa, a categorias que deem lugar a frequências suficientemente elevadas para que os cálculos se tornem possíveis” (Bardin, 2020, p. 141).

Neste sentido, o número de participantes da pesquisa foi definido, sobretudo, em função do tempo disponível para sua realização, considerando os objetivos do estudo centrado nos pequenos grupos e os prazos estabelecidos pelo curso de mestrado. Ao todo, foram entrevistadas dez pessoas – dois pastores presidentes das respectivas igrejas e oito membros de pequenos grupos – número que se revelou adequado, segundo os critérios da Análise de Conteúdo, para a compreensão dos significados atribuídos às relações sociais vivenciadas nessa estrutura, conforme as representações dos próprios participantes.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os participantes, cujos roteiros encontram-se anexos a esta pesquisa. Esse tipo de entrevista mostrou-se mais adequado aos objetivos da pesquisa qualitativa, por permitir maior abertura para os entrevistados. “Esta [a entrevista semiestruturada], ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação” (Triviños, 1987, p. 146). Com exceção dos pastores, os demais participantes foram escolhidos com o auxílio das secretárias das igrejas e segundo a sua disponibilidade para participar da entrevista, pessoas que tinham mais de 18 anos.

O primeiro contato com as igrejas ocorreu por meio de ligações telefônicas aos pastores presidentes, que foram informados sobre os objetivos da pesquisa e convidados a participar como entrevistados. Após aceitarem o convite, foi enviado o Termo de Anuência (em anexo) para assinatura dos vice-presidentes, visto que os pastores não poderiam assiná-lo por serem os próprios entrevistados. Em seguida, foram agendadas as entrevistas com os pastores e

organizados os horários com as secretárias para as entrevistas com os membros dos pequenos grupos. As entrevistas foram realizadas em março de 2025, nas dependências das igrejas envolvidas e nas residências dos pastores, sendo todas conduzidas de forma individual.

Embora o tema desta pesquisa venha ganhando espaço no meio acadêmico, ainda são escassos os estudos publicados que abordam com profundidade as dinâmicas sociais dos pequenos grupos no contexto religioso. Um dos trabalhos encontrados – citado a seguir – apresenta críticas de natureza teológica, apontando para uma ruptura de paradigmas em relação ao modelo tradicional de igreja (aquele que não se estrutura por meio de pequenos grupos). Outro estudo, que também será apresentado em seguida, analisa um modelo específico, o G12, caracterizado por uma abordagem voltada à manutenção institucional, com forte apelo institucional e mercadológico.

A dissertação de mestrado em Teologia de Osvaldo Cipriano da Silva Filho, defendida na Escola Superior de Teologia (EST) em 2010, apresenta críticas teológicas referente a uma quebra de paradigma. De acordo com o autor, os pequenos grupos enfraquecem o ensino na igreja, tendo em vista que em muitas igrejas onde ocorre a sua implantação também há uma mudança na dinâmica de ensino, onde este passa a focar na formação e no desenvolvimento de líderes leigos, deixando em segundo plano o estudo doutrinário. Com isto, ocorre uma mudança e talvez até mesmo a extinção de uma ferramenta histórica utilizada para o ensino bíblico e integração geracional nas igrejas protestantes: a Escola Bíblica Dominical. A crítica do autor se baseia no fato de algumas igrejas organizadas em pequenos grupos flexibilizarem o ensino, abrindo turmas em dias e horários diferentes e também online, com ênfase na formação para a prática do discipulado e na formação de líderes e não mais doutrinária, o que representaria uma mudança de foco no discurso institucional dessas igrejas.

É inegável o crescimento que muitas dessas igrejas apresenta em um curto espaço de tempo, como bem aponta o trabalho realizado por Rosana Jardim Madureira Felipe em sua pesquisa de mestrado em Geografia sobre a Igreja Metodista em São Francisco, cidade de Niterói no Rio de Janeiro (2014). De acordo com a autora, até o ano de 2010, antes da implantação dos pequenos grupos, a igreja apresentava um acréscimo anual de cerca de vinte e duas pessoas, mas a partir da implantação dos pequenos grupos passou a ter um acréscimo de aproximadamente sessenta e uma pessoas por ano.

O ambiente descontraído das reuniões dos pequenos grupos tem favorecido o crescimento das igrejas e, por isso, despertado o interesse de alguns líderes que veem nessa metodologia uma oportunidade de aumentar números e arrecadações. Esse uso estratégico da estrutura de pequenos grupos, com ênfase em resultados, é abordado por Carvalho (2014) em

sua dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, sob o título *Vencedores e vendedores: o uso do marketing multinível como estratégia de expansão de uma igreja neopentecostal goiana*. Nela, o autor mostra como a liderança de uma igreja utilizou conceitos teológicos como suporte a uma estratégia de crescimento baseada em pequenos grupos, de modo semelhante ao funcionamento do marketing multinível.

Embora já existam estudos nas áreas da Geografia, Teologia e Ciências das Religiões que abordam a temática dos pequenos grupos, a presente pesquisa se destaca por seu caráter pioneiro ao tratar do tema no contexto de uma denominação histórica e tradicional, como a Convenção Batista Brasileira. Além disso, adota uma abordagem transdisciplinar ao integrar os aportes da Geografia da Religião dentro do campo das Ciências das Religiões, com ênfase na análise das espacialidades religiosas dos pequenos grupos.

Como resultado dessa abordagem integrada, a pesquisa proporcionou uma compreensão mais ampla e aprofundada da importância da Geografia da Religião na análise das experiências religiosas vividas pelos fiéis, especialmente, no que diz respeito aos vínculos sociais e às formas simbólicas que estruturam essas práticas.

Importa destacar, ainda, que o documento da Área 44 da Capes (Brasil, 2019) – que compreende Ciências da Religião e Teologia – apresenta, em sua página 3, oito subáreas de pesquisa. Entre elas, encontram-se as Ciências Empíricas da Religião, dentro das quais a Geografia é incluída com suas próprias teorias e métodos. Nesse sentido, o presente estudo articula a Área 44 (Ciências da Religião e Teologia) e a Área 36 (Geografia), buscando aprofundar a compreensão das relações sociais entre membros e líderes de pequenos grupos e de como essas interações contribuem para a constituição de espacialidades geográficas no contexto das igrejas batistas vinculadas à Convenção Batista Brasileira.

Com base nesse percurso teórico-metodológico, a pesquisa está organizada em três capítulos. O primeiro situa o estudo no campo da Geografia da Religião, apresentando pesquisas anteriores sobre o tema, com destaque para dois principais vieses de interpretação do espaço sagrado na geografia brasileira. A partir da filosofia das formas simbólicas, proposta pelo filósofo alemão Ernst Cassirer, é apresentada uma proposta para análise das espacialidades dos pequenos grupos como um resultado do processo de conformação mítica e religiosa do homem religioso, o que resulta em diferentes formas de ver a realidade e lidar com ela.

No segundo capítulo, são abordados os pressupostos que fundamentam a existência dos pequenos grupos nas igrejas evangélicas, com foco especial naquelas ligadas à Convenção Batista Brasileira. Analisa-se o papel exercido pelo discurso fundador e pela tradição religiosa,

especialmente na formulação do modelo de pequenos grupos adotado por essas igrejas, por meio do discurso institucional mais amplo. Além disso, são apresentados os pressupostos teóricos para a construção de relações sociais saudáveis à luz da teoria de Carl Rogers (1997), cuja abordagem oferece subsídios importantes para a compreensão das dinâmicas relacionais envolvidas.

O terceiro capítulo apresenta os resultados da pesquisa de campo. A análise permitiu identificar, nas representações simbólicas dos entrevistados, as espacialidades estruturantes do discurso religioso e do discurso fundador, elucidando como se estruturam as relações sociais dos pequenos grupos.

2 OS PEQUENOS GRUPOS E A GEOGRAFIA DA RELIGIÃO

Do ponto de vista geográfico, os pequenos grupos religiosos podem ser estudados por meio de diferentes abordagens no campo da Geografia da Religião. No Brasil, de acordo com Pereira (2013, p. 28-34), destacam-se duas correntes principais dentro da ciência geográfica que direcionam os estudos sobre o fenômeno religioso, cada uma com perspectivas e métodos específicos. Compreender essas abordagens é essencial para entender de que maneira a religião influencia a organização da sociedade e a produção do espaço. Para isso, este capítulo busca resgatar a trajetória da inserção da temática religiosa no contexto da Geografia brasileira.

A Geografia da Religião busca contribuir para a análise do fenômeno religioso tanto a partir de uma perspectiva material, focada nos objetos sagrados e nas impressões por estes deixadas na paisagem, quanto a partir de uma compreensão empírica e subjetiva, analisando como os fiéis conformam suas vidas através de suas experiências religiosas. Assim, os estudos sobre a religião dentro da ciência geográfica podem privilegiar tanto aspectos materiais, como migração, dispersão, expansão, retração e transformação, quanto aspectos subjetivos, relacionados à conformação do homem religioso. Esses aspectos também afetam o espaço, pois o ser humano age de acordo com suas emoções e pensamentos, sendo a religião uma mediadora desta relação do homem com o seu espaço.

2.1 GEOGRAFIA E RELIGIÃO: UM DIÁLOGO ANTIGO EM NOVAS PERSPECTIVAS

Os estudos geográficos sobre a religião, embora tenham ganhado maior impulso nas últimas décadas, não são uma novidade. Em um artigo em que trata sobre o panorama da Geografia da Religião, Pereira (2013) nos mostra como os temas geografia e religião sempre estiveram próximos através das suas múltiplas relações antes mesmo da constituição da Geografia como ciência. De acordo com o autor, “o percurso traçado pela Geografia da Religião por vezes se confunde com o próprio caminho epistemológico da ciência Geografia” (Pereira, 2013, p. 17).

Os estudos de cunho geográfico sobre o tema religião estiveram presentes desde a antiguidade através de pensadores gregos, passando pela geografia árabe e muçulmana no primeiro século da era cristã, pelas escolas monásticas da Idade Média e com grande número de trabalhos realizados por teólogos durante a era medieval, período que ficou conhecido como “Golden Age” (Era Dourada) da Geografia da Religião devido à vasta produção de trabalhos

relacionados ao tema. Embora estes trabalhos tenham sido teologicamente orientados, este foi o período formativo para o campo (Pereira, 2013, p. 17-18).

Em sua obra *La Física Sagrada*, o geógrafo espanhol Horácio Capel (1985) apresenta como o debate teológico direcionou, limitou e condicionou os estudos sobre a natureza, especialmente, durante a Idade Média. Naquela época, tais estudos eram biblicamente orientados e buscavam-se evidências das narrativas bíblicas do livro de Gênesis, através da observação da natureza. Estes trabalhos provocaram intensos e calorosos debates filosóficos e teológicos entre pensadores durante a Idade Moderna, quando começaram a surgir questionamentos baseados na observação e que culminaram na separação entre o mundo da fé e o mundo da ciência (Capel, 1985, p. 7-10).

Antes de romper com a teologia, fato que foi provocado em parte pelo Iluminismo, os estudos geográficos sobre a religião passaram por diversas fases, cujas reminiscências ainda permanecem nos dias atuais através de autores confessionais no campo teológico e eclesiástico. Como exemplos podemos citar: uma Geografia Eclesiástica, surgida na Idade Moderna, cujo objetivo principal era auxiliar nas ações missionárias da religião cristã; uma Geografia Bíblica, voltada principalmente para identificar regiões, nomes e determinar lugares que a Bíblia faz referência; o surgimento de uma Escola Físico-teológica, semelhante à tendência que já existia na Antiguidade e na Idade Média e que buscava nos fenômenos ambientais uma relação com o divino, mostrando que a Terra não é fruto do acaso, mas sim da sabedoria de Deus (Pereira, 2013, p. 19-20). Assim, para Gil Filho (2007 *apud* Pereira, 2013, p. 21), “é no século XX que vemos a Geografia da Religião surgir como uma subdisciplina da Geografia Humana Clássica; e que evidenciava a religião como produto da prática humana e resultado material (paisagem) da cultura religiosa”.

Até a primeira metade do século XX podemos vislumbrar o domínio de uma Geografia da Religião que revelava uma maneira mais tradicional de se encarar o fato religioso, dando maior relevância às características visíveis do fenômeno. Mas é importante destacar que, a partir dos anos 60, ocorre o florescimento de uma fenomenologia religiosa com uma preocupação com a natureza da experiência religiosa, principalmente, a partir de geógrafos como E. Isaac, Anne Buttimer e Yi-fu Tuan (Pereira, 2013, p. 23).

Esse novo prisma, de uma geografia humanista-cultural, tornou-se um dos caminhos por onde a Geografia buscou romper o preconceito – no âmbito do positivismo lógico e do estruturalismo marxista – com o tema religião. Pois, enquanto a Geografia esteve sob influência destes dois matizes filosóficos, houve uma estagnação no estudo do fenômeno religioso. (Gil Filho, 2007 *apud* Pereira, 2013, p. 24)

Pelo exposto, embora o aprofundamento dos estudos geográficos sobre o fenômeno religioso no Brasil tenha se intensificado nas últimas décadas – especialmente com a consolidação da chamada “Virada Cultural”, conforme destaca Gil Filho (2012, p. 14) —, o interesse da geografia por temas religiosos remonta a períodos muito anteriores. Com o tempo, essas pesquisas tornaram-se mais amplas e profundas, superando uma abordagem puramente material e apresentando novas e promissoras perspectivas de estudo.

Esse novo cenário de valorização dos estudos sobre o fenômeno religioso no campo geográfico brasileiro ganhou corpo institucional a partir da década de 1990. Nesse período, surgiram dois importantes centros de pesquisa que passaram a representar as principais tendências da Geografia da Religião no país. A primeira delas é representada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, coordenado pela professora Zeny Rosendahl. Essa abordagem recebeu forte influência eliadeana, especialmente no uso das categorias de Sagrado e Profano. Com base nessa perspectiva, foram desenvolvidas diversas pesquisas sobre os espaços sagrados, mas com enfoque no espaço físico-material, consolidando essa vertente como um subcampo da Geografia Cultural, uma herança da geografia anglófona (Pereira, 2013, p. 29; Gil Filho, 2012, p. 79).

A segunda tendência surgiu no mesmo período a partir da criação do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER) e do Núcleo Paranaense em Pesquisa e Religião (NUPPER), ambos na Universidade Federal do Paraná, sob a liderança do professor Sylvio Fausto Gil Filho. Esse pesquisador desenvolveu uma abordagem distinta sobre o fenômeno religioso, fundamentada na filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer¹¹. Em diálogo com outros campos do saber, inclusive, com as Ciências das Religiões, essa perspectiva propõe uma compreensão das espacialidades religiosas que ultrapassa os aspectos físico-materiais, tratando a religião como uma forma simbólica de conformação do mundo (Pereira, 2013, p. 28-34).

A partir desse enfoque simbólico, delineia-se uma vertente com características próprias dentro da Geografia Humana, voltada a compreender como o conhecimento religioso estrutura espacialidades, comportamentos e ações dos sujeitos. Com base na filosofia cassireriana, torna-se possível investigar como o saber religioso se manifesta ao sujeito e como este conhece e atua

¹¹ Ernst Cassirer (1874-1945) foi um filósofo alemão que se destacou ao propor uma distinta concepção do homem em seu compêndio “A Filosofia das Formas Simbólicas”, publicado em três volumes no período de 1923-1929: o homem simbólico (*animal symbolicum*) (Pereira, 2014, p. 119-121). “Um dos grandes questionamentos de Cassirer, que de certa forma deu o tom de toda sua teoria, diz respeito à produção do conhecimento humano e de como funciona a compreensão da realidade. De forma geral, Cassirer ao perceber certa característica peculiar do homem, que o capacita a plasmar seu mundo através de significados, teorizou sobre os mecanismos de conformação da realidade” (Pereira, 2014, p. 120).

no mundo por meio dessa forma simbólica. Em outras palavras, busca-se compreender como uma religião concebe o mundo e influencia seus seguidores a interagir com ele.

A influência da filosofia cassireriana também tem fornecido as bases conceituais sob as quais tem se constituído um subcampo da geografia da religião no Brasil, denominado geografia das emoções. Essa vertente foi consolidada com os estudos de Márcia Alves Soares da Silva, orientanda do professor Sylvio Fausto Gil Filho, cuja tese de doutorado (2019), intitulada *O eu, o outro e o(s) nós*, articulou a filosofia das formas simbólicas com narrativas religiosas para discutir as experiências emocionais e simbólicas dos fiéis. Tal perspectiva abriu novos horizontes para a Geografia da Religião no país.

Embora não seja hegemônica entre os geógrafos brasileiros, a Geografia da Religião tem se estabelecido como um importante campo de construção teórica sobre o fenômeno religioso e tem ganhado notoriedade fora dos arraiais da geografia, contribuindo com pesquisas em diversas áreas do conhecimento.

Conforme Gil Filho (2009, p. 29):

Atualmente, algumas tendências são discerníveis na Geografia da Religião: parte dos geógrafos a considera como tema da Geografia Cultural e se concentra nas abordagens geradas no interior da própria disciplina; outros pendem mais para uma autonomia como subdisciplina da Geografia Humana com métodos e abordagens próprias, em um diálogo maior com outras disciplinas que pesquisam o fenômeno religioso.

Essas distintas orientações na Geografia da Religião refletem diferentes formas de compreender o espaço sagrado: como lócus físico-material ou como conformação simbólica. Antes de abordar as principais diferenças teórico-metodológicas entre essas perspectivas, convém delinear, ainda que brevemente, as abordagens da Geografia Cultural e da Geografia Humanista sobre o fenômeno religioso.

2.2 ABORDAGENS CULTURAL E HUMANISTA DO FENÔMENO RELIGIOSO

No âmbito da Geografia Cultural Clássica, os estudos sobre o fenômeno religioso remetem à Escola de Berkeley ao ancorar suas análises na materialidade objetiva do fenômeno estudado, isto é, no seu lócus. Isto não representa nenhum demérito, mas remete a uma maneira específica de se abordar o tema religião.

Ficou conhecida como Escola de Berkeley a abordagem cultural da geografia norte-americana, tendo como seu principal expoente Carl Sauer¹² a partir da segunda década do século

¹² As formulações de Carl Sauer serviram de base tanto para a Geografia Cultural quanto para a Humanista (Corrêa, 1997; Holzer, 1992 *apud* Mandarola Jr.; Gratão, 2003, p. 5).

XX. Tal movimento se iniciou na Universidade de Berkeley e depois se expandiu para outras universidades (Corrêa, 2020, p. 14). De acordo com Sauer, “a geografia cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica” (Sauer, 2003, p. 22-23).

Ao afirmar que o interesse da Geografia Cultural é o trabalho humano na superfície terrestre, Sauer destaca o enfoque que é dado ao homem como agente transformador do ambiente, mas limita a sua análise às modificações que são provocadas na paisagem. O seu método geográfico atua em duas frentes: a observação e o histórico.

Para Sauer, o que interessa à geografia são as formas da paisagem. Neste aspecto, a tarefa primordial do geógrafo seria saber fazer observações em campo. “Não é simplesmente uma questão de tomar notas em pontos interessantes, mas de compreender a totalidade da área quanto à forma e à estrutura” (Sauer, 2012, n.p.).

Somada à observação das formas da paisagem, o autor destaca que o geógrafo também deve priorizar o método histórico, pois através dele “podem ser estabelecidas sequências, formas atuais podem ser derivadas de formas passadas” (Sauer, 2012, n.p.). Desde modo, a análise geográfica estaria voltada para o estudo das formas espaciais impressas na paisagem por meio das atividades humanas e suas transformações ao longo do tempo.

Corrêa (2007) escreveu um artigo – amplamente utilizado por geógrafos culturais em suas análises das formas espaciais impressas materialmente na paisagem – sobre aquilo que denomina “formas simbólicas espaciais¹³”. Embora destaque o significado simbólico que tais formas adquirem nas representações sociais, o enfoque de sua análise permanece na materialidade, a qual, segundo o autor, é constituída por “fixos e fluxos”:

As formas simbólicas tornam-se formas simbólicas espaciais quando constituídas por fixos e fluxos, isto é, por localizações e itinerários, apresentando, portanto, os atributos primeiros da espacialidade. Palácios, templos, cemitérios, memoriais, obeliscos, estátuas, monumentos em geral, shopping centers, nomes de logradouros públicos, cidades e elementos da natureza, procissões, desfiles e paradas, entre outros, são exemplos correntes de formas simbólicas espaciais. (Corrêa, 2007, p. 8-9)

Estas formas, embora tenham sido denominadas pelo autor como “formas simbólicas espaciais” não são as formas simbólicas de Ernst Cassirer. Tratam-se de elementos espaciais que adquirem conotação simbólica em certos contextos. Mesmo quando trata de elementos que não são fixos, como, procissões, desfiles e paradas, a abordagem volta-se para os aspectos materiais da cultura. Nesta abordagem, a análise só é possível em decorrência da existência de

¹³ Não confundir estas formas com as formas simbólicas da filosofia de Ernst Cassirer. A base teórica que o autor utiliza para construir a sua análise das formas espaciais está na teoria das representações de Stuart Hall (1997).

uma forma espacial concreta, a partir da qual o autor trabalha a noção de localização, mais uma vez enfatizando os aspectos materiais:

Uma forma simbólica tem uma localização absoluta, um sítio onde ocorreu um dado evento considerado significativo ou que se deseja transformar em local de celebração, contestação ou memorialização [...]. As formas simbólicas, por outro lado, têm uma localização relativa, associada à visibilidade, mas, sobretudo, à acessibilidade face a toda a cidade ou espaço regional ou nacional. Esta acessibilidade é um dos meios mais importantes para que as formas simbólicas possam transmitir as mensagens que delas se espera. Finalmente, as formas simbólicas apresentam uma localização relacional, isto é, são localizadas em relação a outras formas simbólicas que denotam interesses divergentes: a localização delas enfatiza um conjunto de valores que é referenciado a um dado espaço, ao qual opõe-se outro espaço. (Corrêa, 2007, p. 9)

Embora considere aspectos do mundo simbólico e das representações – seja tratando de elementos fixos ou fluxos —, a abordagem mantém o foco nos elementos visíveis da paisagem, no caso, nas formas espaciais e seus desdobramentos locacionais.

Nesta análise, o fiel é reduzido ao papel de agente modelador do espaço, sendo desconsideradas suas dimensões mais íntimas e subjetivas. A ênfase na materialidade do espaço torna-se evidente no trabalho de Barbosa (2021), orientado por uma das eminentes pesquisadoras deste subcampo geográfico, Zeny Rosendahl. Ao aplicar a teoria de Corrêa (2007), o autor reconhece influências de Hall (1997) e Cassirer (2001). No entanto, apresenta as obras realizadas no Santuário Nacional de Aparecida/SP como formas simbólicas, sem, contudo, aprofundar o pensamento cassireriano, especialmente no que se refere às estruturas do conhecimento e da cultura. Assim, segue a tendência de Corrêa ao priorizar os aspectos materiais da cultura:

O devoto atribui formas e funções no espaço (Corrêa, 1989; Rosendahl, 2009). Nesse sentido, interpretam-se as ações desses no espaço sagrado e no espaço profano. Assim, essas contribuições podem apreender a relação da devoção e das demandas que são preponderantes para o Santuário Nacional implementar as novas obras. Por obras, entendem-se formas simbólicas espaciais, uma temática discutida por Corrêa (2007, 2007c, 2010b,) via contribuições advindas de Hall (1997), Cassirer (2001) e demais contributos da geografia cultural. (Barbosa, 2021, p. 26)

Como ficou demonstrado até aqui, a abordagem do fenômeno religioso através da Geografia Cultural tende a direcionar sua análise à materialidade da cultura. Uma pesquisa de mestrado sobre pequenos grupos, seguindo esta abordagem, mais uma vez, demonstra esta tendência. Filipe (2014) pesquisou sobre a importância dos pequenos grupos na expansão da tradição Metodista no estado do Rio de Janeiro. Em sua pesquisa os conceitos mais importantes que foram trabalhados foram o de território e difusão espacial; a autora fez um levantamento histórico para demonstrar a expansão espacial da denominação através deste modelo

eclesiástico, porém não foram consideradas as relações subjetivas que se estabelecem entre os seus membros.

De acordo com a autora, citando Rosendahl, o interesse do geógrafo são “estudos tendo como base a religião em sua dimensão espacial” (Filipe, 2014, p.17). A autora segue o padrão de Rosendahl de contrapor os espaços sagrados com os espaços profanos, destacando os espaços fixos e os móveis. A expansão da tradição metodista, seguindo a lógica dos pequenos grupos, se configuraria, portanto, como a expansão do espaço sagrado metodista pelo território brasileiro.

A concepção de territorialidade metodista é diferente da concepção batista. No metodismo as igrejas são organizadas em paróquias e dioceses, semelhante ao que ocorre no catolicismo, dando unidade estrutural hierárquica à denominação. Os batistas não têm um poder centralizador na denominação, sendo cada igreja local independente umas das outras, porém, caso queiram fazer parte da CBB, precisam seguir os princípios teológicos da denominação. E ao fazer parte desta convenção colhem os frutos de se filiar a uma instituição de abrangência nacional.

A separação entre igreja e Estado empurrou a continuidade das denominações cristãs mais longe ainda na tendência a menos hierarquia e rigidez e menos territorialidade. Com exceção dos Anglicanos e Metodistas, os protestantes americanos do século XX não se referem a paróquias ou dioceses ao descrever suas estruturas. Os membros da congregação não são concebidos em termos territoriais, embora muitas vezes ainda o sejam em termos espaciais. (Sack, 1986, p. 124 *apud* Filipe, 2014, p. 74)

A territorialidade batista está mais presente no corpo de fé e prática doutrinária denominacional, o que dá um certo grau de identidade ao povo batista, diferenciando-o de outras tradições evangélicas e protestantes. Ainda assim, há relações de poder que não são tão evidentes através de uma abordagem puramente material, mas que podem ser desveladas quando são consideradas as dimensões mais profundas da realidade, espacializadas, por exemplo, através dos discursos religiosos e institucionais.

Uma outra abordagem dos estudos sobre o fenômeno religioso se dá no subcampo da Geografia Humanista – também chamada de Geografia Humanística nos Estados Unidos, sob influência, em grande parte, de um de seus principais precursores, Yi-Fu Tuan. Embora alguns autores tenham dificuldade em traçar distinções teórico-metodológicas precisas entre a Geografia Humanista e a Geografia Cultural, a primeira apresenta diferenças relevantes que a distinguem da segunda, como se busca evidenciar a seguir.

Entendida por alguns geógrafos como resultado da renovação da Geografia Cultural e por isto denominada por alguns estudiosos como Geografia Humanista Cultural ou Geografia Humanista e Cultural, esta linha teórica tem suas origens e influências no contexto da geografia

norte-americana – especialmente nos desdobramentos das formulações de Carl Sauer, que impulsionaram o surgimento da Geografia Cultural (Mandarola Jr.; Gratório, 2003; Souza, 2017). Essa abordagem teve sua tendência teórico-metodológica delineada gradualmente, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, chegando a se constituir como um subcampo de pesquisa específico, voltado para o estudo da experiência humana acerca do fenômeno religioso.

A obra *Topofilia: estudo da percepção atitudes e valores do meio ambiente*, de Tuan se tornou a grande referência da Geografia Humanista e foi traduzida para o português pela professora Livia de Oliveira¹⁴ em 1980, pioneira desta linha investigativa no Brasil. Tuan e Edward Relph, precursores da Geografia Humanista nos Estados Unidos, tiveram influência da fenomenologia do geógrafo francês Eric Dardel através da obra *L'Homme et la terre: nature de la réalité géographique* (1952), que se tornou uma das principais inspirações dos pesquisadores da subárea (Mandarola Jr.; Gratório, 2003).

Um dos conceitos fundamentais para a Geografia Humanista e que tem origem na fenomenologia dardeliana é o de geograficidade. “Para Dardel, a geograficidade expressa a própria experiência geográfica do ser que habita o mundo como lugar e paisagem, permitindo uma leitura fenomenológica da experiência humana de existir nesta base física” (Souza, 2017, p. 57). Desta forma, embora se mantenha ancorada em uma “base física”, seja o “lugar” ou a “paisagem”, o foco de interesse da Geografia Humanista não são as formas espaciais impressas na paisagem, mas sim a “experiência geográfica do ser” que habita ou transita por estes espaços.

A geografia humanista suspende a análise puramente material das formas espaciais e adota uma fenomenologia voltada para a compreensão sobre como o ser humano vivencia o espaço ao seu redor. A paisagem deixa de ser mero cenário e passa a ser campo de experiência existencial, como Souza (2017) apresenta em sua tese *Espaços de peregrinação: ver e sentir o sagrado na Romaria de Nosso Senhor do Bonfim – TO*, com abordagem humanista e cultural: “Compreendo as peregrinações a pé como formas simbólicas espaciais. Formas simbólicas de ser no espaço. Formas de ser na paisagem. As paisagens das peregrinações a pé textualizam vidas” (Souza, 2017, p. 70). Para o autor as peregrinações são formas simbólicas espaciais, mas a sua abordagem, ao invés de focar nas formas espaciais, volta-se para o ser humano, em suas palavras, o “ser no espaço” e o “ser na paisagem”.

Esta ênfase na percepção humana em relação ao espaço também está presente nas palavras do autor, ao afirmar que a geografia da religião “faz uso significativo de abordagens

¹⁴ Livia de Oliveira lecionou na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro/SP, e contribuiu significativamente para difusão da perspectiva humanista em Geografia através da sua prática e pesquisa científica. Suas principais influências foram: Piaget, Gibson e Tuan (Mandarola Jr.; Gratório, 2003).

que privilegiam as percepções dos homens frente às formas simbólicas espaciais religiosas” (Souza, 2017, p. 42). Neste contexto, o foco não recai sobre os deslocamentos físicos dos indivíduos, tampouco sobre as distâncias entre os monumentos religiosos ou outras formas físico-espaciais, mas sim sobre a maneira como o ser humano percebe os espaços.

Nesse sentido, o principal interesse do geógrafo humanista ao estudar o fenômeno religioso reside em compreender como o ambiente é percebido pelo indivíduo. Como observa Mandarola Jr (2005, p. 410), a geografia humanista “centra sua abordagem no indivíduo e seus temas de estudo estão claramente identificados com a investigação da experiência humana através desta escala” (Lowenthal, 1961; Tuan, 1976; Relph, 1976; García Ballesteros, 1992; Holzer, 1992). Nessa mesma perspectiva, a Geografia Humanista de Yi-Fu Tuan foca nos significados e nas relações afetivas do indivíduo, articulando comportamento e pensamento por meio do sentimento, e conectando emoção e intelecto (Mandarola Jr., 2003, p. 37).

Conquanto os estudos da Geografia Humanista tenham avançado na compreensão do fenômeno religioso – evitando reduzi-lo à sua dimensão meramente material – e tenham ampliado o entendimento da condição humana por meio do diálogo com áreas como a Psicologia, a Antropologia, a História e a Filosofia, reconhece-se a importância de fundamentos filosóficos mais amplos, capazes de aprofundar a investigação das estruturas estruturantes do fenômeno religioso. Tais fundamentos são necessários para compreender como determinada religião pensa o mundo e influencia os indivíduos a agirem sobre ele, criando espacialidades.

Nesse sentido, a Filosofia das Formas Simbólicas, de Ernst Cassirer, tem se mostrado uma base filosófica promissora para a compreensão das espacialidades religiosas – tanto das formas estruturadas quanto das estruturantes – através da concepção do espaço sagrado como conformação simbólica (Pereira, 2014, p. 146). Cassirer atribui à religião o mesmo estatuto epistemológico conferido à ciência, à linguagem, à arte e ao mito como formas legítimas de constituição do mundo humano, o que possibilita à Geografia da Religião uma abordagem mais profunda e abrangente das espacialidades produzidas a partir da experiência religiosa (Gil Filho, 2007).

A partir dessa perspectiva, os geógrafos Sylvio Fausto Gil Filho e Clevisson Pereira vêm desenvolvendo um consistente arcabouço teórico que articula a filosofia cassireriana ao estudo das espacialidades religiosas, promovendo um deslocamento do foco puramente material para uma compreensão simbólica do espaço sagrado. Tal contribuição tem sido fundamental para conceder maior autonomia e independência à Geografia da Religião, permitindo que ela se afirme como um subcampo legítimo da Geografia Humana, com métodos, conceitos e

objetivos próprios, diferenciando-se tanto da Geografia Cultural tradicional quanto da Geografia Humanista.

2.3 ESPAÇO SAGRADO: DO LÓCUS MATERIAL À CONFORMAÇÃO SIMBÓLICA

Sylvio Fausto Gil Filho e Zeny Rosendahl são os principais expoentes da Geografia da Religião no Brasil. A vasta produção acadêmica e o pioneirismo destes pesquisadores sobre o tema na geografia brasileira atestam esta afirmação. Dificilmente algum trabalho em Geografia da Religião no Brasil não irá citar um dos dois autores, dada a importância dos mesmos para a área, porém os caminhos trilhados por ambos para a construção teórica do objeto são distintos, embora haja convergência do tema e sejam os principais responsáveis pela propagação, crescimento e afirmação da geografia da religião enquanto campo legítimo de pesquisa dentro da geografia brasileira.

A principal distinção na produção acadêmica destes autores está na forma como eles concebem o espaço sagrado: lócus material ou conformação simbólica. O conceito de espaço sagrado que subjaz no entendimento do autor é fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, pois é a partir deste entendimento que será fundamentada a análise geográfica do espaço. Se o espaço for tratado como lócus material, este é passível de uma delimitação clara e objetiva. Neste aspecto, estudos descritivos, como, dispersão, difusão, expansão, migração ganham maior destaque.

Por outro lado, se o enfoque for nos aspectos imateriais, compreendendo o espaço como conformação simbólica, os elementos subjetivos passam a ocupar o centro da análise. Neste contexto, priorizam-se os estudos das espacialidades geográficas que são criadas a partir das experiências e vivências dos sujeitos com as formas simbólicas, como, o mito, a religião, a arte, a linguagem e a ciência.

Os geógrafos da religião Pereira e Gil Filho (2012) trazem importante artigo que apresenta de maneira sucinta as principais diferenças entre as concepções de espaço sagrado na visão de Zeny Rosendahl e de Sylvio Fausto Gil Filho e nele apresentam breve histórico sobre o surgimento do subcampo disciplinar dentro da Geografia, destacando o seu perfil interdisciplinar como fator preponderante para a sua importância no âmbito das Ciências das Religiões. De fato, é fora dos arraiais da ciência geográfica que a geografia da religião tem mais notoriedade.

Devido à herança das correntes descritivas, tradicionais e até crítico-materialistas, as espacialidades e subjetividades religiosas nunca haviam sido tratadas com a devida importância

pela geografia hegemônica. Somente a partir dos séculos XX e XXI é que a subdisciplina Geografia da Religião toma corpo dentro das pesquisas geográficas no Brasil (Pereira e Gil Filho, 2012, p. 37).

Nesse contexto de consolidação da geografia da religião brasileira, a ideia do Espaço Sagrado como lócus material se deriva a partir de releituras de Mircea Eliade (1992) sobre a manifestação do sagrado através das hierofanias. Sendo uma hierofania a manifestação do sagrado, o lócus onde ocorre esta manifestação é um espaço sagrado, seja um lugar físico, um corpo ou um objeto. É a manifestação do sagrado através de um ente material que será determinante para a fundação do espaço sagrado. “Nesta perspectiva, o sagrado é tratado como autônomo; em que sua manifestação espacial organizaria de maneira distinta um espaço sagrado” (Pereira; Gil Filho, 2012, p. 39).

Na abordagem fenomenológica crítico-materialista de Rosendahl (1997, p. 122), o espaço sagrado é dotado de um ponto fixo e o seu entorno. O ponto fixo corresponde ao espaço da hierofania, ou seja, da manifestação do sagrado. Já o entorno é o espaço dotado de elementos necessários para que o fiel realize as suas práticas devocionais e religiosas.

Conforme apontam Pereira e Gil Filho (2012, p. 41) esta tendência de análise do espaço sagrado segundo a perspectiva de Rosendahl constitui uma

[...] das linhas teóricas da Geografia da Religião brasileira; que, embasada na perspectiva eliadeana, tende a conceber o espaço sagrado na dinâmica da manifestação locacional do sagrado, nas aparições hierofânicas. Assim, constrói suas buscas na apreensão das manifestações espaciais do fenômeno religioso; partindo das expressões materiais evidentes na paisagem.

A segunda concepção sobre o espaço sagrado na Geografia da Religião é aquela que o entende como uma conformação simbólica. Tal perspectiva tem como base a Filosofia das Formas Simbólicas do filósofo alemão Ernst Cassirer (1874–1945), que publicou, a partir de 1923, um compêndio em três volumes sobre o papel fundamental de formas simbólicas – como a linguagem, a religião, a arte, a ciência e o mito – na constituição da cultura.

Nesse arcabouço filosófico, a religião é tratada com o mesmo estatuto epistemológico da ciência, ou seja, como uma forma legítima de conformar o mundo (Pereira, 2014, p. 110). Essa perspectiva foi introduzida no campo da Geografia da Religião pelo professor Sylvio Fausto Gil Filho, cuja contribuição foi decisiva para consolidar o entendimento do espaço sagrado como uma determinação epistemológica.

Como observa Pereira (2014, p. 66), ao acompanhar o percurso teórico de Gil Filho, nota-se que a concepção de espaço sagrado, ao migrar de uma abordagem ontológica para uma epistemológica, adquire maior amplitude e profundidade conceitual.

Pereira (2014, p. 99-117) apresenta o caminho epistemológico seguido por Gil Filho, partindo de uma concepção ontológica do sagrado de acordo com teorizações do teólogo alemão Rudolf Otto até a concepção do sagrado como forma simbólica a partir da filosofia das formas simbólicas, ampliando a compreensão sobre a área de ação do fenômeno religioso nas espacialidades humanas.

A geografia do sagrado não é a consideração pura e simples das espacialidades dos objetos e fenômenos sagrados, e por conseguinte, de seu caráter locacional; mas sim, sua matiz relacional. A geografia do sagrado está muito mais afeta à rede de relações em torno da experiência do sagrado do que propriamente às molduras perenes de um espaço sagrado coisificado. (Gil Filho, 2001, p. 76)

Gil Filho apresentou o sagrado não sob o viés teológico de sua significação ontológica, mas sim no plano fenomênico a partir das suas múltiplas relações. Isto tornou possível o seu estudo através das ciências humanas tanto no aspecto da sua materialidade quanto, principalmente, das relações que são estabelecidas a partir das experiências dos fiéis.

Além disto, a ampliação da compreensão do sagrado como forma simbólica (e não ontológica), assim como da religião e do mito, ensejou uma visão mais profunda sobre o espaço sagrado, elevando-o à categoria de análise (Pereira, 2014, p. 100), o que contribui de forma significativa para o estudo das Ciências das Religiões na medida em que cria novas alternativas à concepção do sagrado ottoniano, sanando, pelos menos em parte, críticas como as apresentadas por Engler à fenomenologia da religião norte-americana (2004).

Conforme Pereira (2014, p. 108):

A teoria de Otto não é de todo descartável; porém, quando se pretende erigir uma abordagem mais ampla e não presa a determinada tradição religiosa, que não hierarquize as distintas religiões e, ainda, que tenha seu princípio universal não em uma noção ontológica de base transcendental religiosa, deve-se sem dúvida retrabalhar criticamente o pensamento ottoniano ou partir para outros referenciais filosóficos.

Ao trabalhar com a Filosofia das Formas Simbólicas do filósofo alemão Ernst Cassirer, Gil Filho vislumbra uma base universal da religião e propõe um resgate conceitual da noção de homem. Nessa perspectiva, a vivência humana é conformada por um universo de significados, no qual as formas simbólicas atuam como mediadoras entre o mundo real e o mundo dos sentidos (Pereira, 2014, p. 109).

2.4 CONCEPÇÃO DE HOMEM EM ERNST CASSIRER: DO “ANIMAL RATIONALE” AO “ANIMAL SYMBOLICUM

A partir dessa base conceitual, torna-se fundamental compreender como Cassirer redefiniu a própria noção de homem, ampliando os limites da tradição filosófica clássica. Para ele, “a definição do homem como *animal rationale* não perdeu sua força. A racionalidade, com efeito, é uma característica inerente a todas as atividades humanas” (Cassirer, 1977, p. 51). Embora reconheça o papel central da racionalidade, o autor considera essa definição insuficiente para abarcar a complexidade do mundo da cultura. “Razão é um termo muito pouco adequado para abranger as formas da vida cultural do homem em toda sua riqueza e variedade” (Cassirer, 1977, p. 51).

Isto acontece porque, segundo o autor, o homem

[...] já não vive num universo puramente físico, mas num universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são partes deste universo. São os vários fios que tecem a rede simbólica, a teia emaranhada da experiência humana. Todo o progresso humano no pensamento e na experiência aperfeiçoa e fortalece esta rede. (Cassirer, 1977, p. 50)

Desta forma, o homem não lida com a realidade diretamente, mas é mediado por formas simbólicas. Toda e qualquer experiência humana que acontece no universo dos fatos é processada por essas mediações e passam para o universo simbólico, onde transformam-se em representações.

Deste modo, tendo em vista que são as formas simbólicas que mediam as relações do homem com o mundo sensível e que dão a estas experiências um significado simbólico, Cassirer entende que “em lugar de definir o homem como um *animal rationale*, deveríamos defini-lo como um *animal symbolicum*” (1977, p. 51).

Para o autor, a realidade dos pensamentos e sentimentos humanos não poderiam ser compreendidos, pelo menos em parte, se não por meio das formas de simbolização que transformam estas realidades fluídas em um mundo de significados concretos (Cassirer, 1977, p. 292).

Entre as diversas formas simbólicas que estruturam a experiência humana, o mito e a religião se destacam por mediar a relação do homem com dimensões mais profundas da realidade. A seguir, exploram-se essas duas formas em particular, com ênfase nas diferenças estruturais que apresentam quanto à maneira de articular signo e significado. Esta análise, ainda que parcial, pretende contribuir para o entendimento dos aspectos estruturantes dessas formas simbólicas, ciente da vastidão e complexidade do debate envolvido.

2.5 MITO E RELIGIÃO NA ESTRUTURAÇÃO DA EXPERIÊNCIA HUMANA

De acordo com Cassirer, no pensamento mítico “desaparece a tensão entre o mero 'signo' e o 'designado'; em lugar de uma 'expressão' mais ou menos adequada, apresenta-se uma relação de identidade, de completa coincidência entre a 'imagem' e a 'coisa', entre o nome e o objeto” (Cassirer, 1992, p. 76). Essa perspectiva ajuda a compreender por que, embora mito¹⁵ e religião lidem com os mesmos aspectos do real, eles não são semelhantes. O mito não distingue signo e significado; lida com uma realidade mais profunda, na qual os símbolos são vivenciados como a própria realidade. Já a religião sistematiza os mitos e os transforma em um conjunto de normas para a leitura do mundo, operando uma distinção entre signo e significado. Assim, à primeira vista, o mito parece beirar a “irracionalidade”¹⁶ devido à sua característica de não diferenciar entre o signo e o significado, tratando-os como um e o mesmo.

Cassirer apresenta alguns exemplos que ilustram a relação de identificação entre o signo e o significado que ocorre no pensamento mítico. Um desses exemplos está relacionado ao nome da pessoa. De acordo com Cassirer (1992, p. 68), “o nome não é nunca um mero símbolo, sendo parte da personalidade de seu portador”. São apresentados, por exemplo, a troca de nomes que ocorre nos ritos mágicos de passagem da puberdade, quando o rapaz recebe um novo nome, significando que ele “deixou de existir como menino, renascendo como um outro, um homem, no qual se reencamou um de seus antepassados” (Cassirer, 1992, p. 69); ou ainda, quando diante de um perigo iminente, o ameaçado troca de nome, atraindo “um eu diferente, cujo envoltório o torna irreconhecível” (Cassirer, 1992, p. 69). Também é citado o temor que algumas pessoas tem de mencionar o nome de algum falecido pelo fato de acreditarem que “o morto pode, a cada instante, ser 'invocado', no verdadeiro sentido do termo, tão logo seu nome seja mencionado pelos sobreviventes” (Cassirer, 1992, p. 69).

Um outro exemplo está no fato de algumas religiões evitarem mencionar o nome do seu deus, pois a mera menção do nome expõe todos os poderes presentes neste deus. “Quanto mais

¹⁵É importante salientar que, neste contexto, o termo mito não se refere à irrealidade, fantasia ou invenção, mas sim a uma Forma Simbólica apresentada pelo filósofo Ernst Cassirer (1992; 1977), sendo uma forma significativa de comunicação. Embora contenham elementos não empiricamente verificáveis, os mitos não são sinônimos de falsidade ou pura imaginação. Pelo contrário, são considerados fontes valiosas para compreender as experiências humanas, crenças e valores culturais, oferecendo uma rica tapeçaria de significados e interpretações simbólicas.

¹⁶ Irracionalidade não no sentido daquilo que é oposto à razão, mas sim de algo que escapa à explicação lógica imediata e que está profundamente enraizado nas emoções e no sentir da experiência mítica. Conforme Cassirer (1977, p. 134), “o verdadeiro substrato do mito não é de pensamento, mas de sentimento. O mito e a religião 'primitiva' não são, de maneira alguma, totalmente incoerentes, nem destituídos de senso ou de razão; mas sua coerência depende muito mais da unidade de sentimento que de regras lógicas”. O pensamento mítico é alimentado pelo sentir e não pela razão, embora haja coerência entre o que se sente e o sentido que lhe é atribuído.

elevado e poderoso o deus, tanto mais forte e eficaz deveria ser o seu verdadeiro nome. [...] O referido nome era, ao mesmo tempo, o divino em si e, na verdade, em sua mais alta potência” (Cassirer, 1992, p. 71). De acordo com Cassirer (1992, p. 72), o verdadeiro significado de Mateus 18.20¹⁷ é que “onde pronunciem meu nome os reunidos, aí estou eu realmente presente”. A assertiva do teórico não é teológica, mas filosófica e enseja a compreensão da ligação entre signo e significado, conforme sua apreensão do pensamento mítico, onde a simples menção do nome da pessoa divina significa a sua presença de fato.

Sabe-se que os mitos resultam das experiências coletivas dos homens, que não se reconhecem como produtores desses mitos, já que não têm consciência da projeção do seu eu subjetivo para os elementos do mundo. [...] O mito verdadeiro não se reconhece a si mesmo como uma imagem ou metáfora; a sua imagem é a própria realidade. As emoções expressas são transformadas em imagens e essas imagens são as interpretações do mundo exterior e interior. Observamos, pela história da humanidade, que o homem começa a aprender com o mito uma nova e estranha arte: a arte de exprimir, isso significa organizar os seus instintos mais profundamente enraizados, as suas esperanças e temores. Por isso, o pensamento mítico não deve ser compreendido como mera ilusão ou patologia, e sim como uma forma de objetivação da realidade mais primária e de caráter específico. (Froehlich, 2011, p. 306)

Conforme apresentado pela autora acima, o homem não se reconhece como produtor dos mitos. O pensamento mítico tende a converter o que é espontâneo em receptivo, e tudo o que é produzido com a participação do homem em algo que é meramente recebido (Cassirer, 1992, p. 78-79). Desta forma, de acordo com a Filosofia das Formas Simbólicas, o homem está imerso no pensamento mítico através do qual ele fundamenta e dá origem ao pensamento religioso por meio do discurso (Cassirer, 1992, p. 97-98).

A religião, por outro lado, apresenta um aspecto mais racional em comparação com o mito, pois o pensamento religioso reconhece uma conexão mais profunda entre o signo e o significado, onde o signo apresenta algo além de si mesmo, apontando para uma realidade transcendente¹⁸ (Cassirer, 1992, p. 96). O pensamento mítico não distingue o imanente do transcendente, mas vê tudo como uma só unidade.

¹⁷ Mateus 18.20: “Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Bíblia sagrada).

¹⁸ É importante lembrar que aqui a palavra transcendente não tem o mesmo significado que para a teologia, como algo exterior ao mundo humano. Para Cassirer, o transcendente é aquilo que surge da experiência simbólica, ou seja, é um produto do pensamento simbólico, que confere profundidade e sentido ao real.

2.6 O HOMEM DE FÉ E O HOMEM LITÚRGICO NA EXPERIÊNCIA DO HOMEM RELIGIOSO

Partindo da filosofia das formas simbólicas de Cassirer, este trabalho propõe duas acepções distintas derivadas das formas do mito e da religião, conforme aquela que prevalece no mundo dos sentidos do homem religioso em dado momento da sua experiência. Tais acepções, portanto, não correspondem a categorias fixas, tendo em vista que dependem da forma predominante na mediação entre o homem e a sua realidade.

Desse modo, propõem-se as figuras do homem litúrgico, associado à forma simbólica da religião, e do homem de fé, relacionado à forma do mito. Ambos os homens encontram-se presentes no homem religioso, o qual lida com o mundo mediado pelas formas simbólicas da religião, do mito, da linguagem, da arte e da ciência. O homem litúrgico interpreta a realidade a partir da sua concepção sobre a divindade, mediada pelas normas e estruturas do discurso religioso. O homem de fé é aquele em cuja experiência prevalece, em dado momento, o pensamento mítico. Ele vê a realidade e vê nela a divindade, pois, como já foi apresentado, no mito, a relação entre signo e significado é de identidade.

Na experiência do homem religioso, ora se destaca o homem litúrgico, ora se destaca o homem de fé. Mas é na experiência do homem de fé que o homem religioso é capaz de assumir os maiores riscos e de enfrentar os maiores desafios ligados à prática religiosa, justamente, por não distinguir a realidade imanente da realidade transcendente (mítica).

Na experiência do homem litúrgico, mediado pela racionalidade do discurso e do pensamento religioso, o homem crê e pondera com a razão. Por outro lado, a experiência da fé, marcada pelo sentimento mítico, conduz a uma confiança inabalável de que a divindade se manifesta na própria vivência, seja ela religiosa ou mesmo secular. Por essa razão, pessoas movidas pelo sentimento mítico, são capazes de assumir grandes riscos, renunciar a desejos pessoais e moldar suas vontades em conformidade com aquilo que acreditam ser expressão de uma vontade superior.

O homem litúrgico, tem a possibilidade de mobilizar o capital simbólico da religião como um instrumento para alcançar algum benefício pessoal ou material, colocando a sua vontade racionalmente acima de qualquer preceito concebido pela sua tradição religiosa. Por este motivo, na experiência religiosa podem ser manifestos abusos que não condizem com a realidade do discurso concebido pela instituição ou tradição religiosa.

Essa instrumentalização do discurso religioso, seja de forma intencional ou inconsciente, reforça o uso da religião como meio de dominação simbólica. Em contraste, o

homem de fé tende a se anular, moldando sua vida segundo os princípios de sua tradição. Nessa lógica, o discurso religioso pode mobilizar o indivíduo para o serviço voluntário e o sacrifício pessoal, como se estivesse oferecendo-se diretamente a um poder superior concedido pela tradição ou instituição religiosa.

As relações sociais permeadas pelo discurso religioso e estruturadas desta forma poderão resultar em prejuízos diversos para os indivíduos que, movidos pelo sentimento religioso, ficam desprovidos de criticidade, principalmente, quando são requeridos destas pessoas sacrifícios pessoais e renúncias incondicionais em prol da instituição religiosa.

A experiência humana não se restringe à atuação de uma única forma simbólica, mas é atravessada pela coexistência de múltiplas formas que se manifestam de modo dinâmico e não fixo. Desta maneira, tanto o pensamento mítico quanto o religioso são formas que estruturam e conformam o mundo religioso em diferentes espacialidades por meio das conexões que o homem cria com a sua realidade através destas formas, tendo em vista que o homem não vive no universo dos fatos, mas, sobretudo em um universo simbólico (Gil Filho, 2007, p. 210).

Embora o sentimento religioso dos líderes e membros dos pequenos grupos seja subjetivo, mediado pelas formas simbólicas através das quais o ser humano interpreta a realidade, ele contribui para a conformação de espacialidades religiosas, passíveis de serem percebidas e analisadas a partir da experiência do homem religioso. Neste campo, o foco não recai sobre os pressupostos místicos da religião, mas sobre o modo como ela interpreta e estrutura a realidade (Gil Filho, 2007).

O próximo capítulo discutirá os pressupostos que fundamentam a prática dos pequenos grupos nas igrejas batistas vinculadas à Convenção Batista Brasileira (CBB). A análise incidirá sobre a forma como o discurso religioso legitima essa dinâmica à luz da tradição e das Escrituras Sagradas. O objetivo não é examinar os conteúdos doutrinários em si, mas compreender como tais conteúdos produzem espacialidades e orientam os sujeitos em sua ação sobre o mundo. Também será investigado o papel do discurso institucional mais amplo na estruturação dessa prática e como a teoria de Carl Rogers, especialmente no que tange às condições necessárias para uma relação social saudável, pode contribuir para compreender os aspectos relacionais e comunitários dos pequenos grupos.

3 OS PEQUENOS GRUPOS NO PROTESTANTISMO E NA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Harvey *et al.*, (2005, p.8) falam sobre a importância da compreensão das teologias e práticas religiosas para a análise da construção social do espaço. Os autores lembram que, embora geógrafos raramente citem literatura teológica, MacDonald (2002), Valins (2000) e Slater (2004) apresentaram de maneira pioneira a relação entre os pressupostos teológicos e a construção de espacialidades religiosas protestantes e judaicas no Reino Unido.

No campo das Ciências das Religiões, observa-se que a Geografia tem contribuído significativamente para a análise do fenômeno religioso, ultrapassando os limites de abordagens puramente materiais ou positivistas. O diálogo entre essas áreas tem possibilitado a compreensão da construção social do espaço, performada por meio do pensamento e da ação religiosa.

Neste capítulo, serão apresentadas as origens históricas dos pequenos grupos nas tradições cristãs, com destaque para as contribuições dos movimentos pietista e metodista. Analisa-se como essas influências são apresentadas pelo discurso religioso como forma de justificar a adoção desse modelo pelas igrejas batistas, especialmente aquelas vinculadas à Convenção Batista Brasileira.

Compreende-se que essas influências atuam como elementos estruturantes, ao menos em parte, do modelo de pequenos grupos atualmente adotado pela Convenção Batista Brasileira (CBB). Tal estruturação se dá por meio das espacialidades do pensamento religioso que foram preservadas, em alguma medida, ao longo da história – especialmente nos escritos de autores confessionais – e nas tradições que compõem esse pensamento. Segundo Pereira (2014) e Gil Filho (2012a), a tradição integra o pensamento religioso enquanto espacialidade estruturante, contribuindo para a conformação de práticas e sentidos relacionados à vivência religiosa.

Ao adotar o modelo de pequenos grupos, a Convenção Batista Brasileira (CBB), por meio da Editora Convicção e da Junta de Missões Nacionais (JMN), publicou uma série de dez obras sobre o tema. Esses materiais servem como orientação para igrejas interessadas em implementar o programa e, segundo um dos pastores entrevistados, são utilizados como referência na formação de líderes de pequenos grupos. As obras, cujas referências completas encontram-se ao final desta dissertação, são: Brandão (2014), Carvalho (2015), Earley (2016a; 2016b), Ferreira (2015), Freitas (2016), Moore (2015), Salgado (2017), Santos (2016) e Tunala (2014).

Além dessas, o outro pastor entrevistado indicou o livro de Carvalho (2016), publicado pela Igreja Batista Central de Belo Horizonte, igualmente adotado como manual formativo em sua igreja. Ele também destacou o uso dos materiais disponíveis no site¹⁹ da referida igreja, que têm contribuído de forma significativa para o preparo de líderes em sua realidade local.

Alguns trechos dessas obras serão analisados neste e no próximo capítulo, como expressão do discurso institucional mais amplo que orienta o trabalho com os pequenos grupos. Os conteúdos destas obras emergem nas subjetividades dos fiéis por meio dos seus discursos, como poderá ser visto no terceiro capítulo, o que atesta a sua relevância na estruturação do modelo nas igrejas pesquisadas.

Além dessas obras, atribui-se ainda maior ênfase à Bíblia, entendida como discurso fundador que estrutura não apenas as espacialidades dos pequenos grupos, mas também as subjetividades dos fiéis. Este tema será aprofundado no próximo capítulo, a partir da Análise de Conteúdo dos discursos dos entrevistados.

Nas obras utilizadas para formação de líderes de pequenos grupos, aqui entendidas como discurso institucional mais amplo, busca-se legitimar a prática dos pequenos grupos a partir de uma interpretação do discurso fundador. Um desses autores Tunala (2014, p. 15) começa sua fundamentação histórica a partir do Antigo Testamento, nos relatos de Êxodo capítulo 18, onde se lê sobre o encontro de Moisés, legislador e juiz dos hebreus, com o seu sogro. Neste texto, o sogro de Moisés, Jetro, o aconselha a repartir as responsabilidades da liderança do povo com “governantes de mil, governantes de cem, governantes de cinquenta e governantes de dez. [...] Assim será mais fácil para ti, e eles carregarão a carga contigo”²⁰.

Desta forma, o autor procura justificar através deste texto do antigo testamento a divisão da igreja em pequenos grupos como uma estratégia para aliviar “a carga” do pastor, ideia também presente em Salgado (2017). Os fiéis então são direcionados à compreensão de que, ao liderar um pequeno grupo, estão cooperando com a liderança pastoral e seguindo as orientações divinas, manifestas por meio do discurso fundador.

O autor continua o seu embasamento histórico, passando por textos do novo testamento, especialmente, dos evangelhos e do livro de Atos. Enfatiza que as reuniões dos primeiros

¹⁹ A Igreja Batista Central de Belo Horizonte, também conhecida como Central, é vinculada à CBB, mas adota um modelo de pequenos grupos desenvolvido antes daquele oficialmente implementado pela Convenção. Em seu site oficial, a igreja disponibiliza uma ampla variedade de materiais formativos para líderes de pequenos grupos, incluindo apostilas, estudos, roteiros, vídeos e livros – estes últimos disponíveis para aquisição na própria plataforma. Alguns desses livros serviram de referência bibliográfica para outras obras de mesma temática posteriormente publicadas pela editora da CBB. Observa-se que os materiais das duas instituições apresentam grande semelhança em termos de metodologia, objetivos e princípios, diferindo principalmente na terminologia utilizada. Disponível em: <https://central.online/dnarecursos/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

²⁰ Bíblia Sagrada, Êxodo 18.21-24.

cristãos aconteciam nas casas e que esta foi uma estratégia que Jesus utilizou. Segundo ele, por este motivo “na igreja atual, os lares precisam ser redescobertos como um ambiente estratégico para a evangelização” (Tunala, 2014, p. 18).

Além de fundamentar seu discurso no texto sagrado, o autor recorre também à tradição e à história da igreja protestante, numa tentativa de demonstrar que os pequenos grupos não são uma invenção contemporânea, mas sempre estiveram presentes na trajetória cristã. Para justificar seu pensamento, reporta-se a líderes protestantes da Idade Moderna, como John Wesley (1703–1791) e Philipp Jakob Spener (1635–1705), e até da Idade Média, como Pedro Valdo (1140–1218) (Tunala, 2014, p. 18-20). Com isso, evidencia-se a importância atribuída à tradição no discurso religioso, o qual promove uma releitura da história como forma de legitimar métodos atuais, buscando transmitir uma noção de continuidade histórica.

Desta forma, emerge a espacialidade do pensamento religioso, aqui representado pela tradição e pelo discurso fundador. Tal espacialidade estrutura o discurso religioso mobilizado pelas igrejas para a formação de suas lideranças de pequenos grupos. “A espacialidade do pensamento religioso [...] compreende as formas de conhecimento edificado e manifesto pelo homem religioso como um complexo de convicções hierarquizadas, relacionadas à tradição e ao sentimento religioso” (Gil Filho, 2012a, p. 65-66).

3.1 OS PEQUENOS GRUPOS NA IDADE MODERNA

Na Idade Moderna, o movimento de pequenos grupos apresenta similaridade com as reuniões de leigos organizadas por John e Charles Wesley no século XVIII, cujo objetivo era a evangelização e a busca de uma vida piedosa. Essas reuniões evoluíram a partir de um grupo pioneiro, conhecido como Clube Santo, que serviu de inspiração para a criação das classes e sociedades metodistas no contexto da igreja anglicana na Inglaterra e nos Estados Unidos no final do século XVIII (Bentley, 2010).

O Clube Santo teve origem com os irmãos John e Charles Wesley e outros rapazes da Universidade de Oxford. O nome “Clube Santo” foi atribuído de forma pejorativa pelos críticos do movimento, em razão do seu caráter não oficial de busca por uma experiência mais íntima com Deus. Esse movimento deu início a um processo de renovação na Igreja Anglicana, fundamentado em três pilares: estudo bíblico, ação social e evangelização. O início desse movimento é assim descrito por Silva (2004, p. 9):

De 1729 a 1735, John, com seu irmão Charles e outros dois estudantes, formou um grupo que se reunia regularmente todas as semanas, dedicado ao estudo da Bíblia, à oração, ao cultivo de uma vida disciplinada, à ajuda aos necessitados. Este grupo foi chamado pelos outros estudantes, de forma jocosa, 'Clube Santo', nome do qual o próprio Wesley não gostava, mas acabou usando várias vezes em seus escritos. O nome 'metodista', outra forma pejorativa dos demais estudantes referir-se a esse grupo, foi o que, afinal, denominou o movimento iniciado por Wesley.

Entre as características desse movimento, destacam-se aspectos que se assemelham às espacialidades dos pequenos grupos contemporâneos no contexto da igreja daquela época, quais sejam, a quebra do paradigma do templismo, incentivando reuniões informais em espaços não considerados sagrados, a ênfase no sacerdócio universal de todos os cristãos, presente através do incentivo ao protagonismo do fiel (não clérigo) nas reuniões do grupo, a busca por uma vida cristã prática e piedosa, com ênfase no jejum, na oração e no estudo bíblico.

A experiência vivida por Wesley e seus companheiros no Clube Santo foi levada à Sociedade Metodista de Bristol, onde pequenos grupos, chamados classes, foram formados inicialmente para arrecadar doações para a construção da capela metodista local. No entanto, esses grupos logo assumiram uma função pastoral, acompanhando de perto os membros (Mattos, 2003, p. 150; Mazzeo, 2020, p. 49). À medida que o movimento metodista se expandiu, o modelo das classes foi adotado em outras sociedades, mas sempre mantendo o vínculo com a Igreja Anglicana. O movimento começou a se configurar como uma instituição distinta apenas quando se expandiu para os Estados Unidos, no final do século XVIII.

O metodismo colocou maior ênfase na prática cristã (ortopraxia) e na santidade do cotidiano, em vez de focar apenas na doutrina ou no ensino intelectual (ortodoxia). Por ser um movimento não institucionalizado, nem todos os membros da Igreja Anglicana faziam parte dele, e não era necessário ser anglicano para se engajar no metodismo. Como observa Renders (2002, p. 73):

Tanto anglicanos(as) quanto integrantes de outras igrejas poderiam participar numa sociedade. Observa-se que a rejeição da continuação na sociedade não significava a exclusão da igreja cristã, porque a pessoa pertencia à Igreja Anglicana – ou um outro grupo – e participava no movimento metodista.

No entanto, a partir do final do século XIX e início do século XX, o movimento metodista começou a declinar, primeiramente nos Estados Unidos e depois na Inglaterra. Nesse período, as classes metodistas foram gradativamente sendo substituídas pelas Escolas Bíblicas Dominicais, que davam maior ênfase à ortodoxia doutrinária e à escrita, em detrimento da oralidade, tornando o movimento menos acessível a pessoas não alfabetizadas. Como aponta Renders (2002, p. 86), neste período “[...] a membresia passou menos pela ortopraxia e mais

pela ortodoxia. Também a santificação, este grande tema do metodismo, tornou-se paralelamente um assunto mais intelectual e doutrinário e menos vivencial”.

Com o fim do sistema de classes, as sociedades metodistas se transformaram em igrejas locais, e o movimento deu origem à Igreja Metodista em 1789, nos Estados Unidos, após a morte de Wesley (Renders, 2002, p. 73). Essa reconfiguração, juntamente com as mudanças de ênfase já mencionadas, resultou em uma menor capilaridade do movimento na sociedade.

Na busca por identificar as influências do metodismo, Andrew Frank Goodhead (2007), em sua tese de doutorado, apresenta o movimento pietista alemão como precursor do metodismo, especialmente, através dos pequenos grupos chamados “*Collegia Pietatis*”, criados por Philipp Jakob Spener. Esses grupos não institucionais, visavam resgatar o sacerdócio universal de todos os cristãos, através do incentivo ao trabalho dos leigos:

Spener procurou relacionar a doutrina do Sacerdócio de Todos os Cristãos à experiência, e ele fez isso no *Collegia Pietatis*. Nestas reuniões, os membros deveriam ensinar, advertir, converter e edificar uns aos outros; em uma palavra, deveriam praticar o sacerdócio geral (ou espiritual).²¹ (Goodhead, 2007, p. 22).

Nem Spener, nem Wesley tinham a intenção de fundar uma nova igreja por meio dos pequenos grupos. Mazzeo (2020, p. 47) destaca que, assim como Wesley não pretendia criar uma nova instituição com as classes metodistas, Spener também não visava estabelecer uma nova estrutura com os “*Collegia Pietatis*”. Contudo, como Mazzeo observa, no caso de Spener, “a descentralização e a livre interpretação levaram esses grupos a desenvolver suas próprias visões, algumas das quais acabaram rompendo com o luteranismo”. Para tentar manter a unidade eclesiástica, Spener tentou transferir os pequenos grupos das casas para o templo, mas a estratégia não teve sucesso. A descentralização do movimento continuou a fomentar divergências doutrinárias, algumas delas contrárias à ortodoxia luterana. Esse cenário levou à perseguição dos grupos até o seu desaparecimento.

Conforme apontou Max Weber (2004), o protestantismo de sua época poderia ser classificado como influências de quatro grupos: luteranos, calvinistas, pietistas e anabatistas. Sem entrar no mérito da discussão clássica entre estas tradições cristãs, destacamos que o autor apresenta os calvinistas²² como bastante resistentes aos cultos familiares, chegando até mesmo

²¹ “Spener sought to relate the doctrine of the Priesthood of all Believers to experience, and he did this in the *Collegia Pietatis*. In these meetings, members would teach, warn, convert and edify each other; in a word, they should practise the general (or spiritual) priesthood” (Traduzido pelo autor).

²² A Igreja Presbiteriana do Brasil, maior denominação calvinista do país, ainda hoje apresenta-se bastante resistente ao movimento de pequenos grupos. De acordo com Bezerril, (2005, p. 5) “a Confissão de Fé e o Manual de Liturgia da Igreja Presbiteriana do Brasil, bem como seu mais novo documento sobre o assunto (Carta Pastoral) proibem qualquer visão pentecostal no seio da igreja. Os pastores envolvidos no movimento com tendências

a proibi-los através do Catecismo abreviado da igreja presbiteriana escocesa de 1648. Neste documento, qualquer reunião de oração doméstica de pessoas que não pertencessem à mesma família foi condenada como sendo uma usurpação das competências do cargo.

Enquanto os calvinistas permaneciam satisfeitos com sua eclesiologia ortodoxa, os pietistas buscavam resgatar o que concebiam como “cristianismo bíblico” dentro da Igreja da Inglaterra. Essa abordagem enfatizava uma vivência espiritual intensa, guiada por uma interpretação do discurso fundador que influenciava todas as esferas da vida, incluindo as mais corriqueiras. Weber descreve essa característica:

O pietista queria puxar para a terra e tornar visível a Igreja invisível dos santos e, recolhido nessa comunidade, sem chegar ao ponto de formar uma seita, levar uma vida morta para os influxos do mundo, orientada em todos os detalhes para a vontade de Deus, e assim permanecer com a certeza da própria regeneração, mesmo nos aspectos externos e mais corriqueiros de sua conduta de vida. A ecclesiola dos verdadeiros conversos desejava assim – traço comum a todo pietismo em sentido específico – saborear já neste mundo, em ascese intensificada, a comunhão com Deus em sua bem-aventurança. Ora bem, esta última pretensão tinha íntimo parentesco com a *unio mystica* luterana e muitas vezes levava a um cultivo do lado sentimental da religião mais pronunciado do que na média do cristianismo reformado. (Weber, 2004, p. 118)

Os pietistas, por meio dos “Collegia Pietatis” (Encontros Piedosos), buscavam uma experiência espiritual mais profunda. Esses pequenos grupos, assim como os organizados posteriormente pelos irmãos Wesley, não tinham a intenção de substituir os cultos da igreja, mas de complementá-los. O objetivo era incentivar uma vida cristã mais autêntica, centrada na santidade pessoal e não restrita às reuniões religiosas formais. Essa busca por uma espiritualidade mais intensa – baseada tanto numa interpretação do discurso fundador quanto no sentimento religioso comunitário – inspirou, posteriormente, o conceito de “igreja de duas asas” (Beckham, 2007), difundido entre as igrejas que adotam o modelo de pequenos grupos na contemporaneidade. Nessa perspectiva, busca-se na tradição a legitimidade para afirmar que os cultos realizados nos templos e as reuniões nos lares têm o mesmo valor e são igualmente essenciais para o desenvolvimento espiritual dos fiéis.

3.1.1 O legado dos anabatistas

Weber fala sobre o legado deixado pelos anabatistas e apresenta como seus herdeiros diretos os batistas, os menonitas e os quakers. De acordo com o autor, diferente do conceito de

pentecostais devem ser exortados pelos seus concílios a abandonarem a prática pentecostal”, pois a denominação tende a classificar o movimento de pequenos grupos como “montado em cima de conceitos pentecostais” e, portanto, reprova o uso do método.

igreja para os calvinistas que é a reunião dos eleitos, para os anabatistas a igreja era a congregação dos regenerados. Assim, estes grupos religiosos nutriam naturalmente um espírito de separação do mundo, caracterizado por uma ascese denominacional:

Os regenerados²³, e somente eles, são irmãos de Cristo, porque, assim como Cristo, eles foram gerados diretamente pelo Espírito de Deus. Rigorosa evitação do mundo, ou seja, de todo comércio com as pessoas do mundo que não fosse estritamente necessário, junto com a mais estrita bibliocracia com vistas à imitação da vida exemplar da primeira geração de cristãos foi o que resultou para as primeiras comunidades anabatistas; e o princípio da evitação do mundo, enquanto permaneceu vivo o espírito inicial, jamais desapareceu por completo. (Weber, 2004, p. 132)

Interessante notar que Weber faz uma ligação direta entre os batistas e os anabatistas, apresentando estes como precursores daqueles. Sem entrar no mérito da discussão sobre a origem dos batistas e da relação histórica entre estes e os anabatistas, de certa maneira a separação do mundo que esteve presente na práxis anabatista também esteve por longo período não apenas na tradição batista, mas em grande parte no protestantismo, no sentido da evitação das “coisas do mundo” e até mesmo das pessoas que não pertencessem à religião, como um certo exclusivismo denominacional ou fobia de pessoas de outras religiões ou sem religião. Isto é tão real que algumas pessoas, quando se convertiam, evitavam amizades com pessoas que não fossem evangélicas e fechavam-se no seu gueto religioso.

Atualmente, com os pequenos grupos, trilha-se o caminho inverso. Os líderes buscam quebrar paradigmas, incentivando os fiéis a manterem amizades com pessoas não convertidas. A tendência, portanto, no meio batista, embora um pouco tardia, é de busca por uma espécie do que Weber chama de ascese intramundana, onde o fiel não deverá se afastar do “mundo” nem das “pessoas do mundo”, mas procurará estar presente para transmitir-lhes a mensagem cristã evangélica por meio do seu pequeno grupo.

No contexto batista, essa mudança é lenta, pois a tradição protestante histórica tem dificuldade em se adaptar a mudanças, diferentemente de denominações pentecostais. Fatores como doutrina, eclesiologia e tradição retardam o processo. No entanto, quando as mudanças são promovidas pela liderança denominacional, como no caso da Convenção Batista Brasileira, o processo tende a ganhar força. Isso ocorre porque as iniciativas partem de uma base de

²³ A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira concebe igreja em termos semelhantes ao dos anabatistas no sentido de ser formada por pessoas “regeneradas”. Consta também que as mesmas “são constituídas por livre vontade dessas pessoas com a finalidade de prestarem culto a Deus, observarem as ordenanças de Jesus, meditem nos ensinamentos da Bíblia para a edificação mútua e para a propagação do evangelho. As igrejas neotestamentárias são autônomas, têm governo democrático, praticam a disciplina e se regem em todas as questões espirituais e doutrinárias exclusivamente pelas palavras de Deus, sob a orientação do Espírito Santo” (Declaração [...], 2024).

segurança institucional, confiabilidade teológica e tendem a ser amplamente replicadas pelas igrejas associadas.

Um outro ponto de semelhança entre os anabatistas e os batistas que é apresentado por Weber diz respeito à doutrina da justificação. Enquanto os calvinistas concebem a salvação como uma concessão forense da parte de Cristo, os batistas a obtêm por meio da fé nas promessas de Deus, cuja convicção lhe é dada no coração pelo poder do Espírito Santo. De acordo com Weber, para os anabatistas a justificação vinha por meio da fé, sendo uma ideia radicalmente distinta de uma imputação forense do mérito de Cristo.

A justificação

[...] consistia antes na apropriação interior de sua obra de redenção. E implicava revelação individual: vinha através da ação do Espírito Santo no indivíduo, e somente através dela. Era oferecida a todo indivíduo, bastando esperar persistentemente pelo Espírito, não resistindo à sua vinda por apego pecaminoso ao mundo. Diante disso, entra em franco retrocesso a significação da fé no sentido de conhecimento da doutrina da igreja, mas também no sentido de obtenção penitente da graça divina, ao mesmo tempo que ocorre um renascimento de ideias pneumático-religiosas encontradas no cristianismo primitivo – claro que modificadas. (Weber, 2004, p. 131-132)

Diferentemente dos calvinistas, os anabatistas, portanto, davam abertura à experiência pessoal através da ação do Espírito Santo que revelava no interior do cristão a certeza sobre a sua salvação. Mas para ter esta certeza era necessário um desapego do mundo pecaminoso. A santidade pessoal seria a porta de abertura para a confirmação da salvação através do Espírito Santo.

Para os batistas o Espírito Santo também tem um papel muito importante. Embora nem tanto quanto os pentecostais, a experiência com o Espírito Santo é incentivada através da Declaração Doutrinária dos batistas, pois, além de “habitar no crente”, ele “o guia à verdade”, “capacita-o para obedecer à vontade de Deus”, “distribui os dons para o serviço ao mundo”, é ele que dá “condições para uma vida cristã vitoriosa e testemunhante” (Declaração [...], 2024).

Assim, de certa maneira, as experiências pentecostais que porventura possam existir nas igrejas batistas devido à inserção dos pequenos grupos são aceitas dentro dos limites da sua declaração doutrinária. Os membros do pequeno grupo dedicam-se à busca do poder do Espírito Santo para terem uma vida cristã frutífera, manter comunhão uns com os outros, servir e levar a mensagem do Evangelho, pois creem que é o Espírito Santo quem os capacita para tanto. Assim, eles oram, jejuam e buscam uma vida de pureza pessoal, com vistas tanto à sua edificação pessoal, quanto à edificação do grupo e à evangelização. Sem esta busca, na visão dos membros do grupo, o trabalho não flui (Earley, 2016; Freitas, 2016; Tunala, 2014). Neste aspecto, a participação do fiel no pequeno grupo o torna mais sensível às experiências religiosas

pelas trocas e vivências em um ambiente relacional preparado para um pequeno número de pessoas, onde ele não entra sem ser notado.

Em suma, as comunidades batistas brasileiras desenvolveram ao longo do tempo uma tendência à separação do que consideram mundano – característica também presente em outras tradições protestantes. Com a adoção dos pequenos grupos voltados à evangelização, contudo, a denominação parece trilhar um caminho oposto: motivada por um propósito proselitista, baseado em uma interpretação do discurso fundador, passa a incentivar um maior contato com o mundo. Nessa perspectiva, os fiéis são encorajados a estabelecer relações intencionais e amistosas com pessoas de fora da religião, com o objetivo de compartilhar a mensagem cristã por meio da vivência nos pequenos grupos.

3.1.2 A doutrina da perfeição cristã e a evangelização através dos pequenos grupos

Por se tratar de uma reunião religiosa informal que geralmente acontece nas casas com um pequeno número de pessoas, os visitantes de um pequeno grupo são convidados pelos seus membros. Geralmente, são pessoas conhecidas e fazem parte do círculo de amizade ou familiar dos membros do grupo (Earley, 2016, p. 42).

Cada membro de um pequeno grupo é estimulado a convidar seus amigos e familiares descrentes para conhecer o grupo. Aqui surge uma dificuldade, pois membros antigos de igrejas geralmente possuem poucos amigos descrentes. Então, como um pequeno grupo é criado para atrair descrentes através de laços de amizade, os cristãos são orientados a estabelecer relacionamentos intencionais com pessoas descrentes (Carvalho, 2015, p. 69-86; Earley, 2016, p. 39-62; Tunala, 2014, p. 31-33).

Transmitir os ensinamentos de Jesus para os membros dos pequenos grupos é compreendido como um ato de obediência a Deus. Neste aspecto, esta se torna uma importante obra cristã, incentivada pela liderança da igreja através dos pequenos grupos.

Os membros dos pequenos grupos, embora não creiam na salvação pelas obras, creem que todo salvo deve obedecer às ordens de Jesus e, como evangelizar foi uma ordem dada pelo próprio Cristo²⁴, eles o fazem através dos pequenos grupos. Evangelizar é a missão principal de uma igreja em pequenos grupos e o evangelismo ocorre pelas vias dos relacionamentos. Assim, esta pesquisa considera os pequenos grupos como uma estratégia proselitista de crescimento,

²⁴ Conforme relatos de textos do novo testamento. Evangelizar, na concepção cristã protestante, significa transmitir o Evangelho ou as boas novas contidas na mensagem de salvação de Jesus.

mobilizada pelo discurso religioso que, por sua vez, está baseado em uma interpretação do discurso fundador, compreendido pelos cristãos como escrituras sagradas.

De acordo com Weber (2004, p.118-120), os pietistas, organizados nos “Collegia Pietatis”, valorizavam o testemunho cristão manifesto através da busca por uma vida “morta para os influxos do mundo, orientada em todos os detalhes para a vontade de Deus” e da excelência na vida profissional, vivida para a glória de Deus. Entre eles, a motivação principal para tal comportamento era a confirmação da eleição divina. A conduta destes fiéis em busca de uma vida piedosa, moldada pela convivência e vigilância voluntária mútua, tornava-se um testemunho convincente não apenas da sua eleição, mas também um meio de atrair novos eleitos.

Não apenas os pietistas alemães destacavam a importância das boas obras no testemunho cristão. Os metodistas também tinham pensamento semelhante, inclusive por meio da doutrina da perfeição cristã. Ressalvadas as divergências teológicas entre luteranos e anglicanos, de acordo com Weber (2004, p. 129), esta semelhança decorre pelo fato de que Wesley foi fortemente influenciado pelos pietistas por intermédio das fraternidades hennutenses.

A mensagem de Wesley é caracterizada pelo uso do termo 'perfeição cristã'. À primeira vista, essa noção pode ser descartada como um pensamento idealista, pois nenhuma pessoa é perfeita, e sabemos que é impossível para qualquer ser humano alcançar tal estado. Wesley entendia a perfeição cristã de uma maneira diferente. [...] Wesley não via a expressão da vida cristã e as dinâmicas da vida cotidiana como termos mutuamente exclusivos. Para ele, Deus é tão real nas ruas quanto na igreja. Se a graça de Deus e a oferta de salvação são feitas para toda a humanidade, então isso significa que Deus não está apenas presente e ativo na vida dos aristocratas piedosos, mas que Deus está igualmente preocupado com o bem-estar do bêbado e de sua família. Todas as pessoas têm o potencial para a perfeição cristã, sendo perfeitas no sentido de que a pessoa, embora suscetível ao pecado, foi completamente redimida e tem a capacidade de viver uma vida justa.²⁵ (Wesley, 1993, p.16-17 *apud* Bentley, 2010, p. 558-559)

O sistema metodista nutria uma teologia arminiana, creditando a responsabilidade da salvação ao livre-arbítrio do indivíduo. A doutrina wesleyana da Graça Preveniente afirmava

²⁵ “Wesley’s message is characterised by his use of the term “Christian perfection”. At first glance one may dismiss this notion as an idealistic thought, for no person is perfect and we know that it is impossible for any human being to attain such a state. Wesley understood Christian perfection in a different way [...] Wesley did not see the expression of Christian life and the dynamics of ordinary life as mutually exclusive terms. To him, God is as real in the streets as in the church. If God’s grace and offer of salvation is made for the whole of humankind, then it means that God is not only present and active in the life of the pious aristocrats, but that God is equally concerned with the well-being of the drunkard and his/her family. All people have the potential for Christian perfection, being perfect in the sense that the person, although susceptible to sin, has been redeemed completely and has the capacity to live a righteous life” (Traduzido pelo autor).

que todos tinham a mesma oportunidade de corresponder à graça de Deus, aceitando-a ou rejeitando-a, o que fazia oposição à doutrina da Graça Limitada do Calvinismo.

O que os pequenos grupos procuravam fazer era compartilhar a responsabilidade entre os fiéis no que diz respeito à salvação, mas também à santificação pessoal. Daí surgiu a doutrina wesleyana da perfeição cristã para fazer frente à doutrina da predestinação. Para o metodista, o verdadeiro cristão deveria buscar uma vida de santidade pessoal no mundo. A ascese monástica, paradigma católico, buscava o isolamento do mundo. Já os metodistas buscavam a transformação dos atos pessoais para ser luz no mundo. O pequeno grupo propiciava o ambiente adequado para o fortalecimento deste propósito.

De acordo com Weber (2004, p. 129), os metodistas buscavam uma vida superior, uma segunda bênção através da doutrina da perfeição cristã. As Classes eram a porta de entrada nas sociedades metodistas. Elas eram frequentadas por pessoas convertidas e não convertidas. Na Inglaterra, muitos religiosos foram atraídos por este ideal que se tornou um instrumento para a renovação da fé através de uma experiência religiosa mais profunda.

Os batistas brasileiros que aderem ao modelo de igrejas em pequenos grupos buscam em sua práxis, como obra principal e evidência da salvação, obedecer à ordem de Jesus de “ir e fazer discípulos”, cuja materialidade está no discurso fundador (Freitas, 2016, p. 33,34). Os metodistas ingleses, por estarem numa nação cuja religião oficial era a que professavam, não tinham a necessidade de evangelizar no seu país, mas tinham o objetivo principal de renovar a fé daqueles que já a professavam. Desta forma, entre eles, os pequenos grupos foram um instrumento principalmente de renovação da fé. Já na América do Norte, onde não havia religião oficial, o propósito principal foi o evangelizador/proselitista, assim como ocorre no Brasil²⁶.

É importante salientar que tanto a renovação da fé quanto a propagação da fé fazem parte da missão protestante praticada pelos batistas segundo eles podem apreender a partir do discurso fundador, especialmente, textos do novo testamento.

Nas igrejas batistas os pequenos grupos realizam principalmente dois trabalhos: o de evangelização, cujo objetivo é converter pessoas ao cristianismo e o de discipulado, que

²⁶ Com o advento das Escolas Bíblicas e com o crescimento dos grupos, as Classes tornaram-se igrejas e a evangelização nas igrejas metodistas ganhou um método indireto e massivo (que já ocorria em outras denominações) onde as pessoas, ao invés de serem atraídas para os grupos, passaram a ser atraídas para as igrejas. Este método com o tempo prevaleceu entre as igrejas e se tornou tradicional por muitos anos até que na década de 1960 ressurgiu o trabalho com os pequenos grupos, primeiro na Ásia, com David Paul Yonggi Cho (Coreia do Sul), depois na América, na década de 1980, com César Castellanos (Colômbia) e também no Brasil na década de 1990 com Rene Terra Nova, Valnice Milhomens, Márcio Valadão, dentre outros. Todas estas estratégias, especialmente, a partir do modelo G12, criado pelo pastor colombiano César Castellanos, não escapam a críticas teológicas e sociais sobre o uso empresarial e pragmático dos pequenos grupos pelas igrejas evangélicas, como pesquisas apresentadas por Mazzeo (2020) e também por Carvalho (2014).

consiste em fortalecer a fé das pessoas e prepará-las para o cumprimento da missão de fazer outros discípulos através da evangelização via relacionamentos.

As classes metodistas implementadas por John Wesley também apresentavam dinâmica semelhante: o ato emocional da conversão era suscitado metodicamente através do trabalho do grupo. E uma vez alcançado, este sentimento era canalizado para os trilhos do empenho racional na busca da perfeição (Weber, 2004, p. 129-130). Como Weber descreve, o sistema metodista criou uma ancoragem religiosa para a conduta de vida ascética na eventualidade de ser abandonada a predestinação. Isto envolveu toda a prática da vida cristã, incluindo a profissão, a família e as relações sociais, contribuindo para que os metodistas buscassem uma maneira de viver no mundo que os diferenciasse daqueles que, embora vivessem no mesmo mundo, estavam fora do sistema metodista. Este comportamento tornou-se, não apenas na Inglaterra, mas também na América, uma ferramenta eficaz para atrair novos adeptos para o movimento.

Para os metodistas, a prática das boas obras era vista como um sinal visível da autenticidade da conversão. Frente à frieza do anglicanismo oficial e à falta de frutos visíveis, o fervor espiritual dos metodistas, a vida disciplinada e o interesse pelas causas sociais despertavam a admiração de pessoas de fora das sociedades. Assim, o modo de vida dos religiosos se tornava um instrumento de evangelização e atração para as reuniões das Classes, especialmente, entre as pessoas mais próximas.

O incentivo à evangelização em obediência a Cristo, conforme orientações do discurso fundador, e à busca por uma vida piedosa entre os membros dos pequenos grupos remete à doutrina da perfeição cristã do metodismo wesleyano e representa a busca por uma maior influência no mundo no protestantismo evangélico batista brasileiro.

Mesmo sendo uma denominação histórica, frente às rápidas mudanças do mundo contemporâneo, os batistas flexibilizam o seu modelo de liderança assemelhando-se ao pentecostalismo no incentivo ao protagonismo leigo e ao resgate de uma espiritualidade emocionalmente ativa em todas as áreas da vida através das suas redes de relacionamentos, buscando uma vida de santidade no mundo. Os batistas migram de uma vida reclusa nos templos para uma vida ativa não apenas nas reuniões dos pequenos grupos, mas em todas as conexões relacionais estabelecidas por meio deles.

De acordo com Weber (2004, p 128), Wesley

[...] ressaltou que quem não realiza boas obras bom crente não é [e os metodistas desde sempre enfatizaram que da Igreja oficial da Inglaterra eles se diferenciavam, não pela doutrina, mas pela maneira de mostrar devoção [...]] e com isso a mudança do fiel era apresentada como sinal inequívoco da regeneração].

Weber (2004) apresenta como Wesley foi influenciado pelo pietismo de Spener e Zinzendorf, especialmente através da valorização das boas obras como evidência da conversão e no estabelecimento dos pequenos grupos, mas com importantes reservas que diferenciavam a doutrina wesleyana do pietismo, especialmente, limitando os aspectos emocionais da religião que Wesley criticou como sendo influências místicas sobre o pietismo. Em suma, ao contrário do que ocorria com os calvinistas que rejeitavam qualquer aspecto sentimental na sua doutrina, a emoção teve um importante peso tanto no pietismo quanto no movimento desencadeado por Wesley, embora este último o tenha limitado em sua doutrina.

Os pequenos grupos, influenciados pelas tradições pietista e wesleyana, tornaram-se um movimento adotado por igrejas batistas no Brasil. Embora sua consolidação no contexto contemporâneo esteja mais associada às igrejas pentecostais, os batistas brasileiros acolheram e adaptaram essa prática em suas comunidades, conforme suas raízes doutrinárias e denominacional.

Para Weber, tanto os pietistas quanto os metodistas careciam de coerência teológica em suas doutrinas, tendo se apropriado seletivamente de elementos da teologia calvinista, como a ideia da perfeição cristã e das boas obras realizadas com vistas à honra de Deus, mas sem fundamentá-las devidamente. De acordo com o autor, nestes pontos doutrinários contraditórios, Spener tratou mais de descrever a doutrina de forma imprecisa, embora essencialmente luterana, do que fundamentá-la (Weber, 2004, p. 120-121).

Wesley agiu de maneira semelhante, apropriando-se de elementos tanto da doutrina calvinista quanto da prática pietista, mas sem a devida fundamentação, o que dá um aspecto de incoerência doutrinária com o corpo da sua tradição. O sentimentalismo tomado por Wesley como empréstimo dos pietistas serviu-lhe para o diálogo com as massas populares, como coloca Weber (2004, p. 127):

O incontestável parentesco que, apesar de todas as diferenças, o metodismo tem com certas correntes do pietismo alemão revela-se antes de tudo no fato de que essa metódica fosse usada especialmente para provocar o ato sentimental da “conversão”. E de fato, uma vez que o metodismo se pautou desde o início pela missão entre as massas, nele a sentimentalidade – e nisto John Wesley teve influências huterianas – assumiu forte caráter emocional, especialmente em solo americano.

Rivera (2010, p. 137) afirma que “o protestantismo chegou à América Latina já atingido pelo movimento pietista do século XVIII e pelo emocionalismo dos grandes avivamentos religiosos ocorridos na Inglaterra e posteriormente nos Estados Unidos”. Considerando que o pietismo é anterior ao metodismo, podemos inferir do pensamento do autor que o avivamento wesleyano é uma das influências propulsoras para a expansão do protestantismo na América

Latina, tendo um forte componente emocional que acabou culminando no desdobramento do movimento pentecostal latino-americano.

A ênfase no sacerdócio universal de todos os cristãos através do incentivo ao protagonismo de lideranças leigas faz com que o movimento de pequenos grupos em denominações protestantes históricas como os batistas da CBB se assemelhe ao modelo de expansão das igrejas pentecostais. Daí o rápido crescimento experimentado por algumas destas igrejas que aderem ao movimento de pequenos grupos.

Em seu livro *Tradição, transmissão e emoção religiosa* (2010), Rivera afirma que o protestantismo latino-americano precisou se adaptar à cultura e ao povo local para poder permanecer, o que o fez perder muito da sua tradição. A principal mudança esteve relacionada ao apelo emocional que culminou no pentecostalismo.

A Bíblia e a tradição parecem ter perdido espaço no contexto latino-americano, como informa o autor. Isto para atender às demandas urgentes de uma sociedade pouco letrada e em transformação, que ansiava por respostas para o seu dilema social. Por outro lado, o sentimento religioso se fortaleceu, estruturando e adaptando a religião protestante à realidade brasileira, promovendo uma releitura da tradição e do discurso fundador, contextualizada com as necessidades do povo.

Diante das transformações da sociedade contemporânea – marcadas pelo avanço tecnológico, pelo aumento da violência urbana e pela crescente desconfiança em relação à religião institucionalizada – os pequenos grupos emergem como uma estratégia de entrada e permanência na igreja. A adoção desse modelo representa uma forma de adaptação da instituição religiosa às transformações da sociedade hodierna, uma vez que, como destaca Rivera (2010, p. 136), “toda mudança social tem implicações na transmissão religiosa. Quanto maior é a velocidade de transformação social, maior deve ser a capacidade de adaptação da religião”. Contudo, essa mudança não ocorre de forma aleatória. Ela possui uma espacialidade religiosa estruturante, expressa nas representações simbólicas e nas dinâmicas do pensamento religioso (Pereira, 2014, p. 169).

Esse novo cenário contrasta com práticas evangelísticas mais comuns em décadas passadas, quando era habitual a realização de cultos ao ar livre, em praças, ruas e esquinas, bem como passeatas e conferências missionárias públicas. Nessas ocasiões, fiéis entregavam folhetos, entoavam cânticos e se reuniam em multidões para ouvir pregadores. Um exemplo marcante desse modelo de evangelização é o do pastor batista norte-americano Billy Graham, cuja atuação atraiu grandes públicos às ruas e resultava frequentemente em numerosas conversões à fé protestante.

Atualmente, embora ainda ocorram cultos públicos em espaços abertos, observa-se uma diminuição significativa dessas práticas, paralelamente ao crescimento de encontros menores realizados nas casas. Nesse novo contexto, como estratégia proselitista, os pequenos grupos – conduzidos por líderes leigos e reunidos semanalmente em ambientes domésticos e informais – parecem ser uma alternativa mais viável para atrair e fidelizar fiéis.

A desconfiança dos descrentes e o preconceito para visitar uma igreja evangélica talvez sejam fatores para o pouco sucesso da evangelização nas ruas. É mais fácil participar de uma reunião informal na casa de um amigo do que aceitar um convite de um desconhecido para participar de um culto na praça pública ou em uma igreja.

A estratégia de evangelização por meio dos pequenos grupos, segundo Carvalho (2016, p. 60-61), segue quatro etapas: conquistar a amizade da pessoa, integrá-la ao grupo, conduzi-la à fé em Jesus e, por fim, à igreja. Diante de escândalos envolvendo denominações e líderes religiosos noticiados na mídia, muitos descrentes têm demonstrado desconfiança em relação à igreja institucional. Por outro lado, se o convite parte de um amigo, para participar de uma reunião em sua casa, a probabilidade de que este convite seja aceito é maior.

Dessa forma, muitas igrejas têm reconhecido o protagonismo dos leigos nos pequenos grupos como uma estratégia eficaz de evangelização nos dias atuais. Por isso, investem no discipulado individualizado, no qual cada membro do grupo é acompanhado de perto por seu líder. Esses líderes, por sua vez, são acompanhados por supervisores, que respondem a coordenadores, até chegar aos pastores e, por fim, ao pastor presidente da igreja (Tunala, 2014, p. 62) – formando uma rede de relacionamentos orientada e sustentada pelo discurso religioso.

Na linguagem dos adeptos dos pequenos grupos, o discipulado consiste em formar no discípulo o caráter de Cristo, o que é praticado no contexto das relações sociais por meio dos pequenos grupos, conforme explica Mazzeo (2020, p. 38). Citando Castellanos (2019, p. 18), o autor afirma que, para os defensores desse modelo, um pequeno grupo saudável é aquele que apresenta dois elementos fundamentais: a presença divina e a formação do caráter de Cristo no discípulo. Com esses elementos, o grupo tende a se multiplicar.

Outra vantagem dos pequenos grupos é a facilidade com que se inserem em prédios e condomínios, locais onde o acesso de não moradores costuma ser restrito, dificultando a prática da evangelização convencional. No entanto, nada impede que um cristão residente nesses espaços promova uma reunião religiosa em sua própria casa e convide outras pessoas de sua convivência. Soma-se a isso o fator da violência urbana e, em alguns casos, a distância da igreja, elementos que podem desestimular a participação de visitantes, sobretudo quando se trata de um primeiro contato com a comunidade de fé. Em contrapartida, os pequenos grupos podem

ser organizados em qualquer bairro ou região, o que permite que a igreja – representada pelos membros do grupo – vá ao encontro das pessoas, invertendo a lógica anterior centrada na atração ao templo. Nessa nova dinâmica, a aproximação ocorre por meio de um amigo próximo, o que reduz tanto a distância geográfica quanto a relacional.

3.2 OS PEQUENOS GRUPOS NA TRADIÇÃO BATISTA

Os pioneiros do movimento de pequenos grupos no protestantismo contemporâneo são de origem pentecostal. Eles criaram os primeiros passos para o movimento dos pequenos grupos entre as igrejas protestantes. A partir deles outras tradições cristãs passaram a adaptar o modelo aos seus próprios contextos institucionais e religiosos. Os batistas brasileiros começaram a usar este modelo oficialmente só a partir do século XXI, embora algumas igrejas locais já tivessem aderido antes disso.

Embora o movimento contemporâneo de pequenos grupos tenha raízes em tradições pentecostais, os batistas preferem justificar a utilização do modelo com base nos ensinamentos bíblicos. Segundo os adeptos da visão de pequenos grupos, eles não estão introduzindo algo novo, mas apenas resgatando práticas e princípios bíblicos que foram gradualmente esquecidos pela igreja ao longo do tempo.

Igrejas históricas e tradicionais não são acostumadas a mudanças. Como afirma Rivera (2001, p. 138), o sistema religioso sempre irá privilegiar a preservação da tradição de origem e, quando isto não for possível, as tradições serão reinterpretadas para garantir a legitimidade. As religiões não gostam de mudança. Assim, devido às necessidades de transmissão e adaptação do sistema religioso, sempre que for possível, as religiões irão recorrer à ilusão da não-mudança.

Embora a Convenção Batista Brasileira (CBB) nunca antes tenha trabalhado com o modelo de pequenos grupos, a adoção destes é difundida como uma obediência ao discurso fundador. Nesse contexto, os pequenos grupos passaram a ser apresentados como um aperfeiçoamento dos antigos Núcleos de Estudos Bíblicos (NEBs), uma estratégia de evangelização empregada pela CBB na década de 1980 (Brandão, 2014, p. 73). Semelhante aos pequenos grupos nos dias de hoje, os NEBs foram institucionalmente legitimados como uma prática antiga, fundamentada na Bíblia, conforme apresentado pelo seguinte texto da década de 1980:

O Programa NEBs constitui-se um dos mais urgentes métodos para desenvolvimento das nossas igrejas. Não por ser um método novo, visto que foi amplamente usado pela Igreja Primitiva, como podemos perceber em passagens bíblicas como Atos 5:42, 8:3, 10:24; Romanos 16:15; 1 Coríntios 16:19; Colossenses 4:15 e Filemom 2. Trata-se, pois, não tanto de uma inovação, mas da recuperação de um programa muito bem sucedido no passado e que, uma vez adaptado ao contexto da sociedade moderna, satisfaz plenamente as necessidades do presente. (Novaes, 1988, p. 10,11 *apud* Tunala, 2014, p. 21)

É importante salientar que no mesmo período em que a convenção transmitia para as igrejas batistas o trabalho com os NEBs, um modelo específico de pequenos grupos, chamados células, estava sendo difundido no Brasil entre as igrejas protestantes através de líderes vinculados ao pastor colombiano César Castellanos, criador do modelo G12²⁷. Rene Terra Nova, então pastor batista na Bahia, tornou-se um dos discípulos de Castellanos e um dos principais divulgadores do modelo no país, desligando-se da convenção a partir disto (Mazzeo, 2020, p. 71). Além dele, outros pastores também aderiram à visão celular, enquanto o movimento pentecostal ascendia entre as igrejas batistas. Os NEBs foram uma maneira que a convenção encontrou naquele período para garantir maior eficácia evangelística da denominação através da comunhão nos lares frente²⁸ ao crescimento pentecostal.

Esse contexto de busca por um modelo eficaz de evangelização culminou, anos depois, na implantação oficial dos pequenos grupos nas igrejas batistas vinculadas à Convenção Batista Brasileira. O marco inicial ocorreu em outubro de 2014 através do Congresso Multiplique, realizado em Curitiba (PR). No mesmo ano, entre os dias 24 a 28 de janeiro, durante a 94ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira²⁹ em João Pessoa (PB), foram apresentados os primeiros livros e materiais voltados para o trabalho com os pequenos grupos, publicados pela

²⁷ O G12 é um modelo específico de pequenos grupos adotado por algumas igrejas, sendo uma adaptação do modelo sul-coreano de David Paul Yonggi Cho. Este modelo ao longo dos anos foi rejeitado pelos batistas e tem recebido várias críticas por focar unicamente no crescimento numérico das igrejas, utilizando para isto, de acordo com alguns críticos, técnicas empresariais (Carvalho, 2014; Mazzeo, 2020).

²⁸ Enquanto isto, outras denominações no Brasil e na América Latina, especialmente, ligadas à Teologia da Prosperidade, já trabalhavam com pequenos grupos ou células desde a década de 1980, adotando ensinamentos e métodos heterodoxos com práticas que se desviavam das tradições protestantes e denominações históricas, através de ensinamentos associados ao pentecostalismo e à teologia da prosperidade. Este foi um dos motivos que retardaram a adesão oficial do modelo entre os batistas. Alguns pastores temiam que os pequenos grupos, na época mais conhecidos como células, pudessem distorcer as doutrinas da igreja ou promover divisões. Ainda assim, outros líderes e igrejas adaptaram o modelo às realidades locais. A princípio, algumas igrejas enfrentaram divisões internas, resultando em cisões, enquanto outras adotaram o modelo de células sem maiores rupturas, embora alguns membros tenham deixado a comunidade (Miranda, 2018).

²⁹ A Assembleia da Convenção Batista Brasileira ocorre ordinariamente uma vez por ano em local e data predefinidos através da assembleia do ano anterior. Trata-se de uma reunião administrativa que geralmente dura vários dias, envolvendo toda a estrutura nacional da denominação, com membros provenientes de igrejas batistas de todas as regiões do país. Nestas assembleias são prestados os relatórios organizacionais e financeiros da administração, eleita a diretoria nacional e traçadas as metas para o ano seguinte.

Junta de Missões Nacionais (JMN)³⁰. Desde então, além das assembleias anuais, a convenção promove o Congresso Multiplique, que reúne “pastores, líderes, mentores, discípulos e cristãos de todo o país que entendem a necessidade de multiplicar corações contritos e ardentes no amor do Evangelho”³¹, conforme o sítio eletrônico do movimento Multiplique. Este movimento, ligado à estrutura da JMN, é apresentado como “um retorno aos princípios ensinados por Jesus e vividos de maneira simples e poderosa pela igreja do primeiro século”.

O primeiro congresso *Multiplique* foi realizado na Igreja Batista do Bacacheri, em Curitiba (Paraná), que já trabalhava com pequenos grupos desde 1999, contando com quinze anos de experiência. Algumas preleções deste congresso estão disponíveis na internet através do canal no Youtube do Multiplique TV³². No discurso de abertura, o então presidente da convenção, também pastor da igreja anfitriã, Pr. Roberto Silvado, fez uma preleção baseada em Lucas 9.28-36. Seu discurso enfocou os pequenos grupos como uma estratégia de liderança que levaria a igreja a um novo patamar adaptado aos novos tempos. Ele citou autores seculares norte-americanos que trabalham com o tema liderança, entre eles Stephen Covey, idealizador do modelo de liderança por princípios. A partir deste autor, o pastor apresentou uma mensagem que apontava para a necessidade de inovação, mudança e adaptação da liderança aos novos tempos. O pastor contextualizou o seu discurso, apresentando aos líderes presentes os desafios do mundo moderno, imerso em constantes mudanças e as dificuldades que o líder tem para responder com certa urgência aos desafios contemporâneos. O discurso apresenta a necessidade dos liderados terem certa autonomia para darem respostas rápidas, quando estas forem solicitadas, pois nem sempre será possível acessar o líder, devido à urgência das mudanças e das necessidades que se apresentam. Então, o liderado precisa ter uma resposta frente às mudanças e desafios com que se depara constantemente. Citando Stephen Covey, o pastor afirma que os liderados terão esta resposta se forem formados por uma liderança baseada em princípios.

A ideia da liderança por princípios é:

[...] colocar princípios no coração e na mente das pessoas e depois na cultura delas, permeando e afetando todas as outras relações. Isso é o que tem força e viabilidade permanente, pois dá às pessoas que estão no comando, aos corações e almas um senso de direção. (Congresso [...], 2016, 6min 32s)

³⁰ A Junta de Missões Nacionais é a agência missionária da CBB responsável pela expansão da denominação no território brasileiro. Esta agência é um instrumento de cooperação entre as igrejas para plantação de novas igrejas, envio e sustento de missionários, treinamento e gestão de projetos missionários em solo nacional. A divulgação do modelo de pequenos grupos adotado pela denominação através da JMN significa que a denominação adotou este modelo principalmente como uma estratégia de expansão e plantação de novas igrejas.

³¹ Disponível em: <https://missoesnacionais.org.br/multiplique/>. Acesso em: 07 out. 2024.

³² Disponível em: <https://www.youtube.com/@IgrejaMultiplicadora>. Acesso em: 14 out. 2024.

Assim, para o modelo de igrejas em pequenos grupos adotado pela CBB, a formação de líderes é algo central e a liderança baseada em princípios seria a base deste modelo (Freitas, 2016). Esta base, de acordo com o pastor, seria o ponto fixo em um mundo de constantes transformações. Neste sentido, a liderança em pequenos grupos exige uma boa dose de autonomia concedida pelo pastor aos líderes dos pequenos grupos e estes por sua vez o concedem aos membros dos pequenos grupos. Pela própria dinâmica do movimento de pequenos grupos, a maioria da liderança é leiga, sendo formada na própria igreja em turmas especiais de formação de líderes³³.

Toda esta dinâmica dos pequenos grupos que é justificada pelo discurso religioso como uma volta aos princípios bíblicos do novo testamento, é apresentada pelo pastor em sua preleção como uma estratégia desafiadora³⁴ de crescimento eclesial, mas não apenas isto como também um compartilhamento do pastoreio através do cuidado de uns para com os outros, transformando a cultura de missão e discipulado cristão da denominação. Esta mudança cultural do fazer missionário e do discipulado cristão, atingindo um maior número de fiéis, formando líderes leigos, resultaria em um maior impacto da igreja na sociedade, e teria como consequência a expansão da denominação através da plantação de novas igrejas. Esse processo culmina na criação de novas formas de organização e vivência religiosa dentro da denominação, promovidas pelo modelo de pequenos grupos e fundamentadas na busca de princípios normatizados por uma interpretação do discurso fundador, e que, de modo implícito, também mantêm o propósito proselitista já mencionado anteriormente.

Baseado no texto bíblico de Lucas 9.28-36, o pastor trouxe uma mensagem enfatizando a necessidade de mudança, saída do gueto evangélico, que ele chama de “síndrome da tenda” em alusão ao momento da transfiguração de Jesus. Segundo relato bíblico, Jesus subiu ao monte com Pedro, Tiago e João e apresentou-lhes seu rosto luminoso. Nesta ocasião, apareceram-lhes Elias e Moisés, personagens importantes na história dos hebreus no Antigo Testamento. Neste momento, Pedro propôs fazer ali três tendas para permanecerem. Segundo o Evangelho, Pedro “não sabia o que falava”. O pastor declara que isto ocorreu porque num ministério de serviço não se deve permanecer na tenda, mas sim descer do monte para servir às pessoas em suas

³³ A estrutura de uma igreja batista que adere ao modelo de pequenos grupos sofre alterações para se adaptar ao objetivo principal que é a formação de novos discípulos através da ação evangelizadora por via de relacionamentos. Líderes leigos precisam ser preparados para conduzir os trabalhos com os grupos. Assim, abrem-se turmas de formação e aperfeiçoamento de líderes. A Escola Bíblica passa por uma reformulação no seu currículo, dando lugar a uma nova estrutura de ensino (Ferreira, 2015).

³⁴ No que diz respeito ao tema “desafio”, no próximo capítulo o leitor poderá perceber como as dificuldades do trabalho com os pequenos grupos são conformadas nas espacialidades dos membros e líderes, bem como compreenderá o papel estruturante do discurso religioso neste aspecto.

necessidades e que muitas vezes os fiéis querem permanecer no templo cultuando a Deus entre os irmãos e sem se importar com as pessoas de fora em suas necessidades. Daí ele declara que é necessário sair do gueto e superar a síndrome da tenda, pois as maiores necessidades não estão dentro do templo, mas sim fora dele (Congresso [...], 2016).

Assim, o pastor incentiva a construção de uma dinâmica comunitária onde o serviço religioso é entendido como uma expressão de obediência aos princípios bíblicos. No contexto do protestantismo brasileiro contemporâneo, onde muitas pessoas buscam a religião para atender a necessidades pessoais, o modelo de pequenos grupos propõe uma mudança de perspectiva. Nesse modelo, o ato de servir³⁵ é destacado como um dever essencial para qualquer membro que deseje viver de acordo com os preceitos da fé e cumprir a vontade de Deus (Moore, 2015, p. 59-67).

Ainda falando sobre a necessidade de mudança, o pastor cita uma experiência pessoal em que foi visitar uma igreja na Inglaterra em 1995 e que na ocasião comentava com uma senhora idosa daquela igreja sobre o fato da liturgia ser sempre a mesma, pois em sua segunda visita àquela igreja, o pastor observou que só havia mudado o texto bíblico, o hino e o sermão do pastor, pois o resto era tudo igual. Ele conta que, como resposta, aquela senhora sorriu para ele e disse “É isto o que eu gosto nessa igreja, pastor, porque a gente sempre sabe o que vem depois” (Congresso [...], 2016). O pastor conclui esta história, sinalizando que a mudança, embora nem sempre agradável, é necessária.

Não é de surpreender que o fato narrado tenha ocorrido na Europa, berço do Cristianismo e da Reforma Protestante. Segundo Rivera (2001, p. 138) o Protestantismo encontrado no Brasil é muito diferente daquele encontrado na Europa. O Protestantismo ao chegar ao Brasil precisou se adaptar às necessidades da sociedade local para poder garantir a sua sobrevivência e a mudança no culto protestante é um produto desta adaptação. Para Rivera (2001, p. 138):

Essas mudanças não resultam somente das preferências estéticas das lideranças ou da cultura do grupo religioso, mas não derivam somente da influência cultural dos leigos. A mudança no culto deve ser considerada principalmente como resultado da necessidade que toda religião tem de se adaptar à cultura e às exigências contemporâneas do grupo no qual pretende se reproduzir.

A mudança apresentada pelo pastor, embora seja uma necessidade de adaptação da denominação frente às dinâmicas sociais, é justificada como um retorno aos princípios bíblicos neotestamentários, ou seja, à vontade de Deus. A religião se adapta à modernidade,

³⁵ Com relação ao ato de servir, apresentado pelo discurso religioso como um dever de qualquer membro, emergiram algumas tensões nos discursos dos entrevistados, as quais são apresentadas no terceiro capítulo.

flexibilizando a formação de líderes e a estrutura tradicional dos cultos e apresenta esta mudança como algo ancorado na vontade de Deus através dos princípios bíblicos, fundamentados em uma interpretação do discurso fundador.

É importante salientar que o motor imutável da liderança apresentado pelo pastor, capaz de manter o “crescimento natural” e a “saúde” da igreja através dos líderes de pequenos grupos, são os “princípios bíblicos” que os liderados precisam ter em suas “mentes e corações”. De acordo com o pastor, estes princípios, baseados nas Escrituras, tem o objetivo de dar um senso de “missão e direção” aos liderados com o propósito de “viver uma vida que é mais do que fazer manutenção³⁶ do que já fazemos” (Congresso [...], 2016, 7min 39s). A fala do pastor sinaliza a necessidade de mudança na dinâmica da liderança institucional da denominação, buscando uma prática missionária coerente com a vocação espiritual dos líderes.

Entre os batistas brasileiros, o movimento de pequenos grupos surgiu por meio da liderança denominacional, como é comum nas instituições religiosas protestantes da atualidade. Este é um diferencial com relação aos movimentos pietista e metodista, tendo em vista que naquelas tradições o movimento começou entre os leigos. Mas uma importante semelhança entre estes movimentos é o fato de tanto na Idade Moderna quanto na contemporânea os seus líderes buscarem justificá-los através de passagens bíblicas como uma forma de volta aos princípios. O que concorda com a afirmação de Rivera (2001, p. 138) de que a religião, neste caso, o protestantismo não gosta de mudanças, mas, quando esta for necessária, ela sempre irá apresentá-la como uma reinterpretação da tradição a fim de garantir a ilusão da não-mudança.

Em sua exposição no evento de abertura do Congresso Multiplique, o Pastor Roberto Silvado citou uma mudança que ocorreu na programação semanal da sua igreja após a implantação dos pequenos grupos. De acordo com o pastor, o culto de oração que ocorria nas quartas-feiras era bastante frequentado antes da implementação dos pequenos grupos, mas com a inclusão dos grupos na programação semanal da igreja, passou a ter cada vez menos gente. Isto seria justificado, de acordo com o pastor, pelo fato de que, semanalmente, cerca de seiscentas pessoas já se reuniam em oração através dos pequenos grupos, o que representava um número bem maior do que os antigos participantes dos cultos de oração das quartas-feiras. Com o passar do tempo, o culto de oração deixou de existir devido à evasão dos fiéis. O pastor contou que, alguns anos mais tarde, a membresia da igreja sentiu a necessidade de ter

³⁶ Barro (2013) usa o termo “pastoral da manutenção” para designar as atividades realizadas pela liderança eclesiástica com o objetivo exclusivo de preservar o *status quo*. De acordo com o autor, essa abordagem, ao se afastar do chamado espiritual para priorizar o chamado institucional, constitui um desvio do propósito missionário da igreja.

novamente um culto de oração onde reuniriam as pessoas para orar na igreja pelos enfermos, oprimidos espirituais e por pessoas com problemas diversos. Então surgiu novamente o culto de oração, mas com um novo nome: culto de cura e libertação. O pastor falou o nome do culto com certa ironia, pois não é comum este nome de culto em igrejas batistas, mas finalizou, informando que o culto era tranquilo, pois “crentes batistas não fazem bagunça em culto de cura e libertação” (Congresso [...], 2016, 42min 02s).

Os pequenos grupos, em sua origem associados a um movimento que buscava um contato mais próximo com Deus, cultivando o lado sentimental da religião, potencializa hoje o movimento de valorização da experiência do cristão no contexto da sua espiritualidade, aproximando-o da experiência pentecostal e transformando os cultos historicamente construídos na tradição batista, o que representa uma aproximação em termos eclesiais e litúrgicos de diferentes tradições cristãs que fazem uso do método de pequenos grupos.

Ter em sua programação um culto denominado de “cura e libertação” não é razão suficiente para declarar que uma igreja é pentecostal, mas a origem do termo “cura e libertação” vem da tradição pentecostal, embora hoje seja um termo utilizado entre os batistas históricos tanto quanto por igrejas pentecostais e neopentecostais. Entre os batistas, este termo é uma inovação, assim como também é a flexibilização ou extinção das escolas bíblicas dominicais, o fim do culto de doutrina, o fim das organizações históricas como as mensageiras do rei e os embaixadores do rei³⁷, o surgimento das reuniões de mentoreamento e das escolas de líderes.

Algumas mudanças já vinham ocorrendo em igrejas batistas antes da implementação dos pequenos grupos, que apenas aceleraram este processo. Por exemplo, muitas igrejas haviam deixado de realizar a Escola Bíblica Dominical ou cultos de doutrina, enquanto outras nunca tiveram organizações como Mensageiras do Rei ou Embaixadores do Rei. Com o avanço dos pequenos grupos, surgiram reuniões de discipulado entre líderes e encontros voltados à formação de novos líderes, além de atividades, como, visitas, lazer e ações comunitárias. Essas novas práticas acabaram competindo com as atividades tradicionais, que acabaram sendo extintas ou adaptadas. A principal razão foi a dificuldade em conciliar a liderança dos pequenos

³⁷ As Mensageiras do Rei e os Embaixadores do Rei são organizações missionárias batistas destinadas a meninas de 9 a 16 anos e meninos de 9 a 17 anos, com o objetivo de promover o discipulado, o ensino bíblico, a comunhão cristã e o evangelismo. Essas organizações, presentes no Brasil desde a década de 1940, tiveram um papel significativo na formação espiritual de crianças e adolescentes. No entanto, vêm gradualmente perdendo espaço para modelos mais recentes, como os pequenos grupos, que oferecem maior flexibilidade e se adaptam melhor às demandas da realidade contemporânea. Disponíveis em:
<https://www.embaixadoresdorei.org/historia-sobre-embaixadoresdorei.html>
e [https://www.ufmbb.org.br/mensageiras-do-rei-1#:~:text=Mensageiras%20do%20Rei%20%C3%A9%20uma,a%2016%20anos%20\(adolescentes\)](https://www.ufmbb.org.br/mensageiras-do-rei-1#:~:text=Mensageiras%20do%20Rei%20%C3%A9%20uma,a%2016%20anos%20(adolescentes).). Acesso em: 21 nov. 2024.

grupos com o nível de comprometimento exigido pelas programações da estrutura anterior, devido à limitação de tempo e disponibilidade de dias.

O principal agente dessas mudanças é o novo enfoque adotado pelo discurso religioso e institucional das igrejas que seguem o modelo de pequenos grupos. Esse enfoque baseia-se em uma interpretação do discurso fundador orientada para o crescimento por meio da formação de líderes leigos, do serviço voluntário e da evangelização por meio dos relacionamentos, através das reuniões semanais realizadas nas casas dos fiéis.

O Congresso Multiplique foi um divisor de águas para os batistas brasileiros no que tange à quebra do preconceito (Freitas, 2016, p. 32) com relação às células que, na tradição batista, passaram a ser oficialmente denominadas pequenos grupos multiplicadores (PGMs), embora algumas igrejas locais mantivessem a denominação “células”. Estes grupos se tornaram uma ferramenta para o crescimento das igrejas através do evangelismo e do discipulado, especialmente, nas casas. Os antigos NEBs passaram então a ter uma continuidade a partir da formação de lideranças e da multiplicação do núcleo original.

Os pequenos grupos parecem representar a mais recente adaptação metodológica do protestantismo latino-americano às demandas da sociedade contemporânea. Influenciados pelos movimentos pietista e metodista – precursores do pentecostalismo —, esse modelo guarda relação com a tradição pentecostal. Diante do crescimento do pentecostalismo e dos desafios impostos pelo mundo atual, denominações protestantes, como os batistas, têm buscado se renovar para evitar a estagnação. Embora esse processo ocorra de forma mais lenta e gradativa, ele está em curso.

Nessa perspectiva, a rigidez do protestantismo clássico implicou sua estagnação. O ritmo de mudança das sociedades também deve ser considerado. As sociedades latino-americanas que o protestantismo encontrou na sua chegada eram mais estáveis. Hoje, as transformações são cada vez mais rápidas (Rivera, 2001, p. 136).

3.3 FAZER DISCÍPULOS ONTEM E HOJE

Os batistas brasileiros, como uma denominação cristã evangélica, acreditam que são portadores de uma importante mensagem de Deus para o mundo e assumem o propósito de levar essa mensagem a outras pessoas. De acordo com a Declaração Doutrinária da Convenção Batista (2024),

[...] a Bíblia é a Palavra de Deus em linguagem humana. É o registro da revelação que Deus fez de si mesmo aos homens. Sendo Deus seu verdadeiro autor, foi escrita por homens inspirados e dirigidos pelo Espírito Santo. Tem por finalidade revelar os

propósitos de Deus, levar os pecadores à salvação, edificar os crentes e promover a glória de Deus.

Nesse contexto, os pequenos grupos, como parte da estrutura da igreja evangélica batista, tornam-se um importante instrumento para que a denominação cumpra a sua vocação. Desde sua origem, os batistas têm se visto incumbidos dessa missão em todos os países onde estão presentes. Por meio dos pequenos grupos, eles acreditam estar resgatando princípios do cristianismo primitivo, como a vivência comunitária nas igrejas domésticas, o exercício do sacerdócio universal de todos os cristãos e a obediência à ordem de Jesus de fazer discípulos. Assim, membros convidam amigos a participarem dos grupos, fortalecendo a atividade missionária da denominação.

Essa dinâmica, voltada à expansão da fé e ao acolhimento de novos participantes, pode ser compreendida, sob uma perspectiva acadêmica, como uma forma de proselitismo religioso. O termo proselitismo, embora por vezes carregado de conotações negativas, refere-se à prática de buscar adesão de novos membros a uma fé ou sistema de crença (Coelho Neto, 2023). No contexto da presente dissertação, ele é utilizado para descrever estratégias religiosas de aproximação e convencimento, fundamentadas numa interpretação do discurso fundador.

Para o cumprimento deste propósito, o método de pequenos grupos tem se mostrado eficaz em várias igrejas batistas brasileiras, como veremos a seguir a partir de informações divulgadas por estas mesmas igrejas em seus sítios eletrônicos ou publicações institucionais. Um exemplo de crescimento significativo é a Igreja Batista Central de Belo Horizonte (IBCBH), que adotou o modelo de pequenos grupos antes mesmo da oficialização pela convenção e se tornou uma referência, inclusive, fora da denominação batista.

A Igreja Batista Central de Belo Horizonte³⁸ foi fundada em 1961 com 89 membros. Inicialmente estruturada nos moldes tradicionais, a igreja contava com cerca de 300 membros após quarenta anos da sua fundação. No início dos anos 2000, sob a liderança do Pr. Paulo Mazoni, a igreja começou sua transição para o modelo de pequenos grupos. Em 2023, 23 anos após essa mudança, a igreja já reunia quase 23 mil membros participando semanalmente dos pequenos grupos.

Anualmente, a Igreja Batista Central tem crescido por meio desse modelo, plantando novas igrejas e treinando pastores na visão de pequenos grupos, tanto entre batistas quanto em

³⁸ Dados obtidos através do sítio eletrônico da igreja. Disponível em: <https://www.dropbox.com/scl/fo/mmuaar83cpcr0m47aqpog/AD1mprU63SRXA5t7onYiJkE?rlkey=2cmajkh2g2vxk6dmjbcjodds&e=1&dl=0>. Acesso em: 9 nov. 2024.

outras denominações. Seu sucesso atrai pastores de diversas partes do mundo, que vêm conhecer o método implementado pela liderança da igreja.

Outros exemplos de crescimento apresentados por Carvalho (2016, p. 125-134) reforçam o impacto desse modelo. Um casal de líderes leigos se mudou para a cidade de Cláudio, no interior de Minas Gerais, em 2012, e iniciou um pequeno grupo em sua residência. Em 2015, já havia 12 pequenos grupos com 120 participantes, um crescimento notável, especialmente, considerando que o casal não era formado em teologia e nem são pastores.

Outro exemplo é o de um deficiente visual, casado, formado em História pela UFMG e estudante de Teologia, que começou um pequeno grupo com sua esposa em 2013, também em Minas Gerais. Dois anos depois, o grupo inicial havia se expandido para 13 pequenos grupos, com uma igreja emergente de quase 100 pessoas.

Um terceiro caso envolve um casal, cujo marido, pastor, foi transferido de Vitória/ES para Macaé/RJ pela empresa em que trabalhava. Em 2012, eles começaram um pequeno grupo com 15 pessoas, entre colegas de trabalho e vizinhos. Após um ano e meio já haviam fundado uma igreja com 80 membros e oito pequenos grupos.

Carvalho (2016) apresenta ainda outros exemplos de crescimento tanto no Brasil quanto no exterior. Alguns desses líderes integraram atividades sociais em seus pequenos grupos para apoiar as comunidades locais. Todos esses exemplos foram inspirados pelo modelo de pequenos grupos da Igreja Batista Central de Belo Horizonte, que oferece orientação, formação e suporte para igrejas de diferentes denominações. A liderança acredita que assim está cumprindo o seu propósito divino para a expansão do Reino de Deus.

O movimento de pequenos grupos não exige uma formação teológica para que um líder possa iniciar o trabalho com o grupo. Mas a liderança de um pequeno grupo requer habilidades muito semelhantes ao que um pastor faz nos bastidores: aconselha, visita, ensina, treina, evangeliza, etc. Pelo fato de ser uma liderança exercida em grande parte nos bastidores, a maioria das pessoas que não estão habituadas a grandes públicos estão disponíveis a exercê-la.

Uma das razões do sucesso do crescimento dos pequenos grupos está justamente neste trabalho voluntário e de bastidores que é exercido pelos líderes e pelos membros do grupo, que encaram esta função como um chamado divino, como será demonstrado a partir da análise dos discursos dos fiéis no terceiro capítulo. Esses indivíduos são pessoas comuns, donas de casa, comerciantes, profissionais liberais, professores, estudantes, servidores públicos, militares, empresários, etc., que conduzem as reuniões dos pequenos grupos durante os seus horários livres, preparam novos líderes e ainda dedicam tempo para discipular novos líderes, participam de treinamentos que podem ocorrer na igreja ou em outro local.

Essas pessoas encontram propósito ao ver seu grupo se multiplicar, acolhendo novas pessoas que passam a se envolver no trabalho e, eventualmente, tornarem-se líderes. Quando um pequeno grupo se multiplica, ele recomeça e novos desafios surgem, como, atrair novas pessoas e treinar novos líderes. Para enfrentar esses desafios, os líderes contam com uma rede de apoio chamada Grupos de Discipulado (GDs), espaços nos quais compartilham estratégias, traçam metas e se apoiam mutuamente sob a liderança de um supervisor (Carvalho, 2016, p. 95-101; Salgado, 2017, p. 71-73).

Nos Grupos de Discipulado (GDs), reúnem-se tanto líderes experientes quanto novos líderes que assumiram essa função após a multiplicação dos pequenos grupos. O terceiro capítulo apresentará características dessas e de outras relações entre os membros de pequenos grupos, conforme emergiram nos discursos dos fiéis, buscando compreender de modo mais aprofundado as dinâmicas e tensões presentes em suas vivências e subjetividades. Para a análise das sociabilidades presentes nos pequenos grupos foi utilizada a teoria de Carl Rogers (2009) sobre uma relação social saudável.

3.4 RELAÇÃO SOCIAL SAUDÁVEL

Carl Rogers (1902-1987) nasceu e cresceu em um lar protestante. Teve uma educação familiar afetuosa, mas na qual reinava uma atmosfera religiosa e moral muito estrita e intransigente: nada de álcool, de danças, de jogos de cartas ou de espetáculos (Rogers, 2009, p. 5-6). Quando adulto, mesmo tendo se afastado desde jovem da prática religiosa para a qual foi educado, a herança da sua educação normativa continuava exercendo involuntariamente fortes influências sobre pequenas escolhas, como, sobre o que beber (Rogers, 2009, p. 6). Tão profunda fora a educação religiosa dada pelos seus pais que permaneceu ecoando em seu pensamento ao longo da vida adulta. Talvez este tenha sido um dos motivos para a sua busca pelo entendimento sobre como se estruturaria uma relação social que estivesse longe de qualquer julgamento moral (Rogers, 2009, p.39).

Carl Rogers afirma que emancipou-se da atitude religiosa dos seus pais a partir de uma viagem que fez à China em 1922 junto com outros estudantes norte-americanos para participar de um congresso internacional de estudantes cristãos. Naquela ocasião ele passou a refletir sobre como é que pessoas sinceras e honestas podiam acreditar em doutrinas religiosas muito divergentes. A partir deste pensamento e considerando os seis meses que passou no Oriente, longe da influência familiar, o autor afirma que houve uma ruptura entre o seu pensamento e o dos seus pais, o que considera que foi a sua emancipação religiosa, responsável pela sua

independência de pensamento (Rogers, 2009, p.8). Desta forma, passou a se interessar por questões relacionadas ao sentido da vida e à possibilidade de uma melhoria construtiva da vida do indivíduo, mas sem ser influenciado por uma doutrina religiosa. Antes decidido a seguir uma vocação pastoral, o autor afirma que passou a buscar um campo onde a sua liberdade de pensamento não sofresse restrições, o que o fez interessar-se pela psicologia (p. 9-10).

Mas mesmo na Psicologia da época, cujos interesses se poderiam indicar através de termos, como, estímulo-resposta, teoria da aprendizagem, condicionamento operante, comprometida em ver o indivíduo unicamente como um objeto (Rogers, 2009, p. XXI), as ideias de Carl Rogers, com uma abordagem centrada na pessoa, a princípio foram subestimadas e somente depois obtiveram o reconhecimento merecido e vieram a se tornar um dos pilares da psicologia humanista (Rogers, 2009, p.14). Rogers procurava ver o ser humano de maneira distinta da maioria dos psicólogos da sua época, para os quais o indivíduo era meramente um objeto (Rogers, 2009, p. XXI-XXII). Por este motivo seus estudos tornaram-se relevantes em pesquisas com abordagens fenomenológicas das mais diversas áreas do conhecimento.

Nesta pesquisa, voltada para a compreensão sobre como se estruturam as relações sociais entre membros e líderes de pequenos grupos, bem como das espacialidades que emergem desses processos, a contribuição de Carl Rogers é central. Seu conceito de relação social saudável permite identificar tensões e incongruências nas sociabilidades religiosas. Essa análise se articula ao arcabouço teórico dos professores Sylvio Fausto Gil Filho e Clevisson J. Pereira, especialmente quanto à análise das espacialidades estruturantes e estruturadas, baseada na Filosofia das Formas Simbólicas de Ernst Cassirer. A integração dessas abordagens possibilita caracterizar as relações sociais nos pequenos grupos e compreender como o conhecimento religioso contribui para a produção de espacialidades e comportamentos espaciais.

Carl Rogers enfatiza três condições essenciais para o estabelecimento de relações sociais saudáveis. Segundo afirma, estas condições manifestaram-se em suas atividades e convicções íntimas muito antes dele ter tomado consciência delas, sendo depois validadas e aperfeiçoadas através da pesquisa científica. São elas: a genuinidade, a aceitação e a compreensão (Rogers, 2009, p. 18). Vejamos a seguir como são apresentadas:

3.4.1 A genuinidade

Descobri que quanto mais conseguir ser genuíno na relação, mais útil esta será. Isso significa que devo estar consciente de meus próprios sentimentos, o mais que puder, ao invés de apresentar uma fachada externa de uma atitude, ao mesmo tempo em que mantenho uma outra atitude em um nível mais profundo ou inconsciente. (Rogers, 2009, p. 37-38)

A genuinidade valoriza a realidade na relação. Para o autor, não é produtivo esconder sentimentos, mantendo uma atitude de fachada – agindo de uma maneira na superfície, enquanto se sente algo completamente diferente em seu interior. Ele afirma que a falta de genuinidade consiste em uma reação de defesa, quando a pessoa se comporta de certa maneira, num nível superficial, ao passo que na realidade os seus sentimentos seguem numa direção contrária (Rogers, 2009, p. 19-20,60).

A genuinidade envolve não apenas ter consciência dos seus próprios sentimentos, mas também estar disposto a ser e expressar por meio das suas palavras e do seu comportamento os vários sentimentos e atitudes que se possui (Rogers, 2009, p. 38). Rogers também chama esta atitude de congruência e transparência (Rogers, 2009, p. 59-60). De acordo com o autor, esta condição contribui significativamente não apenas na relação de ajuda, mas também no desenvolvimento pessoal, embora não seja uma tarefa fácil de ser realizada:

Ora, aceitar ser o que sou, nesse sentido, e tornar possível que outra pessoa o veja, é a tarefa mais difícil que conheço e que nunca está completamente terminada. Mas o simples fato de compreender que essa é a minha tarefa é extremamente enriquecedor, porque me ajuda a reconhecer o que estava errado nas relações interpessoais que se obstruíram e a dar-lhes novamente uma direção construtiva. Isto significa que, se desejo facilitar o desenvolvimento pessoal dos outros em relação comigo, então devo desenvolver-me igualmente e, embora isso seja muitas vezes penoso, é também fecundo. (Rogers, 2009, p. 60)

Desta forma, percebe-se que a genuinidade transmite segurança na relação pela realidade que ela proporciona. Neste aspecto, o indivíduo precisa saber ouvir e aceitar o que se passa em si mesmo. “Quanto mais ele for capaz de assumir a complexidade dos seus sentimentos, sem receio, maior será o seu grau de congruência” (Rogers, 2009, p. 71).

Outro ponto importante apresentado pelo autor diz respeito ao grau de autenticidade que o indivíduo pretende apresentar na relação pessoal, de forma que lhe dê segurança nesta relação, eliminando o risco de ameaça ou rejeição. Segundo afirma,

[...] comunicar plenamente a própria consciência de uma experiência relevante é um risco nas relações interpessoais. Parece-me que é o fato de assumir ou não esse risco que determina quando é que uma relação se torna cada vez mais reciprocamente terapêutica ou quando segue uma direção desintegradora. (Rogers, 2009, p. 400)

Para a resolução desta questão, aparentemente um dilema, o autor propõe que a autenticidade na comunicação seja de acordo com a consciência daquilo que se está experienciando, ou seja, o grau de autenticidade variará a depender do contexto vivenciado. Quanto maior for esta autenticidade, mais verdadeira, congruente e saudável tende a ser a relação.

Essa compreensão da genuinidade como uma postura relacional, que envolve a disposição para correr riscos é especialmente relevante no contexto dos pequenos grupos. Nestes espaços, a qualidade das relações sociais depende, em grande medida, do quanto os participantes se sentem seguros para expressar seus sentimentos de forma autêntica, sem medo de julgamento ou rejeição.

Quando há genuinidade nas relações, os laços tendem a se fortalecer, gerando um ambiente propício à confiança mútua e ao crescimento pessoal. Por outro lado, quando prevalecem atitudes de fachada, moldadas por expectativas rígidas e padrões idealizados de comportamento, cria-se um ambiente defensivo, onde a autenticidade é reprimida, o que empobrece as relações sociais.

3.4.2 A aceitação

Se aceito a outra pessoa como alguma coisa definida, já diagnosticada e classificada, já cristalizada pelo seu passado, estou assim contribuindo para confirmar essa hipótese limitada. Se a aceito num processo de tornar-se quem é, nesse caso estou fazendo o que posso para confirmar ou tornar real as suas potencialidades. (Rogers, 2009, p. 65).

Para Carl Rogers, as potencialidades mais preciosas da vida estão no fato de reconhecer e aceitar as diferenças que separam os indivíduos, o direito que cada pessoa tem de utilizar a sua experiência da maneira que lhe é própria e de descobrir o seu próprio significado nela (Rogers, 2009, p. 24). Aceitação significa uma consideração afetuosa pelo outro enquanto uma pessoa de autovalia incondicional – de valor, independente de sua condição, de seu comportamento ou de seus sentimentos (Rogers, 2009, p. 38).

A aceitação não deve estar condicionada a determinados tipos de comportamentos ou sentimentos. Ela revela a existência de respeito e apreço pelo outro como uma pessoa separada, independente de quão negativos ou positivos possam ser os seus sentimentos ou as suas atitudes (Rogers, 2009, p. 38).

A não aceitação do outro mantém um distanciamento, uma reserva, caracterizada por uma relação que, quando houver, tenderá a ser impessoal. Já a aceitação proporcionada pela aproximação incondicional dá ao outro a possibilidade de que ele próprio reconheça que o lugar

do julgamento, o centro da responsabilidade, reside dentro de si mesmo (Rogers, 2009, p. 64-65). Carl Rogers denomina de “consideração positiva incondicional” esta postura não-possessiva dedicada à aceitação do outro. Trata-se de um sentimento positivo que se exterioriza sem reservas e sem avaliações (Rogers, 2009, p. 72).

Esta dinâmica é necessária para o desenvolvimento dos sujeitos, tendo em vista que qualquer resistência cria barreiras que impedem a auto-realização. O processo de aceitação se afasta da fixidez e evolui para a fluidez, para a possibilidade de mudanças. Nas palavras de Carl Rogers, o fluxo segue para “tentativas de construção, para a descoberta de um eu que se transforma numa experiência mutável, para a realidade e proximidade das relações” (Rogers, 2009, p. 75).

De acordo com o autor, “a consequência desse movimento é uma alteração na personalidade e no comportamento no sentido da saúde e da maturidade psíquicas e de relações mais realistas para com o eu, os outros e o mundo circundante” (Rogers, 2009, p. 77). Em um processo terapêutico, o sentimento de aceitação e respeito por parte do terapeuta tende a transformar-se em uma forma de admiração, à medida que ele testemunha a luta profunda e corajosa do cliente para tornar-se ele mesmo (Rogers, 2009, p. 95).

De modo semelhante, nas relações sociais cotidianas, é essencial valorizar o respeito e a autonomia do outro, reconhecendo que o processo relacional é autodirigido – ou seja, cada pessoa deve conduzir a própria vida com liberdade e responsabilidade, sem imposições ou interferências externas indevidas.

Essa perspectiva torna-se especialmente significativa no contexto dos pequenos grupos, nos quais ocorre o encontro de pessoas com histórias, necessidades e características distintas. A aceitação mútua entre os membros – independentemente de suas trajetórias, comportamentos ou posicionamentos – é uma importante condição para que o ambiente do grupo seja acolhedor, seguro e promotor de crescimento pessoal.

No terceiro capítulo, essa dinâmica será explorada com base nas características que emergem a partir dos discursos dos entrevistados, a fim de compreender como a aceitação é estruturada nas relações que ali se estabelecem.

3.4.3 A compreensão

Para Carl Rogers, a aceitação não significa muito até que esta envolva a compreensão (Rogers, 2009, p.38). De acordo com o autor, a nossa principal reação diante das atitudes de

outras pessoas é mais uma avaliação imediata do que uma tentativa de compreensão (Rogers, 2009, p. 21).

Segundo ele afirma, isto acontece porque a compreensão pode implicar um risco: Se me permito realmente compreender uma outra pessoa, é possível que essa compreensão acarreta uma alteração em mim. E todos nós temos medo de mudar. Por isso, como afirmei, não é fácil permitir a si mesmo compreender outra pessoa, penetrar inteiramente, completa e empiricamente no seu quadro de referência. É mesmo uma coisa muito rara. (Rogers, 2009, p. 22)

Como já discutido neste capítulo, a religião tende a resistir a mudanças. Toda mudança no aspecto religioso procura ser justificada através da tradição. Assim, se compreender para a religião representa algum tipo de ameaça ao pensamento religioso, emerge daí um ponto de tensão entre a necessidade do indivíduo de ser compreendido e a preservação da tradição religiosa. Esta questão será melhor trabalhada no próximo capítulo a partir das análises dos discursos dos entrevistados.

A compreensão, segundo Rogers (2009, p. 31), é um instrumento que move o indivíduo para frente e o ajuda a abandonar as falsas defesas que ele empregou para enfrentar a vida. O autor encara a vida como um processo que flui, que se altera e onde nada está fixo (Rogers, 2009, p. 32).

Nesse flutuar ao sabor da corrente complexa das minhas experiências, tentando compreender a sua complexidade em permanente alteração, torna-se evidente que não existem pontos fixos. Quando consigo abandonar-me completamente a esse processo, é claro que não pode haver para mim nenhum sistema fechado de crenças, nenhum campo imutável de princípios a que me agarrar. A vida é orientada por uma compreensão e por uma interpretação variáveis da minha experiência. A vida é sempre um processo de devir. (Rogers, 2009, p. 32)

Desta maneira, a compreensão de acordo com o autor, não está baseada em alguma crença ou princípios. Ele afirma que não pode fazer mais do que tentar viver segundo a sua própria interpretação da presente significação da sua experiência pessoal e tentar dar aos outros a permissão para desenvolver a sua própria liberdade interior, o que contribuiria para que atingissem uma interpretação significativa da sua própria experiência (Rogers, 2009, p. 32). Rogers afirma que, se existe uma verdade, este livre processo individual deveria convergir para ela.

Desta forma, segundo o autor, a compreensão precisa estar livre de qualquer tipo de avaliação moral ou diagnóstica, as quais ele considera ameaçadoras. O seu entendimento sobre a compreensão envolve ver o mundo do outro com os seus próprios olhos (Rogers, 2009, p. 39,72,415,416). Rogers lembra que este tipo de compreensão é extremamente raro. Geralmente, a compreensão que as pessoas estão mais habituadas a dar e a receber é aquela que julga do exterior. O autor lembra que a verdadeira compreensão consiste em compreender como o outro

se sente sem querer analisar ou julgar. Esta seria a compreensão que produz crescimento pessoal (Rogers, 2009, p. 73).

Carl Rogers ressalta a importância de que se dê completa liberdade de expressão simbólica ao indivíduo, pois esta liberdade o auxiliará a pensar, sentir, ser o que é no seu mundo mais íntimo:

Note-se que é uma liberdade completa da expressão simbólica que aqui se descreve. Nem em todas as circunstâncias é libertador o fato de se exprimirem no comportamento todos os sentimentos, impulsos e formas. O comportamento pode ser limitado em determinadas circunstâncias pela sociedade, e assim deve ser. Mas a expressão simbólica não tem necessidade de ser limitada. (Rogers, 2009, p. 417)

Neste ponto, pode haver uma tensão entre o pensamento de Carl Rogers e algumas tradições religiosas como os batistas. Isto decorre do fato de que o indivíduo religioso nem sempre é capaz de manifestar irrestrita liberdade simbólica, pois esta é frequentemente limitada, regulada ou mediada pelas normas, doutrinas e tradições da religião institucional à qual ele pertence. No caso dos batistas, o poder normativo decorre da interpretação do discurso fundador.

A reflexão de Carl Rogers é pertinente ao destacar a importância de se considerar a pessoa em seu processo de tornar-se (2009, p. XXII). Tal perspectiva reforça a necessidade de um olhar sensível à subjetividade dos indivíduos e à forma como a religião impacta as suas relações sociais.

No próximo capítulo, são apresentados os resultados da pesquisa de campo realizada com membros e líderes de pequenos grupos de duas igrejas batistas. Essa investigação permitiu compreender de forma mais aprofundada a estruturação das relações sociais dos fiéis que participam da dinâmica dos pequenos grupos em suas respectivas comunidades. A partir da análise das espacialidades estruturantes do fenômeno religioso, pôde-se evidenciar, por meio dos dados empíricos obtidos nas entrevistas com membros e líderes de pequenos grupos, a influência exercida pelo discurso fundador e pelo discurso religioso na conformação das espacialidades relacionais vivenciadas nos pequenos grupos.

4 ESPACIALIDADES DOS PEQUENOS GRUPOS

Neste capítulo, são apresentados o percurso metodológico da pesquisa de campo e os resultados alcançados. A pesquisa foi realizada com a participação de líderes e membros de pequenos grupos maiores de dezoito anos, pertencentes a igrejas batistas vinculadas à Convenção Batista Brasileira e à Convenção Batista Paraibana. Foram selecionadas duas igrejas com pequenos grupos em sua estrutura. Uma igreja está localizada na região metropolitana de João Pessoa e a outra está situada em uma pequena cidade do interior.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO

A igreja localizada no contexto interiorano é a única igreja batista da cidade. Segundo uma das entrevistadas, é popularmente conhecida como “a igreja do amor”, devido ao acolhimento oferecido às pessoas, independentemente de sua condição. Com cerca de 300 membros, está situada em um município com 7.750 habitantes e densidade demográfica de 198 hab/km², conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2022), o que indica que aproximadamente 4% da população municipal frequenta essa comunidade. De acordo com o pastor presidente, a igreja tem se destacado como espaço de eventos sociais – casamentos, formaturas, aniversários, velórios – exercendo papel relevante na vida da comunidade. Dada a notoriedade de sua liderança e sua visibilidade institucional, optamos por preservar o seu nome, atribuindo-lhe o codinome “Igreja do Amor”.

A igreja situada em área urbana possui aproximadamente seiscentos membros e localiza-se em uma região de alta densidade demográfica, com 3.970 hab/km². Embora haja outras igrejas batistas na cidade, esta se destaca como referência, especialmente no trabalho com pequenos grupos. Sua liderança, assim como a da “Igreja do Amor”, tem se empenhado em compartilhar essa visão com outras comunidades de fé, contribuindo para expandir a estratégia dos pequenos grupos através da mentoria de líderes de igrejas batistas e de outras denominações, promovendo encontros regulares com esse objetivo. Diversos entrevistados destacaram o caráter acolhedor da instituição, razão pela qual ela é identificada nesta pesquisa pelo codinome “Igreja Acolhedora”.

Foram realizadas entrevistas qualitativas semiestruturadas. Esse tipo de entrevista permitiu um contato mais próximo com os participantes, guiado por perguntas norteadoras, mas com abertura para novas questões que surgiram ao longo da conversa. Isso possibilitou uma

exploração mais profunda das estruturas que sustentam as espacialidades dos pequenos grupos, reveladas através dos discursos dos fiéis.

Os entrevistados, num total de dez pessoas, são os dois pastores presidentes das respectivas igrejas e mais oito pessoas, entre membros e líderes de pequenos grupos. O contato inicial com os pastores se deu por meio de ligações telefônicas, onde foram apresentados os objetivos da pesquisa e feito o convite para que participassem das entrevistas. Tendo aceito, foi-lhes enviado o termo de anuência para que pudesse ser assinado, autorizando a participação das igrejas na pesquisa. As entrevistas com os pastores foram agendadas e realizadas durante o mês de março de 2025 nas suas respectivas residências.

Os outros oito membros e líderes de pequenos grupos entrevistados foram contactados por meio das secretárias das igrejas que agendaram as entrevistas, as quais também foram realizadas no mesmo período de maneira individual nas dependências das respectivas igrejas.

Além dos dois pastores, os outros entrevistados foram quatro homens e quatro mulheres, estando todos na faixa entre 29 e 51 anos de idade. O tempo de membresia na igreja atual foi variado. O participante que está há mais tempo na igreja tem 25 anos de membresia e o que está há menos tempo tem um ano. Todos são membros de pequenos grupos e já exerceram ou exercem a função de líderes. Apenas uma entrevistada é solteira. Todos os outros são casados e todos tem mais de dez anos de convertidos.

Para preservar a identidade dos entrevistados, foram omitidos os seus nomes verdadeiros e os nomes das igrejas. Os participantes compartilharam suas experiências de forma rica em detalhes, através de entrevistas densas, proporcionando dados relevantes para a análise. Assim, buscou-se realizar uma abordagem o mais detalhada possível, mas sem perder o foco nas relações sociais proporcionadas pelos pequenos grupos.

Embora as duas igrejas apresentem dinâmicas distintas – decorrentes de lideranças diferentes e contextos sociais diversos –, ambas compartilham a prática dos pequenos grupos como uma estratégia de crescimento e de vivência comunitária. Esta pesquisa se propôs a compreender como alguns membros e líderes dessas igrejas percebem as relações sociais a partir das suas experiências nos pequenos grupos. O foco, portanto, recai sobre as relações sociais promovidas por meio dos pequenos grupos, e não nas igrejas como instituições. Entretanto, os pequenos grupos refletem aspectos do discurso oficial das instituições religiosas às quais pertencem, o que permite compreender como esses discursos contribuem para moldar espacialidades religiosas por meio das estruturas e práticas dos pequenos grupos.

Como mencionado anteriormente, esta pesquisa foi desenvolvida com base nos aportes teóricos dos geógrafos Gil Filho (2012a, 2012b, 2012c) e Pereira (2013, 2014), que analisam o espaço sagrado como conformação simbólica sob a ótica da filosofia cassireriana. As espacialidades dos pequenos grupos manifestam-se através dos discursos dos fiéis, os quais permitiram compreender como se estruturam as relações sociais entre seus membros (Gil Filho, 2012a, p. 61-66). A filosofia cassireriana (Cassirer, 1992, 1977) forneceu a base para uma análise fenomenológica das intersubjetividades apresentadas pelos sujeitos envolvidos, utilizando uma abordagem metodológica compreensiva.

Entendemos como metodologia compreensiva aquele conjunto de procedimentos de investigação e coleta de dados que nos auxiliie, em alguma medida, na compreensão e não na explicação do fenômeno estudado. E que, acima de tudo, procure dar “voz” ao fenômeno analisado; não silenciando os principais agentes envolvidos (os fiéis) e fazendo com que o maior número possível de “vozes”, que integram tal fenômeno, sejam “ouvidas”. (Pereira, 2014, p. 173)

Para compreender melhor as relações sociais entre os membros dos pequenos grupos, e considerando o espaço sagrado como uma conformação simbólica, é importante ir além dos aspectos físicos do espaço e atentar para os discursos, sentimentos e performances dos indivíduos (Pereira, 2014, p. 174). Foi utilizado o conceito de Carl Rogers sobre uma relação social saudável, o qual está baseado na existência de três condições que já foram apresentadas anteriormente e que serão retomadas neste capítulo: a genuinidade, a aceitação e a compreensão (Rogers, 2009).

4.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Foram realizadas entrevistas qualitativas com membros e líderes dos pequenos grupos, buscando acessar suas experiências, vivências e sentimentos por meio dos discursos por eles proferidos. Para análise dessas entrevistas, foi feita uma Análise de Conteúdo Qualitativa e Temática (Bardin, 2020), cujos resultados são apresentados neste capítulo.

Após a realização e transcrição das entrevistas, num primeiro momento, foi conduzida uma pré-análise do material coletado, por meio da qual os dados foram organizados e sistematizados a partir de uma leitura flutuante. Essa fase inicial teve como objetivo buscar uma caracterização geral do conteúdo dos discursos dos entrevistados. Neste momento exploratório, foram atribuídos codinomes aos participantes com base em suas próprias declarações ou traços recorrentes de suas falas, a fim de preservar suas identidades e garantir o sigilo.

Ainda nesta fase, foi possível identificar a pertinência teórica do estudo, à medida que, nos discursos dos entrevistados, emergiam características das relações sociais que permitiriam, posteriormente, uma análise mais aprofundada das espacialidades dos pequenos grupos, sob a ótica de Rogers (2009). Nesse momento, a hipótese inicial – de que um pequeno grupo poderia configurar uma relação social saudável, segundo o conceito rogeriano – foi colocada à prova com base nos dados coletados (Bardin, 2020, p. 125-126). Percebeu-se, então, que a resposta a essa questão não era tão objetiva, pois a percepção do fiel sobre uma relação social saudável é mediada pela forma simbólica da religião, que ressignifica o universo dos fatos, transformando-o em um universo simbólico, correspondente à representação do fiel diante da experiência sensível (Pereira, 2014, p. 149).

Observou-se também, com bastante clareza, a presença das espacialidades estruturantes do pensamento e do discurso religiosos (Pereira, 2014, p. 170; Gil Filho, 2012a, p. 51-53), o que evidenciou que as relações sociais nos pequenos grupos estão profundamente enraizadas na religião enquanto forma simbólica (Cassirer, 1977). Essa constatação reforça a importância da religião como mediação simbólica na construção de espacialidades, por meio das relações sociais estabelecidas nos pequenos grupos.

Em um segundo momento, foi realizada a codificação das entrevistas com base no tema central “relação social”, através de recortes das unidades de registro. De acordo com Bardin (2020, p. 131), “fazer uma análise temática consiste em descobrir os “núcleos de sentido” que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido”. Foram consideradas unidades de registro as ocorrências do tema ou de palavras e frases que, direta ou indiretamente, remetessem a ele por meio de suas características (Bardin, 2020, p. 96). Entre essas características, procurou-se identificar a presença (ou ausência) das condições necessárias para uma relação social saudável segundo Carl Rogers – genuinidade, aceitação e compreensão (Bardin, 2020, p. 140; Rogers, 2009, p. 18-43) – além destas, outras características emergiram nos discursos dos entrevistados e serão apresentadas ao longo do capítulo.

Após a identificação das unidades de registro, procedeu-se ao recorte das unidades de contexto. Segundo Bardin (2020, p. 133), a unidade de contexto funciona como unidade de compreensão para a codificação da unidade de registro e corresponde a um segmento mais amplo da mensagem, como uma frase (para uma palavra) ou um parágrafo (para um tema).

Ao individualizar essas unidades, foi possível observar, com frequência, coocorrências do tema com alusões ou menções expressas às espacialidades estruturantes do pensamento e do discurso religioso. Esse padrão confirmou as impressões iniciais obtidas na leitura flutuante e

reforçou, mais uma vez, a importância da religião como forma simbólica, conforme proposto por Ernst Cassirer (1977).

Bardin (2020, p. 258) define coocorrência – também chamada de contingência – como a associação de dois ou mais elementos dentro da mesma unidade de conteúdo, ou seja, em um fragmento previamente definido da mensagem. As coocorrências são úteis para esclarecer representações sociais e ideologias, sendo relevante observar tanto sua presença quanto sua ausência nos discursos analisados (Bardin, 2020, p. 258–261). Como destaca a autora, em uma pesquisa qualitativa, o foco principal da análise de conteúdo não está na frequência com que certos elementos aparecem, mas, sobretudo, em sua presença ou ausência (Bardin, 2020, p. 140).

As unidades de contexto têm a função de contribuir para uma melhor compreensão do sentido que o indivíduo pretende atribuir ao tema por meio de seu discurso. Entende-se por unidade de contexto o conjunto textual mais amplo que permite interpretar corretamente uma unidade de registro (Bardin, 2020, p. 130-133). Observou-se que, de modo recorrente, quando uma condição ou característica do tema – como a genuinidade, a aceitação ou a compreensão – foi mencionada nos discursos dos entrevistados, sua presença esteve frequentemente associada ao discurso religioso ou ao discurso fundador (à Bíblia). Essa coocorrência pode ocorrer tanto em trechos próximos quanto distantes do tema.

Quanto maior a unidade de contexto, mais numerosas tendem a ser as coocorrências (Bardin, 2020, p. 133). Independentemente da distância textual, a presença das espacialidades estruturantes (Pereira, 2014, p. 170; Gil Filho, 2012a, p. 51–53), associadas às condições necessárias para a existência de uma relação social saudável, conforme o conceito de Carl Rogers, reforça a importância da religião enquanto forma simbólica mediadora entre o ser humano e sua realidade social.

A terceira fase da análise consistiu na categorização, ou seja, no agrupamento das unidades de registro com base em critérios previamente definidos – semânticos, sintáticos e léxicos. O objetivo desta etapa foi reunir as unidades segundo características comuns, organizando-as em subtemas que permitissem a comparação entre os dados coletados em campo e os referenciais teóricos, especialmente, a teoria do espaço sagrado como conformação simbólica e a noção de relação social saudável (Bardin, 2020, p. 145-148).

A categorização ocorreu por meio de dois processos (Bardin, 2020, p. 147). Inicialmente, foram definidas categorias com base nos referenciais teóricos, a partir das quais os dados identificados foram distribuídos. Posteriormente, novas categorias emergiram durante o processo de análise e foram incorporadas ao conjunto previamente estabelecido.

A seguir, apresenta-se a caracterização dos participantes, realizada após uma leitura flutuante dos dados coletados nas entrevistas. Na sequência, são explicitadas as categorias da Análise de Conteúdo.

4.3 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Os participantes desta pesquisa – entre eles líderes, membros e pastores presidentes das igrejas analisadas – tiveram suas identidades preservadas. Para fins de análise, foram atribuídos codinomes, definidos com base em declarações dos próprios entrevistados ou em traços recorrentes identificados em seus discursos. Na sequência, apresentam-se dois quadros com algumas informações sobre os participantes. Em seguida, temos um texto descritivo com o intuito de justificar a escolha dos codinomes e fornecer um enquadramento introdutório.

Quadro 1 - Caracterização dos participantes: Membros e líderes de pequenos grupos

Codinome	Idade	Sexo	Estado civil	Tempo de cristão	Tempo de igreja	Profissão	Cargo (s)
Acolhedora	33	F	Solteira	10 anos	5 anos	Doméstica	Líder de pequeno grupo
Aurora	43	F	Casada	17 anos	11 anos	Professora	Membro e ex-líder de pequeno grupo e ex-supervisora, professora
Comprometido	44	M	Casado	20 anos	20 anos	Autônomo	Líder de congregação, pastor
Convicto	44	M	Casado	35 anos	11 anos	Servidor público	Membro de pequeno grupo, professor
Dedicada	43	F	Casada	28 anos	4 anos	Secretária	Líder de pequeno grupo
Forte	43	F	Casada	25 anos	25 anos	Pedagoga	Líder de pequeno grupo, professora de Escola Bíblica
Resiliente	51	M	Casado	35 anos	35 anos	Vendedor	Líder de pequeno grupo, diácono
Transparente	29	M	Casado	10 anos	1 ano	Analista de TI	Líder de pequeno grupo, professor de Escola Bíblica

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Quadro 2 - Caracterização dos participantes: Pastores presidentes

Condinome	Idade	Sexo	Estado civil	Tempo de pastoreio
Cuidadoso	52	M	Casado	29 anos
Humano	54	M	Casado	19 anos

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Acolhedora

Acolhedora é uma jovem solteira de 33 anos, empregada doméstica, com 5 anos de convertida, que exerce a função de líder de pequeno grupo em sua igreja. Ela é bastante comunicativa, simpática e demonstrou, em vários momentos da entrevista, que possui um grande cuidado com as pessoas, falou sobre a importância de ouvir, orar, ajudar e acolher quem está sofrendo:

“Eu sou muito acolhedora, então, assim, eu acho que é muito importante”.

Acolhedora

Aurora

Aurora é casada, tem dois filhos pequenos, é professora, possui 43 anos de idade e é cristã batista há 17 anos, sendo há 11 anos membro da atual igreja. Ela foi líder e supervisora de pequenos grupos e vem de uma família tradicional católica. Conheceu a metodologia de pequenos grupos na sua igreja atual, teve resistência a princípio, mas depois se envolveu, tornou-se anfitriã, em seguida, líder e supervisora de sete pequenos grupos. Ela esteve bastante envolvida com a liderança de pequenos grupos na sua igreja, chegando a ser diretora da escola de preparação de líderes, porém enfrentou uma série de dificuldades e sobrecarga de trabalho o que a fez se afastar da liderança, permanecendo apenas como membro. Sua história é marcada por transições e recomeços.

“E no mesmo ano, eu tive o câncer, então a gente, depois disso, não voltou mais a ser líder.”

Aurora, 43 anos

Comprometido

Comprometido é um líder de pequeno grupo e possui uma longa trajetória na igreja. Tendo se convertido ainda jovem, ele esteve envolvido durante toda a sua vida com o trabalho com jovens e assistência social, encarando isto como um chamado divino. Ele é autônomo,

possui 44 anos, se converteu aos 20 e exerceu diversas funções na sua igreja, dentre elas, líder e supervisor de pequenos grupos. Há menos de um ano foi ordenado pastor e, atualmente, está a frente de uma congregação.

“Eu entendi que o Senhor estava me chamando para esse ministério, ao qual eu realizo com muita alegria e responsabilidade.”

Comprometido, 44 anos

Convicto

Convicto é cristão batista há 35 anos, está há 11 anos na sua atual igreja. Proveniente de uma igreja batista que não tinha pequenos grupos, ele apresentou resistência inicial a sua atual igreja por discordar da estrutura dos pequenos grupos. Mesmo após decidir permanecer na igreja, ele demorou algum tempo para aceitar se tornar membro de um pequeno grupo. Atualmente, além de membro do pequeno grupo, ele é professor em uma classe para casais. Ele apresentou firmeza ao falar sobre a sua fé e suas decisões espirituais.

“Eu costumo ser muito franco e muito firme com as minhas palavras [...] Quando eu cheguei e soube que inicialmente era uma igreja em célula, eu tive muita resistência, pensei nem em ficar. Mas aí, na convivência, no dia a dia, a gente foi percebendo que tinha muito de Deus, que tinha muito do direcionamento do Senhor para dar o cumprimento da grande comissão”.

Convicto, 44 anos

Dedicada

Dedicada é casada e possui 43 anos. Sendo convertida há 28 anos, está há três anos na sua igreja atual e lidera junto com o seu esposo um pequeno grupo para o qual se dedica intensamente.

“O líder é aquele que serve em primeiro lugar, né, antes de liderar ele serve. [...] Eu abro a minha casa, eu arrumo a minha casa, eu disponibilizo as cadeiras lá, eu tenho prazer em fazer um bolo, um patê, meu marido tem prazer também em fazer”.

Dedicada, 43 anos

Forte

Forte é uma mulher de 43 anos, líder de um pequeno grupo, convertida há 25 anos e casada com um pastor.

“Eu tenho uma personalidade muito forte [...] Eu precisei calar, para não ferir pessoas, para não atrapalhar o ministério do meu marido”.

Forte, 43 anos

Resiliente

Resiliente é um homem de 51 anos, casado, membro da mesma igreja há 35 anos que já enfrentou e superou muita coisa na vida e que se sente útil, falando sobre a sua experiência para outras pessoas através do pequeno grupo.

“Eu me sentia, na verdade, um inútil na igreja. [...] Hoje eu me sinto um pouco mais útil, quando abriu principalmente essa porta do PGM [pequeno grupo] [...] sinto a alegria e o prazer de falar de Jesus.”

Resiliente, 51 anos

Transparente

Transparente é o mais jovem entre os entrevistados. É casado, convertido há dez anos e está há um ano na atual igreja, onde já lidera um pequeno grupo. Ele fala com franqueza para os seus liderados sobre o desafio que é assumir uma liderança de pequeno grupo.

“Eu sou um tipo de pessoa que gosta de transparência. Então, eu sou aquele que fala mesmo [...] Porque é para que todo mundo se prepare, né? Então, eu sempre digo [...] Tem um casal, um amigo nosso, que vai, em breve, se tornar líder. [...] E eu sempre digo, olha, se prepare, porque [...] tudo isso é um desafio, sabe?”

Transparente, 29 anos

Pr. Cuidadoso

O pastor Cuidadoso é filho de pastor, preside a igreja há 29 anos e é professor efetivo de História na rede pública estadual. Ele fala constantemente sobre a importância do cuidado consigo mesmo, com os outros e com o desenvolvimento das pessoas ao seu redor. A sua preocupação com o acompanhamento dos novos líderes demonstra esse caráter cuidadoso.

“Um líder é, primeiramente, alguém que cuida de si mesmo [...] então primeiro ele tem que ter esse autocuidado e também ter o altercuidado, que é o cuidado do outro”.

Pr. Cuidadoso, 52 anos

Pr. Humano

O pastor Humano encara com naturalidade tanto suas próprias dificuldades quanto as dos outros, considerando-as situações inerentes à vida humana. Ele valoriza a transparência e a autenticidade, encorajando as pessoas a serem sinceras sobre suas fragilidades. Como ele afirma:

“[...] que ninguém vista uma capa de perfeição ou discurso religioso a ponto de dizer sempre pra todo mundo que tá tudo bem, quando na verdade, tudo, tudo tudo não vai sempre bem”.

Pr. Humano, 54 anos

A seguir apresentam-se as categorias da genuinidade, da aceitação e da compreensão, definidas previamente com base na teoria de Rogers (2009) como condições necessárias para a existência de uma relação social saudável.

4.4 GENUINIDADE

Como uma das condições apresentadas por Rogers (2009, p. 18-40) para a existência de uma relação social saudável é a genuinidade, procurou-se identificar a presença ou ausência desta característica nas representações dos entrevistados. Foi perguntado aos entrevistados como eles se sentiam ao expressar suas verdadeiras opiniões e sentimentos dentro da comunidade religiosa.

O entrevistado a seguir está há um ano na igreja e já lidera um pequeno grupo. Ele falou como se sente ao expressar as suas opiniões e sentimentos no contexto do pequeno grupo e com a sua liderança:

“Hoje pra mim é algo bem tranquilo, assim. Eu como uma pessoa transparente, né? Eu sempre gostei de expor mesmo, de falar os problemas e de ser bem franco em relação a isso. Até hoje, graças a Deus, o pastor sempre foi muito tranquilo em relação a isso. E até do jeito dele também, porque ele também acaba sendo franco, né? Então, por isso que eu até gosto de ser franco porque aí as pessoas se sentem mais abertas, né?”

Transparente

Embora tenha pouco tempo na membresia da igreja, o entrevistado apresentou alinhamento entre o seu jeito “franco” de ser e o discurso institucional que é representado através da figura do pastor. É possível identificar nesta unidade de contexto a coocorrência entre a genuinidade declarada do participante e a genuinidade que ele identifica no pastor da igreja. Com relação à genuinidade dele perante o seu pequeno grupo, o entrevistado completou:

“Eu sou um tipo de pessoa que gosta de transparência. Então, eu sou aquele que fala mesmo [...] Porque é para que todo mundo se prepare, né? Então, eu sempre digo... Tem um casal, um amigo nosso, que vai, em breve, se tornar líder. Eles vão ser líderes e anfitriões, que é o que acontece com a gente também. E eu sempre digo, olha, se prepare, porque... Você já... Normalmente, quando é dia de célula, vai arrumar a casa, vai deixar tudo pronto, vai preparar [...]”.

Transparente

A franqueza do entrevistado é um instrumento associado ao discurso religioso “para que todo mundo se prepare” para os desafios inerentes ao exercício da liderança de um pequeno grupo. Mais uma vez percebe-se a coocorrência entre a genuinidade do participante e o discurso religioso que atua como elemento impulsionador dessa genuinidade.

O próximo entrevistado é pastor de uma das congregações³⁹ da Igreja do Amor. Ele foi consagrado pastor há menos de um ano. Anteriormente, havia sido líder e supervisor de pequenos grupos. Ele respondeu à pergunta da seguinte maneira:

³⁹ No contexto das igrejas batistas, as congregações são comunidades religiosas que ainda não foram emancipadas e que, portanto, não possuem personalidade jurídica e continuam subordinadas à igreja fundadora.

“A Igreja Batista é uma Igreja que é bem democrática, né? E um dos nossos pilares é a democracia, né? Não existe alguém que manda e todo mundo obedece. Todo mundo tem voz, e isso é apaixonante na Igreja Batista. É claro que a gente sempre teve a oportunidade de opinar, de fazer nossas colocações, de dar nossas ideias. Nem sempre tudo vai acontecer porque lá na igreja tem 300 pessoas e cada cabeça ali tem um pensamento, uma forma de trabalhar, uma forma de enxergar o problema, a vida, enfim. Mas a gente sempre é ouvido.”

Comprometido

O entrevistado afirmou que, mesmo antes de se tornar pastor, sentia-se livre para expressar suas opiniões e sentimentos na igreja. Ele atribui essa liberdade à democracia, apresentada como um dos “pilares” da Igreja Batista. Nesse sentido, a democracia é compreendida não apenas como forma de organização, mas como um elemento constitutivo da identidade batista, que confere voz e senso de pertencimento aos membros. Assim, o entrevistado associa a possibilidade de os membros se expressarem com autenticidade à própria estrutura institucional da Igreja, na qual a genuinidade pessoal é validada e legitimada pelo discurso religioso predominante.

Outro entrevistado seguiu a mesma linha de pensamento, destacando a democracia “cristã” como um valor institucional da igreja:

“Existe uma democracia, né? Eu posso até dizer assim, cristã, de ouvir as pessoas. E a gente vendo dentro daquilo que estiver certo, a gente vai dar um ok. E se a gente ver algo que desvia um pouco, aí a gente vai orientar essa pessoa.”

Resiliente

Fica evidente, a partir do discurso deste entrevistado, que a democracia na igreja é exercida dentro de limites definidos por uma noção de correção moral. A expressão “dentro daquilo que estiver certo” remete indiretamente ao pensamento religioso, o qual se ancora no discurso fundador como parâmetro para distinguir o aceitável do desvio. Como afirma Gil Filho (2012a, p. 19-22), “a religião indica princípios reguladores da vida e aponta, por meio de seu discurso fundador, a distinção entre a virtude e o erro”. Nesse contexto, a Bíblia, enquanto discurso fundador, funciona como referência normativa que regula a expressão da genuinidade dos fiéis para a ocorrência de uma relação social saudável do ponto de vista da religião.

A entrevistada a seguir expressa sentir-se “bem à vontade” para manifestar seus sentimentos e opiniões no contexto religioso, o que revela um senso de pertencimento que pode estar associado à representação da identidade batista como um espaço democrático que assegura a participação do fiel.

“Para falar a verdade, assim, eu me sinto bem à vontade para expressar, né? Porque, assim, sobre a questão de se expressar é um problema que eu não tenho. Então, assim, se for para expressar os meus sentimentos, opiniões, eu sou bem aberta quanto a isso. Então, para mim, não é nenhum problema, eu me sinto bem à vontade”.

Acolhedora

Embora as representações do fiel sobre a igreja batista como um espaço democrático que favorece a participação e o pertencimento tenha sido demonstrado através das falas de alguns entrevistados anteriores, o discurso religioso pode limitar esta participação. Seja através do discurso fundador como elemento normativo ou por meio do discurso institucional proferido pelos pastores da igreja, como veremos na fala da próxima entrevistada. Ela afirma que nem sempre se sente à vontade para expressar suas opiniões e sentimentos no contexto eclesiástico:

“Às vezes à vontade e às vezes não. Depende da situação. Depende... Se de repente... Deixa eu ver como é que eu falo. Se de repente o pastor, a esposa do pastor, a supervisora ou vice-presidente da igreja têm alguma ideia, alguma visão para a igreja, que eu, como líder, ou como membro mesmo da igreja, eu não... Não acho muito legal, não no sentido de que é pecado, é contra a Bíblia, mas acho assim que não vai... Não funciona muito. Se essa visão, se eu ver a empolgação dele, o desejo de fazer, ele está sempre falando, eu tenho receio de falar, não me sinto à vontade, porque é como se eu estivesse jogando um balde de água fria, né? Então eu tenho receio de, de repente, entristecer. E ele achar que eu não estou na mesma visão, e por isso estou entristecendo. Por outro lado, ele e a esposa, ele pede opinião, ele reúne a gente, ele diz a visão da igreja, no início do ano ele comunica a visão da igreja para os líderes, ele se reúne com a diretoria, com o conselho da igreja, faz essa agenda da igreja. Por exemplo, a agenda está muito cheia, então, no meu ver, está muito cheia, tem muita coisa, a gente poderia enxugar mais essa agenda. Para dizer isso para ele, eu não me sinto tão à vontade, porque ele faz com muito amor, com muita... com muita vontade, com muito desejo de trabalhar. [...] e muitas vezes a agenda tem muita coisa. E como ele fala muito que a igreja é assim mesmo, está em movimento, a igreja não pode parar, que a igreja trabalha

mesmo, que a gente vive para isso, aí eu tenho receio de dizer que eu acho que eu deveria diminuir, entendeu?”.

Dedicada

A entrevistada é líder de um pequeno grupo e, pelo menos no contexto da reunião da diretoria, algumas vezes, ela não se sente à vontade para expor a sua opinião. Fica evidente que a entrevistada algumas vezes tem uma opinião divergente da diretoria da igreja, especialmente, com relação à agenda institucional. Como o discurso institucional enfatiza que a igreja “é assim mesmo, está em movimento, não pode parar, trabalha mesmo” a entrevistada não se sente confortável para contradizer este direcionamento, embora em seu pensamento sinta que poderiam “enxugar” mais a agenda. Ela hesita em se posicionar, pois não quer ser vista como alguém “fora da visão da igreja” ou que “está jogando um balde de água fria”.

Esta situação em que a entrevistada omite a sua opinião por receio de ser mal compreendida evidencia o poder que o discurso institucional tem tanto para convencer os fiéis acerca dos rumos que a igreja deve tomar, quanto para manter sob controle opiniões divergentes. O que contribui para diminuir o critério da genuinidade na relação entre liderados e a direção institucional.

Observa-se que a expressão de genuinidade da entrevistada no contexto institucional é grandemente influenciada pelo seu entendimento acerca dos limites estabelecidos através do discurso oficial. Desta forma, considerando o que fala Rogers (2009, p. 20), devido à ausência da manifestação de genuinidade da fiel, esta relação permanece na superficialidade, o que constitui uma forma de defesa da entrevistada que evita se expor ao opinar algo que possa ser interpretado como contrário ao discurso institucional.

Em outro momento a entrevistada relatou como a igreja e o pequeno grupo a acolheu em um momento difícil que ela enfrentou com o seu irmão que é usuário de drogas:

“Eu tenho um irmão que ele é usuário de drogas, e é muito doloroso, né, ele tem hoje 34 anos, então desde os 11 anos que ele usa drogas, são 23 anos orando por ele. E nesses momentos de dor, né, por essa vida dele, que eu compartilhei com a Igreja, em oração ou até em conversa com os irmãos, eu fui acolhida também em oração, em palavras de ânimo. Sabe, de renovar as forças, continuar orando, né, 'O Senhor é aquele que ouve a oração', 'Deus é o Deus do impossível', 'Vem aqui que eu vou orar com você' [...]. Então, encorajada mesmo no sentido de orar, de orar junto, né, e vir reanimar as forças e fortalecer”.

Dedicada

A entrevistada sentiu o apoio das pessoas ao compartilhar uma dor familiar. Este apoio veio através do discurso religioso, manifesto por meio das pessoas em “palavras de ânimo” e lhe acendeu o sentimento religioso e de pertencimento comunitário. A abertura e o acolhimento da igreja por meio do discurso e do sentimento religioso perante a sua expressão de genuinidade transformou a sua dor em um momento de fortalecimento. Vemos como o discurso religioso pode operar no sentido de fazer com que as pessoas sintam-se à vontade para compartilhar as suas dificuldades e recebam apoio e acolhimento.

Ainda sobre a condição da Genuinidade, foi questionado aos entrevistados se houve alguma pressão do grupo ou da igreja para que mudassem algo em sua vida, a maioria dos entrevistados respondeu que não houve nenhuma imposição direta por parte da comunidade. Alguns relataram mudanças significativas em seus comportamentos, mas ressaltaram que essas transformações ocorreram de forma espontânea e atribuíram-nas à ação de Deus. É o que se observa, por exemplo, no relato da entrevistada identificada a seguir, que descreve as mudanças em sua vida como resultado do agir divino:

“Elas as mudanças partiram naturalmente, não foi por pressão nenhuma, não. Foi naturalmente, assim, o agir de Deus na minha vida e eu fui mudando, né?”.

Acolhedora

Por outro lado, também surgiram relatos que indicam certa experiência de pressão ou influência externa, embora ressignificada dentro da lógica do discurso religioso. O entrevistado identificado como Convicto afirmou inicialmente ter se sentido pressionado a adotar uma postura mais moderada em sua comunicação, mas logo interpreta essa orientação como um “toque de Deus”:

“Já, já sim. De modo geral, o contexto da igreja é de desafio para que a gente seja transformado, seja moldado, seja mudado. [...] Se eu posso pegar uma experiência mais recente, eu costumo, e isso com muita educação, com muito cuidado. Eu costumo ser muito franco e muito firme com as minhas palavras. Não mal-educado. Já recebi um toque, um toque de Deus mesmo, de ser mais moderado, mais cuidadoso. O próprio pastor me orientou, mas segundo a orientação e segundo a direção de Deus, é tanto que acatei, acolhi e sigo tranquilamente com o que me foi colocado.”

Convicto

Nesse relato, a orientação pastoral é ressignificada como expressão da vontade divina, evidenciando a força do discurso institucional, que, ao ser legitimado pela autoridade religiosa⁴⁰, atua como um agente de transformação subjetiva. Assim, mesmo diante de uma experiência de pressão, o fiel acolhe a mudança como parte do processo espiritual esperado em sua comunidade de fé, onde se valoriza a ideia de que o fiel deve ser “transformado, moldado e mudado”.

Observa-se, portanto, que tanto no caso em que a fiel declara uma mudança espontânea, quanto no que relata uma mediação institucional, o discurso religioso atua como a principal fonte de transformação, internalizado como expressão legítima da vontade de Deus.

O próximo entrevistado também relata que viveu mudanças em seu comportamento e declara a influência do discurso fundador neste processo:

“Nunca me senti pressionado não, senhor [...] Essa mudança, eu tenho certeza que vem de Cristo. Pela palavra. A palavra de Deus tem um poder grandioso, que é o próprio Deus falando, e quando a gente lê a palavra, que a gente ora, que busca, isso acontece completamente na nossa vida. Isso é Deus. Eu acredito que isso é Jesus Cristo”

Resiliente

De acordo com o relato do entrevistado, a mudança pela qual passou foi provocada pela “palavra de Deus”. Percebe-se o poder atribuído às Escrituras, enfatizado por expressões como “poder grandioso” e “é o próprio Deus falando”. O acesso a esse poder ocorre por meio da leitura, da oração e da busca: “quando a gente lê a palavra, que a gente ora, que busca, isso acontece completamente na nossa vida”. Dessa forma, para o entrevistado, a Bíblia possui um poder inerente, acessado através de ações praticadas pelo fiel. Este relato serve para demonstrar como o discurso fundador atua influenciando o pensamento e as ações do fiel sem a necessidade de uma mediação humana.

Outra entrevistada relatou mudanças que ocorreram em sua vida e também atribuiu tais fatores ao discurso fundador:

⁴⁰ Gil Filho, (2012a, p. 19-22) destaca como os especialistas da religião (autoridades religiosas) apropriam-se do sagrado e exercem o poder religioso, separando a virtude e o erro, legitimados pelo discurso fundador. O que é confirmado pelo relato do fiel que interpretou na figura do seu pastor um “toque de Deus”, ou seja, uma ação divina. Neste caso, para o fiel, o pastor agiu como um representante ou instrumento de Deus durante o ato orientativo.

“A gente muda, todo dia tem algo para mudar, não é? [...] Mas essa mudança mais, vamos dizer assim, mais radical, eu enfrentei há um tempo. Eu enfrentei na Presbiteriana. Eu nasci de novo na igreja Presbiteriana, fui discipulada lá e aprendi muito sobre a palavra, muito, muito, muito, muito mesmo. Eu me converti estudando a palavra. E aí me apaixonei pela palavra e continuei. Era culto de doutrina, era escola dominical e além disso tinha um casal de discipuladores lá que na época nem dava esse nome [...]. Então, eu fui muito discipulada assim por eles e eles me ensinaram muito [...] Dessa palavra nos purificar, nos transformar. Eu aprendi muito sobre isso. [...] A partir do momento que eu me converti, eu passei por uma mudança radical em todos os sentidos”.

Dedicada

A entrevistada relatou que se converteu na igreja Presbiteriana e que foi lá que ocorreu uma grande mudança na sua vida. Fica evidente através do seu discurso que ela se interessou bastante pela Bíblia, participou de reuniões na igreja cujo foco era o ensino bíblico (culto de doutrina, escola dominical, discipulado). A entrevistada desenvolveu uma relação sentimental pela Bíblia que fica evidenciada através da sua fala acima “me apaixonei pela palavra”. Desde então, o pensamento religioso passou a exercer uma forte influência sobre suas subjetividades (sentimentos e pensamentos):

“Eu não vou dizer que do mundo não, porque eu não vivi uma vida no mundo, mas era mais essa questão de sentimentos mesmo, de pensamentos, de achar que eu era uma pessoa boa, [...], então tudo isso me mudou, me mudou por causa da palavra da palavra de Deus”.

Dedicada

Os pastores presidentes das duas igrejas participantes da pesquisa destacaram a importância da autenticidade na liderança religiosa. Questionados sobre como eles avaliam líderes que apresentam suas fraquezas, limitações, vulnerabilidades para os seus liderados, afirmaram:

“Se a gente não admitir isso, das nossas limitações, fraquezas, a gente está se colocando numa posição de herói, a gente está fugindo daquela realidade do ser humano, nós somos humanos, nada do que nos é humano é indiferente, [...] mas até para outra pessoa que também é tão humana quanto a gente, saber sim, se ele conseguiu e ele é fraco como eu, eu

também posso, se ele tem essas limitações e ele está caminhando, eu também posso caminhar também”.

Pr. Cuidadoso

“Humano, líder de carne e osso, líder que é gente como todo mundo e que não mascara suas dores e suas lutas, embora que tenha também que encontrar respostas, mas sem negar suas fragilidades, né.”

Pr. Humano

Os pastores presidentes das duas igrejas participantes da pesquisa ressaltaram a importância dos líderes serem autênticos e admitirem as suas dificuldades perante os liderados, pois isto faz parte da condição humana. O discurso institucional incentiva esta abertura por parte dos líderes com o objetivo de que eles incentivem os fiéis a fazerem o mesmo e também se tornem exemplos de superação.

Os discursos de ambos ressaltam o fato de que admitir fraquezas e dificuldades faz parte da condição humana. Essa ênfase na transparência pessoal não apenas humaniza a figura do líder, mas também o insere simbolicamente em uma rede de significações que orienta o comportamento comunitário. Nesse sentido, a fala do líder religioso torna-se um signo que não apenas comunica, mas forma e orienta a percepção dos fiéis sobre a experiência espiritual.

Um outro ponto importante no discurso dos pastores é a ideia de superação que deve acompanhar o líder. Além de ser exemplo, o discurso institucional apresenta-o como aquele que deve “encontrar respostas”, o que denota um paradoxo entre a sua vulnerabilidade e o seu papel como solucionador da questão. Nessa perspectiva, o discurso institucional que incentiva os líderes a se mostrarem humanos e vulneráveis cumpre uma função simbólica estruturante: constrói um modelo de espiritualidade em que a fragilidade é reconfigurada como um caminho para o crescimento.

Percebe-se através das falas dos entrevistados que o discurso religioso exerce grande influência sobre as expressões de genuinidade. Esta influência tanto pode ocorrer por meio do discurso institucional quanto do discurso fundador. Ficou evidente que a condição de genuinidade do fiel é moldada pelo discurso religioso que, ao mesmo tempo que pode incentivar a sua expressão, também pode limitá-la ou inibi-la. Os relatos também demonstraram que, tanto o discurso religioso, quanto o discurso fundador e o institucional, podem influenciar mudanças de comportamento e de pensamento do fiel, que percebe estas mudanças como uma ação divina.

A genuinidade, apresentada por Carl Rogers, como uma condição para a existência de uma relação social saudável, é grandemente influenciada pela forma simbólica religião nas relações sociais dos fiéis que participam dos pequenos grupos. Embora Carl Rogers afirme que esta condição não deve sofrer limitações externas (Rogers, 2009, p. 28,42), no sentido religioso, ela é moldada pelas espacialidades estruturantes das representações simbólicas do discurso religioso e institucional e pelo pensamento religioso através do discurso fundador.

Sempre quando esta condição é limitada por algum fator externo, a relação perde em autenticidade, permanecendo na superficialidade (Rogers, 2009, p. 20), como ocorreu no caso da entrevistada de codinome Dedicada.

No caso das mudanças apontadas pelos entrevistados, todos declararam que estas aconteceram por ação divina, embora fosse possível identificar os instrumentos que operaram estas mudanças: a orientação pastoral (discurso institucional), o discurso religioso e o discurso fundador. No contexto religioso, já há uma predisposição de alguns fiéis para que ocorra um certo tipo de mudança de comportamentos, sentimentos e pensamentos, as quais são operacionalizadas pela forma simbólica religião como foi demonstrado.

4.5 ACEITAÇÃO

Carl Rogers apresenta como segunda condição para a existência de uma relação social saudável a aceitação. De acordo com o autor, esta aceitação independe da condição, do comportamento e dos sentimentos do indivíduo. Ela é capaz de garantir ao outro uma relação de afeição e segurança de ser querido e se constitui como um elemento sumamente importante em todas as relações humanas (Rogers, 2009, p. 38,42).

Procurou-se identificar a presença ou ausência da aceitação nas relações sociais entre os participantes de pequenos grupos através das representações que foram manifestas em seus discursos.

Inicialmente, foi perguntado aos entrevistados como eles acreditam que se sentiria uma pessoa ao participar de uma reunião no pequeno grupo em um momento de sofrimento pessoal por conta de algum erro que tivesse cometido. Uma entrevistada, líder de pequeno grupo, respondeu da seguinte forma:

“[...] eu sempre costumo dizer que a maneira como você acolhe, como você recebe, é muito importante, isso conta muito. Primeiramente, que se uma pessoa estivesse dessa maneira, eu iria logo observar, eu iria perceber. Então, a gente tem aquele momento do

compartilhamento, né? Da palavra, da gente ouvir cada um. Então, assim, ela poderia ali expressar ou não, né? E depois eu poderia, se ela não se expressasse naquele momento, eu poderia chegar, perguntar o que estava acontecendo, e estar orando com ela, né? Cuidando. Porque muitas das vezes, quando uma pessoa chega dessa maneira, às vezes tem problemas, porque às vezes a pessoa não quer falar, né? Mas, assim, Deus é aquele que sonda os corações. Então, assim, eu iria estar orando, estar cuidando da vida dessa pessoa, e para que ela viesse, assim, se sentir melhor, né? Se sentir amada, cuidada, né? Em nome de Jesus”

Acolhedora

A entrevistada ressalta a importância do bom acolhimento neste momento. Ela se apresenta como boa observadora para perceber as necessidades das pessoas e diz que aguardaria o momento oportuno para ouvir esta pessoa. Ela lembra que durante a reunião do pequeno grupo há um momento de compartilhamento.

De acordo com Tunala⁴¹ (2014, p. 69), “O Tempo de Compartilhar existe para criar um ambiente de maior comunhão entre os membros do PGM pequeno grupo e os visitantes, quando o grupo poderá compartilhar questões pessoais de forma mais aberta”. O principal objetivo desse momento, segundo o autor, é promover a integração entre membros e visitantes por meio do compartilhamento de vivências, sentimentos e experiências. Percebe-se um esforço institucional no sentido de criar um ambiente de acolhimento a partir da socialização entre os membros dos pequenos grupos e os seus convidados. É justamente neste momento que todos são estimulados a falar sobre as suas necessidades e trocarem experiências.

Percebe-se um alinhamento da entrevistada com o discurso institucional; entretanto, ela ressalta que nem sempre o visitante estará disposto a compartilhar determinados problemas pessoais. Diante disso, ela adotaria uma postura mais cautelosa, marcada pelo cuidado, pela observação e pelo acolhimento. Trata-se de uma tentativa de oferecer apoio de forma não invasiva, ao mesmo tempo em que também manifesta uma postura de fé (cuidado espiritual), através da oração a Deus que “sonda conhece os corações”. A entrevistada articula ações sociais (posição de acolhimento e apoio, expressa por verbos como: acolher, receber, observar, perceber, ouvir, perguntar, cuidar) e ação religiosa (orar) com base na sua fé no poder e na onisciência de Deus para que a visitante possa se sentir compreendida e acolhida.

A entrevistada concluiu relatando a sua própria experiência:

⁴¹ Este livro foi indicado por um dos pastores entrevistados. Ele faz parte de uma série de livros lançada pela Convenção Batista Brasileira para promoção da estratégia de pequenos grupos e é um dos livros utilizados pelas igrejas participantes desta pesquisa para formação de líderes de pequenos grupos.

“Quando eu fui frequentar o PGM, eu não estava na igreja, eu estava afastada. Tinha feito umas coisas erradas, assim. E não coisas graves, né? Coisa de jovem mesmo. E o PGM nesse momento foi muito importante na minha vida. Quando eu cheguei no PGM, eu não conseguia falar nada, foi só chorar, né? Mas eu gostei muito. A. e J. líderes nos acolheram muito bem.

A gente foi bem recebida, tanto por A. e J., que eram de frente, né? Como pelos membros.

Então, a gente começou a frequentar, frequentar. E depois foi quando a gente tomou a decisão de fazer parte da Igreja Batista, de servir a Jesus. Aí a minha irmã depois casou. Aí a gente também já convidou o esposo dela para começar a frequentar. Aí hoje ele frequenta também. Aí é isso. Na minha casa é minha mãe, eu, minha irmã, o meu cunhado e a minha sobrinha. Aí todos fazem parte da Igreja Batista e todos fazem parte do PGM”.

Acolhedora

No relato da entrevistada fica claro que ela passou a frequentar o pequeno grupo durante um momento em que estava afastada da igreja. Ela relatou que tanto a liderança quanto os membros a receberam muito bem.

Esta aceitação foi muito importante para que ela continuasse a frequentar o grupo e tomasse a decisão de fazer parte da igreja. Posteriormente, outros membros da sua família também foram aceitos pela comunidade religiosa. A aceitação de um membro em condição de fragilidade emocional cria um sentimento de pertencimento e um ambiente propício para o engajamento ativo no grupo religioso, compreendido não apenas como espaço comunitário, mas como serviço espiritual prestado a Jesus.

Depreende-se do relato da entrevistada que o pequeno grupo pode ser interpretado como um espaço simbólico de reconciliação com a fé e a vivência religiosa. O acolhimento do grupo pode ser entendido como uma espécie de mediação para a nova vida religiosa, onde o amor fraterno torna-se veículo de restauração espiritual.

A próxima entrevistada já foi líder de pequeno grupo e supervisora, mas precisou se afastar devido a questões de saúde. Hoje, na condição de membro de um pequeno grupo, ela afirmou com bastante convicção que uma pessoa nestas condições se sentiria acolhida:

“Claro que ela se sentiria acolhida. O ambiente de célula é muito acolhedor. Muito acolhedor mesmo”

Aurora

Seguindo a mesma linha de pensamento, o próximo entrevistado afirma que uma pessoa que chegasse nestas condições a uma reunião de pequeno grupo se sentiria acolhido:

Acolhido. Nós... O grupo que se forma, ele se torna um grupo de pessoas muito acolhedoras, muito sensíveis com relação aos problemas uns dos outros e muito atentos aos problemas daqueles que estão chegando também. Sempre tem o ouvido muito atento a essas dificuldades, problemas. Então, de repente, é uma pessoa que... Assim, não ouviu uma palavra, não teve um acolhimento em lugar nenhum. Ela na célula ela vai experimentar disso.

Convicto

O entrevistado assegura que o pequeno grupo é um espaço de aceitação para pessoas em dificuldades. Adjetivos como “acolhedor”, “sensível” e “atento”, utilizados para descrever os membros desses grupos, evidenciam que o ambiente foi cuidadosamente pensado para que os convidados se sintam à vontade, desejem retornar e eventualmente se tornem membros.

De forma semelhante, a entrevistada a seguir demonstrou a mesma linha de raciocínio:

Acolhida, acolhida, ninguém ia olhar pra ela diferente, ninguém ia apontar. Eu tô dizendo ninguém, porque a maioria, né, claro que sempre tem alguém que, mas a maioria das pessoas, tanto da célula, quanto principalmente da igreja, ia acolher com muito amor, ia tentar ajudar a vencer essa situação, não ia acusar ninguém.

Dedicada

O discurso institucional apresenta algumas razões para o bom acolhimento dos visitantes no pequeno grupo:

Crescer, fazer novos discípulos, é inegociável, é o sinal mais evidente da saúde de uma igreja. [...] Os visitantes são motivos de alegria e devem ser tratados de forma especial. [...] Se o encontro terminar tarde, o visitante pode ser tentado a pensar duas vezes antes de comparecer ao encontro seguinte, ainda que a primeira experiência tenha sido muito válida. O ideal é que o encontro termine deixando uma sensação de ‘querer mais’ em cada pessoa. [...] É muito importante promover um diálogo participativo. Todos precisam falar e sua forma de enxergar precisa ser sempre respeitada. [...] Se um visitante compreende o objetivo do encontro e como tudo vai acontecer, isso facilitará sua participação. Assim, ele pode se sentir confortável no encontro, sentindo-se parte do grupo. (Tunala, 2014, p. 5-77)

A reunião do pequeno grupo é planejada institucionalmente para proporcionar uma experiência positiva ao visitante, com o objetivo principal de que ele retorne. Por isso, deve ser bem acolhido e tratado com atenção especial. Segundo o discurso institucional, a lógica é a

seguinte: sem visitantes não há conversões; sem conversões, não há crescimento do pequeno grupo; sem crescimento, não há multiplicação; e sem multiplicação, a igreja não cresce – e uma igreja que não cresce é considerada espiritualmente doente.

Além dos aspectos já apresentados, outro fator que contribui para condição da aceitação nos pequenos grupos é a dimensão da graça divina. Uma entrevistada relata que não tinha um bom relacionamento com o seu pai antes da sua conversão. Segundo afirma, foi lendo a Bíblia que ela pôde compreender a necessidade de aceitar o seu pai, pois, assim como ela, seu pai também era falho e “alvo da graça” de Deus:

O grande trauma que eu vivi e a grande mágoa que eu tinha do meu pai, a raiva mesmo, o desejo que eu tinha que ele morresse, eu me converti, eu tinha 17 anos, então o desejo que eu tinha que ele morresse, tudo isso, com o passar dos dias, lendo a Bíblia, o Senhor foi me mostrando que, da mesma forma que meu pai era pecador, e que me causava tanto mal, eu também era pecadora, não tinha os mesmos pecados, não pecava do mesmo jeito, porém, era pecadora, e que do jeito que eu fui alvo da graça do Senhor, da misericórdia dEle, do amor dEle, meu pai também era.

Dedicada

A graça é compreendida pelos batistas como uma dádiva imerecida de Deus para o homem, conforme está implícito na Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira (2024):

A salvação é outorgada por Deus pela sua graça, mediante arrependimento do pecador e da sua fé em Jesus Cristo como único Salvador e Senhor. O preço da redenção eterna do crente foi pago de uma vez por Jesus Cristo, pelo derramamento do seu sangue na cruz. A salvação é individual e significa a redenção do homem na inteireza do seu ser. É um dom gratuito que Deus oferece a todos os homens [...].

Sendo “gratuita”, estando disponível “a todos os homens” e visando a “salvação” destes, como afirma o pastor entrevistado de codinome Humano “ninguém está dispensado [...] todos precisam ser acolhidos, amados e ouvir a mensagem”. Neste aspecto, a dimensão da graça reforça a abertura que o pequeno grupo precisa dar a todas as pessoas.

O discurso institucional mais amplo destaca esta ideia:

Uma das coisas maravilhosas acerca de pequenos grupos é que cada um pode sentir aceitação ali. [...] Se você não tem essa atitude naturalmente, peça-a a Deus. Ele é um Deus de aceitação (ele aceitou a mim e a você). Ele pode lhe dar um coração de aceitação pelas pessoas (Earley, 2016, p. 58-59).

Ao afirmar que Deus “é um Deus de aceitação”, o discurso institucional procura reduzir as resistências que alguns fiéis possam apresentar diante de comportamentos que se afastam das normas estabelecidas pelo discurso fundador. Esse apelo à aceitação incondicional também é reforçado por declarações como: “Deus não nos escolhe baseado no que somos, mas no que podemos nos tornar pela sua graça” (Moore, 2015, p. 105). Nesse sentido, o mesmo discurso que promove a aceitação sem reservas também projeta uma expectativa de transformação futura, ou seja, aceita-se o indivíduo como ele é, mas com a esperança de que ele se conforme progressivamente aos valores da comunidade por meio da graça divina.

Nesse contexto, a estrutura dos pequenos grupos cumpre um papel estratégico e gira em torno de dois objetivos principais: ampliar a influência religiosa da igreja e atrair novos participantes, com vistas à formação de comunidades que possibilitem o plantio de novas igrejas:

Agora surgem os Pequenos Grupos Multiplicadores – PGM [...]. Aumenta assim a abrangência da influência da igreja na cidade, espalhada pelos muitos lares que recebem pessoas para orar, ler a Palavra e proclamar a salvação em Cristo Jesus. [...] A união de vários PGMs em uma área da cidade fará surgir uma nova igreja com a proposta de multiplicar estes grupos para plantar igrejas formadas por muitos grupos que continuam se multiplicando para multiplicar o número de casas abertas, que se transformam em novos pontos de pregação da salvação eterna, que existe em Cristo Jesus. (Tunala, 2014, p. 6)

Desta forma, os relatos dos entrevistados apresentam sintonia com o discurso institucional ao apresentarem a importância do pequeno grupo como um ambiente acolhedor aos visitantes e membros. O entrevistado a seguir descreve bem como é a experiência de participar deste ambiente de cuidado religioso:

“Você se sente amado, você se sente cuidado, você vê que a célula, a igreja através das células, ela está ali te cobrindo, ela está te protegendo, porque você reporta ao seu líder, seu líder reporta ao pastor, então assim, existe toda uma dinâmica”.

Transparente

Para o entrevistado, o membro do pequeno grupo é assistido pela igreja por meio de seu líder imediato, que é alguém próximo, responsável por cuidar, proteger e acompanhar seu crescimento espiritual. Esse ambiente de cuidado é também destacado pela entrevistada a seguir, que compara o pequeno grupo com a escola bíblica. Segundo ela, o pequeno grupo se caracteriza pelo acolhimento, especialmente, porque muitos participantes ainda têm pouca vivência na comunidade de fé. Já a escola bíblica é visto como um espaço onde o discurso

religioso é debatido com maior profundidade, destinado a pessoas com maior experiência na vida cristã. Isso não significa que o cuidado religioso esteja ausente da escola bíblica ou de outras áreas da igreja, mas sim que o pequeno grupo assume um papel mais acentuado nesse aspecto.

“O pequeno grupo tem pessoas que não tem noção do que é ser igreja ainda, pessoas não crentes, pessoas que não são evangélicas ali, que não tem... Eu digo que são como bebezinhos assim, que chegam para a gente cuidar [...]. E a escola bíblica é um pessoal ali que já tem uma vivência de igreja, já tem um certo conhecimento bíblico, então assim, o debate é um pouquinho mais profundo”

Forte

A entrevistada de codinome Aurora deixa transparecer através do seu relato que este ambiente de acolhimento e cuidado proporciona uma posição confortável para os membros:

“Eu tenho os privilégios de ter as duas experiências, né? Como eu já fui líder e como já fui membro. E sou membro hoje de uma célula. Então, assim... É muito mais confortável ser membro do que ser líder. É muito bom você ser cuidado, digamos assim. Apesar de que a gente não dá trabalho, mas eu acho que também não tem... As obrigações de líder. É confortável”.

Aurora

Agora, passaremos a apresentar os relatos dos dois pastores presidentes das igrejas participantes desta pesquisa.

“Um dos objetivos dos pequenos grupos é essa busca de novas pessoas. Você tem o chamado RI, que é o relacionamento intencional, digamos que você tem um vizinho, que você queria ver ganhar aquela pessoa para Jesus, ter aquela pessoa caminhando com Jesus, então você começa de modo intencional, a se aproximar mais daquela pessoa, a orar por aquela pessoa, a procurar ter uma comunicação com aquela pessoa, dizer que está orando por aquela pessoa, e aí vai criar pelo menos uma interrogação na mente daquela pessoa, por que fulano agora está me procurando mais, por que fulano diz que está orando por mim, qual é a intenção dessa pessoa? Então aí, a gente vai começando a fazer um vínculo, e a gente usa uma linguagem que algumas pessoas não entendem, mas é o caminho, primeiro você ganha

essa pessoa para você, e depois para Jesus, o que a gente quer dizer com isso? Primeiro você ganha a confiança dessa pessoa, dessa pessoa ter a abertura de contar um pouco da sua vida, de dividir a sua vida com você, então nesse um a um, nessa caminhada um a um, você vai apresentando os princípios de Cristo, e aí passa do relacionamento intencional, para o chamado relacionamento discipulador, então essa pessoa passa a ser discipulada por você, e discípulo de Cristo, mesmo antes de tomar uma decisão ao lado de Cristo, você já é discípulo, você já está sendo discipulado”.

Pr. Cuidadoso

A narrativa do pastor acima descreve o processo de aceitação de pessoas no pequeno grupo. Tal processo ocorre por iniciativa dos membros e da liderança do pequeno grupo que procura desenvolver relacionamentos intencionais com estas pessoas. Assim, é o pequeno grupo que busca a aceitação destas pessoas. Não há no relato do entrevistado qualquer restrição ou limite para que o pequeno grupo aceite alguém.

O pastor deixa claro que o objetivo do pequeno grupo é a busca de novas pessoas para as quais o discurso religioso será dirigido, visando torná-las cristãs. O outro pastor entrevistado apresentou discurso semelhante:

“[...] ninguém está dispensado, ninguém está desqualificado [...]. Então, todos precisam ser acolhidos, amados e ouvir a mensagem”.

Pr. Humano

Vários entrevistados utilizaram a palavra acolhimento para demonstrar a atitude do pequeno grupo perante uma pessoa que estivesse enfrentando dificuldades por conta de algum erro cometido. Infere-se a partir dos discursos dos entrevistados que a aceitação no pequeno grupo é apresentada como incondicional para todas as pessoas. Desta forma, percebe-se que o discurso dos fiéis reflete o discurso das suas lideranças.

4.6 COMPREENSÃO

A terceira condição apresentada por Carl Rogers para a existência de uma relação social saudável é a compreensão, a qual, segundo o autor, deve estar isenta de qualquer julgamento moral ou diagnóstico (Rogers, 2009, p. 39).

Com base nesse conceito, a análise buscou identificar se a compreensão está presente ou ausente nas relações sociais entre os membros dos pequenos grupos e de que maneira ela aparece nas representações dos entrevistados.

Sobre este tema, o primeiro entrevistado compartilhou um conhecimento que ele adquiriu através de uma consulta terapêutica a partir do qual estabeleceu uma relação com os exemplos bíblicos de Pedro e João:

“É como se fosse Pedro bem impulsivo e João bem mais tranquilo ali. Então, pra gente ter um relacionamento saudável, pra gente respeitar o comportamento, a gente precisa conhecer. E eu vou te falar uma coisa, um dos grandes desafios da igreja está dentro dessa parte aí porque um dos maiores conflitos é que eu quero que você seja como eu, eu quero que você faça como eu faço, eu quero que você venha agir como eu estou agindo e aí existe um dos grandes conflitos nas igrejas que é eu achar que fulano é parado demais, mas não, está dentro do comportamento psicológico dele. E eu descobri isso fazendo uma consulta com uma psicóloga. [...] Então, existiam conflitos até comigo mesmo, mas quando a gente passa a conhecer o comportamento de cada um, a gente passa a respeitar o comportamento de cada um e consequentemente viver melhor como igreja”.

Comprometido

O entrevistado apresenta o ato de conhecer a si mesmo e conhecer o outro como um elemento essencial para o surgimento do respeito e para uma convivência mais harmoniosa entre os fiéis. Ele utiliza os exemplos dos personagens bíblicos Pedro, representando a impulsividade e João, representando a tranquilidade, para ilustrar as diferentes formas de comportamento existentes na igreja, as quais podem gerar conflitos. Nesse sentido, o entrevistado apresenta a necessidade de se conhecer e respeitar o outro como forma de fortalecer a vida religiosa e social da comunidade, ao invés de adotar padrões rígidos de comportamento.

Entretanto, essa abertura possui limites que são estabelecidos pelo discurso fundador, como fica evidenciado através deste trecho do relato do mesmo entrevistado:

“Na Igreja Batista tem pessoas que dizem “A gente teria que ter mais regras”, “dá a impressão de que tudo pode”. Por quê? Porque nós, apesar de que isso faz parte, mas nós procuramos doutrinar dentro da Bíblia, ensinar a palavra e as mudanças acontecerem. [...] Existe um ensinamento bíblico, para que isso aconteça da melhor forma possível”.

Comprometido

O entrevistado revela que tal abertura não significa falta de regras, pelo contrário, ela conduz à dinâmica de um modo de vida baseado no “ensinamento bíblico”. Isto revela a existência de um padrão de comportamento, com certa flexibilidade do ponto de vista social, mas com limites que são estabelecidos pelo discurso fundador. “Como sistema simbólico, a religião estrutura a experiência e a expressa em certa coerência prática, mas também restringe o campo essencial dogmático, portanto, indiscutível, do que é passível de discussão” (Gil Filho, 2012a, p. 48-49).

Esta outra entrevistada compartilha do mesmo pensamento do entrevistado anterior:

“Primeiramente, a minha atitude, eu jamais que eu iria julgar, né? Porque a primeira atitude que as pessoas têm, geralmente, às vezes é logo que julgar e jogar a pedra, né? Não, eu iria chamar para conversar, para saber direitinho, né? Apontar ali para ele, mostrando que dentro da palavra de Deus, que Deus não se agrada disso, mostrando assim, cuidando e orando, né? Por ela”.

Acolhedora

Embora a entrevistada demonstre a adoção de uma postura de empatia e evite julgamentos precipitados – distanciando-se do que ela descreve como a atitude comum de “julgar e jogar a pedra” -, ao afirmar que orientaria o fiel “mostrando dentro da palavra de Deus”, ela reforça a ideia de que o comportamento dos membros dos pequenos grupos segue um padrão que é estabelecido pela interpretação institucional do discurso fundador.

O discurso fundador é mobilizado pelo discurso religioso das igrejas que constroem a partir daí as suas identidades religiosas, pois

O discurso Fundador é o “norte” das representações, inclusive na formação da identidade religiosa. Dessa maneira, o que o define enquanto ser religioso é o cumprimento das (ou enquadramento nas) prerrogativas contidas no Discurso Fundador; mas que por excelência é dinamizado nos discursos religiosos institucionais. (Pereira, 2014, p. 207)

Desta forma, o pertencimento dos indivíduos às igrejas passa pela adesão ao discurso institucional que orienta o comportamento dos fiéis.

No contexto da denominação batista, o erro moral não é apenas considerado um desvio ético, mas também um pecado. Portanto, o erro tem um peso simbólico e espiritual, pois corresponde ao afastamento da vontade de Deus tal como interpretada pela instituição religiosa (Declaração [...], 2024).

Foi perguntado aos entrevistados como a igreja reage quando um membro comete um erro moral a fim de verificar se há uma postura de compreensão, se há exclusão imediata ou outra forma abordagem. Vários entrevistados relataram não saber ao certo como a igreja age nesses casos. É o caso da entrevistada a seguir que é membro da igreja há onze anos e afirmou que estas situações não são expostas publicamente:

“Eu não sei dizer como... A gente já teve alguns casos de erros morais que a gente fica sabendo, mas esses erros não são expostos diante da igreja. A gente sabe porque sabe. [...] Mas exposição diante da igreja, a gente nunca presenciou há 11 anos”.

Aurora

Este outro entrevistado afirmou não conhecer a posição oficial da igreja sobre o tema, mas relatou que o próprio membro lhe contou sobre seu afastamento:

“Mas eu não soube da ação da igreja. Eu soube do próprio membro em questão, ele afastou-se. Mas eu não sei das circunstâncias. Assim, de como a igreja reagiu”.

Convicto

O próximo entrevistado disse que o pastor procura resolver estas questões de forma privada e vê isto como um ponto positivo, pois, na visão dele, é uma forma de proteger a igreja:

“Ele o pastor sempre conseguiu pegar os problemas e resolver dentro da Secretaria, dentro do espaço dele, vamos dizer assim, né? Então, ele sempre acaba, querendo ou não, protegendo toda a Igreja, em relação a todo e qualquer problema que aconteça”.

Transparente

Ao atribuir a resolução do problema à figura do pastor, o entrevistado revela o entendimento de que “o líder religioso personifica o poder pleno de enunciar em nome da instituição, pois ele é a própria instituição que fala”, (Gil Filho, 2012a, p. 75-77). Desta forma, a ação do pastor é entendida como ação institucional. Se ele decide agir na resolução do problema privadamente, esta decisão tem o poder institucional. Para o entrevistado, isso é assimilado como uma forma de proteger a congregação de algo que cabe ao pastor resolver.

O próximo entrevistado relata como o pastor, enquanto representante institucional, lidou com uma situação de infidelidade conjugal e destaca um desfecho que considerou positivo,

tanto por ter sido resolvido de forma particular quanto pela permanência dos envolvidos na igreja:

“Então, eu já vi o nosso pastor, com muita sabedoria, ele resolver questões aqui na igreja onde o resultado final foi incrível, né? Teve um casal, em algum tempo atrás, que teve traição, aquela coisa toda e procurou o pastor, né? Apenas o pessoal da família mesmo mais próxima sabia. E o pastor, ao invés de levar o caso para a assembleia, ao invés de levar o caso para a igreja, disse, vocês querem ser cuidados? E eles disseram, queremos. Então, a gente vai ter encontros semanais. E eu participei de um casamento antes de ontem, onde esse casal estava lá, se alegrando com o casamento de uma outra pessoa, mas que tiveram sua vida restaurada, sua vida matrimonial restaurada. Então, existem essas formas de se tratar onde realmente se trata a pessoa a fim de restaurar, sabe? A honra, a dignidade, o matrimônio. Eu gosto muito da Igreja Batista, e, especialmente, do nosso pastor, porque ele tem essas formas de trabalhar. Talvez, se fosse outro, ele dizia, ó, a gente vai ter que levar para a igreja e a igreja vai tomar as decisões corretas. E acabar perdendo a pessoa, perdendo a família, enfim”.

Comprometido

Neste caso, o pastor compreendeu a fragilidade do casal ao mesmo tempo em que se colocou à disposição para orientá-los segundo os preceitos religiosos. A partir do discurso do entrevistado, é possível compreender o seu entendimento sobre como a forma de resolução do problema influenciou no desfecho da família. O caso envolvia uma traição conjugal, e o pastor poderia optar por uma abordagem pública ou privada. De acordo com o entrevistado, se o caso tivesse se tornado público, a igreja poderia acabar “perdendo a família”. No entanto, o pastor optou por uma abordagem privada, conduzindo encontros semanais com o casal. Como resultado, a família permaneceu unida. O entrevistado atribui esse desfecho à sabedoria do pastor e à igreja batista, que ofereceu apoio sem exposição pública.

Este relato demonstra o papel central que o discurso institucional exerceu na vida familiar dos envolvidos. O casal recorreu à comunidade religiosa para enfrentar uma crise conjugal, evidenciando o papel da religião como mediadora na resolução de problemas práticos. Desta forma, manteve-se a relação conjugal do casal e o pertencimento deles à igreja.

Embora possa parecer repetitivo, este relato reforça o papel do discurso religioso que, ao ser acolhido pelo casal – especialmente por aquele que cometeu a traição –, contribuiu para a preservação do vínculo com a comunidade de fé. Diante da falha moral, o arrependimento do

indivíduo é apresentado não apenas como um sentimento, mas como uma resposta simbólica ao discurso religioso, possibilitando sua reintegração (Declaração [...], 2024). A compreensão, portanto, acontece dentro da lógica do discurso religioso.

Dando continuidade ao que foi discutido até aqui, o próximo relato reforça os limites da compreensão nas relações sociais entre os membros de pequenos grupos, especialmente, quando o comportamento dos membros se afasta do discurso religioso institucional. A entrevistada compartilha, com base em informações recebidas informalmente, um caso que ilustra essa situação:

“Até, nesse tempo que eu tô aqui, eu só soube de um caso, mas o caso que eu soube, é, não foi, assim, pelos pastores, né, eu soube pela liderança dessa pessoa, né, que conversando comigo, nessa amizade e também sendo líder, falou comigo, né, e pelo que eu soube, a pessoa foi advertida, foi chamada a uma disciplina, mas a pessoa, pelo que eu entendi, não aceitou, e aí essa pessoa foi embora, um pecado moral, né, que eu saiba, nesses quatro anos que eu tô aqui, que eu fiquei sabendo, só esse mesmo, foi tratado. O pastor chamou a pessoa pra conversar, né, querendo aplicar uma disciplina, conversando, e a pessoa não, dando realmente sinais de arrependimento, de que queria mudança e de que desejaria realmente passar pela disciplina. A pessoa não aceitou a disciplina, não aceitou a correção. Esse caso não chegou a ser público. Foi tratado de forma particular”.

Dedicada

A entrevistada relatou um caso do qual tomou conhecimento por meio de uma amizade com alguém da liderança de um ex-membro da igreja. Segundo ela, essa pessoa havia cometido um erro moral e foi convidada para uma conversa particular com o pastor, na qual seria aplicada uma disciplina. No entanto, o indivíduo não aceitou o processo de correção e decidiu deixar a igreja.

Nesse caso, o conflito central residia na discrepância entre o comportamento do indivíduo e o discurso religioso do grupo. A disciplina proposta não era apenas uma medida corretiva, mas também um ato simbólico com potencial de restauração, visando à reconciliação entre o fiel e a comunidade mediante o arrependimento. Sua aplicação, portanto, tinha como objetivo preservar a identidade do grupo. Como afirma Gil Filho (2012a, p. 82-83), a identidade religiosa é a conformação de um mundo de significados intencionalmente articulados no plano do discurso.

Assim, quando o comportamento de um membro diverge do discurso fundador, a restauração pode ocorrer por meio da disciplina que visa reconduzir o indivíduo segundo o enquadramento do discurso religioso institucional. “Sendo uma construção simbólica, o mundo conformado pelo discurso religioso é um mundo de sentidos que emerge não de uma realidade dada, mas da projeção representacional de uma realidade religiosa presente no discurso fundador” (Gil Filho, 2012a, p. 82-83).

Passaremos agora a apresentar os relatos dos dois pastores presidentes das igrejas participantes da nossa pesquisa.

“Quando a gente pensa em uma igreja e não um local de reunião, um dos pontos e focos principais da igreja, é todos chegarem a ser discípulos de Jesus, e Jesus tem um convite que é muito claro para todo ser humano, se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me, então não tem como a gente ser seguidor de Jesus e ter a mesma vida, eu costumo dizer, inclusive domingo mesmo eu preguei e citei isso, se na história humana, na história universal, a gente tem um antes de Cristo e um depois de Cristo, na nossa vida a gente precisa também ter a noção, o antes de Cristo, ou seja, antes de termos aceitado Jesus, como era a nossa vida, e o depois de Cristo, como a nossa vida passou a mudar depois desse relacionamento, então não tem como, aí você está buscando mais adepto da sua religião, do que realmente alguém que quer ser discípulo de Cristo.”

Pr. Cuidadoso

De acordo com o discurso institucional apresentado pelo entrevistado, percebe-se que o acolhimento inicial no pequeno grupo e na igreja tem o propósito de incluir a pessoa em um processo de transformação mediado pelo discurso fundador, pois “um dos pontos e focos principais da igreja é todos chegarem a serem discípulos de Jesus”.

O entrevistado baseia a sua resposta no texto sagrado de Lucas 9.23: “E dizia a todos eles: Se algum *homem* quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e diariamente tome a sua cruz, e siga-me”. Desta forma, espera-se do membro de pequeno grupo que ele não seja simplesmente um “adepto” da religião, mas sim um “discípulo de Cristo”. Para que isto aconteça, de acordo com a visão do entrevistado, é necessário uma ruptura clara na vida do indivíduo entre o antes e o depois do “relacionamento” com Jesus.

No sentido religioso, o relacionamento com Jesus, institucionalmente, começa quando o visitante do pequeno grupo decide se tornar membro da igreja. O início deste processo é

simbolizado pelo ato de conversão⁴² (aceitar a Jesus). O discurso religioso dá um papel estruturante ao ato de conversão, pois reconfigura a experiência subjetiva e espiritual do fiel. Até antes deste momento o fiel é um visitante, uma possibilidade de converso. Até então ele é, como nos relatos dos entrevistados anteriormente apresentados, acolhido e aceito incondicionalmente, pois o que se pretende é que ele seja transformado através da convivência com o grupo, por meio da exposição aos discursos religioso e fundador.

De acordo com o depoimento do entrevistado, espera-se do indivíduo que, ao tornar-se membro do pequeno grupo por meio do processo de conversão, ele compreenda que se tornou um “discípulo de Cristo”. Desta forma, ele precisa caminhar conforme as regras da instituição, normatizadas pelo discurso fundador. Embora se entenda que ele continua sendo humano e, portanto, falho, espera-se dele uma transformação na medida em que se expõe ao ensino bíblico (ao discurso religioso). Esta mesma ideia também está presente no discurso do outro pastor presidente entrevistado:

“A verdade é que o Evangelho ele é suficientemente poderoso para transformar todo o homem e o homem todo, [...] todos necessitam de conhecer o Evangelho porque nós cremos que é por meio do Evangelho que todos serão transformados”.

Pr. Humano

Percebe-se igualmente neste relato a ênfase no discurso fundador (o Evangelho) como potência transformadora do homem. A fala do pastor destaca a centralidade da proclamação do Evangelho como meio de transformação. A partir dessa compreensão, pode-se inferir que a dinâmica dos pequenos grupos envolve acolher e anunciar essa mensagem a todos, a fim de que sejam alcançados por essa transformação.

Dessa forma, depreende-se que a aceitação no pequeno grupo ocorre visando a conversão do indivíduo, e que, após esse processo, sua permanência passa a ser regulada pelo discurso fundador e religioso, que estrutura a vida comunitária dos fiéis. A compreensão nas relações sociais entre os membros dos pequenos grupos ocorre dentro dos limites estabelecidos pelo pensamento e pelo discurso religioso, como ainda veremos a seguir.

⁴² De acordo com a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira (2024), conversão é o ato inicial da salvação, caracterizado por arrependimento e fé. O arrependimento implica em uma mudança radical no interior do ser humano, levando-o a afastar-se do pecado e voltar-se para Deus. Já a fé é definida como a confiança e aceitação de Jesus Cristo como Salvador, implicando na entrega total da personalidade do pecador a ele.

Questionado sobre se há alguma forma de exclusão, ou punição, para aqueles que não seguem certas normas, o entrevistado de codinome Pr. Cuidadoso respondeu:

“A própria Bíblia já nos determina, esse caminho, sem falar do ponto de vista da eclesiologia, mas a gente procura aconselhar, a gente procura estar junto, e se essa pessoa melhorar, já é o caminho para ela estar ali, de volta à comunhão, aí quando ela, pessoalmente ela não aceita, a gente procura um grupo da igreja, que é uma espécie de uma comissão, e vai lá procurá-lo, e se essa pessoa, continua com os comportamentos, ou com as atitudes que não convêm, aquilo que a gente chama, dos princípios bíblicos, então a gente leva a igreja, e a igreja leva, aquilo que a gente chama, de uma disciplina cirúrgica, que é, afastar aquela pessoa, mas o objetivo não é expulsar, porque você não presta, mas o objetivo é você se alertar, para saber que, aquele seu comportamento, está inadequado, com o caminho da igreja, que é a igreja do Senhor Jesus.”

Pr. Cuidadoso

Neste trecho da entrevista, evidencia-se o poder atribuído ao discurso fundador na condução da vida do indivíduo. Quando o fiel rejeita essa orientação, ele se distancia dos critérios que sustentam seu pertencimento ao grupo. Nesses casos, a igreja, por meio de seus representantes institucionais, busca orientá-lo e reconduzi-lo ao caminho estabelecido pela tradição. Caso o fiel não aceite a orientação, aplica-se uma “disciplina cirúrgica”, que consiste em seu afastamento. Tal prática delimita os contornos do pertencimento comunitário e reafirma os princípios que sustentam a identidade do grupo (Gil Filho, 2012a, p. 71-73). Desta forma, percebe-se que a compreensão do indivíduo por parte do grupo e até mesmo a manutenção do seu pertencimento estão subordinados à preservação da tradição e do discurso religioso.

O próximo entrevistado, pastor presidente, evita o uso de termos que deem a ideia de punição e exclusão, preferindo o termo “restauração”, conduzindo o discurso para um aspecto mais pastoral de cuidado e apoio dedicados a membros que passem por enfrentamentos emocionais:

“A gente sempre usa o termo restauração. Então, é comum que uma pessoa, num determinado momento ela esteja cansada, desanimada ou chateada, triste, amargurada, magoada. Isso faz parte da vida. Então, o que nós recomendamos sempre é que a pessoa pare o que ela está fazendo e procure se cuidar. E aí nós temos pra isso também uma proposta de

uma caminhada individual, pessoal, onde essa pessoa não vai estar dando, mas recebendo pra ela seja restaurada e depois volte a servir com a mesma alegria de antes ou até mais”

Pr. Humano

A pergunta foi sobre qual seria a conduta que a igreja adota com relação aos fiéis que não seguem determinadas normas, mas o pastor direcionou a sua resposta para o tratamento que é dado aos indivíduos que enfrentam outros tipos de problemas. Embora por algum motivo o entrevistado não tenha abordado diretamente a situação problema que lhe fora apresentada, o seu discurso com relação às pessoas que enfrentam dificuldades emocionais denota o reconhecimento, a compreensão e a validação dos limites emocionais dos membros, buscando a sua restauração. Para que esta ocorra, é recomendado ao fiel que se afaste das suas atividades para iniciar um processo de cuidado e acompanhamento individual.

Podemos inferir a partir das narrativas dos entrevistados que a compreensão que está presente nas relações sociais entre os membros e líderes de pequenos grupos é orientada institucionalmente. Desta forma, não existe uma compreensão incondicional segundo conceito de Carl Rogers, tendo em vista que o comportamento dos indivíduos é normatizado pelas espacialidades estruturantes das representações simbólicas e do pensamento religioso, especialmente, através dos discursos fundador, institucional e religioso.

Na sequência apresentam-se as categorias que não estavam previstas inicialmente, mas que emergiram durante o processo de análise dos dados, as quais foram incorporadas ao conjunto previamente estabelecido.

4.7 O CHAMADO PARA SER LÍDER DE PEQUENOS GRUPOS

Quase todos os entrevistados que são líderes de pequenos grupos acreditam que receberam um chamado divino para tal função, como fica demonstrado através dos relatos apresentados a seguir.

“Todo crente, toda pessoa que decide caminhar com Jesus e viver para Ele, eu acredito que tem um pouco essa noção de chamado. Porque é uma missão de todo crente, esse chamado a servir e propagar Jesus”

Forte

A entrevistada acima acredita que o chamado divino é para todos os cristãos. Isto é evidenciado pela repetição da palavra “todo” por três vezes no trecho acima. Assim, o pequeno grupo seria uma provisão divina para que o fiel possa cumprir este chamado, anunciando o evangelho (propagar Jesus).

Outra coisa que fica evidenciada no discurso da entrevistada é o termo “viver para ele para Jesus”, o que significa que o fiel existe neste mundo com um propósito definido. Ele vive para Jesus. Ele “serve” a Jesus.

O próximo entrevistado, líder de pequeno grupo, associa diretamente o exercício da função religiosa ao chamado divino:

“No sentido cristão, acredito que sim. Porque às vezes tem um chamado para pastor, tem um chamado para uma função, nessas funções que eu estou, acredito que eu tenho chamado”.

Resiliente

O entrevistado acima também acredita que foi chamado por Deus para exercer funções na igreja, entre as quais está a liderança de pequenos grupos. Há indícios em seu discurso de que esse chamado se manifesta por meio das funções que ele desempenha: “nessas funções que eu estou, acredito que eu tenho chamado.” Sendo uma de suas funções a liderança de pequeno grupo, nela se expressa o chamado que afirma ter recebido. Por ser entendido como algo que vem de Deus, o chamado é percebido como sagrado. A consciência desse chamado legitima o exercício das suas funções e confere a elas um valor simbólico, configurando assim a espacialidade do chamado divino.

Compreende-se que o espaço sagrado não é apenas físico, mas simbólico, afetivo e vinculado à consciência do indivíduo, como afirma Gil Filho (2012a, p. 63-65):

Dessa maneira, o espaço sagrado é produto da consciência religiosa e, nesse contexto, não é possível a separação entre posição e conteúdo, pois o último parte de uma consciência do vivido plenamente. [...] Para cada posição no espaço sagrado, convergem valores afetivos específicos, atribuídos pelo homem religioso, sendo esse um espaço da intuição que distingue o sagrado do profano.

Essa compreensão do espaço sagrado como experiência subjetiva e simbólica ilumina a forma como o entrevistado percebe e vivencia o seu chamado, o qual surgiu a partir de um sentimento religioso, motivado pelo discurso fundador, como ele expõe a seguir. Além disso, lhe deu um senso de utilidade e serviço na igreja.

“A gente vê as pessoas sendo, infelizmente, perdidas nesse mundo, e eu sinto no meu coração que é necessário fazer o ide do Senhor, pregar a palavra na vizinhança, no trabalho, e principalmente nesse sentido que eu me sentia, na verdade, um inútil na igreja. [...] eu posso dizer assim, que a gente poderia fazer muito mais para Cristo, mas hoje eu me sinto um pouco mais útil, quando abriu principalmente essa porta do PGM, que é onde a gente entra nas casas para pregar o Evangelho, e isso eu sinto a alegria e o prazer de falar de Jesus”.

Resiliente

Como se observa nas palavras do entrevistado, as representações acerca do seu chamado surgem a partir de um sentimento religioso – “eu sinto no meu coração” – motivado por expressões do discurso fundador, como, “fazer o ide do Senhor”, “pregar a palavra na vizinhança” e “pregar o Evangelho”. Essas expressões remetem ao texto de Marcos 16.15: “E ele disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura”. Nota-se, assim, que o discurso religioso incorpora o texto bíblico como fundamento do chamado divino atribuído a todos os cristãos para anunciar a mensagem do evangelho.

O entrevistado a seguir afirmou que já foi ateu. Atualmente, ele é líder de um pequeno grupo e ressignifica suas experiências passadas a partir das suas representações acerca do chamado divino que está fundamentado no sentimento religioso. Isso pode ser percebido em declarações como: “Deus me revelou” e “Ele nos puxa de uma forma que a gente não percebe que é Ele”:

“E aí tempos depois, meio que Deus me revelou que toda aquela mudança, tudo aquilo que eu tinha passado, já tinha a mão dele naquele meio, sabe? Então desde então, eu sempre fui uma pessoa que sempre acreditou nessa caminhada que Deus prepara mesmo para a nossa vida, sabe? Quando Ele nos puxa de uma certa forma que a gente não percebe que é Ele, mas quando você olha para trás e diz, meu Deus, era Deus o tempo todo. Então, devido a toda essa minha experiência e a maneira como eu lido com as coisas, eu creio que Deus sempre me chamou e sempre esteve no controle da minha vida”.

Transparente

A próxima entrevistada fala sobre a ilusão da felicidade que sentia antes de ir para a igreja e apresenta uma sucessão simultânea de fatos da sua história, onde mescla aspectos religiosos com sociais e psicossociais, através do uso do advérbio “quando” e da locução “desde então”, culminando com o seu desejo de servir:

“Às vezes a gente acha que está sendo feliz, mas que não é. Que é aquela felicidade, assim, passageira, né? E foi quando eu senti esse chamado de Deus na minha vida, quando eu conheci, né, o Senhor. Quando eu recebi o convite para ir para a igreja. Aí eu fui e senti aqui dentro de mim aquele toque do Senhor em meu coração. E desde então eu senti esse desejo de servir ao Senhor”.

Acolhedora

Aspectos religiosos: “E foi quando eu senti esse chamado de Deus na minha vida...”
 “...quando eu conheci, né, o Senhor.”

Aspecto social: “Quando eu recebi o convite para ir para a igreja”.

Aspecto religioso: “Aí eu fui e senti aqui dentro de mim aquele toque do Senhor em meu coração”

Aspecto psicossocial: “E desde então eu senti esse desejo de servir ao Senhor”.

De acordo com o relato da entrevistada, o convite para ir à igreja proporcionou-lhe uma experiência espiritual com Deus, expressa através de um sentimento religioso, que resultou no “desejo de servir ao Senhor”. Observa-se nas representações da entrevistada através de palavras como “eu senti esse chamado de Deus”, “eu senti aqui dentro de mim aquele toque do Senhor” e “eu senti esse desejo de servir ao Senhor” que o sentimento religioso estruturou a sua visão acerca do chamado divino para liderar um pequeno grupo.

O relato da próxima entrevistada também revela uma forte presença do sentimento religioso estruturando as suas representações acerca do chamado para ser líder de um pequeno grupo:

“O pastor da igreja fez o convite para a gente ser líder em treinamento. E vendo tudo aquilo acontecer, eu fui vendo que aquilo ali ardia no meu coração, né? A alegria, o desejo de estar cuidando, a alegria de fazer parte, o prazer de ser usada para aconselhar, segundo a Bíblia, de mostrar o que a Bíblia diz, isso me dava alegria, um prazer muito grande. Então, o meu chamado eu digo que foi esse, ter essa alegria, esse contentamento, esse prazer mesmo nessa obra. [...] Então, eu digo que o meu chamado foi esse, foi ver a obra, fazer parte dela e me alegrar, sentir prazer, até assumir realmente”

Dedicada

A entrevistada revelou que assumiu a liderança em treinamento de um pequeno grupo a convite do pastor. A partir daí ela pôde vivenciar uma experiência profundamente emocional, como evidenciam expressões como “aquilo ardia no meu coração”, “a alegria de fazer parte” e “o prazer de ser usada”. Neste trecho do relato, ela repete a palavra “prazer” quatro vezes e “alegria” (incluindo “alegrar”) cinco vezes, o que demonstra a forte influência que o componente emocional (sentimento religioso) tem na estruturação da sua experiência de chamado para ser líder de pequeno grupo.

Para esta entrevistada, o chamado para ser líder é um chamado para servir:

“Líder é um servo. É aquele que serve ao Senhor e serve ao outro, né, aquele que tá pronto pra orar na hora que a pessoa precisar, pronto pra aconselhar na hora que a pessoa precisar de um aconselhamento, pronto pra receber em sua casa, também é um hospedeiro, né, pronto pra receber em sua casa as pessoas que estão ali precisando de um momento, né, até de uma simples conversa, de um café. Pra mim é aquele que, o líder é aquele que serve em primeiro lugar, né, antes de liderar ele serve. Eu acho que a liderança é servir, né, porque se eu abro, hoje nós somos líderes e somos anfitriões. Então, se eu abro a minha casa, eu tô servindo com a minha casa”.

Dedicada

Para a entrevistada, o chamado para liderar é um chamado para o serviço. O líder seria aquele que “está sempre pronto para servir” a Deus e às pessoas. Como servo, o líder realiza ações para Deus e para o próximo as quais incluem: orar, aconselhar, receber e servir as pessoas em sua casa. A liderança é um serviço que é feito com prazer porque é um serviço feito em nome de Deus. O líder é um servo de Deus.

O discurso da entrevistada está em consonância com o discurso institucional mais amplo. Moore (2015) destaca a importância do membro de pequenos grupos ter um coração de servo, seguindo o exemplo de Jesus. O autor fala que “o preço da servidão é elevado, mas as suas recompensas não tem preço” (p. 62) e também afirma que “um coração de servo atrairá outros a você” (p. 66), reforçando a intencionalidade proselitista implícita na atitude de serviço ao próximo.

O discurso religioso articula chamado, liderança e serviço, onde ser líder de pequeno grupo é compreendido como um chamado divino para servir. De acordo com os relatos dos entrevistados, este chamado pode ser estruturado tanto por meio da experiência prática, quanto por meio do discurso religioso, do discurso fundador e do sentimento religioso, revelando as

espacialidades estruturantes das representações simbólicas e do pensamento religioso (Pereira, 2014, p. 169).

4.8 OS DESAFIOS

Quando questionados se havia algum ponto negativo no modelo de pequenos grupos, alguns entrevistados apresentaram dificuldades em apontar um ponto negativo:

“Um ponto negativo, eu tenho uma dificuldade de achar ponto negativo naquilo que envolve o reino de Deus. Então assim, eu não consigo associar nesse momento, não consigo”.

Convicto

Este entrevistado nasceu em uma família evangélica da igreja batista, seu pai era pastor desta denominação e passou a vida inteira na mesma religião. Mesmo assim, com toda esta vivência, afirma que tem dificuldade de achar ponto negativo no que concerne ao trabalho com pequenos grupos. Percebe-se que, para o entrevistado, a estratégia de pequenos grupos assume o significado de reino de Deus, sendo portanto, bom, positivo e isento de falhas humanas. Fica implícito através do discurso do fiel que a religião como forma simbólica também pode modelar a forma como os julgamentos são feitos, limitando a percepção de eventuais contradições ou problemas internos à prática religiosa.

Uma palavra que se destacou nos discursos dos entrevistados foi “desafio”. A maioria evitou falar sobre possíveis “pontos negativos”, preferindo enquadrar as dificuldades sob a perspectiva de desafios. Em alguns relatos, o termo aparece em coocorrência com expressões de conotação positiva, como, “experiência positiva”, “responsabilidade”, “privilégio” e “alegria”, o que revela uma ressignificação das adversidades vivenciadas na liderança dos pequenos grupos, como nos exemplos abaixo proferidos por líderes de pequenos grupos:

“A minha experiência com o PGM é uma experiência muito positiva, apesar dos desafios”.

Forte

“Então, tudo isso é uma grande responsabilidade, sabe? Então, isso também entra como um grande desafio”.

Transparente

“Apesar de tudo isso, de ser um grande desafio, né, também é um grande privilégio, uma grande alegria”.

Dedicada

No primeiro exemplo, a entrevistada afirma que sua experiência com o pequeno grupo é “muito positiva, apesar dos desafios”. O uso do advérbio “muito” intensifica a avaliação favorável, mesmo diante das dificuldades, o que sugere uma postura de resiliência e compromisso com a dinâmica do pequeno grupo.

No segundo exemplo o desafio aparece associado à palavra “responsabilidade”. Ambos são dimensionados pelo uso do advérbio “grande”, podendo-se deduzir que o entrevistado encara as atividades inerentes ao exercício da liderança de um pequeno grupo como uma missão que exige dedicação e compromisso.

No terceiro exemplo, a entrevistada se refere às dinâmicas da liderança de um pequeno grupo como um “desafio”, mas também como um “privilégio” e uma “alegria”. Todos esses termos são intensificados pelo uso repetido do adjetivo “grande”, o que evidencia a força emocional com que ela vivencia o seu papel.

A palavra “desafio” também aparece no discurso do entrevistado a seguir, que foi líder e supervisor de pequenos grupos e agora é pastor de uma congregação. Ele fala sobre a mudança de foco que a estratégia de pequenos grupos traz para a igreja e para o pastor:

“Então, como você está estacionado ali e, na sua igreja, as coisas funcionam, tem o culto de oração, tem escola bíblica, tem o culto de domingo, tem um culto de visita, tá bom. Só que o pequeno grupo é um desafio diário, tanto para o pastor como para a igreja. De você ir para a prática do evangelho, ir para o confronto, para a linha de frente”.

Comprometido

No entendimento do entrevistado, a estratégia de pequenos grupos retira a igreja da inércia de uma programação que funciona, mas que acomoda. Neste caso, os pequenos grupos desafiam a igreja e a sua liderança a adotarem uma posição mais agressiva, de “confronto”, saindo da retaguarda e indo “para a linha de frente”. Esta dinâmica é capaz de mudar a estrutura dos relacionamentos na igreja, dinamizar o seu crescimento e envolver mais pessoas no serviço religioso, “aliviando a mochila do pastor”, como completa o entrevistado:

“Então, a visão de igreja multiplicadora veio para que cuidado e o discipulado, a preparação de novos líderes pudesse expandir mais o reino de Deus e também aliviar a mochila pesada que o pastor carrega, exercendo esse ministério sozinho. O pequeno grupo, ele traz uma ideia de fortalecimento dos relacionamentos. É uma oportunidade que você tem ali de compartilhar a fé. E dentro dessa dinâmica de fortalecimento, de compartilhamento da fé, da palavra de Deus, você vai fazendo novos discípulos, levantando novos líderes. E alcançando um número cada vez maior de pessoas para o reino de Deus”.

Comprometido

O discurso do entrevistado segue em consonância com o discurso institucional mais amplo, cuja ideia da associação dos pequenos grupos ao auxílio na liderança pastoral é apresentada por autores como Salgado (2017) e Tunala (2014), como já foi demonstrado no capítulo anterior. Tal entendimento do pequeno grupo como forma de auxiliar o pastor também está presente no discurso da entrevistada de codinome Dedicada:

“A estrutura em células, é uma maneira da gente poder ajudar o pastor, em primeiro lugar [...] O pastor não tem condição de conhecer todo mundo, de realmente estar mais perto para cuidar, para acompanhar num discipulado, para poder socorrer na hora da necessidade, para aconselhar, para dizer... ele sozinho não tem condição disso”.

Dedicada

Outro desafio que foi apresentado pela entrevistada de codinome Forte diz respeito ao exercício do cuidado. Este cuidado é praticado via relacionamentos e requer dedicação, tempo e preparo, especialmente, por parte do líder para com as pessoas do seu grupo. De acordo com a entrevistada, este cuidado envolve as ações, como, socorrer, ajudar, ouvir e aconselhar:

“O cuidado é uma coisa, é um desafio, porque assim, a gente já tem a nossa própria vida para dar conta, né? E aí a gente vai entrar na vida do outro e nos envolvermos com os problemas dos outros. E viver e parar a sua vida para socorrer, para ajudar, para ouvir, para aconselhar, é um desafio”.

Forte

O discurso religioso mobiliza os fiéis para o trabalho incansável no sentido de multiplicar a sua liderança, formando novos líderes através dos relacionamentos interpessoais.

A prática destes princípios tem o potencial de reorganizar as vidas dos indivíduos que muitas vezes precisam conciliar a vida pessoal, familiar, profissional com o serviço religioso e isto pode representar um desafio para muitas pessoas. Tal narrativa está presente neste livro que é utilizado para formação de líderes de pequenos grupos e representa o discurso institucional mais amplo:

Líderes que multiplicam são resultado de trabalho duro e de fazer o bem de novo e de novo, mesmo quando você está cansado demais, ocupado demais e não tem mais disposição para isso. [...] Nós não podemos nos fatigar no duro trabalho de fazer o bem se quisermos fazer a colheita (Earley, 2016, p. 34-35).

Exigências como essas, expressas no discurso religioso, podem acabar sobrecarregando alguns fiéis – como é o caso da próxima entrevistada. Embora a palavra “desafio” não apareça, ela está subentendida nas palavras da entrevistada, que já atuou como líder e supervisora de pequenos grupos. Atualmente, no entanto, é apenas membro, tendo se afastado das funções de liderança por questões de saúde:

“É muito trabalho mesmo, com criança pequena, né? Era, e aí a gente tinha que fazer a reunião, os GDs com os líderes das outras células, e a gente sempre participava dos eventos dessas células, e era bem cansativo”

Aurora

A entrevistada, junto com o seu esposo, chegaram a supervisionar sete pequenos grupos. Os líderes e supervisores de pequenos grupos são voluntários leigos, pessoas comuns que conciliam a rotina secular com a liderança religiosa. É escolhido como supervisor o líder de pequeno grupo mais bem-sucedido, com experiência na multiplicação. Como supervisor, além do pequeno grupo, ele passa a liderar um GD (Grupo de Discipulado). Um GD é formado por uma média de quatro pequenos grupos, mas pode chegar até dez (Carvalho, 2016, p. 95).

As principais atribuições de um supervisor são: Reunir-se com o seu GD, pelo menos, a cada quinze dias para avaliar o andamento dos pequenos grupos; Discipular individualmente cada líder do seu GD em encontros quinzenais de cerca de uma hora; Visitar os pequenos grupos do seu GD periodicamente, dentre outras (Carvalho, 2016, p. 97-99).

“A gente permaneceu como líderes durante, acredito que 4 a 5 anos, e aí, eu principalmente, dei uma cansada, e a gente entregou. Eu também vinha com muitos problemas de saúde, no trabalho, professora, desenvolvi fibromialgia, então estava muito cansativo, muito exaustivo,

e a célula estava muito grande, e o apartamento muito pequeno, e a reunião semanal também é muito desgastante, cuidar de pessoas também não é fácil. E aí, a gente chegou à conclusão de que iria entregar por um tempo. Nesse período também, a gente estava com muita sobrecarga na igreja, porque a gente passou a ser supervisor de célula, a gente também era líder, supervisor, também éramos diretores do CEPM, que é a escola bíblica. Eram muitas atividades, porque a gente não tinha uma noite que ficasse em casa, praticamente. Então, eu disse, não, vamos parar, pela minha saúde, eu estava precisando por recomendação médica para ir um pouco parar a atividade, e aí a gente entregou a célula em janeiro, e em fevereiro, março, começou a pandemia. E no mesmo ano, eu tive o câncer, então a gente, depois disso, não voltou mais a ser líder”.

Aurora

A entrevistada relatou as dificuldades que teve para conciliar as atividades como líder e supervisora de pequenos grupos com a rotina familiar e profissional. Além disso, ela e seu esposo também eram diretores da escola bíblica. Ela relata que estava praticamente sem tempo para a família, pois as atividades da igreja estavam ocupando quase todas as suas noites. Acabou adoecendo e teve que parar por recomendação médica.

Pode-se perceber a partir do relato da entrevistada como a religião, através do discurso religioso e institucional, tem o poder de reorganizar as escolhas, a rotina e a vida social do indivíduo; expõe também a dificuldade que alguns fiéis encontram para conciliar o serviço voluntário religioso e institucional com a vida profissional e familiar.

O discurso religioso e institucional atribui ao fiel a condição de servo (Moore, 2015, p. 59-67), o que pode, em certos casos, gerar tensões quando o indivíduo, por não estabelecer limites claros, se entrega além das suas capacidades. Essa entrega excessiva pode acarretar prejuízos em diversas áreas da sua vida pessoal.

No ponto de vista da entrevistada, o modelo de igrejas em pequenos grupos segrega a igreja:

“Esse modelo, o modelo celular, eu acredito que meio que segrega a igreja. Ele divide, ele divide grupos. Então você não tem um relacionamento com todo mundo da igreja, você fica muito íntimo com aquele grupo que você convive ali semanalmente. Então com esse grupo você tem muita afinidade, e lógico que, quando multiplica, você fica com aquelas pessoas que você já tinha antes, e aí vai crescendo um pouco mais a afinidade”.

Aurora

De acordo com a entrevistada, o pequeno grupo proporciona um ambiente adequado para o desenvolvimento de relações sociais muito próximas devido ao contato semanal entre os seus membros, o que gera a criação de vínculos muito íntimos. Entretanto, estes vínculos ficam restritos ao próprio pequeno grupo, não se estendendo aos outros grupos e aos demais membros da igreja.

A entrevistada retorna a este assunto ao falar sobre a sua experiência, quando assumiu pela primeira vez a liderança de um pequeno grupo:

“E, assim, em alguns instantes a gente percebeu, a primeira célula que multiplicou, que a gente se tornou líder, e a que saiu, meio que uma competitividade ou uma indiferença muito grande. Depois, tipo assim, vocês são vocês e a gente é a gente, não tem mais contato, não tem mais essa... Então, esse sentimento existiu”

Aurora

De acordo com o seu relato, ao assumir a liderança do grupo que se multiplicou, a entrevistada percebeu uma mudança de comportamento dos antigos membros do seu grupo. Com a multiplicação, os antigos laços de “intimidade” e “afinidade” transformaram-se em “competitividade” e “indiferença”. Os contatos constantes que, no início de um pequeno grupo, tem o propósito de criar um ambiente de acolhimento e cuidado, de repente, foram rompidos.

Percebe-se, a partir dos relatos da entrevistada, que, embora a multiplicação promova o crescimento da igreja, os laços de amizade entre os membros restringem-se ao seu pequeno grupo. Estes vínculos são reorganizados no momento da multiplicação/divisão do grupo, quando um novo ciclo de multiplicação se inicia.

Tal dinâmica parece conferir às relações interpessoais um caráter artificial ou utilitarista, onde a utilidade seria até que ocorra a “multiplicação”. Essa percepção leva a entrevistada a considerar que o modelo de pequenos grupos, apesar de eficaz em termos numéricos, contribui para a fragmentação da comunidade e promove certo grau de segregação dentro da igreja.

A entrevistada descreve esta situação a partir de um exemplo que vivenciou durante a época em que precisou se afastar do seu pequeno grupo:

Chegou uma situação, tipo assim, a gente não estava em célula, teve uma confraternização da igreja e um jantar, a gente chegou e não tinha onde sentar. Cheguei em uma mesa e falei,

“a gente pode sentar aqui?”. “Não, aqui é de fulano”, fui pra outro lado “Não, aqui é de fulano”. E tem, existe isso”.

Aurora

Conforme relatado, a ausência de vínculos com o pequeno grupo afetou diretamente a sua integração nas atividades sociais da igreja. Durante a confraternização, embora houvesse lugares disponíveis, estes estavam informalmente “reservados” para pessoas que faziam parte dos respectivos grupos, o que a fez sentir-se excluída. A entrevistada não encontrou espaço onde pudesse se encaixar socialmente naquele contexto.

O envolvimento dos membros do pequeno grupo com foco na multiplicação, atração de novos membros e discipulado faz com que eles estejam envolvidos em uma relação mais próxima entre si. Isto pode resultar, ainda que involuntariamente, na exclusão daqueles que não estão envolvidos neste processo, ou seja, pessoas que não fazem parte daquele grupo ou que estão envolvidas na mesma dinâmica em outro grupo. Essa consequência aparece como um efeito colateral natural da estratégia de priorização dos relacionamentos internos.

Esse fato encontra respaldo no discurso institucional apresentado no livro *Relacionamento Discipulador*, especialmente, no tópico intitulado “O relacionamento discipulador separa pessoas” (Carvalho, 2015, p. 124-126), onde se afirma:

Precisamos ter sabedoria e bom senso. Algumas pessoas vão querer aproveitar o bônus do relacionamento discipulador, mas não estarão dispostas a assumir o ônus. E, quando aplicarmos os princípios da seleção e da concentração, isso pode nos levar a ser acusados de acepção. O que nos conforta é que Jesus também poderia ser acusado de acepção ao admitir no barco apenas aqueles que assumiram o compromisso do relacionamento discipulador. Como discipuladores, querendo ou não o nosso “barco do discipulado” terá uma capacidade limitada de passageiros, a qual será determinada pela nossa condição de tempo e energia para cuidar de cada um dos nossos discípulos efetivamente. Não cometa o erro estratégico de dar carona em seu “barco” além da capacidade de passageiros. O excesso de lotação pode ocasionar um desastre. (Carvalho, 2015, p. 125-126)

Fundamentando o seu discurso na passagem bíblica de Mateus 8-18-23, o autor fala para aqueles que lideram ou estão envolvidos com o trabalho de um pequeno grupo. Abordando sobre o tema RD (Relacionamento Discipulador), o autor destaca que o líder de pequenos grupos deverá selecionar aqueles que serão alvos do seu discipulado e concentrar-se neles. Ele lembra que este processo requer tempo e energia que serão dedicados a estas pessoas. Neste sentido, outros ficarão de fora. A intenção é manter o foco no fortalecimento dos laços entre os membros do grupo, visando a formação de novos líderes, atração de conversos com o fim de cumprir o propósito da multiplicação do grupo.

Nesse contexto, o “bônus” refere-se aos benefícios da vivência em pequenos grupos: acolhimento, pertencimento, apoio mútuo e amizades. Já o “ônus” diz respeito ao compromisso de cada membro com a multiplicação e o trabalho em equipe, visando a formação de novos discípulos. Caso os membros não atentem para este compromisso, o autor sugere um “desastre” que seria a perda do propósito do grupo, ou seja, a ausência da multiplicação.

O relato da entrevistada, por sua vez, revela a perspectiva de quem estava fora dessa lógica institucional. Sua experiência evidencia como pessoas que não participam de pequenos grupos acabam sendo percebidas como aquelas que “querem o bônus, mas não o ônus”, o que pode acarretar isolamento dentro da própria igreja. Essa percepção a levou a concluir que, mesmo não desejando mais exercer uma liderança, a única forma de se sentir parte da comunidade seria integrar-se novamente a um pequeno grupo:

“Então, se você está numa igreja em célula, você tem... não uma obrigação, mas você precisa estar em célula, porque se você não estiver, você é isolado, sim”.

Aurora

Assim, emergiu um ponto de tensão entre o discurso institucional mais amplo, que se volta para a seleção e concentração relacional como estratégia de discipulado, e a vivência da entrevistada que, estando fora dessa estrutura, sentiu-se excluída.

O próximo entrevistado – um homem de 29 anos, casado e sem filhos – reconhece que há dificuldades na liderança de um pequeno grupo, mas não as interpreta como aspectos negativos. Assim como outros entrevistados, prefere utilizar o termo “desafio” para descrevê-la:

“Eu acho que ponto negativo é algo difícil de dizer. Porque, assim, eu diria que tem dificuldades. [...] depois que você se torna líder, quando você começa a realmente estar por trás dos bastidores, você entende que é uma responsabilidade muito grande. Querendo ou não, há um desafio ali, no dia-a-dia, principalmente para manter a célula, para poder tanto ministrar a palavra, quanto fazer tudo aquilo que se espera de uma célula”.

Transparente

Este entrevistado, de codinome Transparente, lidera um pequeno grupo pela primeira vez e relata como o seu entendimento acerca do pequeno grupo mudou depois que ele se tornou líder. Na condição de membro ele era cuidado e não tinha conhecimento da rotina e do trabalho

de um líder. Agora que está “por trás dos bastidores”, compreende que é uma responsabilidade “muito grande” a tarefa de um líder.

Além de líder, o entrevistado também é anfitrião, que é o dono da casa, o responsável por receber o pequeno grupo. A seguir, ele descreve a rotina desta tarefa:

“Normalmente, quando é dia de célula, vai arrumar a casa, vai deixar tudo pronto, vai preparar. Aí, normalmente, [...] a gente tem sempre o costume de fazer o café, já deixar o café pronto na cafeteira, preparar todo o ambiente para receber os irmãos. Então, tudo isso é um desafio, sabe? Eu não coloco um ponto negativo, mas é um... é um esforço, não pelo trabalho que você tem, pela posição que você está”.

Transparente

O pequeno grupo se reúne semanalmente. Não tem férias e nem feriado. Orienta-se o anfitrião para que prepare o ambiente antecipadamente para receber os convidados (Carvalho, 2016, p. 139). Este entrevistado não é o único que acumula as funções de líder e anfitrião. É comum que o líder também ocupe a função de anfitrião. No caso do anfitrião, no momento da reunião do pequeno grupo, o espaço da sua casa adquire a função de espaço institucional. A reunião é conduzida conforme a orientação do discurso institucional (Carvalho, 2016, p. 90-95) e é dirigida por alguém constituído pela instituição.

“Então, existem esses desafios, sabe? [...] principalmente quando você está na posição de liderança ou numa posição em que você necessita ali, [...] não é bem jogo de cintura, mas é como se fosse. Porque você está lidando com os problemas e você tem que saber como se reportar, você tem que saber como falar, você tem que saber como transmitir, você tem que estar ali, constantemente, cooperando e ajudando os irmãos, sabe? Então, eu diria que é uma tarefa difícil, nesse sentido, sabe? E, principalmente, para quem é um anfitrião, que abre a porta da sua casa. Então, assim, não é fácil para todo mundo, às vezes, né?”

Transparente

Na unidade de contexto acima, o entrevistado retoma a ideia de “desafios”, agora associada à expressão “tarefa difícil”, para descrever a complexidade de atuar na liderança de um pequeno grupo. Ele enfatiza a responsabilidade de lidar com os problemas alheios, prestar orientação religiosa e manter uma postura de apoio constante. Ao mencionar o papel do

anfitrião, ficam implícitas as exigências emocionais e logísticas envolvidas. Embora reconheça que a tarefa não é fácil, sua fala sugere uma postura de resiliência e responsabilidade.

Nesta pesquisa, quando o termo “negativo” apareceu para caracterizar algo relacionado aos pequenos grupos, esteve associado, nos discursos dos entrevistados, à falta da multiplicação. Isto é o que demonstra os três próximos relatos.

“Então, o que eu enxergo de, eu vou usar essa expressão porque não veio outra no momento, de negativo nisso, que é negativo para a igreja em geral, é não praticar os princípios bíblicos e você acabar tendo ali, em vez de um pequeno grupo multiplicador, um grupo de comunhão, onde você vai lá, cumpre o ritual e vai para a sua casa. E isso entristece e frustra muitos líderes e muitas pessoas. Então, o que eu vejo de preocupante é você estar lá há cinco anos com o PGM na casa de alguém e a pessoa chama os vizinhos e os vizinhos não vai, vai um ou outro, vai um que fica cochilando, vai um que não dá muita importância e isso vai desanimando você. Mas o grande problema é a falta de prática dos princípios bíblicos que dão base para o PGM fluir e abençoar as pessoas”

Comprometido

Embora não tenha encontrado outra expressão mais adequada para expressar o seu pensamento, o que o entrevistado caracteriza como negativo estaria mais relacionado a uma má aplicação/compreensão da dinâmica dos pequenos grupos do que aos pequenos grupos em si.

O entrevistado afirmou duas vezes nesta unidade de contexto que o que vê de negativo é “a falta de prática dos princípios bíblicos”. Esta comprometeria a própria originalidade do que seria um pequeno grupo, pois, ao invés disto, poderia resultar em um “grupo de comunhão”. Assim, verifica-se que, para o entrevistado, a prática dos pequenos grupos está ancorada em uma interpretação de princípios derivados do discurso fundador. Sem estes princípios o grupo não iria crescer e multiplicar adequadamente, tornando-se, simplesmente, um grupo de amizades, ou seja, um grupo de comunhão.

De acordo com o entrevistado, a ausência da multiplicação nos pequenos grupos seria um “grande problema” e algo “preocupante”, pois poderia levar ao cansaço de líderes e membros que se esforçariam sem ver resultados. Por este motivo, alguns poderiam desanimar e desistir da função. Ainda assim, o entrevistado não atribui a causa desse fracasso à estratégia dos pequenos grupos em si, mas à falha na aplicação dos “princípios bíblicos”, os quais são uma interpretação institucional do discurso fundador.

A entrevistada a seguir também enxerga como ponto negativo a falta de multiplicação. Esta estaria associada a uma visão incorreta dos membros e líderes de pequenos grupos, que tenderia ao comodismo:

Ponto negativo, às vezes, se a pessoa que está na liderança, ou liderado, não tiver uma visão correta, de que precisa ser discípulo, e também fazer discípulos, se não tiver cuidado, vira um grupo só de amizade, e ninguém quer multiplicar, quer estar todo mundo junto, naquela amizade, né, se acomoda.

Dedicada

O discurso da entrevistada, alinhado ao discurso institucional, evidencia que o propósito principal do pequeno grupo não é a manutenção da amizade, do bem-estar ou da comunhão entre os membros. Nessas dinâmicas, os relacionamentos estão a serviço de um objetivo maior, preconizado pela instituição: a multiplicação. Assim, as relações sociais são mobilizadas como estratégia para expandir o número de fiéis.

O discurso institucional chama estas relações de Relacionamento Discipulador (RD), que, para Brandão (2014, p. 67-67):

[...] é o relacionamento intencional de um discípulo com uma pessoa, visando torná-la outro discípulo [...] é algo a ser buscado desde o início e que será concretizado, dependendo do interesse da pessoa pelo Evangelho. [...] Uma vez que a pessoa demonstre interesse pelo Evangelho, deve-se criar e aprofundar o Relacionamento Discipulador, que contribuirá para a sua conversão e integração à igreja local. (Brandão, 2014, p. 64-67)

O Relacionamento Discipulador possui uma dinâmica própria para fins religiosos e proselitistas, a qual é estruturada de acordo com as espacialidades do pensamento religioso e das representações simbólicas. Neste contexto, o pensamento religioso é manifesto por meio do discurso fundador. Já a espacialidade das representações é apresentada no plano da linguagem por meio do discurso religioso (Pereira, 2014, p. 167-169).

O discurso institucional busca fundamentar o Relacionamento Discipulador no discurso fundador. Um exemplo disso é a obra *Igreja Multiplicadora*, de Brandão (2014, p. 65–67), que afirma que essa era a metodologia utilizada pelos apóstolos, os quais, primeiramente, anunciavam o Evangelho ao maior número possível de pessoas e, posteriormente, dedicavam atenção àquelas que demonstravam interesse. Para sustentar essa tese, o autor recorre a diversos exemplos de personagens bíblicos presentes no livro de Atos dos Apóstolos.

Esta última entrevistada também apresentou como ponto negativo dos pequenos grupos a falta de multiplicação:

“O que eu vejo às vezes de negativo é que, é como se em alguns momentos, alguns daqueles participantes se acomodassem um pouco. Porque qual a intenção do PGM? Multiplicar líderes. É um pequeno grupo multiplicador, né? E às vezes eles estão ali, é muito bom ter uma pessoa que venha toda vez com a dinâmica legal, com um debate legal, explicar a bíblia para você entender melhor. Mas a partir de você propor que aquela pessoa faça isso com outros, às vezes a gente percebe que alguns não querem muito. Alguns realmente não têm... têm muita timidez, não têm muito jeito, mas outros têm o potencial, mas não querem muito esse compromisso. Então o que eu vejo de negativo é isso, mas quase tudo é muito positivo”.

Forte

A entrevistada caracteriza como negativo o comportamento de alguns membros de pequenos grupos que não se empenham na formação de novos discípulos. Para ela, o objetivo central do pequeno grupo é a multiplicação de líderes, e a ausência desse movimento revela comodismo. Suas palavras estão alinhadas ao discurso institucional, assim como ocorre com os entrevistados anteriores, o que evidencia que as angústias compartilhadas por líderes tendem a convergir, especialmente diante da expectativa constante pela multiplicação gerada por esse mesmo discurso.

4.9 AS PRESSÕES

Alguns entrevistados relataram ter experimentado pressões nos relacionamentos nos pequenos grupos. Segundo afirmam, não foram pressões para mudar algo na sua vida, mas sim relacionadas ao trabalho com os pequenos grupos. Nestes casos, um deles relatou ter sido pressionado para assumir a liderança de um grupo. Outra pessoa relatou que foi pressionada para multiplicar. A seguir, em sequência, apresentam-se os relatos destes entrevistados.

“Eu diria que eu já me senti pressionado, por exemplo, na época que eu... que a gente estava sendo liderado em célula, por exemplo, e é o que querendo ou não, eu até mesmo faço um pouco disso, né? [...] por exemplo, no meu caso, no começo, assim que a gente entrou na igreja, eu lembro que na época a gente ficou um pouco pé atrás de participar já de ministério. Por mais que a gente viesse e já trabalhasse numa outra igreja, na época eu

ficava assim, não, a gente quer dar um tempinho, agora que a gente chegou numa igreja nova, a gente nunca quer começar com os dois pés, né? A gente quer começar devagar e tudo mais. E aí foi nesse período que eu fiquei assim... A liderança chamando, passou todo mundo assim, meio que colocando aquela pilha assim, né? Não, vamos, vamos trabalhar, vamos sei lá o quê. E aí pra gente foi algo muito rápido. Só que, quando a gente olha pra trás, né? E vê que fez muito bem, porque querendo ou não, quando a gente tá engajado, quando a gente tá em movimento, a gente deixa de pensar, assim, de... É igual o povo fala, né? Que mente vazia é a casa do diabo, né? Então, a gente realmente se ocupou e conseguiu realmente engajar, sabe? Então foi situações, assim, de meio que pressão, mas é sempre aquela pressão puxando pro bem, né?"

Transparente

O entrevistado acima fala que, quando chegou à igreja, não queria, a princípio, exercer nenhuma função. Mas se sentiu pressionado pela liderança e pelos membros do seu antigo pequeno grupo para trabalhar. Em função disto, com menos de um ano na igreja ele acabou cedendo à pressão e assumiu a liderança de um pequeno grupo. No entanto, ele não se arrepende da decisão e afirma que “fez muito bem”. Em sua avaliação, ele considera que foi uma “pressão puxando para o bem”. Segundo afirma, a mesma postura ele adota com relação aos membros do pequeno grupo que lidera: “[...] e é o que, querendo ou não, eu até mesmo faço um pouco disso”.

Como já foi apresentado, o pequeno grupo é uma estratégia de crescimento da igreja. A multiplicação faz parte do seu ciclo de crescimento. O pequeno grupo só se multiplica se houver um novo líder para assumir a função. O surgimento de novos líderes é necessário para a multiplicação do pequeno grupo. Dessa forma, o discurso religioso sempre apresenta a necessidade de formação de mais líderes: “A multiplicação bem-sucedida jamais ocorrerá sem o desenvolvimento de líderes em potencial” (Earley, 2016, p. 93). Isto pode ser encarado por alguns como uma forma de pressão para assumirem tal função.

“Me confronta diante da igreja em célula. O que é muito pregado é que toda pessoa é um líder. E eu não vejo dessa forma. Eu acredito que nem todo membro de célula vai ser líder. [...] Muitas vezes eu me sentia incapacitada de ser líder.”

Aurora

A entrevistada acima questiona o discurso religioso institucional da sua igreja, quando afirma que todos os membros de pequenos grupos são líderes. A sua vivência anterior como líder e supervisora de pequenos grupos constitui uma experiência que se choca com tal discurso. Este é um confronto para o qual ela ainda não encontrou uma solução.

Neste sentido, ao analisar um dos livros do programa Igreja – que expressa o discurso institucional da denominação sobre os pequenos grupos —, percebe-se uma possível contradição quanto à definição sobre quem pode exercer a liderança, como se observa a seguir:

Nem todo membro de uma igreja será um líder de pequeno grupo ou ministério, mas poderá desenvolver habilidades de líderes e contribuir significativamente no processo de multiplicação. [...]
 Todos podem liderar um pequeno grupo. [...]
 Todo o povo de Deus deve ser treinado para fazer o trabalho ministerial. Cada membro deve ser um ministro. Por isso cada membro deve ser treinado para a liderança. [...]
 A Bíblia também ensina que todo crente deve ser um discípulo. E para ser verdadeiramente um discípulo, você precisa ser um discipulador. Portanto, todo membro deve ser discipulado para discipular outros. (Earley, 2016, p. 9-42)

Embora afirme que nem todos os membros da igreja se tornarão líderes de pequenos grupos, o autor defende que todos devem ser preparados para exercer a liderança. Segundo ele, “cada membro deve ser um ministro” e “todo membro deve ser discipulado para discipular outros”. Por se tratar de um material voltado à formação de líderes nas igrejas, esse discurso reverbera nas comunidades religiosas e pode ser interpretado, por alguns, como uma forma de pressão para que todos assumam a liderança de um pequeno grupo.

A entrevistada de codinome Aurora também relata que vivenciou uma experiência de pressão no contexto de pequenos grupos:

“Me senti pressionada para... Nesse mesmo contexto de igreja e de célula, para multiplicar. Isso aí a gente se sente pressionada. [...] Gera um desconforto. Porque, assim, como é que eu posso dizer? É porque o objetivo é que não se torne grupo de amigos, mas que sempre esteja multiplicando e buscando outras pessoas, principalmente, que não conheçam a Cristo, para aquele grupo, para que conheça o evangelho e se converta, enfim, esse é o objetivo”.

Aurora

A entrevistada permaneceu por cerca de cinco anos como líder de um pequeno grupo. Após este período ela adoeceu e precisou entregar a liderança. Em seu relato ela discorre sobre a pressão que o líder enfrenta para multiplicar o seu grupo. A entrevistada ressalta que o objetivo do pequeno grupo é missionário/proselitista. Assim, cabe ao líder mobilizar o grupo para alcançar este objetivo, indo sempre em busca de novas pessoas. Após cada multiplicação, o

grupo fica reduzido e tudo começa novamente. Este processo, na visão da entrevistada, “gera um desconforto”.

“Quando multiplica a célula, é um sentimento de um vazio muito grande. Isso eu senti. Hoje a gente consegue dizer sempre multiplicar, mas a expressão no início é de que a célula vai dividir. Porque realmente divide”.

Aurora

Embora os líderes se empenhem na multiplicação dos pequenos grupos, quando esse momento chega, a saída de membros pode ser vivida como uma perda significativa, gerando um profundo sentimento de vazio tanto para o líder quanto para os membros. Isso acontece porque, na prática, a multiplicação se realiza por meio da divisão de um grupo que construiu vínculos afetivos ao longo do tempo. Esse sentimento pode desmotivar o líder, que vê partir pessoas com as quais estabeleceu laços de cuidado e convivência.

O discurso institucional, por outro lado, apresenta a multiplicação como um marco a ser celebrado, uma vez que representa o cumprimento do propósito missionário daquele grupo. Nesse sentido, a multiplicação é vista como uma conquista: “A multiplicação deve ser vista como um momento de celebração, uma vitória conquistada, pois com ela aumenta-se a possibilidade de levar mais pessoas à salvação em Cristo; mais uma casa estará aberta promovendo a pregação do Evangelho na cidade” (Tunala, 2014, p. 40).

Assim, o discurso religioso-institucional atua no sentido de reinterpretar a dor da separação como parte natural do ciclo de crescimento. A divisão, portanto, é ressignificada como um sinal de avanço, e o vazio emocional, como um preço a ser compreendido e até celebrado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, baseada em uma fenomenologia da compreensão, buscou desvelar as estruturas que sustentam o modelo de pequenos grupos nas igrejas batistas vinculadas à Convenção Batista Brasileira. Considerando o contexto relacional que fundamenta esse modelo, a análise foi enriquecida com as contribuições da teoria de Carl Rogers acerca de uma relação social saudável.

O estudo investigou as espacialidades das relações sociais nos pequenos grupos a partir das representações simbólicas dos fiéis. Para isso, recorreu às teorizações dos geógrafos Gil Filho (2012a, 2012b, 2012c) e Pereira (2013, 2014), a fim de identificar as estruturas estruturantes do fenômeno religioso.

No primeiro capítulo, apresentou-se uma revisão das contribuições da geografia ao estudo do fenômeno religioso, destacando-se dois principais vieses sobre o espaço sagrado na Geografia da Religião no Brasil. Este trabalho foi situado no viés que concebe o espaço sagrado como conformação simbólica.

O segundo capítulo examinou o papel que a tradição e o discurso fundador exercem, por meio do discurso institucional mais amplo, na concepção do modelo de pequenos grupos das igrejas batistas participantes da pesquisa.

No terceiro capítulo, foram apresentados os resultados da Análise de Conteúdo aplicada aos dados coletados por meio de entrevistas com pastores, líderes e membros dos pequenos grupos.

A partir da metodologia compreensiva, ancorada na fenomenologia cassireriana, a pesquisa trouxe contribuições teóricas significativas. Destaca-se em primeiro lugar a identificação das condições apresentadas por Carl Rogers para uma relação social saudável nas sociabilidades dos membros e líderes de pequenos grupos. O estudo permitiu identificar a presença e/ou ausência da genuinidade, da aceitação e da compreensão nas relações sociais dos participantes da pesquisa. Além disso, a análise também possibilitou a compreensão sobre como se estruturam estas características nas relações sociais, bem como a identificação de limites e tensões destes processos.

Em segundo lugar, o estudo pôde confirmar a ação das espacialidades estruturantes, conforme teoria apresentada por Gil Filho e Pereira. Com base nos dados coletados em campo e por meio dos discursos dos entrevistados, emergiram a ação estruturante do discurso fundador, do sentimento religioso, da tradição e do discurso religioso sobre as espacialidades relacionais dos pequenos grupos. Verificou-se que tanto as condições que configuram uma relação social

saudável quanto as espacialidades do chamado, dos desafios e das pressões são estruturadas, principalmente, com base no discurso fundador, no sentimento religioso e no discurso institucional.

Em terceiro lugar, embora os pequenos grupos sejam apresentados institucionalmente como uma forma de oportunizar a todos, especialmente aos leigos, o exercício da liderança na igreja, algumas tensões ficaram evidentes, como: a sobrecarga de trabalho voluntário que é requerido de alguns membros por meio do discurso religioso e que pode comprometer outras áreas da sua vida pessoal, até mesmo questões de saúde, caso limites não sejam reconhecidos; o risco de isolamento que alguns membros podem experimentar por não estarem inseridos na lógica institucional de um pequeno grupo; a mudança de comportamento que pode acontecer após a multiplicação, quando as relações de intimidade e afinidade podem ser repentinamente transformadas em competitividade e indiferença, conferindo às relações interpessoais um caráter artificial e utilitarista.

Ressalta-se ainda que as condições apresentadas por Carl Rogers para uma relação social saudável não são meros parâmetros avaliativos. Estas condições apresentam-se como caminhos possíveis para o estabelecimento de relações sociais que possam contribuir para a autorrealização e crescimento pessoal do ser humano. Desta forma, esta ferramenta está à disposição de instituições e pessoas que reconheçam a importância da liberdade de pensamento e autonomia do indivíduo.

Embora o modelo de pequenos grupos venha sendo amplamente promovido pela CBB, ele não é um modelo que nasceu entre os batistas. Outras denominações cristãs o utilizam, com variações terminológicas e diferentes graus de ênfase proselitista. As igrejas batistas que adotam o modelo são livres para adaptá-lo ao seu contexto local. Isso explica, por exemplo, as diferenças de nomenclatura entre as duas igrejas pesquisadas: uma denomina seus grupos como “PGMs” (Pequenos Grupos Multiplicadores), seguindo a terminologia oficial da CBB, enquanto a outra os chama de “células”, por já ter implantado o modelo antes da padronização institucional. Apesar disso, os princípios e materiais formativos são os mesmos.

Assim, os discursos dos pastores e demais entrevistados, ainda que expressem variações terminológicas, seguem uma mesma lógica estrutural, centrada nas mesmas espacialidades estruturantes e na intencionalidade proselitista institucional.

A pesquisa demonstrou como o discurso religioso é capaz de influenciar a compreensão do fiel a respeito da sua realidade, dinamizando a sua ação, modelando a sua linguagem, dando-lhe sentido e propósito, bem como mobilizando seus sentimentos e influenciando suas escolhas.

Os pequenos grupos são apenas uma faceta deste mosaico religioso do protestantismo batista brasileiro hodierno, aqui estudados com foco nas relações sociais.

Por fim, apresentam-se três sugestões para investigações futuras:

A primeira delas seria buscar uma maior compreensão sobre como o sentimento religioso mobiliza a ação proselitista no contexto dos pequenos grupos. No discurso de alguns entrevistados transpareceu o poder estruturante do sentimento religioso da alegria por estar envolvido em uma tarefa em que se dedica tempo ao próximo como uma expressão de obediência a Deus. Também ficou evidente em outros discursos o sentimento da alegria como uma confirmação de que se estava no caminho certo, ou seja, fazendo aquilo que Deus queria. Qual seria o papel dos sentimentos neste contexto?

A segunda sugestão seria explorar as trocas simbólicas que impulsionam os fiéis ao serviço voluntário. Ficou evidente por meio dos discursos de alguns líderes que há uma entrega, uma renúncia e uma reorganização da vida e da rotina pessoal de maneira a permitir um maior envolvimento com o serviço religioso. Quais as expectativas desses líderes? O que os motiva a esta entrega e como estão posicionados em relação aos demais?

Uma terceira sugestão de pesquisa diz respeito à questão de gênero no contexto religioso. Observou-se, em entrevistas com algumas participantes, o papel preponderante da mulher na influência da vida religiosa da família, o que levanta a necessidade de compreender melhor suas aspirações espirituais e familiares, bem como as pressões que enfrentam nessas dinâmicas. Nesse mesmo eixo, emergiu o tema da violência simbólica sofrida por esposas de pastores em suas comunidades. Muitas esposas de pastor, embora sejam apenas membros da igreja e não exerçam cargos oficiais, sentem-se pressionadas a desempenhar funções para as quais não foram preparadas ou que não desejam exercer, sendo cobradas a agir como modelos de sabedoria ou liderança. Assim, seria relevante investigar como essas mulheres lidam com tais expectativas e qual a concepção que os fiéis têm sobre o papel da “esposa de pastor”.

Desta forma, esta pesquisa procurou oferecer uma contribuição da Geografia, como uma das ciências empíricas da religião, ao estudar o espaço sagrado dos pequenos grupos como uma conformação simbólica por meio da qual se estabelecem relações que criam novas espacialidades geográficas.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ivo Francisco. **Hierópolis de Aparecida-SP: lugar de fé, turismo religioso e espaço político do Brasil**. 2021. 245 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. [1977]. São Paulo: Edições 70, 2020.
- BARRO, Jorge H. **Pastores Livres: Libertando os Pastores dos Cativos Ministeriais**. Londrina - PR: Editora Descoberta, 2013.
- BECHARA, Evanildo. **Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.
- BECKHAM, William A. **A Segunda Reforma: A igreja do novo testamento no século XXI**. Curitiba: Ministério Igreja em Células no Brasil, 2007.
- BELO, Rafael; MERCADO, Luís Paulo L. Mapeamento do método fenomenológico nas pesquisas em educação no Brasil. **Filos. e Educ.**, Campinas, SP, v.14, n.1, p.136-166, jan./abr. 2022.
- BENTLEY, Wessel. The formation of Christian leaders: A Wesleyan approach. **Koers**, Pretoria, v. 75, n. 3, p. 551-566, 2010.
- BEZERRIL, Moisés C. **Igreja em células: uma ameaça à eclesiologia reformada e ao pastorado apostólico**. Brasília: Monergismo, 2005. Disponível em: https://www.monergismo.com/textos/igreja/igreja-celula_bezerril.pdf. Acesso em: 15 nov. 2024.
- BÍBLIA SAGRADA. Versão Bíblia King James 1611. Niteroi/RJ: BV Films Editora, 2022.
- BOMILCAR, Nelson. **Os sem-igreja: buscando caminhos de esperança na experiência comunitária**. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.
- BRACE, Catherine; BAILEY, Adrian; R.; HARVEY, David. (2005). Religion, place and space: a framework for investigating historical geographies of religious identities and communities. **Progress in Human Geography**, [s.l.], ano 30, n. 1. Disponível em: <https://typeset.io/papers/religion-placeandspace-a-framework-forinvestigating-udl62xebqh>. Acesso em: 24 jun. 2024.
- BRANDÃO, Fernando. **Igreja multiplicadora: 5 princípios bíblicos para crescimento**. Rio de Janeiro, Convicção, 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Documento de área: Ciências da Religião e Teologia**. Brasília: MEC; Capes, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ciencia-religiao-teologia-pdf>. Acesso em: 26 set. 2022.
- CAPEL, Horacio. **La física sagrada**. Creencias religiosas y teorías científicas en los orígenes de la geomorfología española. Siglos XVII-XVIII. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1985.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto contexto - enferm**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, 2006.

CARVALHO, Diogo. **Relacionamento discipulador**: uma teologia da vida discipular. Rio de Janeiro: JMN, 2015.

CARVALHO, Guilherme Burjack de. **Vencedores e vendedores**: o uso do marketing multinível como estratégia de expansão de uma igreja neopentecostal goiana. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.

CARVALHO, Wagner. **Transição**: passo a passo para o modelo celular. Belo Horizonte: IBCBH, 2016.

CASSIRER, Ernst. **Antropologia filosófica**. [1944]. Ensaio Sobre o Homem. Introdução à uma filosofia da cultura humana. Trad. Dr. Vicente Félix de Queiróz. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1977.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e Mito**. [1925]. 3. ed. Tradução de J. Guinsburg, Míriam Schnaider-man. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CENTRAL. **Apostila DNA 20**. Belo Horizonte: Igreja Batista Central de Belo Horizonte; Escola de Líderes, 2020.

CÉSAR, Marília de Camargo. **Feridos em nome de Deus**. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

CHAMPLIN, Russel N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia & Filosofia**. v. 6. São Paulo: Hagnos, 2014.

COELHO NETO, Manuel Valdez. **Liberdade religiosa e proselitismo**: formas, métodos e limites jurídicos no Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Direito, Fortaleza, 2023.

CONFISSÃO DE FÉ BATISTA DE 1689. **Fé para hoje**: A Confissão Batista de 1689. São José dos Campos: Editora Fiel, 1991.

CONGRESSO Multiplique 2014 – Alcançar pessoas e multiplicar o cuidado de Deus – Pr. Roberto Silvado. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (54 min). Publicado pelo canal Multiplique TV. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=8slf29i-K0&list=PLSz-oGQZrQt1JoYpfp-3Hgqp4D70gOMCa&index=1. Acesso em: 11 set. 2024.

CORRÊA, Jhonatan Silva. Geografia cultural: uma breve história. **Geographia Opportuno Tempore**, Londrina - PR, v. 6, n. 1, p. 9-23, jan./abr. 2020.

CORRÊA, Roberto Lobato. Formas simbólicas e espaço algumas considerações. **GEOgraphia**, v. IX, n. 17, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. A geografia cultural brasileira: uma avaliação preliminar. **Revista da ANPEGE**, v. 4, p. 73-88, 2008.

COSTA, Cléria Botelho da. A escuta do outro: os dilemas da interpretação. **História Oral**, [s.l.], v. 17, n. 2, p. 47-67, jul./dez. 2014.

DE PAULA, Fernanda Cristina. Sobre a dimensão vivida do território: tendências e a contribuição da Fenomenologia. **Geotextos**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 105-126, jul./ 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/5271/3782>. Acesso em: 17 set. 2022.

DECLARAÇÃO doutrinária da Convenção Batista Brasileira. Rio de Janeiro: CBB, 6 dez. 2024. Disponível em: https://www.convencaobatista.com.br/site/pagina.php?MEN_ID=22. Acesso em: 19 jun. 2025.

EARLEY, Dave. **Hábitos do líder eficaz de pequenos grupos**. Rio de Janeiro, RJ. Junta de Missões Nacionais, 2016a.

EARLEY, Dave. **Transformando membros em líderes**: como ajudar os membros do seu pequeno grupo a liderar novos grupos. Rio de Janeiro/RJ: Junta de missões nacionais, 2016b

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ENGLER, Steven. Teoria da Religião Norte-americana: Alguns Debates Recentes. **REVER**, São Paulo, n. 4, p. 27-42, 2004. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2004/p_engler.pdf . Acesso em: 13 dez. 2019.

FERREIRA, Marcos Paulo. **Escola bíblia discipuladora**: formando líderes multiplicadores. Rio de Janeiro: JMN, 2015.

FILIPPE, Rosana Jardim Madureira. **Difusão espacial da religião**: Igreja Metodista em São Francisco, Niterói-RJ, a prática religiosa em células. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Niterói – RJ, 2014.

FREITAS, Fabrício. **De volta aos princípios**: vivendo o jeito bíblico de ser igreja. 2. ed. Rio de Janeiro: Convicção, 2016.

FROEHLICH, Neila Salete Gheller. CASSIRER, Ernst. Linguagem e Mito. 4. ed. Tradução de J. Guinsburg, Mirian Scahnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2009. **Revista ECOS**, Cuiabá, v. 11, n. 2, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/734>. Acesso em: 18 abr. 2025.

GADE, Daniel W. Espaço, tempo e cultura em convergência: perspectivas americanas sobre a difusão histórico-cultural. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 17-18, 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/7879>. Acesso em: 8 maio 2024.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Da ontologia do sagrado de Rudolf Otto ao sagrado como forma simbólica. In: JUNQUEIRA, S (Org.). **O sagrado**: fundamentos e conteúdo do ensino religioso. Curitiba: Intersaberes, 2012b. Série Ensino Religioso.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Espaço de representação e territorialidade do sagrado: notas para uma teoria do fato religioso. **RAEGA**, Curitiba, v. 3, 1999. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/18226>. Acesso em: 16 jun. 2025.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço sagrado**: estudos em geografia da religião. Curitiba: Intersaberes, 2012a. Série Ensino Religioso.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da Religião. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F (Org.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Geografia da religião**: Reconstruções teóricas sob o idealismo crítico. Curitiba: SEED, 2002. Disponível em: <http://www.ensinoreligioso.seed.pr.gov.br/arquivos/File/simposio2011/artigo2gil.pdf> Acesso em: 08 jul. 2024.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Editorial: Geografia da Religião – Perspectivas e abordagens. **Revista de estudos da religião – REVER**, junho, ano 09, 2009. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2009/editorial.htm> Acesso em: 17 set. 2024.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia das formas simbólicas em Ernst Cassirer. BARTHEDELOIZY, F.; SERPA, A. (Orgs.). **Visões do Brasil**: estudos culturais em Geografia. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012c.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Reflexões sobre religião e mito na fenomenologia de Ernst Cassirer. **Quadranti**, Salerno, v. VIII, n. 1-2, 2020. Disponível em: https://www.rivistaquadranti.eu/riviste/10/02_Filho.pdf. Acesso em: 04 mar. 2025.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. SILVA, Márcia Alves Soares da. Espacialidades de conformação simbólica. In: GIL FILHO, Sylvio Fausto. SILVA, Márcia Alves Soares da. GARCIA, Rafael Rodrigues (Orgs.). **Ernst Cassirer**: Geografia e Filosofia. Curitiba: Programa de Pós-graduação em Geografia, UFPR, 2019.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Por uma geografia do sagrado. **RAEGA – O espaço geográfico em análise**. [S.l.], v. 5, n. 1, 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.ufpr.br/raega/article/view/18316>> Acesso em: 17 set. 2024.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da religião: reconstruções teóricas sob o idealismo crítico. In: KOZEL, S.; SILVA, J. C.; GIL FILHO, S. F. (Orgs.). **Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista**. São Paulo: Terceira Imagem; Curitiba: NEER, 2007.

GOMES FILHO, Robson Rodrigues. Carisma e dominação carismática: perspectivas teórico-metodológicas do conceito weberiano de carisma e sua efetivação histórica nos estudos de religiões. **Revista Expedições**: Teoria da História & Historiografia, Morrinhos - GO, v. 5, n. 1, p. 120-140, 2014.

GOOCH, John O. **John Wesley for the 21st century**. Nashville: Upper Room Ministries, 2006.

GOODHEAD, Andrew Frank. **A Crown and a Cross**: The Origins, development and decline of the Methodist Class Meeting in 18th Century England (Volume I). 2007. 243 p. PhD thesis (Philosophy) - University of Sheffield at Cliff College, 2007. Disponível em: https://etheses.whiterose.ac.uk/id/eprint/3082/1/443865_VOL1.pdf. Acesso em: 4 jun. 2024.

- HALL, Stuart. The work of representation. *In*: HALL, Stuart (Org.). **Representation: Cultural representations and signifying practices**. Londres: The Open University, 1997. p.13-58.
- HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v. II, n. 3, p. 77-85, 1997.
- KNOTT, Kim. Métodos Espaciais. Nova Era: transformações e ressignificações de uma nova espiritualidade. **REVER**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 220-237, 2016.
- KNOTT, Kim. **The Location of Religion: a spatial analysis**. London: Equinox; Oakville: CT, 2005.
- KONG, Lily. Geography and Religion: Trends and Prospects. **Progress in Human Geography**, [s.l.], v. 14, n. 3, p. 355-371, 1990.
- KONG, Lily. Mapping “new” geographies of religion: politics and poetics in modernity. **Progress in Human Geography**, [s.l.], v. 25, p. 211–233, 2001.
- LANFRANCHI, Marcelo Amaral. Lutero e o sacerdócio universal do crente. **REVELETEO**, São Paulo, v. 13. n. 24, jul./dez., p. 81-99, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/reveleteo/article/viewFile/45220/31295> Acesso em: 14 fev. 2025.
- LOPES, Patrícia Frangelli Bugallo. **Estudando um subcampo intelectual acadêmico: a geografia da religião no Brasil – 1989-2009**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- MACDONALD, Fraser. Towards a spatial theory of worship: Some observations from Presbyterian Scotland. **Social & Cultural Geography**, [s.l.], v. 3, p. 61–80, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14649360120114143>. Acesso em: 12 nov. 2024.
- MACHADO, Mônica Sampaio. A territorialidade pentecostal: um estudo de caso em Niterói. **Revista Brasileira de Geografia**, Brasília, ano I, v. 56, n. 1-4, p. 135-164, jan./dez. 1994.
- MANDAROLA JR., Eduardo. **“Londrinas” invisíveis: percorrendo cidades imaginárias**. 2003. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina - PR, 2003.
- MANDAROLA JR., Eduardo. Humanismo e a abordagem cultural em geografia. **Geografia**, Rio Claro - SP, v. 30, n. 3, p. 393-419, set./dez. 2005.
- MANDAROLA JR., Eduardo. LIMA-PAYAYÁ, Jamille da Silva. Qual humanismo para a geografia humanista? *In*: MANDAROLA JR., Eduardo *et al.* (Orgs.). **Portais da terra: contribuições dos estudos humanistas para a geografia contemporânea 1**. Teresina: EDUFPI, 2023. p. 525-545.
- MANDAROLA JR.; Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Do sonho à memória: Livia de Oliveira e a geografia humanista no Brasil. **Geografia**, Londrina, v. 12, n. 2, jul./dez. 2003.

MARSHALL, Colin; PAYNE, Tony. **A treliça e a videira: a mentalidade de discipulado que muda tudo**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015.

MATTOS, Paulo Ayres. Wesley e os encontros de pequenos grupos: Sua aplicação na Igreja Metodista no Brasil – breves observações. **Caminhando**, São Bernardo do Campo - SP, v. 8, n. 2, p. 144-160, 2003.

MAZZEO, Ricardo Alves Moreira. **Um novo jeito de ser igreja: a experiência religiosa das comunidades celulares**. 2020. 141 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora - MG, 2020.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 48-67, set/nov. 2005.

MIRANDA, Andreciliana Dias dos Santos. **Igreja em células: a restauração da igreja de Atos**. 2018. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2018.

MOORE, Waylon. **Multiplicando discípulos: o método neotestamentário para o crescimento da igreja**. Rio de Janeiro: Convicção, 2015.

MORAES, Antônio Jarbas Barros de. A geograficidade religiosa das Novas Comunidades Católicas de Sobral (CE). **Geopauta**, [s.l.], v. 8, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/geop/a/XWYz8Z8Mk89MB7S8cX9MfWt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 de jun. 2025.

MORRIS-CHAPMAN, Daniel Pratt. High and Low? The Heritage of Anglican Latitudinarianism in the Thought of John Wesley. **The Journal of Religious History, Literature and Culture**, [s.l.], v. 5, n. 1, p. 83-99, 2019.

OLIVEIRA, Paulo Wendell Alves. Aproximações entre geografia e religião: Contribuição aos estudos em Geografia da Religião. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 10, n. 21, Universidade Federal do Ceará, 2019, p. 1-13.

ORENGO, Alex Ander de Souza. Fenomenologia e religião: aproximações e reflexões sobre este espaço através do espaço. **Relegenthréskeia**, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 1-14, 2021.

ORENGO, Alex Ander de Souza; GIL FILHO, Sylvio Fausto. A filosofia das formas simbólicas: contornos e perspectivas epistemológicas. **Phenomenology, Humanities and Sciences**, Curitiba, n. 3, n. 3, p. 191-203, 2022.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**. [1917]. São Leopoldo - RS: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2011.

PARK, Chris. **Sacred Worlds: an introduction to geography and religion**. Londres: Routledge, 1994.

PEACH, Ceri. Islam, ethnicity and South Asian religions in the London 2001 Census. **Transactions of the Institute of British Geographers**, London, v. 31, n. 3, p. 353-370, 2006.

PEACH, Ceri. Social geography: New religions and ethnoburbs: Contrasts with cultural geography. **Progress in Human Geography**, [s.l.], v. 26, n. 2. p. 252-260, 2002.

PEREIRA, Clevisson Júnior. **Geografia da religião e a teoria do espaço sagrado: a construção de uma categoria de análise e o desvelar de espacialidades do protestantismo batista**. Curitiba, PR: CRV, 2014.

PEREIRA, Clevisson Júnior. Geografia da religião: um olhar panorâmico. **RAEGA**, Curitiba, v. 27, p. 10-37, 2013.

PEREIRA, Clevisson Júnior; GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da Religião e Espaço Sagrado: Diferenças entre as noções de locus material e conformação simbólica. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 6, n. 1, p. 35–50, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ateli/article/view/18760>. Acesso em: 21 maio 2024.

PUTRAVAN, Bobby; NOYA, Ludwig. Piety in Thoughts of John Wesley And Friedrich Schleiermacher. **Jurnal Jaffray**, South Sulawesi, v. 18, n. 1, p. 59-72, 2020.

RANIERI, Leandro P; BARREIRA, Cristiano R. A. A entrevista fenomenológica. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS SIPEQ. 4., 2010, Rio Claro - SP. **Anais [...]**. Rio Claro – SP, 2010. Disponível em: <http://www.sepq.org.br/IVsipeq/anais/artigos/46.pdf> . Acesso em: 3 mar. 2025.

RENDERS, Helmut. “Pequenos grupos” na tradição metodista: observações, análises e teses. **Caminhando**, São Bernardo do Campo - SP, v. 7, n. 2, p. 68-95, 2002

RIVERA, Paulo Barrera. **Tradição, transmissão e emoção religiosa**. Sociologia do protestantismo na América Latina. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

ROGERS, Carl. **Tornar-se Pessoa**. [1961]. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e o espaço. In: CASTRO, I. E. et al (Org.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.119-153.

ROSENDAHL, Zeny. Território e Territorialidade: Uma perspectiva Geográfica para o Estudo da Religião. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10. São Paulo, 2005. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2005. p. 12928-12942.

SALGADO, William. **Supervisão: a arte de aliviar a mochila do líder**. Rio de Janeiro: JMN, 2017.

SANTOS, Jaqueline da Hora. **Evangelização discipuladora de crianças: formando uma nova geração de discípulos**. Rio de Janeiro: JMN, 2016.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2006.

SAUER, Carl. A morfologia da paisagem. *In*: CORREA, Roberto Lobato; ; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à Geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SAUER, Carl. Desenvolvimentos recentes em geografia cultural. *In*: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia cultural uma antologia**. v. I, Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.

SCHIEFERDECKER, Jorge. **Espacialidades religiosas no sistema de pequenos grupos: do eventual ao relacional**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

SILVA FILHO, Osvaldo Cipriano da. **Educação cristã na igreja em células: análise crítica da concepção de ensino no modelo de treinamento do Ministério Igreja em células no Brasil**. 2010. 85 f. Dissertação (Mestrado) –Escola Superior de Teologia, São Leopoldo - RS, 2010. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/BR-SIFE/131/silvafilho_oc_tmp106_texto.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 26 set. 2022.

SILVA, Alex Sandro; GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da Religião a Partir das Formas Simbólicas em Ernst Cassirer: Um Estudo da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil. **REVER** [s.l.], ano 9, p. 73-91, 2009.

SILVA, Luiz Eduardo Prates da. **Metodismo e educação: uma introdução ao estudo das Diretrizes para a educação na Igreja Metodista a partir dos contextos de sua elaboração**. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS, Brasil, 2004.

SILVA, Marinilson Barbosa da. **Construindo lideranças: implicações pessoais, comunitárias e educacionais**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

SILVA, Marinilson Barbosa da. **Fenomenologia da liderança, pentecostalismos e religião: uma análise fenomenológico-existencial acerca do significado do ser líder religioso em comunidades pentecostais e neopentecostais no Vale dos Sinos – RS**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

SLATER, Terry R. Encountering God: Personal Reflections on ‘Geographer as Pilgrim.’ **Area**, London, v. 36, n. 3, p. 245–253, 2004. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20004389>. Acesso em: 12 nov. 2024.

SOUZA, José Arilson Xavier de. A geograficidade no caminhar dos peregrinos. **Geograficidade**, Niterói - RJ, v. 8, N 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12987/pdf>. Acesso em: 25 jun. 2025.

SOUZA, José Arilson Xavier de. **Espaços de peregrinação: ver e sentir o sagrado na Romaria de Nosso Senhor do Bonfim - TO**. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

STUMP, Roger W. **The geography of religion: faith, place, and space**. Lanham/ Boulder/ New York/ Toronto/ Plymouth: Rowman & Littlefield Publishers, 2008.

THEISSEN, Gerd. **A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo**. São Paulo: Paulinas, 2009

TOLEDO, Juliana A C. **O papel das igrejas evangélicas no processo de re-territorialização e construção das identidades territoriais dos jovens evangélicos do residencial Parque das Águas – Juiz de Fora/MG**. 2017. 114 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Juiz de Fora - MG, 2017.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Yi-Fu. Space and Place: Humanistic Perspective. *In*: GALE, S.; OLSSON, G. (Eds). **Philosophy in Geography**. Theory and Decision Library, v. 20. Springer: Dordrecht, 1979. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-94-009-9394-5_19. Acesso em: 25 nov. 2024.

TUNALA, Márcio. **Pequeno grupo multiplicador**. Rio de Janeiro, Convicção, 2014.

USARSKI, Frank. A geografia da religião. *In*: USARSKI, F. (Org.). **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007. p.171-197.

USARSKI, Frank. **Constituintes da Ciência da Religião: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma**. São Paulo: Paulinas, 2006. 142p.

VALINS, Oliver. Institutionalized religion: Sacred texts and Jewish spatial practice. **Geoforum**, v. 31, n. 4, p. 575-586, 2000. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0016718500000208>. Acesso em: 12 nov. 2024.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. Revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e índice remissivo de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

YONG, Amos. A Heart Strangely Warmed on the Middle Way? The Wesleyan Witness in a Pluralistic World. **Wesleyan Theological Journal**, Chicago, v. 48, n. 1, p. 7-27, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA UTILIZADO PARA MEMBROS E LÍDERES DE PEQUENOS GRUPOS

1. Dados de identificação da amostra (sociodemográfico):
 - A. Idade:
 - B. Sexo:
 - C. Estado civil:
 - D. Formação/profissão:
 - E. Há quanto tempo você é cristão?
 - F. Membro de qual igreja?
 - G. Há quanto tempo você é membro desta igreja?
 - H. Já participou de outra igreja evangélica anteriormente? Se sim, qual?
 - I. Você desempenha alguma função na igreja? Qual?
2. Perguntas norteadoras da entrevista semiestruturada:
 - A. Conte a sua vida.
 - B. Você se sente uma pessoa chamada por Deus? Por quê?
 - C. Por que você está nesta igreja?
 - D. Fale sobre o modelo de igreja em pequenos grupos.
 - E. Suponha que vocês tenham algum problema e que necessite de uma orientação pessoal, qual a primeira pessoa da igreja com quem você pensaria em conversar? Por que você escolheu esta pessoa? Esta pessoa exerce alguma função na igreja? Qual?
 - F. Como você se sente ao expressar suas verdadeiras opiniões e sentimentos dentro da sua comunidade religiosa?
 - G. Alguma vez você se sentiu pressionado pelo seu grupo religioso para mudar alguma coisa em sua vida? Como foi isto e como você se sentiu?
 - H. Como você acredita que se sentiria uma pessoa ao participar de uma reunião em sua comunidade em um momento de sofrimento pessoal por conta de algum erro ou falha que tenha cometido?
 - I. Como a comunidade reage quando um membro comete um erro moral?
 - J. Como a comunidade reage diante de membros que passam por dificuldades emocionais, familiares ou financeiras?
 - K. Você sente que há empatia e compreensão nas relações dentro da comunidade ou há julgamentos e cobranças excessivas?
 - L. Para você o que é um líder?
 - M. Qual a importância dos relacionamentos na igreja para você?
 - N. Para você o que é uma relação social saudável?
 - O. O que significa para você ser um membro de pequeno grupo?
 - P. Você poderia apontar algum momento ou alguma forma na qual a comunidade religiosa lhe ajudou em algum sofrimento pessoal ou emocional que você enfrentou?
 - Q. Você poderia indicar algum material que seja importante para compreender a visão da sua igreja?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA UTILIZADO PARA OS PASTORES
PRESIDENTES DAS IGREJAS

1. Dados de identificação da amostra (sociodemográfico):
 - A. Data de nascimento:
 - B. Tempo de atuação na presidência:
 - C. Nome da igreja:
 - D. Data da fundação:
 - E. Quantidade de membros:

2. Perguntas norteadoras da entrevista semiestruturada:
 - A. Conte a sua vida.
 - B. Para você o que é um líder?
 - C. Como você avalia líderes que apresentam suas fraquezas, limitações e vulnerabilidades para os seus liderados?
 - D. Como ocorre a escolha e formação de novos líderes na sua igreja?
 - E. Qual é a missão da sua igreja?
 - F. Como você avalia uma igreja que cria uma atmosfera de aceitação de pessoas em seu grupo independentemente de como estejam, dos seus vícios, costumes e aparência?
 - G. Os membros da sua igreja podem expressar livremente suas dúvidas, questionamentos e dificuldades? Como isso é tratado?
 - H. Há alguma forma de exclusão ou punição para aqueles que não seguem certas normas? Como funciona este processo?
 - I. Quais estratégias a comunidade utiliza para restaurar e acompanhar pessoas que erram?
 - J. Como a liderança lida com os dilemas pessoais e espirituais dos membros? Há um acompanhamento individualizado?
 - K. Qual a importância dos relacionamentos para a sua igreja?
 - L. Para você o que é uma relação social saudável?
 - M. Por que o modelo de pequenos grupos é importante para a igreja?
 - N. Você poderia indicar algum material que seja importante para compreender a visão da sua igreja?

APÊNDICE C - SÍNTESES DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTADA: ACOLHEDORA

Entrevistador

Fale sobre a sua vida.

Acolhedora

Eu sou [...], natural de [...]. Aí, eu nasci no dia 27 de 5 de 1991. Estudei e concluí meus estudos aqui no [...]. E congrego hoje na Igreja Batista, em [...]. E é uma alegria fazer parte desse corpo de Cristo e quem está de frente desse trabalho que lidera é o nosso pastor [...]. E trabalho também aqui mesmo. E é isso. Minha família é natural também daqui. E um pouco da minha história é isso.

Entrevistador

Você se sente uma pessoa chamada por Deus?

Acolhedora

Sim. Me sinto.

Entrevistador

Por que?

Acolhedora

Porque, assim, eu creio que foi um chamado de Deus na minha vida porque eu vivia, assim, no mundo. Eu nasci em uma família que não era evangélica. Era de um lar católico. E meu pai, assim, já era do lado espírita, né? E eu não tinha conhecimento nenhum. Então, quando eu vivia, assim, no mundo, mas, assim, eu não fazia coisas erradas, de ir para festas ou algo do tipo, de fazer coisas erradas. Mas era um vazio. E aí o mundo não traz aquela felicidade, assim, para a vida da gente. Às vezes a gente acha que está sendo feliz, mas que não é. Que é aquela felicidade, assim, passageira, né? E foi quando eu senti esse chamado de Deus na minha vida, quando eu conheci, né, o Senhor. Quando eu recebi o convite para ir para a igreja. Aí eu fui e senti aqui dentro de mim aquele toque do Senhor em meu coração. E desde então eu senti esse desejo de servir ao Senhor.

Entrevistador

Por que você está nesta igreja?

Acolhedora

Porque é uma igreja muito assim... É uma igreja que cuida, uma igreja acolhedora. É uma igreja que prega, assim, a verdade dentro dos fundamentos bíblicos. Que eu fazia parte de outras denominações. Mas, assim, na igreja Batista foi onde eu vim conhecer a verdade, né? A palavra

do Senhor sendo pregada verdadeiramente dentro dos fundamentos bíblicos. Então, assim, na igreja Batista eu me sinto muito bem é estar em casa. É uma igreja que cuida, uma igreja que acolhe. Uma igreja que ela também, assim, trabalha nessa questão de missões. Nesse campo missionário também. E, para mim, é uma alegria fazer parte da igreja Batista.

Entrevistador

Você falou sobre fundamentos bíblicos, né? Qual a importância dos fundamentos bíblicos na sua visão?

Acolhedora

Assim, eu acho que é importante porque, assim, foi justamente num pequeno grupo que [o pastor] sempre falou a importância, né? Na vida de um cristão, né? Que é a oração e fundamentos bíblicos. A gente ter o conhecimento da palavra de Deus. A gente passar a lei, a palavra do Senhor. Porque eu era uma pessoa que eu não lia muito a Bíblia, né? Mas é muito importante a gente ler a palavra, ter conhecimento. Porque a gente saber o que é certo, o que é errado. A gente ter esse discernimento, né? Então, assim, a importância dos fundamentos bíblicos para uma igreja é importante porque a igreja só tem a avançar, a crescer e aprender. Porque a palavra de Deus é um alimento para tudo em nossas vidas, né? Então, é dentro da palavra que a gente só tem a aprender, a crescer espiritualmente. Então, essa é a importância. Eu acho que, na minha visão, a importância é isso para a igreja.

Entrevistador

Fale sobre o modelo de pequenos grupos na sua experiência. O que você acha assim, o que você vê de positivo e também de negativo?

Acolhedora

Assim, os pequenos grupos, assim, na questão de positivo, eu acho, assim, na minha visão, é muito bom porque, assim, o pequeno grupo é aquele cuidado ali mais de perto, né? Onde a gente se reúne. Então, assim, para mim, assim, é importante nessa questão porque a gente está ali mais junto, porque na igreja a gente não tem muito, assim, às vezes aquela oportunidade de estar mais de perto, assim, daquele irmão. E no pequeno grupo é aquele cuidado mais de perto, onde a gente pode ouvir, a gente ter aquele momento de comunhão, de compartilhamento da palavra, um ajudando o outro, um aprendendo com o outro. Então, eu acho, assim, a questão de positivo nessa questão do pequeno grupo é isso. Negativo, não tenho, assim, muito o que falar um ponto, assim, negativo.

Entrevistador

Suponha que você tem algum problema pessoal e que você necessita de uma orientação para a sua vida. Qual a primeira pessoa da igreja com quem você pensaria em conversar?

Acolhedora

Com o pastor [...].

Entrevistador

Como você se sente ao expressar suas verdadeiras opiniões e sentimentos dentro da sua igreja ou no pequeno grupo?

Acolhedora

Não, para falar a verdade, assim, eu me sinto bem à vontade para expressar, né? Porque, assim, sobre a questão de se expressar é um problema que eu não tenho. Então, assim, se for para expressar os meus sentimentos, opiniões, eu sou bem aberta contra isso. Então, para mim, não é nenhum problema, eu me sinto bem à vontade.

Entrevistador

Alguma vez você já se sentiu pressionada pelo seu grupo religioso para mudar alguma coisa em sua vida pessoal?

Acolhedora

Não. As mudanças partiram naturalmente, não foi por pressão nenhuma, não. Foi naturalmente, assim, o agir de Deus na minha vida e eu fui mudando, né? Não foi por nenhuma pressão, assim, de um grupo religioso, que me pressionou a mudar, não.

Entrevistador

Como você acredita que se sentiria uma pessoa ao participar de uma reunião do pequeno grupo, em um momento de sofrimento pessoal, por conta de algum erro, alguma falha que tenha cometido?

Acolhedora

Uma pessoa desse jeito, num pequeno grupo, se sentindo dessa maneira, eu sempre costumo dizer que a maneira como você acolhe, como você recebe, é muito importante, isso conta muito. Primeiramente, que se uma pessoa estivesse dessa maneira, eu iria logo observar, eu iria perceber. Então, a gente tem aquele momento do compartilhamento, né? Da palavra, da gente ouvir cada um. Então, assim, ela poderia ali expressar ou não, né? E depois eu poderia, se ela não se expressasse naquele momento, eu poderia chegar, perguntar o que estava acontecendo, e estar orando com ela, né? Cuidando. Porque muitas das vezes, quando uma pessoa chega dessa maneira, às vezes tem problemas, porque às vezes a pessoa não quer falar, né? Mas, assim, Deus é aquele que sonda os corações. Então, assim, eu iria estar orando, estar cuidando da vida dessa pessoa, e para que ela viesse, assim, se sentir melhor, né? Se sentir amada, cuidada, né? Em nome de Jesus.

Entrevistador

Como é que a Igreja reage quando algum membro comete algum erro moral?

Acolhedora

A Igreja, assim, eu acredito que na Igreja Batista, tem Igreja que coloca em disciplina, né? Mas na Igreja Batista chama, eu acredito que chama para conversar, para saber, né, do ocorrido, para conversar com o irmão ou a irmã, e dependendo dessa conversa, aí o pastor, né, vai ver e tomar as medidas, né? Assim, porque como faz não faz muito tempo que eu sou da Batista, eu nessa questão assim, eu não sei como funciona essa questão quando o irmão cometa algum deslize. Eu acho que na minha visão o pastor chama para conversar. Primeiramente, a minha atitude, eu jamais que eu iria julgar, né? Porque a primeira atitude que as pessoas têm, geralmente, às vezes é logo que julgar e jogar a pedra, né? Não, eu iria chamar para conversar, para saber direitinho, né? Apontar ali para ele, mostrando que dentro da palavra de Deus, que Deus não se agrada disso, mostrando assim, cuidando e orando, né? Por ela.

Entrevistador

Como a igreja reage diante dos membros que passam por dificuldades emocionais, familiares ou financeiras?

Acolhedora

A igreja, ela ajuda, né? Porque os dízimos, as ofertas é justamente também para isso, para o mantimento da casa do Senhor e para ajudar também aquele irmão que precisa, que esteja passando por algum problema financeiro, seja caso de doença, alguma coisa. Então, a igreja, ela está ali para ajudar. E não só financeiramente, mas também em oração, naquele cuidado também. Então, assim, a nossa igreja, ela ajuda dessa forma, tanto financeiramente como em oração, de ir até a casa daquela pessoa se estiver passando por algum problema, a gente ir até lá e ver o que está acontecendo, conversar, procurar saber, e é isso.

Entrevistador

Para você o que é um líder?

Acolhedora

O líder, para mim, é aquela pessoa que está ali para liderar aquele pequeno grupo, mas acima de tudo, é aquela pessoa que está ali para o serviço do reino e para cuidar de vidas.

Entrevistador

Qual a importância dos relacionamentos na igreja para você?

Acolhedora

É muito importante, né? Porque a partir do relacionamento, como eu aprendi, né? A partir do RD, né? Acho que também tem que ser intencional, né? E se relacionar com as pessoas, para mim, não é problema, porque eu sou muito comunicativa, eu falo muito. Eu sou muito comunicativa e eu não tenho nenhum problema de me relacionar. Eu sou muito acolhedora, então, assim, eu acho que é muito importante. E tem pessoas que você acha um pouquinho de dificuldade para chegar, mas ali a gente vai vendo estratégias, ser intencional para chegar até ela, né?

Entrevistador

Para você, o que é uma relação social saudável?

Acolhedora

Eu acho que, para mim, uma relação social saudável é uma... Uma relação onde haja... Uma relação que não haja, assim... Que não tenha problemas, mas também que seja uma relação, assim, verdadeira. E mesmo se surgir, assim, algum probleminha, a gente procurar resolver da melhor forma. Sempre um entendendo o outro, compreendendo um no outro.

Entrevistador

O que significa para você ser um membro de pequeno grupo?

Acolhedora

Significa para mim muita coisa. É muito importante ser membro de um pequeno grupo. Porque o pequeno grupo tem uma importância muito grande na vida de cada um de nós, né? Porque foi através do pequeno grupo que já foi o caminho para fazer parte da Igreja Batista. Para chegar ao ponto de eu tomar a minha decisão de servir ao Senhor. Então, assim, o papel do pequeno grupo é importante porque, como eu sempre falo, né? Aquele cuidado mais de perto. De a gente aprender mais de Deus. Aquele momento de comunhão. De um ali aprendendo com o outro. De a gente se alegrar com a alegria do outro. Porque quando a gente faz parte de um pequeno grupo, o problema de um é o nosso. A alegria de um, a gente também se alegra. Então, assim, a gente aprende muito e a gente cresce muito espiritualmente. E é muito importante o papel do pequeno grupo. Então, ser membro de um pequeno grupo é uma importância muito grande.

Entrevistador

Você poderia falar sobre algum momento ou alguma forma na qual a igreja ou pequeno grupo lhe ajudou em algum sofrimento pessoal ou sofrimento emocional que você enfrentou?

Acolhedora

A igreja Batista, ela nos ajudou muito em um período em que quando minha avó faleceu, a gente ficou passando por um momento muito difícil porque nesse tempo a gente não trabalhava, né? E a igreja Batista, ela supriu, né? Com as necessidades que a gente estava precisando. Então, assim, foi um momento de sofrimento. Então, foi um dos momentos mais difíceis que a gente passou, mas que a igreja ali, com seu papel, nos ajudou diante dessa situação. A gente ficou sem ter condições, né? Para resolver algumas pendências de casa e a igreja Batista nos ajudou financeiramente.

Entrevistador

Além de você, na sua casa tem mais pessoas que são evangélicas?

Acolhedora

Toda a minha família é evangélica hoje em dia, né?

Entrevistador

Mas quem começou?

Acolhedora

Começou pela minha mãe. Porque na questão mesmo do dia do PGM mesmo, minha mãe recebeu o convite da mulher da casa que eu trabalho. Aí minha mãe começou a frequentar o PGM. Aí a manhã depois lançou o convite para mim e para minha irmã. Aí a gente começou a frequentar o PGM. Quando eu fui frequentar o PGM, eu não estava na igreja, eu estava afastada. Tinha feito umas coisas erradas, assim. E não coisas graves, né? Coisa de jovem mesmo. E o PGM nesse momento foi muito importante na minha vida. Quando eu cheguei no PGM, eu não conseguia falar nada, foi só chorar, né? Mas eu gostei muito. [o pastor e a esposa] nos acolheram muito bem. A gente foi bem recebida, tanto por [o pastor e a esposa], que eram de frente, né? Como pelos membros. Então, a gente começou a frequentar, frequentar. E depois foi quando a gente tomou a decisão de fazer parte da Igreja Batista, de servir a Jesus. Aí a minha irmã depois casou. Aí a gente também já convidou o esposo dela para começar a frequentar. Aí hoje ele frequenta também. Aí é isso. Na minha casa é minha mãe, eu, minha irmã, o meu cunhado e a minha sobrinha. Aí todos fazem parte da Igreja Batista e todos fazem parte do PGM.

Entrevistador

Você poderia indicar algum material, que pode ser um livro, apostila, revista ou site, ou qualquer outro material, que seja importante na sua vida, assim, para compreender a missão da igreja, a visão da igreja?

Acolhedora

Olha, um livro que eu gostei muito, e eu até pretendo trabalhar com ele futuramente, no meu pequeno grupo, é aquele livro, Mentores segundo o Coração de Deus. Eu gostei muito daquele livro, né? Foi um dos livros que eu gostei.

Entrevistador

Você conheceu esse livro através da igreja? Foi alguém que indicou?

Acolhedora

Da igreja. [o pastor] que indicou.

Entrevistador

Foi no pequeno grupo que ele apresentou esse livro?

Acolhedora

Ele apresentou na reunião da gente, na reunião de líderes, e também já tinha falado na igreja, e também na MCM. A MCM também trabalhou esse livro com as irmãs, então, assim, é um livro muito bom. Eu gostei.

Entrevistador

Por que esse livro foi importante para você?

Acolhedora

Porque fala, assim, desses grandes mentores, né? Então, a gente aprende muito, tira muitas lições para nossas vidas.

Entrevistador

Certo. Quero agradecer e parabenizar você. Suas respostas foram muito boas.

Acolhedora

Obrigada.

ENTREVISTADA: AURORA

Entrevistador

Conte a sua história.

Aurora

Eu vim de uma família super tradicional católica. Quando conheci o meu marido, ele já era evangélico, e aí a gente começou a namorar e casamos, e depois foi que eu fui me converter. Mas aí, pouco tempo depois, a gente foi morar no interior de Ceará. Minha família não aceitava o casamento, era indiferente. Meus pais eram indiferentes, mas na época a gente não casou nem na igreja, por questão de respeito, mas também não tinha como casar numa evangélica na época lá porque a cidade era muito pequena, não tinha uma igreja evangélica, e católica também não daria certo. Então a gente só casou no civil e viemos morar em Cajazeiras, que é uma cidade próxima a minha, do Ceará, e aí ficava mais fácil para Glauber trabalhar porque ele é servidor do Estado. Então, a primeira experiência que eu tive com a igreja evangélica, em Cajazeiras, e aí eu me encantei, eu falava para [o marido], "eu não sabia disso", "eu não sabia disso", era o que eu mais dizia. Porque, assim, tudo o que eu vivi como católica, era puro ritual, assim, não tinha uma experiência pessoal mesmo, era só... Então, assim, foi uma experiência maravilhosa ter conhecido a Deus como eu o conheci, e acredito que com quatro meses, depois de casada, eu já me converti, já aceitei Jesus na Primeira Igreja Batista de Cajazeiras. E aí a gente permaneceu lá por três anos e meio, morando lá, e depois viemos morar aqui, em João Pessoa, e foi aí quando conheci a Igreja Batista [nome da igreja].

Entrevistador

Você se sente uma pessoa chamada por Deus?

Aurora

Sim, eu acredito que eu fui chamada, escolhida, e ter sido tirada, podemos usar essa expressão, do meio que eu vivia, assim, e Deus me escolheu ali, e eu pude conhecê-lo. Então, assim, eu sou chamada por Deus.

Entrevistador

Como é para você fazer parte desta igreja?

Aurora

É algo muito bom, é assim, é a minha segunda casa. Eu me sinto muito bem na Igreja Batista [nome da igreja], e é isso.

Entrevistador

Por que esta igreja e não outra?

Aurora

Eu me converti na Primeira Igreja Batista de Cajazeiras, e é uma igreja muito tradicional. Então, assim, quando viemos para cá, aqui próximo de casa tem uma outra batista, então eu vim assim, eu não sei, questão de igreja, doutrina, eu já me converti na batista, eu fui direcionada, porque meu esposo já era, então fui naturalmente ficando, e assim, a experiência da Primeira Igreja, que está ao fundo da nossa residência, aqui no bairro, que é a Primeira Igreja Batista de [nome da igreja], eu não me senti, era uma igreja mais avivada, digamos assim, mais pentecostal, então aquilo ali não, eu não gostei da experiência, e também não tinha um acolhimento. Como a gente veio do interior, era uma igreja pequena, todo mundo se conhecia, lá a gente frequentou vários cultos, alguns cultos, mas você não sentia acolhimento nenhum, não teve um acolhimento, e também essa questão de muito barulho, muito pentecostal, e não me agradou, então a gente foi visitar a igreja batista [nome da igreja atual], e a principal característica que fez com que eu gostasse foi o acolhimento. Na verdade, quando a gente chegou, a gente soube depois que ela estava no processo de implantação de células, há pouco mais de um ano e meio, dois anos, então o acolhimento foi um fator primordial para que eu gostasse, inclusive, quando meu esposo soube que era em células, ele disse "A gente não vai ficar aqui, não dá certo". Eu disse "Não, a gente não vai voltar pra outra, não", e aí a gente tinha crianças muito pequenas, um de três meses e outro de 2 anos e 3 meses, vamos ficar por aqui mesmo, e aí a gente foi, ele principalmente foi gostando, eu já gostei de cara, mas ainda tivemos resistência ao convite da célula, por um bom período, pra participar de uma célula.

Entrevistador

Você poderia falar um pouco sobre a sua primeira experiência aí na célula, como é que foi?

Aurora

Sim, a gente foi convidado por um casal, inclusive já conhecido, e aí com muita resistência, depois de vários convites a gente foi, então a gente se sentiu muito acolhido, apesar de não participar tanto. Foi meio confusa essa primeira experiência, porque quando a gente chegou na célula, e a gente não participava tanto porque a gente tinha duas crianças muito pequenas, e era assim, dava trabalho ir com os dois meninos e tirava atenção da reunião. Pouco tempo depois, pouco tempo mesmo, poucas vezes que frequentamos poucas reuniões, no máximo 6, a célula já estava multiplicando, e a gente não entendia o que era aquilo, eu não entendi, porque não chegou alguém para explicar, então foi muito confuso, e aí a gente já, em uma salinha lá com as crianças, chega uma pessoa lá da célula já pedindo, convidando, se a gente aceitava ser o anfitrião, mas naquele momento a gente não sabia nem o que era, então faltou essas conversas, como assim? a célula está multiplicando, mas o que é isso? Não, porque está muito cheio, a gente multiplica, e a gente precisa de uma casa para fazer a célula. Naquele momento assim, a gente, eu principalmente, era muito carente, porque toda a minha família, eu não tinha família aqui, toda a minha família era do interior, então assim, e a gente passou também por uma experiência muito boa, que a gente tinha conseguido adquirir nosso apartamento, então achei aquilo ali como uma forma também de abrir a porta da casa para a palavra de Deus, e assim, a gente aceitou, sem saber direito como era, mas a gente aceitou, e aí a gente já foi ser anfitrião da célula.

Entrevistador

Passaram quanto tempo como anfitriões?

Aurora

A gente passou um ano como anfitrião, e a célula multiplicou, e nós ficamos como líderes.

Entrevistador

No caso, vocês são líderes de célula atualmente?

Aurora

Não, não somos mais líderes.

Entrevistador

Vocês entregaram a liderança?

Aurora

Sim, a gente permaneceu como líderes durante, acredito que 4 a 5 anos, e aí, eu principalmente, dei uma cansada, e a gente entregou. Eu também vinha com muitos problemas de saúde, no trabalho, professora, desenvolvi fibromialgia, então estava muito cansativo, muito exaustivo, e a célula estava muito grande, e o apartamento muito pequeno, e a reunião semanal também é muito desgastante, cuidar de pessoas também não é fácil. E aí, a gente chegou à conclusão de que iria entregar por um tempo. Nesse período também, a gente estava com muita sobrecarga

na igreja, porque a gente passou a ser supervisor de célula, a gente também era líder, supervisor, também éramos diretores do [escola bíblica], que é a escola bíblica. Eram muitas atividades, porque a gente não tinha uma noite que ficasse em casa, praticamente. Então, eu disse, não, vamos parar, pela minha saúde, eu estava precisando por recomendação médica para ir um pouco parar a atividade, e aí a gente entregou a célula em janeiro, e em fevereiro, março, começou a pandemia. E no mesmo ano, eu tive o câncer, então a gente, depois disso, não voltou mais a ser líder.

Entrevistador

Vocês chegaram a supervisionar quantas células?

Aurora

Acho que eram... sete. Acredito que eram isso. É muito trabalho mesmo, com criança pequena, né? Era, e aí a gente tinha que fazer a reunião, os GDs com os líderes das outras células, e a gente sempre participava dos eventos dessas células, e era bem cansativo.

Entrevistador

Como você se sente ao expressar suas verdadeiras opiniões e sentimentos dentro da igreja?

Aurora

Eu me sinto bem, bem confortável. Assim, para algumas pessoas... tem... digamos assim... na célula eu me sinto muito bem à vontade. Já expressar meus sentimentos, opiniões, mas... é... Esse modelo, o modelo celular, eu acredito que meio que segrega a igreja. Ele divide, ele divide grupos. Então você não tem um relacionamento com todo mundo da igreja, você fica muito íntimo com aquele grupo que você convive ali semanalmente. Então com esse grupo você tem muita afinidade, e lógico que quando multiplica, você fica com aquelas pessoas que você já tinha antes, e aí vai crescendo um pouco mais a afinidade. Então quando você precisa de estar passando por um problema, você não compartilha só com aquelas pessoas, mas você se sente muito mais à vontade com aquelas pessoas.

Entrevistador

Alguma vez você se sentiu pressionada pela igreja ou pela célula para mudar alguma coisa na sua vida?

Aurora

Na minha vida, não. Assim, me senti pressionada para... Nesse mesmo contexto de igreja e de célula, para multiplicar. Isso aí a gente se sente pressionada. Mas pessoalmente assim, não.

Entrevistador

Como que era isto?

Aurora

Gera um desconforto. Porque, assim, como é que eu posso dizer? É porque o objetivo é que não se torne grupo de amigos, mas que sempre esteja multiplicando e buscando outras pessoas, principalmente, que não conheçam a Cristo, para aquele grupo, para que conheça o evangelho e se converta, enfim, esse é o objetivo. Quando multiplica a célula, é um sentimento de um vazio muito grande. Isso eu senti. Hoje a gente consegue dizer sempre multiplicar, mas a expressão no início é de que a célula vai dividir. Porque realmente divide. E, assim, em alguns instantes a gente percebeu, a primeira célula que multiplicou, que a gente se tornou líder, e a que saiu, meio que uma competitividade ou uma indiferença muito grande. Depois, tipo assim, vocês são vocês e a gente é a gente, não tem mais contato, não tem mais essa... Então, esse sentimento existiu. Depois que a gente passou um período afastado de célula, durante toda a pandemia, eu acho que a gente só voltou em 2023 a frequentar a célula. De fato, a gente ficou um pouco isolado, principalmente por questões políticas. A gente foi bem... Não eu, porque eu sou muito calada, mas o meu esposo foi muito isolado por questões políticas. Então, a gente teve toda essa posição de líder, de supervisão, de direção. Mas aí, depois que a gente também decidiu entregar a célula, a gente também, os sentimentos, os meus sentimentos, e da família, tipo assim, se você não serve para ser líder agora, também a gente não... A gente se sentiu bem isolada. Então, se você está numa igreja em célula, você tem... não uma obrigação, mas você precisa estar em célula, porque se você não estiver, você é isolado, sim. Chegou uma situação, tipo assim, a gente não estava em célula, teve uma confraternização da igreja e um jantar, a gente chegou e não tinha onde sentar. Cheguei em uma mesa e falei, "a gente pode sentar aqui?". "Não, aqui é de fulano", fui pra outro lado "Não, aqui é de fulano". E tem, existe isso.

Entrevistador

Como você acredita que se sentiria uma pessoa ao participar da reunião na célula em um momento de sofrimento pessoal por conta de algum erro que ela tenha cometido?

Aurora

Claro que ela se sentiria acolhida. O ambiente de célula é muito acolhedor. Muito acolhedor mesmo.

Entrevistador

Como a igreja reage quando um membro comete algum erro moral?

Aurora

Eu não sei dizer como... A gente já teve alguns casos de erros morais que a gente fica sabendo, mas esses erros não são expostos diante da igreja. A gente sabe porque sabe. Há um exemplo. Um líder do louvor, um jovem que passou a ser homossexual. Então, a gente não sabe como foi. Ele não foi exposto. Mas aí a gente soube que ele saiu da igreja e já o encontrou, já todo feminilizado. Mas exposição diante da igreja, a gente nunca presenciou há 11 anos. Um caso ou outro, a gente até nem fica sabendo. Como humano tem uma certa curiosidade de algumas pessoas que de repente somem. E a gente não sabe o motivo porque não tem a exposição mesmo.

Entrevistador

Como a igreja reage diante de membros que passam por dificuldades emocionais, familiares ou financeiras?

Aurora

A igreja tem alguns ministérios também. Existe o Ministério de Mulheres, que é muito acolhedor quando está passando por problemas pessoais. Existe a reunião semanal, existe um grupo. Então, sempre está ali, pedindo oração e orando juntos por problemas familiares. E financeiro tem ajuda, tem uma ação social. Sempre tem uma campanha ou outra dentro da igreja. Agora mesmo tem uma campanha de um rapaz muito querido, de um casal. Ele foi vítima de assalto. Ele era motoboy. E levaram a moto dele. Então, a igreja toda está se mobilizando para que ele consiga comprar outra. Então, tem muita empatia nesse sentido. De pessoas que estão precisando financeiramente de alguma campanha, de venda de alguma coisa, tem a cantina reverte todo o valor atribuído para determinada pessoa. Então, sempre existe. Campanha de pessoas que precisam de exame, também joga no grupo. Teve um recente que não é convertido, mas é parente de uma irmã da igreja que está precisando fazer um exame caríssimo. Então, foi compartilhado e em dois dias já conseguiu. Então, tem muita essa questão de empatia mesmo.

Entrevistador

Você sente que há empatia e compreensão nas relações da comunidade ou há julgamentos e cobranças excessivos?

Aurora

Há empatia.

Entrevistador

Para você, o que é ser um líder?

Aurora

Ser alguém comprometido, ser líder é ser comprometido. E ser mesmo um exemplo de Cristo. Isso precisa muito... Exercer muito o cristianismo na liderança. Falando da liderança de célula. Então, eu acredito que é isso. Levar pessoas a Cristo. Ter uma boa palavra. Eu acredito que nem todo... É uma... Algo que me... Me confronta diante da igreja em célula. O que é muito pregado é que toda pessoa é um líder. E eu não vejo dessa forma. Eu acredito que nem todo membro de célula vai ser líder. Que não sendo um líder. Nem todo mundo, eu acredito, tem um perfil para ser líder, para liderar. Por isso que eu preciso sempre ter uma visão muito ampla, ser muito acolhedor. Muitas vezes eu me sentia incapacitada de ser líder.

Entrevistador

Qual a importância dos relacionamentos na igreja para você?

Aurora

É extremamente importante. A igreja de célula, o que resume, é relacionamento. A igreja de célula é relacionamento. Então, na verdade, a gente se sente dentro de uma comunidade mesmo. É uma extensão da família.

Entrevistador

Para você, o que é uma relação social saudável?

Aurora

É uma relação de respeito.

Entrevistador

Você acredita que a relação que ocorre na célula é uma relação social saudável?

Aurora

Sim. Acontece de casos desagradáveis. A gente passa, como igreja de célula, a gente passa por situações... Não são só situações confortáveis, não. Mas, de forma geral, é uma relação confortável.

Entrevistador

O que significa para você ser um membro de célula?

Aurora

Eu tenho os privilégios de ter as duas experiências, né? Como eu já fui líder e como já fui membro. E sou membro hoje de uma célula. Então, assim... É muito mais confortável ser membro do que ser líder. É muito bom você ser cuidado, digamos assim. Apesar de que a gente não dá trabalho, mas eu acho que também não tem... As obrigações de líder é confortável.

Entrevistador

Você poderia apontar algum momento ou alguma forma na qual a igreja lhe ajudou em algum sofrimento pessoal ou emocional que enfrentou?

Aurora

Sim. Durante a época que eu tive o diagnóstico de câncer renal. Foi no período que gente tinha acabado de deixar a célula. Então, a gente também tinha uma relação muito boa com todos os membros da célula. Então, a gente pôde compartilhar, contar com orações. E a igreja também sempre orando. E, recentemente, eu passei por um outro problema. Uma suspeita grande de câncer. Agora, desta vez, de mama. Recente, tem um mês e pouco. E, assim, foi muito bom. Eu até compartilhei no grupo que não é bom. O deserto não é bom, mas como é bom passar pelo deserto nos braços do Senhor. E na presença dos amigos. Os amigos e irmãos orando. Porque, diariamente, a gente sentia de verdade o carinho e a preocupação de todos. E a oração de todos.

ENTREVISTADO: COMPROMETIDO**Entrevistador**

Fale um pouco sobre você.

Comprometido

Meu nome é [nome], eu sou daqui de [cidade], Pernambuco. Sou natural daqui e vim de uma família não cristã. E, a convite do meu amigo, visitei a Igreja Batista, onde, depois de algum tempo visitando, fui confrontado pela Palavra de Deus. E, entreguei a minha vida a Jesus, e já estou lá há 20 anos, onde lá casei com a minha esposa. Tenho dois filhos, um filho de nove anos e uma filha de um ano e sete meses. Lá também fui chamado por Deus para o Ministério Pastoral, o qual hoje eu exerço em uma das congregações aqui da Igreja Batista.

Entrevistador

Você poderia me falar um pouco sobre como aconteceu esse processo de chamado Ministerial?

Comprometido

Eu tive o privilégio de passar por muitos departamentos na igreja. Eu coordenei o departamento de oração da juventude. Depois, eu passei oito anos como presidente da juventude aqui da igreja. Na Associação também passei oito anos. Na Associação das Igrejas Batistas do Vale do Rio Paraíba, passei oito anos também como presidente de jovens. Depois, passei quatro anos como presidente da Jubaíba, que é o órgão que lidera a juventude no estado da Paraíba. Aqui na igreja, eu fui chamado para servir como diácono, onde passei mais de doze anos. Servindo aqui como diácono. Passei também pela tesouraria da igreja. E nesse processo de trabalhar com jovens, a gente realizou muitos projetos missionários. Tanto na região do Vale, como na cidade, aqui local. E em algumas cidades do estado da Paraíba, no sertão. Junto com o pessoal da Jubalit, que ainda é em João Pessoa. E, nesse tempo, o Senhor sempre tocando no meu coração, me chamando para entrar no ministério pastoral. E a gente foi confrontado com... A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. E eu entendi que o Senhor estava me chamando para esse ministério, ao qual eu realizo com muita alegria e responsabilidade.

Entrevistador

A sua convicção para o ministério pastoral, aconteceu de que forma?

Comprometido

Através da palavra de Deus, em Mateus 9, onde, a partir de 35, diz que Jesus percorria a cidade, curando cegos, libertando cativos. Mas, num determinado ponto, ele parou e disse que a seara é realmente grande, mas os trabalhadores são poucos. E servindo nos projetos missionários, a gente vê o quanto de trabalho a gente tem na prática e o quanto de trabalhadores são poucos. Então, algo que já vinha no meu coração através desse texto, ficou mais profundo, mais forte

ainda, quando a gente entrou na prática e identificou a necessidade de obreiros. E aquilo que Deus já tinha implantado no meu coração foi somente amadurecendo, se confirmando, até depois de muitas lutas em relação a capacidade. Na verdade, eu sempre me senti incapaz de algo tão grande, para mim, eu falo do ministério pastoral, mas tudo foi encaminhado, canalizado por Deus. Até chegar o momento da consagração. Estudei quatro anos no seminário Itebes. Depois fiz uma prova, na qual passei, com mais de cem questões abertas, depois fiz o concílio, depois a consagração e agora recente a posse em uma das nossas congregações.

Entrevistador

Você está na congregação já há quantos anos?

Comprometido

Olha, não, meses. Nessa congregação eu já estou há meses.

Entrevistador

E a sua consagração ao ministério pastoral já tem quanto tempo?

Comprometido

Olha, tem meses também. Foi no ano passado.

Entrevistador

E mudou muita coisa na sua vida desde que você se tornou pastor?

Comprometido

Sim. Mudou não na prática daquilo que a gente já vivia na igreja, sabe? Durante esse período, a gente exercia cuidado na vida de muita gente. Eu digo a gente porque a minha esposa sempre esteve ao meu lado nesse processo todo. As portas da gente sempre estiveram abertas para receber pessoas aqui em casa, nos nossos pequenos grupos. Eu uso essa expressão, acompanhado de uma risadinha, porque nós já tínhamos menores infratores aqui na cidade e a gente sempre abriu as portas para receber, para ensiná-los sobre a palavra, para ajudá-los de alguma forma a se libertarem dessa vida de escravidão que eles viviam, enfim. Então a gente já tinha essa responsabilidade, que é muito grande, de cuidar de pessoas. Eu, particularmente, eu trabalho com alcoólatras. Eu fiz dezenas de internamentos aqui nos hospitais daqui da região, ajudando essas pessoas, levando a palavra de Deus, obviamente, mas também cuidando dessa parte da saúde mesmo, para que, de alguma forma, a gente pudesse ver essas pessoas livres. Então, eu já vinha nessa prática de vida de cuidado. Agora a responsabilidade aumenta, porque antes de tudo, antes da consagração, era o filho do irmão [nome do entrevistado], agora é o filho do pastor. Antes era o irmão [nome do entrevistado] que tomou essa decisão ou falou isso. Agora é o pastor [nome do entrevistado] que falou. Então, isso traz mais uma responsabilidade, um peso maior, infelizmente. A gente deixa de ser ser humano para ser pastor. Então, essa responsabilidade com certeza aumenta.

Entrevistador

O que seriam os menores infratores que você falou?

Comprometido

Eu disse que quando eu falo sobre esse assunto, eu uso esse termo acompanhado de uma risada. Porque tem alguns meninos que frequentavam o PGM jovem que tinha aqui na minha casa que se envolveram em drogas. Inclusive, teve aqui que se envolveu, que os pais tiveram que pagar a dívida dele que ele estava muito envolvido, devendo muito. E uma professora foi lá visitar e, aconselhando ele, ele disse assim "ó eu já fiz parte de um pequeno grupo na casa de [nome do entrevistado]". E a professora veio me procurar. A pessoa não era da minha igreja, a professora nem tanta aproximação. E ela veio me procurar e falar que ele tinha aprendido algo aqui na minha casa, e que tinha ficado guardado lá, que ele lembrava das coisas que tinha aprendido. Então, esse tipo, quando eu digo menores infratores, é esses meninos que dão trabalho demais na cidade né.

Entrevistador

Como é para você estar nesta igreja? Mesmo que você hoje esteja como pastor de uma congregação, mas você, institucionalmente, ainda está ligado à Igreja de [nome da igreja]. Então, como é para você fazer parte desta igreja?

Comprometido

Olha, fazer parte desta igreja foi um divisor de água na minha vida. Quando vou falar um pouco da minha vida, eu falo que eu tinha tudo para dar errado. A minha leitura de família, a leitura que eu falo é o meu conhecimento de família. Era completamente longe dos valores e princípios que a Bíblia ensina. Fui criado num lar não cristão. Quando eu digo que eu ia na Igreja Católica, eu não ia na companhia dos meus pais. Eu ia na companhia de amigos, para paquerar, para furar o balão, quando o balão subia (risos), na época junina que soltavam muitos balões. Era aquela festa aqui na cidade. A minha estadia na Igreja Católica era mais assim, sem compromisso nenhum. Era católico porque não tinha outra igreja. As pessoas perguntavam, de que igreja você é? É católico. E ter ido na Igreja Batista mudou completamente a minha história, a minha vida. Foi lá que eu aprendi. Eu vou usar a expressão, mas foi lá que eu aprendi a ser gente. Aprendi a ter responsabilidade, aprendi a respeitar, aprendi o valor da família. Foi lá que eu construí minha família. É lá que eu ensino meus filhos, que a gente vem criando os nossos filhos a amarem a Deus. Então, foi realmente um Divisor de Águas é o antes e o depois. A Igreja Batista é como um ônibus que me levou a conhecer Deus. Que me levou até a presença de Deus. A gente às vezes pega um ônibus de Santa Rita a João Pessoa. Pra você chegar em João Pessoa, esse ônibus que conduziu até lá. Então, essa igreja foi um ônibus, uma nave que me conduziu à presença de Deus. E isso mudou completamente a minha vida, a minha história.

Entrevistador

Eu gostaria agora que você pudesse falar um pouco sobre os PGMs. Quais os pontos positivos e os pontos negativos desse modelo?

Comprometido

A igreja em pequenos grupos é nada mais nada menos do que um modelo bíblico. A gente lendo a história do Êxodo. O Moisés estava muito atarefado, estressado, afadigado, cansado. Recebe a visita do seu sogro Jetro e ele nota toda aquela quantidade de pessoas pra Moisés julgar, resolver seus problemas. E ele disse, olha, você tem que mudar isso aí, senão você vai estafar. Você não vai suportar essa pressão. E deu a ideia dele dividir em pequenos grupos, em grupos menores. E levantar líderes aí pra que pudessem ajudá-lo nesse processo. E Moisés ficava somente pra resolver as causas mais importantes. Então, desde o Antigo Testamento que já existia essa ideia, que veio trazer mais tranquilidade pra Moisés poder exercer a sua função de líder e direcionar o povo a um direito que Deus tinha dado, a terrinha que mana leite e mel. Então, a igreja, em pequenos grupos, trabalha nessa visão de levantar, de preparar líderes e ajudarem nesse cuidado de pessoas. A nossa igreja, por exemplo, tem cerca de 300 membros. E um pastor que tem uma igreja com 300 membros e uma família. Normalmente os pastores batistas também trabalham e como é que vai dar conta desse povo todo. Então, a visão de igreja multiplicadora veio para que cuidado e o discipulado, a preparação de novos líderes pudesse expandir mais o reino de Deus e também aliviar a mochila pesada que o pastor carrega, exercendo esse ministério sozinho. O pequeno grupo, ele traz uma ideia de fortalecimento dos relacionamentos. É uma oportunidade que você tem ali de compartilhar a fé. E dentro dessa dinâmica de fortalecimento, de compartilhamento da fé, da palavra de Deus, você vai fazendo novos discípulos, levantando novos líderes. E alcançando um número cada vez maior de pessoas para o reino de Deus. O pequeno grupo tem uma dinâmica diferente. Porque antes a gente tinha um culto de visita aqui na igreja. E o pequeno grupo, quando veio, foi uma mudança pra gente, que o Batista tem uma certa dificuldade em sair daquele estilo ali que ele já vive há tantos anos. Mas no culto de visita a gente ia com o pastor e cinco pessoas visitar a família. Já teve segundas-feiras aqui que a gente realizou os PGMs e ter 100 pessoas participando dos PGMs. 10 PGMs, cada um com 10, 151 pessoas. Enfim, mais de 100 pessoas participando. Então a gente enxerga dentro desse trabalho, essas virtudes. A prática desses princípios bíblicos. Que é o de discipular. É o de exercer a oração. É o de exercer o compartilhamento da palavra. É quando há necessidade, exercer a compaixão e graça. E aí a gente vai acabar até plantando igrejas em determinados bairros. A gente já tem esse interesse de futuramente, onde há um pequeno grupo plantar um novo trabalho. Então, o pequeno grupo ajuda bastante na pregação do Evangelho.

Entrevistador

Você lidera atualmente um pequeno grupo?

Comprometido

Sim. Hoje, por exemplo, a gente tem um encontro de pequeno grupo lá na congregação. Aqui na sede eu tenho o PGM Candeeiro. É um PGM onde eu recebo aqui na minha casa muitos jovens. É só jovens, sabe, aqui na minha casa. Eu passei a minha vida, como eu lhe falei no começo, trabalhando com jovens. Passei oito anos na juventude da cidade, da igreja. Oito anos

na juventude da associação e quatro anos na juventude do estado. Então, o meu ministério sempre foi voltado mais para jovens. E eu tenho um PGM jovem aqui na cidade. Onde a gente tem trabalhado semanalmente o discipulado, a preparação de novos líderes, a prática da palavra de Deus, a prática da oração. E, como eu fui transferido para a congregação, hoje a gente já tem uma liderança que assumiu esse PGM, que já fazia parte desse PGM. E esses meninos já estão cuidando desse PGM e eu já estou com outro PGM na congregação. Onde o desafio é preparar líderes para a gente cuidar dos jovens de lá. Onde a gente tem muitos jovens que precisam de cuidado lá também.

Entrevistador

Atualmente, na congregação, tem quantas pessoas?

Comprometido

Rapaz, eu vou te falar uma coisa. Olha, eu vou te falar. Ontem a gente estava com a congregação aí, com em torno de 80 pessoas. Mais ou menos.

Entrevistador

A maioria delas participa de PGMs?

Comprometido

Então, a gente começou a trabalhar aqui na igreja, né? Então, o objetivo do Pastor [nome do pastor] é estender essa visão e eu assumi lá há meses, como te falei. Então, eu estou levando essa visão pra lá agora, começando a trabalhar direitinho. Tem um PGM lá, que é de uma pessoa da igreja aqui de [nome da cidade], que também ajuda lá. Já está lá há algum tempo, mas daqui a pouco a gente vai falar mais desse assunto, porque a gente vai falar da parte preocupante dos PGMs, certo? Mas lá na congregação a grande maioria não trabalham com a visão de PGM, de igreja multiplicadora. Então, eu estou indo pra lá também com o desejo de começar esse trabalho de discipulado, pra que a gente possa ter também uma igreja lá, uma congregação lá, que vivam esse trabalho, que é muito importante.

Entrevistador

No caso, a congregação já existia antes de você ir pra lá?

Comprometido

Sim, a congregação tem 40 anos. É em uma vila. É na Vila [nome da vila]. [nome da vila] é distrito de [nome da cidade]. Mas a gente atravessa a ponte, atravessa o rio e está lá.

Entrevistador

Entendi. Tem outra congregação aí de vocês, não é?

Comprometido

Aí já virou igreja, aí já casou. E aí eu vou te falar como a visão de igreja multiplicadora é importante, de pequenos grupos. Por quê? Porque nessa visão se trabalha a plantação de igreja. Certo? Você tem cinco princípios. Oração, evangelização multiplicadora, compaixão e graça, formação de líderes e plantação de igreja. Então, como você está estacionado ali e, na sua igreja, as coisas funcionam, tem o culto de oração, tem escola bíblica, tem o culto de domingo, tem um culto de visita, tá bom. Só que o pequeno grupo é um desafio diário, tanto para o pastor como para a igreja. De você ir para a prática do evangelho, ir para o confronto, para a linha de frente, de você ser o pastor do seu pequeno grupo. Então, quando a gente começa a trabalhar esses princípios, o princípio da plantação de igreja, ele vai fluir também. A igreja da [nome do lugar], ela é de 2010. Foi uma congregação que foi plantada através de um projeto missionário e a gente encabeçou aqui, projeto missionário Atos. Recebemos centenas de jovens aqui, em 2010, no qual, na época, eu era líder da juventude, e a gente plantou essa igreja. Só que, ano seguinte, a gente começou a trabalhar a visão de igreja multiplicadora. E ela foi emancipada antes de que a congregação que já tinha 30 anos, e já está com 40 agora, né? Porque a visão também despertou para a realidade de que você planta um trabalho, mas que um dia esse trabalho vai se auto-sustentar, vai se auto-transformar, né? E vai ser a igreja. Então, quando a gente não tinha essa forma de trabalhar, pra gente estava tudo bem. E a gente não vai estar em congregação por tanto tempo. Agora a gente tem a visão de emancipá-la lá em breve.

Entrevistador

Você disse que tem uma parte problemática do PGM, que você ia falar mais à frente. Então, se quiser, já pode falar dessa parte.

Comprometido

Muito bem. A parte difícil, a parte, deixa eu te falar, que no meu ponto de vista gera conforto, e esse conforto traz alguns, assim, foge daquilo que realmente é a visão de igreja multiplicadora. Porque se você vive em uma igreja que não pratica os princípios, quais os princípios da igreja de Atos? Eles oravam, eles viviam a doutrina dos apóstolos, eles discipulavam, eles dividiam o que tinham, eles viviam compaixão e graça. Então, assim, a visão de igreja multiplicadora, para você trabalhar PGM, você tem que trabalhar esses princípios. Esses princípios, eles trazem um crescimento gigante aos pequenos grupos. Eu, por exemplo, eu comecei um pequeno grupo aqui, antes desse pequeno grupo de jovens, eu comecei um pequeno grupo aqui, na cidade, e a gente teve uma época, começou com cinco pessoas, e teve uma época que a gente estava com 30 pessoas, 40 pessoas no PGM. Então, deixou de ser um PGM, ficou um GGM, então um PGM grande. Então, o PGM multiplicou, e a gente tinha seis pequenos grupos na cidade. Somente eu, [nome do entrevistado], tinha seis pequenos grupos na cidade. Então, tal que eu parei de liderar e fui ser supervisor de PGM. Eu era o cara que cuidava dos líderes. Supervisor não é alguém que vai supervisionar pra ver se tá errado. É alguém que vai lá ajudar, aliviar o peso, a responsabilidade do peso, da mochila do seu líder. A gente diz essa expressão. Tá muito pesado, tá muito difícil liderar esse PGM. Então, você vai lá, e você ora com ele, você cuida, e você instrui, e você toma até alguma responsabilidade no PGM, enfim. Então, de repente, a gente estava aí com 30, 40 pessoas, e a gente multiplicou esse PGM. A

gente ficou com seis casas aqui na cidade. Todas essas seis casas reuniam dez pessoas, oito pessoas. Tinha casa que reunia 15 pessoas. Isso antes da pandemia. Então, quando a gente está praticando os princípios bíblicos que a visão de igreja multiplicadora nos apresenta, as coisas funcionam. Quando os PGMs perdem essa visão, ou deixam de praticar esses princípios, eles se tornam um grupo de comunhão. E daí surgem os problemas. O PGM, de fulano, cresce e se multiplica todos os anos. O PGM de sicrano só tem as mesmas cinco pessoas. Isso vai gerando desânimo, desconforto. Por que é que o dele está dando certo e o meu não está? Será que o problema sou eu? E isso traz às vezes frustração. O líder fica lá frustrado. Por que é que o de fulano está dando certo e o meu não está? Mas quando você vai na raiz, o que é que está deixando de praticar. Os princípios bíblicos da palavra, os princípios bíblicos que são base para o PGM. Isso funciona até numa igreja. Se você é pastor de uma igreja e você não ora. Não tem vida de oração. Você não tem vida discipular. A sua igreja não tem compaixão e graça. Não olha para fora das quatro paredes. Não estende a mão para ajudar as pessoas. Então, isso deixa de ser igreja. Porque os princípios da igreja primitiva estão dentro dos princípios de igreja multiplicadora. Então, eu já vi muita gente se desanimar. Eu, como supervisor, ia visitar os PGMs e encontrava o líder. "Ah, estou com vontade de parar. Estou cansado". "Luto, luto, luto e o PGM não cresce". "Luto, luto e o PGM não se multiplica". "Pessoas não se convertem. Enquanto o de fulano, toda semana tem conversão, o PGM já vai se multiplicar pela terceira vez". Então, o que eu enxergo de, eu vou usar essa expressão porque não veio outra no momento, de negativo nisso, que é negativo para a igreja em geral, é não praticar os princípios bíblicos e você acabar tendo ali, em vez de um pequeno grupo multiplicador, um grupo de comunhão, onde você vai lá, cumpre o ritual e vai para a sua casa. E isso entristece e frustra muitos líderes e muitas pessoas. Então, o que eu vejo de preocupante é você estar lá há cinco anos com o PGM na casa de alguém e a pessoa chama os vizinhos e os vizinhos não vai, vai um ou outro, vai um que fica cochilando, vai um que não dá muita importância e isso vai desanimando você. Mas o grande problema é a falta de prática dos princípios bíblicos que dão base para o PGM fluir e abençoar as pessoas.

Entrevistador

Você poderia dizer quais são esses princípios?

Comprometido

Vamos lá. A igreja estava unânime em oração. Eles perseveravam na doutrina dos apóstolos. Eles formavam novos líderes, eles discipulavam. Eles plantavam igreja e eles, vamos lá, deixa se eu só recapitular, oração, evangelização discipuladora, formação de líderes, compaixão e graça, faltou isso, compaixão e graça e plantação de igreja. Compaixão e graça é você estar atento às necessidades das pessoas. Às vezes tem pessoas na nossa igreja que vai lá cheia de problemas, vai lá, chega na igreja, não consegue dar um sorriso, não consegue levantar a mão, às vezes é até julgado né. "Fulano veio na igreja todo triste, todo fechado" e você não vai lá procurar saber, não vai lá se dispôr a ajudar. Aqui na nossa igreja, se alguém está com problema, parece que o problema tá com todo mundo, você vai lá e bota seu carro de posição para levar no hospital, e você vai ajudar a fazer uma mudança. É o desafio, viver o pequeno

grupo, na prática, baseado nos princípios, é um desafio. Às vezes você está em casa, trabalhou o dia todo, aí está em casa e escuta alguém chamando no portão. Você tem todo o direito de descansar e estar com sua casa, mas é o seu discípulo. "Meu líder, acabou a água na minha casa, você tem água para me arrumar?". E isso que acontece no interior. Enfim, estou dando um exemplo. Vou dar um exemplo mais prático. Quando eu estava empenhado no cuidado com os alcoólatras, eu orei muito, pedindo a Deus, porque no interior um dos grandes problemas é o alcoolismo. Tem mais alcoolismo do que droga. Então, eu comecei a fazer os internamentos, pedir a Deus, porque não é fácil você convencer alguém a aceitar o internamento. É uma das coisas mais difíceis que tem. E a gente orando, internamos uns, depois outros. Meu amigo, 5 da manhã, eu estava aqui, e o portão lá embaixo, "bá, bá, bá", aquela zuada e o portão de alumínio, um barulho. Era uma mãe falando, "Ajuda meu filho, vai internar meu filho". Então, você tem o direito de dormir mais uma hora, mais duas horas, mas você tinha pedido a Deus uma missão. Você tinha se colocado à disposição diante de Deus para cuidar, para ter compaixão e graça dessas pessoas que são discriminadas, são invisíveis na sociedade. Ninguém vê, passa por cima aqui, e ninguém dá a mínima. Então, quando você passa a exercer a compaixão e graça, você perde o seu conforto, você perde horas de sono, o seu carro, que às vezes é para levar sua família para a igreja, tem que estar levando bêbados nos hospitais. Então, a compaixão e graça é fundamental. Você exercer, assim como a oração, como a evangelização, nenhum desses princípios pode falhar. Se você começa a falhar um, depois vai falhando o outro, é como se fosse uma engrenagem. E eles funcionando, tudo funciona bem. Mas se um começar a falhar, o outro vai falhando ali. Enfim, daqui a pouco você está vivendo um grupo de comunhão, onde você se reúne para fazer bolo, para o aniversariante, você se reúne para fazer qualquer outra coisa, mas menos para multiplicar o amor de Deus.

Entrevistador

Onde o líder tem acesso a esses princípios?

Comprometido

Seria ideal que o pastor da igreja conhecesse primeiramente essa visão, essa forma de método antes de trabalhar em igreja. E esse material está disponível no site da junta de missões nacionais. Por exemplo, tem alguns livros aqui na minha casa, que eu já ganhei, que eu comprei. Enfim, então um pastor, tendo o conhecimento disso, ele começa a lançar essas sementes oportunamente no coração dos seus liderados. E a gente, por exemplo, aqui, eu já fui para o Multiplique Nacional, que aconteceu em Águas de Lindóia, em São Paulo. Eu já participei do Multiplique, no Rio Grande do Norte, em João Pessoa, em Recife, aqui mesmo na igreja, então assim. Existe uma equipe envolvida, comprometida, em levar essa visão às regiões. nosso pastor mesmo aqui. A gente já saiu para João Pessoa várias vezes, para o Sertão. A gente já saiu para Pernambuco, para expandir essa visão. Quando o líder compra, ou melhor, aceita esse desafio, é mais fácil. É mais fácil a igreja também assumir o compromisso e encarar o desafio. Depende muito do líder. Porque a figura do líder é o exemplo. "Ah, se o meu pastor não está fazendo, por que que eu vou fazer?" Mas isso muda radicalmente a sua forma de pastorear. A preocupação com

a vida do próximo, a sua vida de oração precisa mudar, porque você precisa depender de Deus para que as coisas aconteçam. O comprometimento com a evangelização, não somente os cultos de domingo, de quarta, nesses momentos, mas o seu comportamento com a evangelização muda. É um choque de realidade, é uma mudança brusca. É uma mudança de direção. Você antes caminhava em uma direção, e quando você conhece essa visão bíblica, que não é uma visão tirada de um conceito de um teólogo. É uma visão tirada da Bíblia. Se você for ver o começo da Igreja em Atos, você vai perceber como eles eram dedicados à oração, como eles eram dedicados à palavra, como eles eram dedicados à evangelização discipuladora. A compaixão e graça dos caras era incrível. Eles vendiam o que tinha e dividiam com os que não tinham nada. Então, tudo isso aflora no coração do pastor, no coração do líder. O meu pastor é batista, sabe? Daqueles batistas que, para isso entrar aqui, meu amigo, foi difícil. Ele relutou por muito tempo, mas eu vi meu pastor chorar em alguns encontros, e depois chegar e dizer, cara, eu levei um soco no estômago, que está doendo até agora, da realidade de como o meu Ministério estava parado. Estava vivendo o com base nos programas. "A gente vai ter isso esse ano, é aniversário, é MCM, é União de Homens, e como foi apaixonante isso mudar e envolver a Igreja. E isso leva a gente a alcançar um número cada vez maior de pessoas. A gente realiza batismo duas vezes por ano, por exemplo, graças a Deus, depois que essa visão foi agregada a nossa liderança. Mas é interessante o líder buscar esse conhecimento, esses livros, participar dos encontros que existem, ouvir os testemunhos. Eu tenho dezenas de testemunhos de igreja multiplicadora, mas tudo isso vem a semear a semente nos corações. A pessoa dizer assim "Ah, eu também quero viver isso, quero ser desafiado". Então, nós temos livros, temos bons materiais, e temos muitos encontros onde os testemunhos vão gritar no nosso coração.

Entrevistador

Suponha que você tem algum problema pessoal e que você necessite de uma orientação de alguém. Qual é a primeira pessoa da Igreja com quem você pensaria em conversar?

Comprometido

Olha, eu procuraria o meu pastor. Eu tenho muitos amigos, eu fui presidente depois do Corpo diaconal, aqui na Igreja por alguns anos, e eu tenho muitos amigos que poderiam me ajudar. Mas a figura do pastoral, ela é convidativa, sabe? A ovelha a procurar o seu pastor, né? Então, eu procuraria o meu pastor.

Entrevistador

Você tem uma longa trajetória na Igreja, antes de se tornar pastor. Antes de se tornar pastor, quando você trazia opiniões, expressava seus pensamentos na Igreja, você sempre foi ouvido? Sempre houve espaço para isso?

Comprometido

A Igreja Batista é uma Igreja que é bem democrática, né? E um dos nossos pilares é a democracia, né? Não existe alguém que manda e todo mundo obedece. Todo mundo tem voz, e isso é apaixonante na Igreja Batista. É claro que a gente sempre teve a oportunidade de

opinar, de fazer nossas colocações, de dar nossas ideias. Nem sempre tudo vai acontecer porque lá na igreja tem 300 pessoas e cada cabeça ali tem um pensamento, uma forma de trabalhar, uma forma de enxergar o problema, a vida, enfim. Mas a gente sempre é ouvido.

Entrevistador

Alguma vez você já se sentiu pressionado pela Igreja para mudar alguma coisa em sua vida?

Comprometido

Olha... Na Igreja Batista tem pessoas que dizem "A gente teria que ter mais regras", "dá a impressão de que tudo pode". Por quê? Porque nós, apesar de que isso faz parte, mas nós procuramos doutrinar dentro da Bíblia, ensinar a palavra e as mudanças acontecerem. É verdade que quando tem algo que foge muito, que é muito escandaloso, que realmente não tem como você deixar de falar, você tem que chamar a pessoa e procurar aconselhar, instruir. Seja em qual área for. Mas não existe essa pressão, sabe? Para que você mude, para que você deixe. Existe um ensinamento bíblico, para que isso aconteça da melhor forma possível.

Entrevistador

Como você acredita que se sentiria uma pessoa ao participar de uma reunião no pequeno grupo, alguém que tivesse cometido algum erro e que tivesse se sentindo mal por causa disso, sentindo-se culpado. Essa pessoa, vamos supor, vai para uma primeira reunião do PGM. Como é que você acredita que essa pessoa iria se sentir ao participar de uma primeira reunião?

Comprometido

O líder do PGM, é por isso que a gente sempre recicla, que a gente sempre se reúne, sei lá, bimestralmente para a gente estar conversando e estar sempre orientando os nossos líderes. Um líder mal capacitado, ele pode ferir, magoar e perder aquela pessoa para sempre. Um líder bem capacitado, eu digo assim, instruído na palavra, direcionado por Deus, ele, às vezes, em algum momento do encontro, confrontar, criticar a ação ou coisa parecida, ele deve fazer talvez o que Jesus fez com aquela mulher que os caras diziam, jogue a pedra, e Jesus dizia assim, quem não tem pecado, que jogue. Então, ao invés de a gente tocar no assunto, tocar no tema, a gente fazer o que Jesus fez. Propor uma nova vida, né? Vai e não peques mais. Aquilo ali é vai e viva uma vida nova. Então, assim, na verdade, o que o líder tem que estar preparado é, se acontecer de chegar uma pessoa como essa, de propor a essa pessoa uma vida nova, uma vida longe de não somente esse problema, mas do pecado em geral, né? Então, eu acho que o ideal seria o líder fugir do tema que trouxe esse problema todo para a vida da pessoa e entrar no tema da nova vida com Jesus. Por isso que o líder tem que estar preparado, tem que ser discipulado, ensinado, estar maduro para essas questões.

Entrevistador

Como é que a igreja reage quando o membro comete algum erro moral?

Comprometido

Então, eu já vi o nosso pastor, com muita sabedoria, ele resolver questões aqui na igreja onde o resultado final foi incrível, né? Teve um casal, em algum tempo atrás, que teve traição, aquela coisa toda e procurou o pastor, né? Apenas o pessoal da família mesmo mais próxima sabia. E o pastor, ao invés de levar o caso para a assembleia, ao invés de levar o caso para a igreja, disse, "Vocês querem ser cuidados?" E eles disseram, "Queremos". Então, a gente vai ter encontros semanais. E eu participei de um casamento antes de ontem, onde esse casal estava lá, se alegrando com o casamento de uma outra pessoa, mas que tiveram sua vida restaurada, sua vida matrimonial restaurada. Então, existem essas formas de se tratar onde realmente se trata a pessoa a fim de restaurar, sabe? A honra, a dignidade, o matrimônio. Eu gosto muito da Igreja Batista, e, especialmente, do nosso pastor, porque ele tem essas formas de trabalhar. Talvez, se fosse outro, ele dizia, "ó, a gente vai ter que levar para a igreja e a igreja vai tomar as decisões corretas". E acabar perdendo a pessoa, perdendo a família, enfim.

Entrevistador

Para você, o que é ser um líder?

Comprometido

É você ser um servo. É você servir, né? Quando Jesus sentou na ceia, lá em Lucas está relatado, que uma pessoa disse assim, "Jesus, ó, eu quero sentar à sua direita" e outro disse, "eu quero sentar à sua esquerda". E Jesus disse, "Caramba, vocês não entenderam ainda, né? Tem os pés do pessoal aqui para lavar, e vocês ainda estão brigando por isso". Aí Jesus vai lá e faz o papel. Então, se ele fez isso, e ainda termina dizendo assim, né? "Eu dei o exemplo, para que assim como eu fiz, vocês façam também". Infelizmente, tem uma forma de se pensar de que o líder tem que ser servido. Ele tem que dar as ordens e os outros executarem, né? Somente. E Jesus é diferente. Então, eu acho que um bom líder é um bom servo.

Entrevistador

Qual a importância dos relacionamentos na igreja?

Comprometido

Olha, os relacionamentos são fundamentais para o bom convívio da igreja. Um dos fundamentos do pequeno grupo é o relacionamento discipulador. Um dia, Jesus ia passando, está escrito lá em João, capítulo 1, e João Batista disse assim, "Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo", e os seus discípulos seguiram a Jesus e disseram assim, "Jesus onde moras?" Jesus disse assim, "venham e vejam". E o texto diz que eles passaram grande parte do tempo daquele dia com Jesus. Conversando, se relacionando, se conhecendo. Então, o relacionamento, é onde a gente conhece melhor as pessoas, é onde a gente tem abertura para poder ajudar, para poder ser ajudado. Então, acredito que uma igreja sem relacionamento, ela está muito longe de viver essa compaixão e graça, que é fundamental para a igreja.

Entrevistador

Para você, o que é uma relação social saudável?

Comprometido

Olha, uma relação social saudável, é uma relação onde existe respeito, eu acho que a gente precisa conhecer, por isso que o relacionamento é importante. Para a gente ter uma relação social saudável, a gente precisa conhecer o comportamento do outro e respeitar esse comportamento. Por exemplo, eu e a minha esposa, eu sou muito ativo, sabe? Eu sou aquele que vou fazer, que tem que fazer aquilo ali e não pode esperar. A minha esposa é aquela pessoa que, ela pensa, ela vai analisar o caso, ela vai planejar, ela vai ver a melhor forma e isso está dentro do comportamento. Então, se eu quiser, imagine, eu quero que você seja dessa forma, mas talvez você seja aquela pessoa que vai ouvir, que vai analisar, que vai dizer assim ó será que dá certo? E o outro é aquela pessoa que diz vamos fazer. É como se fosse Pedro bem impulsivo e João bem mais tranquilo ali. Então, pra gente ter um relacionamento saudável, pra gente respeitar o comportamento, a gente precisa conhecer. E eu vou te falar uma coisa, um dos grandes desafios da igreja está dentro dessa parte aí porque um dos maiores conflitos é que eu quero que você seja como eu, eu quero que você faça como eu faço, eu quero que você venha agir como eu estou agindo e aí existe um dos grandes conflitos nas igrejas que é eu achar que fulano é parado demais, mas não, está dentro do comportamento psicológico dele. E eu descobri isso fazendo uma consulta com uma psicóloga, eu passei a respeitar mais o meu pastor, porque quando eu chegava vamos fazer com a juventude, tinha cinquenta jovens pra gente fazer um trabalho num final de semana o pastor dizia calma, vamos sentar direitinho, pra onde é que a gente vai, quais as ruas, quais os pontos negativos, ali existe boca de fumo, ali existe bares, ali existe casa de candomblé? E a gente queria ir de todo jeito, a idade né? Então, existiam conflitos até comigo mesmo, mas quando a gente passa a conhecer o comportamento de cada um, a gente passa a respeitar o comportamento de cada um e conseqüentemente viver melhor como igreja.

Entrevistador

O que significa pra você ser um membro de pequeno grupo?

Comprometido

Existe uma expectativa muito grande na formação de um líder né e um líder ele começa como um membro. Então, desde o primeiro momento que eu fui desafiado a vivenciar, a participar de um pequeno grupo que eu vivi a expectativa de um dia liderar. Um membro de pequeno grupo tem a certeza de que ele está sendo bem cuidado, bem assistido, bem acompanhado, bem instruído, bem ensinado, bem disciplinado. Então a importância de ser um membro é saber que todos esses valores e princípios vão acompanhar você ali dentro daquele pequeno grupo.

Entrevistador

Você poderia apontar algum momento ou alguma forma em que a igreja lhe ajudou em alguma necessidade que você passou ou algum problema que você enfrentou?

Comprometido

Com certeza a igreja me ajudou bastante, quando me acolheu e cuidou de mim. Eu fui pra igreja batista achando que estava só mudando de igreja. Depois eu pensei que eu tinha que mudar algumas práticas, deixar de frequentar alguns lugares, festas, enfim. Depois vem a ideia de algumas roupas precisavam mudar, mas o que eles estavam fazendo comigo era me preparando para que houvesse uma mudança muito maior. Então, esse acolhimento que eles me deram lá fez toda a diferença. Eles tiveram paciência comigo naquele começo né, que é bem difícil. A partir daí veio a mudança na minha vida, a mudança completa. Foi aí que eu passei a entender melhor a parte comportamental de cada pessoa e a partir daí eu entendi quem eu era e a respeitar quem as pessoas eram. Então foi uma parte importante também e, quando eu passei por um problema de saúde muito sério há sete anos atrás, a igreja esteve também muito presente na minha vida. Em 2017 eu tive um câncer e foi um momento bem difícil na minha vida. Meu filhinho estava com um ano e um pouquinho, muito novinho e aprendendo a falar papai, vivendo aquele momento maravilho e, de repente vem o diagnóstico né, e foi muito difícil pra mim, pra minha família e a minha igreja esteve ao meu lado em todos os momentos. Eu lembro que meu pastor, minutos antes da cirurgia, a gente tava no quarto, diáconos tinha lá, tinha o pastor tava lá, alguns familiares, ou seja, a igreja esteve presente nesse momento na minha vida. Isso é muito importante.

Entrevistador

Você poderia indicar algum livro pra compreender a visão da igreja multiplicadora?

Comprometido

Tem alguns “Líderes que amam e cuidam” está disponível no site. É um livretozinho, pequenininho, mas tem experiências maravilhosas. Tem um livro que foi muito importante pra mim também que é “Andando de tanque vazio” é um livro muito bom também. Então deixo esses dois aí.

ENTREVISTADO: CONVICTO

Entrevistador

Fale sobre a sua vida.

Convicto

Meu nome é [nome do entrevistado], sou natural de João Pessoa. Quando eu nasci, meus pais eram cristãos evangélicos. Então, eu frequento, eu vivo nesse contexto de igreja cristã evangélica desde que eu nasci. Mas tive a minha experiência pessoal de conversão. Posso dizer que tive a minha experiência também de afastamento da igreja. Acho que nem da igreja, mas da própria, da vivência mesmo da palavra. Não foi algo muito extremo, mas retornei, casei com a [nome da esposa] quando eu tinha 28 anos. Nós temos dois filhos. Moramos no interior, já que a [nome da esposa] é do interior. Frequentamos igreja evangélica no interior, que foi quando

a [nome da esposa] se converteu. E voltamos, viemos morar em João Pessoa há cerca de 12 anos, que é o tempo próximo que nós estamos na igreja Batista [nome da igreja].

Entrevistador

Você se sente uma pessoa chamada por Deus?

Convicto

Sim. A minha principal convicção... eu não tive... Confesso que eu sempre esperei, aquilo que o pessoal... aguardar um momento de um chamado, uma coisa específica. Mas desde o início, foi muito forte no meu coração, quando eu tive sempre muita facilidade, por meio do Espírito Santo de Deus, de compreender e explicar as Escrituras. O Senhor me concedeu, tenho muita clareza nisso, o dom da palavra.

Entrevistador

Como foi que ocorreu isso a princípio? Você poderia falar um pouco como foi que começou esse seu contato com as Escrituras e como isso foi se desenvolvendo ao longo da sua vida?

Convicto

O contato vem desde, como eu disse pela minha experiência de cristão evangélico, desde muito cedo, eu frequentei as menores salinhas, as mais tenras, da mais tenra idade de salinhas de igreja.

Então, vem daí as experiências de todo esse preparo de base, embora muito tímido, mas sempre quando eu falava, quando tinha a coragem de falar, conseguia me sentir muito bem, em paz, e as pessoas tinham também um *feedback* muito positivo, desde muito cedo. Foi reforçando essa ideia.

Entrevistador

Por que você escolheu esta igreja?

Convicto

O primeiro ponto foi a proximidade da nossa residência, inclusive aqui no bairro, havia uma mais próxima, que quando nós chegamos, nós começamos a frequentar, mas que a gente não teve tanta identificação como a gente teve com a Igreja Batista [nome da igreja], principalmente com minha esposa. Ela se identificou mais e foi preponderante.

Entrevistador

Fale um pouco sobre o modelo de igrejas em pequenos grupos

Convicto

Minha experiência atual é um modelo interessantíssimo, muito interessante, importante no sentido de cumprirmos a grande comissão que recebemos da parte do Senhor e termos um contato maior, inclusive entre os membros da Igreja, entre os irmãos, e também ajuda no

exercício compartilhado, se eu posso dizer assim, do próprio pastoreado. Essa proximidade de vida na vida, como a gente gosta de chamar, facilita bastante. Minha experiência inicial com o células vem de quando eu era adolescente. Naquela época, o conceito de célula, pelo menos no contexto de igreja que eu vivia, era muito ruim. Quando eu cheguei e soube que inicialmente era uma igreja em célula, eu tive muita resistência, pensei nem em ficar. Mas aí, na convivência, no dia a dia, a gente foi percebendo que tinha muito de Deus, que tinha muito do direcionamento do Senhor para dar o cumprimento da grande comissão. Foi muito interessante.

Entrevistador

Você poderia apontar alguns pontos positivos e negativos dessa visão celular?

Convicto

O ponto positivo é justamente essa maior proximidade, os irmãos conseguem se reunir na semana, ter uma participação maior na vida dos outros. Hoje a tecnologia ajuda muito, o WhatsApp está aí naquele pequeno grupo que compartilhamos problemas, compartilhamos experiências positivas e também negativas, pedidos de oração, aproximam muito, aproximam bastante. Facilita também o evangelismo, convite de pessoas que talvez são resistentes de ir à igreja, mas na casa de uma outra pessoa, em um evento, até um churrasco, que de repente a célula promove, facilita para que essa pessoa quebre um gelo com relação à igreja. E assim, um ponto negativo, eu tenho uma dificuldade de achar ponto negativo naquilo que envolve o reino de Deus. Então assim, eu não consigo associar nesse momento, não consigo.

Entrevistador

Suponha que você tenha algum problema pessoal e que necessite de uma orientação. Qual seria a primeira pessoa da igreja com quem você pensaria em conversar?

Convicto

O pastor.

Entrevistador

Você pode dizer por que você escolheu o pastor?

Convicto

Aí vai uma questão mais... Talvez bem pontual. Talvez por me sentir mais experiente do que o atual líder de célula. Talvez de uma maneira bem franca, talvez fosse esse o motivo.

Entrevistador

Como você se sente ao expressar suas verdadeiras opiniões e sentimentos dentro da igreja?

Convicto

Me sinto muito acolhido.

Entrevistador

Alguma vez você já se sentiu pressionado pela igreja para mudar alguma coisa em sua vida?

Convicto

Já, já sim. Igreja, de modo geral, o contexto da igreja é de desafio para que a gente seja transformado, seja moldado, seja mudado. Eu acho que... Se eu posso pegar uma experiência mais recente, eu costume, e isso com muita educação, com muito cuidado, pastor. Eu costume ser muito franco e muito firme com as minhas palavras. Não mal-educado. Já recebi um toque, um toque de Deus mesmo, de ser mais moderado, mais cuidadoso. O próprio pastor me orientou, mas segundo a orientação e segundo a direção de Deus, é tanto que acatei, acolhi e sigo tranquilamente com o que me foi colocado.

Entrevistador

Como você acredita que se sentiria uma pessoa, um visitante, ao participar de uma reunião na célula em um momento de sofrimento pessoal por conta de alguma falha ou erro que ele tenha cometido?

Convicto

Acolhido. Nós... O grupo que se forma, ele se torna um grupo de pessoas muito acolhedoras, muito sensíveis com relação aos problemas uns dos outros e muito atentos aos problemas daqueles que estão chegando também. Sempre tem o ouvido muito atento a essas dificuldades, problemas. Então, de repente, é uma pessoa que... Assim, não ouviu uma palavra, não teve um acolhimento em lugar nenhum. Ela na célula ela vai experimentar disso.

Entrevistador

Como é que a igreja reage quando um membro comete algum erro moral?

Convicto

Na nossa igreja, eu não tive a experiência desse contato. Mesmo nesse tempo todo. E assim, não que nós não tenhamos ao longo desse tempo. Naturalmente, tivemos. Mas eu não soube da ação da igreja. Eu soube do próprio membro em questão, ele afastou-se. Mas eu não sei das circunstâncias. Assim, de como a igreja reagiu.

Entrevistador

Como a comunidade reage diante de membros que passam por dificuldades emocionais, familiares ou financeiras?

Convicto

É com a palavra de acolhimento, de fé, de esperança, de confiança. Mas também no contexto da igreja, da nossa igreja, com apoio, inclusive, no sentido de tentar arrumar uma colocação, mercado de trabalho. Ou mesmo, nós temos uma estrutura também de um ministério de apoio, de fornecimento de cesta básica. É muito nessa linha.

Entrevistador

Você sente que há empatia e compreensão nas relações dentro da igreja? Ou há julgamentos e cobranças excessivas?

Convicto

Não. No geral, há simpatia, compreensão e entendimento, mas a velha criatura permanece em muitos também. Tem uma parte que permanece com o coração endurecido. Mas, em sua maioria, o sentimento é muito bom, muito positivo.

Entrevistador

Para você, o que é um líder?

Convicto

Um líder é alguém que precisa ser exemplar e é alguém que precisa estar à disposição, estar a serviço. Eu acho que liderança tem muito a ver com serviço.

Entrevistador

Para você, qual é a importância dos relacionamentos numa igreja em célula?

Convicto

Fundamental, é a base. Sem os relacionamentos, as células não seriam viáveis. A estrutura celular não existiria.

Entrevistador

E o que é uma relação social saudável?

Convicto

Uma relação social saudável é aquela em que as pessoas conseguem ter a sensibilidade de compreender limites, que elas consigam entender que existem espaços coletivos de vivência, mas que existem áreas que são muito individuais, que a gente compartilha, se quiser. É bem isso, acho.

Entrevistador

O que significa para você ser membro de uma célula?

Convicto

Significa participar de um grupo pequeno de pessoas que estão dispostas a ser instrumento de bênçãos dentro daquele pequeno grupo, mas também expandir essas bênçãos para a vida de outras pessoas.

Entrevistador

Você poderia apontar algum momento ou alguma forma na qual a igreja ou a célula mesmo lhe ajudou em algum sofrimento emocional ou pessoal que você enfrentou?

Convicto

Sim. São algumas experiências, mas naturalmente algumas mais marcantes. Nós tivemos um episódio muito marcante há cinco anos, quando minha esposa teve uma experiência de ser identificada com um tumor renal, um câncer, e nós sofremos muito, porque havia um temor, nossos filhos eram bem mais novos, e assim, no início a gente reservou muita informação aqui dentro da nossa casa, era um período de pandemia em que se via muito pouco todo mundo, mas na hora em que nós começamos a compartilhar com os grupos, com a nossa igreja, com as pessoas que faziam parte do nosso contexto de maior convivência, e a maneira acolhedora, as orações, isso nos impactou muito positivamente e foi determinante para que a gente enfrentasse aquele período difícil com muita força, com muita alegria, com muito ânimo.

Entrevistador

Você poderia indicar algum material, podendo ser livro, apostila, revista, site, que seja importante para compreender a visão da igreja?

Convicto

Toda a base, digamos assim, conceitual do modelo celular que a Igreja Batista [nome da igreja] segue é da Igreja Batista Central em Belo Horizonte. Então a Igreja Batista Central em Belo Horizonte, inclusive os portais deles, eles têm muito material disponível. E aí temos alguns livros produzidos por pastores de lá também, a respeito de multiplicação e outras questões que envolvem células que são muito interessantes de serem lidos.

ENTREVISTADA: DEDICADA

Entrevistador

Fale um pouco sobre a sua história.

Dedicada

Eu me converti em 97, né? Estudando a Bíblia, né? Fazendo um discipulado bíblico. O pessoal da Presbiteriana, eu morava pertinho lá. O pessoal da Presbiteriana subiu a rua, porque a igreja é aqui embaixo, né? Subiu a rua da casa da minha irmã. Aqueles panfletos, como evangelizava antigamente, né? E aí, ela me entregou, a menina, [nome da pessoa] é o nome dela, ela me entregou esse panfleto e perguntou se eu queria, se eu estava disponível para fazer um estudo bíblico, né? Discipulado bíblico. Nas quartas-feiras, eu disse que sim, não queria muito, mas disse que sim, pensando que ela não ia na minha casa, né? Pensei, disse sim para ela ir embora. Mas aí, na quarta-feira, ela estava lá, e aí ela começou a apresentar o Evangelho de Gênesis, né? Já na queda ali do homem. Já a solução para o pecado. E ali, eu, lendo a Bíblia, estudando com ela, eu fui ver que, embora eu não fosse uma pessoa que vivesse em farra, né? Que não vivesse no mundo, porque meu pai também era bem, daquele povo bem carrasco, meu pai era, literalmente. Então, não deixava, embora eu não vivesse essa vida mundana mesmo, eu comecei

a perceber que eu não precisava fazer nada para precisar de um salvador, no sentido de eu não precisava fazer nada para ir para o inferno. Do jeito que eu estava, minha vida já estava condenada, né? Eu precisava fazer alguma coisa para poder me livrar dessa condenação, né? Eu precisava de um salvador. E aí, eu recebi um convite para ir para a igreja. E lá na igreja, eu recebi a Jesus. Entendi que Ele tinha me criado com propósito, e ali eu recebi ao Senhor. Passei três anos na Presbiteriana. Aí conheci meu esposo na escola, a gente começou a namorar, né? E aí, noivamos. Quando noivamos, aí eu saí da Presbiteriana e fui para a Assembleia de Deus. E aí, casamos. Fui para lá, casamos. Depois que casamos, do noivado ao tempo que eu fiquei na Assembleia de Deus, durou dez anos, e lá eu não me adaptei muito. Ele já era da Assembleia, né? Mas eu não me adaptei, até porque eram dois extremos, né? Presbiteriana e Assembleia de Deus. Aí, eu não consegui me adaptar, mas estava ali porque ele gostava muito, era de lá. Até um casal amigo nosso, que era da Assembleia, começar a participar da Batista e fazer o convite a ele, né? Aí, fomos para a Batista. Na Batista, nós começamos a liderar célula. Em 2013 para 2014, que nós começamos a liderar célula lá. E aí, desde então, eu percebi que esse realmente era o meu chamado. Eu não vou dizer assim que especificamente para a célula, né? Mas para cuidar de pessoas, também não como pastora, mas de estar ali, auxiliando meu esposo, né? E cuidando das esposas que iam junto com os maridos, ou daquelas mais jovens, ou daquelas que fossem solteiras mesmo. E eu percebi que o aconselhamento, né? O ensinar a palavra, desde o básico até uma caminhada mais experiente, naquela época que eu já estava tendo, desde 97 para 2014. Muitas experiências vividas, né? O temor ao Senhor, eu percebi que o Senhor tinha me chamado para isso. Desde então, eu não parei mais de... a gente não deixou mais de liderar, né?

Entrevistador

No caso, você se sente uma pessoa chamada por Deus?

Dedicada

Me sinto

Entrevistador

Houve alguma experiência pessoal que você lembra?

Dedicada

A experiência que houve foi no momento que o pastor chamou para ser líder em treinamento, né? Então, ele e a esposa dele lideravam uma célula lá e chamaram a gente para... O pastor da igreja fez o convite para a gente ser líder em treinamento. E vendo tudo aquilo acontecer, eu fui vendo que aquilo ali ardia no meu coração, né? A alegria, o desejo de estar cuidando, a alegria de fazer parte, o prazer de ser usada para aconselhar, segundo a Bíblia, de mostrar o que a Bíblia diz, isso me dava alegria, um prazer muito grande. Então, o meu chamado eu digo que foi esse, ter essa alegria, esse contentamento, esse prazer mesmo nessa obra. Apesar de viver dificuldades, né? De viver situações que eu considerava grandes para que eu pudesse aconselhar, ainda segundo a Bíblia eu tinha muito o que aprender, ainda que tivesse uma experiência, mas a gente sempre tem, né? Para aprender. Mas, ainda assim, eu me alegrava e sentia prazer nisso. Então, eu digo que o meu chamado foi esse, foi ver a obra, fazer parte dela e me alegrar, sentir prazer, até assumir realmente.

Entrevistador

Por que você está nesta igreja?

Dedicada

Então... Vou dizer, não sei como é que vai ser. É... Nós saímos da igreja onde a gente estava, porque a igreja estava com um certo problema, e aí a gente orou, passou um ano e um pouquinho orando, pediu sabedoria a Deus, pediu direção a Deus, até para chegar o dia da gente ir embora, porque a gente já sabia que tinha que ir, mas a gente queria saber o tempo certo, né? E aí chegou o tempo, a gente sentiu paz no coração, falamos com os pastores na época da igreja, e aí saímos sem saber, sem ter igreja certa, e fomos visitar a igreja, né? Aí fomos em algumas igrejas aqui, que não sentimos de ficar, não sentimos essa alegria em ficar, apesar de passarmos quatro meses visitando uma igreja só, mas a gente ainda não sentiu que era lá. E aí eu já estava inquieta, assim, "Oh, Senhor, por favor, fale com a gente, mostre a gente, eu não aguento mais não ter igreja", né? Chegar num lugar e dizer, "Vc é de que igreja?" "Não, eu estou visitando". "Qual é o seu pastor?" "Eu ainda não tenho". E aí eu pedi para o senhor mostrar, e eu sonhei com essa igreja. Mas eu sonhei com essa igreja antes do teto cair. O senhor soube, né, que o teto caiu? Eu sonhei com essa igreja como ela era antes do teto cair, eu não conhecia antes. E eu não sabia também, então eu desenhei né, a igreja como ela era e eu disse ao meu marido, "oh, eu sonhei com essa igreja", eu pensei até que era um Betel que tinha lá perto da minha casa, e ele não sentiu desejo nenhum de visitar esse Betel. Ele disse: "não é essa igreja". Eu disse: "mas parece". Sonhei com a principal, com a parada do ônibus, e com a igreja por trás da parada do ônibus, três degraus, lá na parte da frente, três degraus, a igreja pequena, sonhei com um teto que estava quase caindo, sonhei com a igreja como era antes. E aí a gente ficou em busca da igreja e nada, e eu disse, não, eu vou para o... Passado um tempo, eu disse, eu vou para o Instagram e vou procurar uma igreja para visitar hoje, porque eu não vou ficar só visitando, né, falei, "a gente não pode ficar desse jeito", Ele disse, "é verdade, vamos". Aí eu procurei, vi aqui no Instagram, vi o Instagram da igreja antes, aí entrei em contato com alguém, que eu não sei quem é, e aí a pessoa disse que tinha conta. A gente veio, quando chegamos aqui, tinha um amigo da gente, que eu conheci quando era da Presbiteriana, e meu esposo conheceu quando ele estudava, e estudou com ele ainda pequenininho. Aí [nome da pessoa] o nome dele, ele é líder de célula aqui também. E quando ele viu a gente: "[nome da entrevistada e seu esposo], vocês estão aqui, que alegria" A gente ficou naquela alegria, né, "estão visitando?", "a gente está só visitando". "Mas não querem ficar aqui, não?", eu disse, "calma, a gente está só visitando, vamos orar", aí oramos, e aí a gente continuou visitando, mas não se decidiu, né, foi sentindo paz, sentindo paz, aquela alegria. Aí fomos vendo o acolhimento da igreja, né, os cultos, é, parecido, porque a gente já era da New Life, a New Life é uma Batista, né, a gente já era da New Life, aí bem parecido com a igreja, que a gente estava já há um tempo, em células também. Aí procuramos saber, a igreja em células, esse amigo já convidou, "venham para participar da nossa célula, visitar a nossa célula", a gente passou a visitar a célula dele, aí tudo isso fez com que a gente ficasse, aí eu já tinha esquecido do sonho, nem lembrava mais, até [nome dos supervisores], que são os supervisores da rede Ágape, e de um grupo de células que faz parte da rede Ágape, então eu faço parte da supervisão deles, a nossa célula faz parte, então eles chamaram a gente para fazer o Encontro com Deus, que a gente já tinha feito, inclusive na nossa igreja era chamada de Impacto, aí a gente disse, "não, a gente já fez, eu acredito que é o mesmo, a mesma estrutura", e ele começou a falar, a gente disse, "é isso mesmo, a gente já fez". "Então vamos trabalhar", aí a gente "tá certo". Preparando ainda as coisas, para o encontro com Deus, que foi o primeiro ano que foi feito na igreja, que a gente sempre vai para outro lugar fazer, abriram ali a frente, eu vi, pela primeira vez, abrir as portas da frente, porque lá na frente ainda não estava reformado, tinha as portas, mas a parte da frente, o estacionamento, não tinha nada daquilo, aí abrimos ali as portas, porque a gente estava lavando a igreja, então abrimos as portas ali, quando abrimos as portas, eu estava conversando com a esposa do irmão [nome do supervisor]. Meu esposo estava em casa e o irmão [supervisor] também estava em casa. Quando abrimos as portas, a gente conversando, aí eu escutei o barulho do ônibus parando, aí olhei para trás, quando olhei para trás, aí eu vi o desenho da casa, aí eu lembrei de sonho, aí eu vi a

principal, vi a parada do ônibus. Chega dá vontade de chorar agora [choro contido e emocionado], aí vi, aí vi, que estava no lugar certo, que o Senhor tinha realmente nos encaminhado para o lugar certo, me alegrei, e aí eu acho que com menos de um ano, aqui a gente foi convidado né, a ser líder em treinamento.

Entrevistador

E no caso, você teve esse sonho, era como se este momento tivesse sido antecipado para você em sonho?

Dedicada

Não, no sonho a gente entrava na igreja, eu, meu esposo e minha mãe, a gente entrava na igreja e via o teto, eu lembro muito bem da frente da igreja, eu dizia a igreja é pequena, lembro dos degraus, lembro da parada do ônibus, a igreja bem por trás, logo por trás da parada, e a gente entrava na igreja, e eu tinha alguns móveis, e os móveis da gente, que era como se a gente tivesse de mudança mesmo, e os móveis da gente eram bem grandes, tinha alguns cor-de-rosa, com brilho muito grande, e tinha outros, e os móveis eram enormes, e eu olhava para os espaços que tinha na igreja, e dizia assim, não vai caber, os móveis da gente não vai caber aqui, são muito grandes para o lugar, eu dizia, e meu marido dizia assim, cabe, aí ele pegava os móveis e colocava nos espaços, e era como se os móveis se adequassem perfeitamente, e eles se adequassem para aquele espaço, e entrava tudo, no final a gente viu os móveis todos nos lugares, e dizia assim, não é que deu? Tá tudo certo, aí acordei.

Entrevistador

Quando você veio para cá, o templo já tinha sido reformado?

Dedicada

Já, já tinha sido reformado, só o que não estava reformado era o estacionamento ali da frente, tinha os degraus, não tinha o estacionamento, estava tudo aberto. Já tinha o templo. Tava diferente do sonho. Por isso que eu não lembrei.

Entrevistador

Fale sobre o modelo de igrejas em pequenos grupos. O que você acha de positivo, e se tem algo negativo nesse modelo, na sua visão.

Dedicada

Na minha visão, eu acredito que é uma maneira, o sistema em células, a estrutura em células, é uma maneira da gente poder ajudar o pastor, em primeiro lugar, porque quando a igreja começa, a gente hoje tem cerca de, um pouco mais de 600 membros, então hoje também a gente tem como pastor mesmo da igreja, só o pastor [nome do pastor] né, e [esposa do pastor] como esposa dele, auxiliando aí nos atendimentos né, nos aconselhamentos e tudo. O pastor não tem condição de conhecer todo mundo, de realmente estar mais perto para cuidar, para acompanhar num discipulado, para poder socorrer na hora da necessidade, para aconselhar, para dizer... ele sozinho não tem condição disso, o modelo em células, pra mim, ele assim, é muito de Deus, e eu vejo que o Senhor usa muito, trabalha muito, porque, eu vou dizer a minha experiência né, meu esposo e eu, nós cuidamos hoje de, a célula tem 25 pessoas que não era pra ter isso tudo, não conseguimos multiplicar ainda esse ano né, já tivemos duas multiplicações depois que viemos pra cá, mas não conseguimos multiplicar, depois disso, mas, com essas 25 pessoas, eu já vejo que é muita gente, pra nós dois darmos conta, muita gente, eu não tenho como acompanhar uma a uma, num discipulado individual, uma a uma, então, eu junto algumas meninas, ou, nós juntamos alguns casais, pra poder acompanhar, e outras eu faço

individualmente, e eu vejo que eu não dou conta de todo mundo, tem gente que precisa ser, mais de uma pessoa que precisa ser acompanhada individualmente, no sentido de vencer um pecado, no sentido de liberar um perdão, no sentido de crescer mesmo, no conhecimento da palavra né, no sentido de nascer de novo, eu estou aqui, eu estou convencida de que é o certo, mas ainda não deixei esse evangelho me transformar, ainda não tenho uma nova vida em Cristo, então, nesse sentido, eu vejo que a gente perto é diferente de uma igreja que não tem alguém ali sobre eles, que não tem um pequeno grupo, pra poder acompanhar, o pastor, ele vai acompanhar uns mais do que outros, vai ter um povo que vai estar mais perto dele, eu acredito que a liderança vai estar mais perto, do que os próprios liderados, e aí, essa liderança, liderando pequenos grupos, vai fazer o papel do pastor naquele grupo, o papel do pastor até certo ponto, até certa situação, naquele grupo, pra ajudar, pra poder fazer aquilo que é dispensado a ele fazer, que é autorizado a ele fazer, se não for assim, é muito difícil a caminhada, porque ninguém consegue ser crente sozinho, ninguém é igreja sozinho, ninguém caminha sozinho, e eu acredito que esse congregar, esse ser igreja, junto com a igreja do Senhor, com o povo do Senhor, não é só estar aqui no tempo, na igreja, mas é no dia a dia, é no partir do pão, nas orações, é no socorro, tem um menino lá da célula, que ele sofreu um acidente de moto, menino novo, sofreu um acidente de moto, e teve uma fratura exposta, e ele foi pro Trauminha, e nós fomos lá, né, visitamos, e tem um pessoal da célula que também foi lá e visitou, e aqui a célula se uniu pra poder levar alimentação pra casa, porque não podia ajudar com o dinheiro, mas aí levando alimento, já daria a condição dele, né, pegar o dinheiro que ia gastar com alimento e gastar com outra coisa, nós já fomos lá domingo, já levamos um medicamento, então esse trabalho, pro Pastor e ia ser mais difícil, né, e a gente ali, como pessoas que estão ajudando, que estão orientando, que estão realmente ensinando o caminho, e também formando, né, essa pessoa primeiro, o caráter de Cristo nela, e depois pra também estar na frente de uma célula, também estar fazendo outros, também estar levantando discípulos, né, e levantando líderes, pra um pastor é quase que impossível. Então eu acho que vale muito a pena. Ponto negativo, às vezes, se a pessoa que está na liderança, ou liderado, não tiver uma visão correta, de que precisa ser discípulo, e também fazer discípulos, se não tiver cuidado, vira um grupo só de amizade, e ninguém quer multiplicar, quer estar todo mundo junto, naquela amizade, né, se acomoda.

Entrevistador

As células geralmente multiplicam uma vez por ano, né? As suas já tem o número de vinte e cinco pessoas. Por que não houve a multiplicação?

Dedicada

Não houve a multiplicação porque a gente não conseguiu ainda levantar líderes. Ainda não conseguiu fazer líder, né? Não houve. Tinha um casal que estava disposto a isso, mas aí, com o passar do tempo, a gente viu que eles estavam dispostos a ser líder, mas não tinham compromisso. Nem com a célula, nem com a igreja. E além dos compromissos que não tinham, também não dava prioridade ao momento com o Senhor, a leitura da palavra, a oração, aí a gente achou melhor recuar e passar mais um tempo. Aguardar, falamos com o pastor, dissemos a ele, achamos melhor recuar. E hoje a gente está com uma líder em treinamento, que é uma menina, uma mulher, e a gente está tentando fazer outro casal também como líder em treinamento, conversando com eles.

Entrevistador

Suponha que você tenha algum problema pessoal e necessite de uma orientação. Qual é a primeira pessoa da igreja com quem você pensaria em conversar?

Dedicada

Eu acho que a primeira pessoa seria a [supervisora], a esposa do irmão [supervisor], que é a minha supervisora. Ela está mais perto. Ela está mais próxima. Ela me conhece mais, ela está mais no dia-a-dia comigo, ela é minha supervisora, então tudo que acontece na célula, eu reporto a ela. Ela tem mais contato comigo, ela vai mais vezes na célula que a gente está, por ser supervisora. [esposa do pastor], que é a esposa do pastor, ela já tem mais pessoas, ela é supervisora de todas as meninas da rede One, que é a rede jovem, e tem um grupo de mulheres, que é célula só de mulher, que ela também supervisiona. Então, ela não tem esse tempo, essa disposição do tempo que a [supervisora] tem.

Entrevistador

Como você se sente ao expressar as suas verdadeiras opiniões e os seus sentimentos dentro da igreja?

Dedicada

Às vezes à vontade e às vezes não. Depende da situação. Depende... Se de repente... Deixa eu ver como é que eu falo. Se de repente o pastor, a [esposa do pastor], a [supervisora] e ou [supervisor] têm alguma ideia, alguma visão para a igreja, que eu, como líder, ou como membro mesmo da igreja, eu não... Não acho muito legal, não no sentido de que é pecado, é contra a Bíblia, mas acho assim que não vai... Não funciona muito. Se essa visão, se eu ver a empolgação dele, o desejo de fazer, ele está sempre falando, eu tenho receio de falar, não me sinto à vontade, porque é como se eu estivesse jogando um balde de água fria, né? Então eu tenho receio de, de repente, entristecer. E ele achar que eu não estou na mesma visão, e por isso estou entristecendo. Por outro lado, ele e [esposa do pastor], ele pede opinião, ele reúne a gente, ele diz a visão da igreja, no início do ano ele comunica a visão da igreja para os líderes, ele se reúne com a diretoria, com o conselho da igreja, faz essa agenda da igreja. Por exemplo, a agenda está muito cheia, então, no meu ver, está muito cheia, tem muita coisa, a gente poderia enxugar mais essa agenda. Para dizer isso para ele, eu não me sinto tão à vontade, porque ele faz com muito amor, com muita... com muita vontade, com muito desejo de trabalhar. Cada estação que a igreja vive, que a igreja em Célula tem quatro estações, cada estação que a igreja vive, ele cria uma agenda, e muitas vezes a agenda tem muita coisa. E como ele fala muito que a igreja é assim mesmo, está em movimento, a igreja não pode parar, que a igreja trabalha mesmo, que a gente vive para isso, aí eu tenho receio de dizer que eu acho que eu deveria diminuir, entendeu? Não é porque está errado, não, mas é o meu ponto de vista. Estou sendo sincera.

Entrevistador

Alguma vez você se sentiu pressionada pela igreja para mudar alguma coisa em sua vida?

Dedicada

Não. A gente muda, todo dia tem algo para mudar, não é? Na verdade. Mas essa mudança mais, vamos dizer assim, mais radical, eu enfrentei há um tempo. Eu enfrentei na Presbiteriana. Eu nasci de novo na igreja Presbiteriana, fui disciplinada lá e aprendi muito sobre a palavra, muito, muito, muito, muito mesmo. Eu me converti estudando a palavra. E aí me apaixonei pela palavra e continuei. Era culto e doutrina, era escola dominical e além disso tinha um casal de discipuladores lá que na época nem dava esse nome, Jailton e Edenia, Edenia Moraes, a cantora Edenia. Hoje eles estão na IBM. Na verdade, é, em Mangabeira eles estão. Então, eu fui muito disciplinada assim por eles e eles me ensinaram muito sobre como ser uma nova criatura, viver em novidade de vida, não viver no pecado. A gente peca. Mas há uma diferença de a gente ser pecador para viver numa vida de pecado. Dessa transformação de nascer mesmo da água e do espírito, ter esse espírito regenerado. Dessa palavra nos purificar, nos transformar. Eu aprendi muito sobre isso. Posso dizer que eu vivi. Eu vivi uma vida muito atribulada na minha casa com

meu pai e não tinha alegria nenhuma. A partir do momento que eu me converti, eu passei por uma mudança radical em todos os sentidos. E a alegria que eu não tinha, e no dia que eu me converti, que eu voltei pra casa, que tava tudo do mesmo jeito, não tinha mudado nada na minha casa, com meu pai, ainda assim eu senti uma alegria que, no começo, pra mim era inexplicável, né? Depois que eu entendi, começou a explicar. Então, hoje, assim, na minha vida, nenhuma igreja, depois da Presbiteriana, chegou a interferir, assim, me pressionar pra ter que mudar alguma coisa. Não tô falando aqui de perfeição de jeito nenhum. Eu tô falando assim, que essas mudanças, que, olha, você tem que deixar esse pecado, ou então você tem que agir dessa forma, ou você tem que mudar uma forma de se relacionar, esse tipo de coisa eu nunca passei, nunca tive, só na Presbiteriana, aí eu aprendi.

Entrevistador

Como foi que houve esse processo de mudança?

Dedicada

Lendo a palavra, eu via que, um exemplo, os pensamentos que eu tinha de que a religião seria um caminho pra Deus, os pensamentos que eu tinha de que se alguém me fez mal, eu poderia responder do mesmo jeito, eu não precisaria amar aqueles que, na minha cabeça, um tempo, não merecia, o grande trauma que eu vivi e a grande mágoa que eu tinha do meu pai, a raiva mesmo, o desejo que eu tinha que ele morresse, eu me converti, eu tinha 17 anos, então o desejo que eu tinha que ele morresse, tudo isso, com o passar dos dias, lendo a Bíblia, o Senhor foi me mostrando que, da mesma forma que meu pai era pecador, e que me causava tanto mal, eu também era pecadora, não tinha os mesmos pecados, não pecava do mesmo jeito, porém, era pecadora, e que do jeito que eu fui alvo da graça do Senhor, da misericórdia dEle, do amor dEle, meu pai também era, e que eu fui chamada a amar o Senhor acima de tudo, e que, se eu amo o Senhor a quem não via, como é que eu iria, se eu não amasse meu pai, como é que eu iria amar o Senhor a quem não via, então, isso tudo foi causando em mim um desconforto, um confronto, eu chorei muito, eu não queria aceitar, até que essas pessoas, por meio da palavra, nesse estudo da Bíblia, me mostrando o amor do Senhor, me mostrando que ser uma nova criatura é mudança de mente, mudança de pensamentos. Eu não vou dizer que do mundo não, porque eu não vivi uma vida no mundo, mas era mais essa questão de sentimentos mesmo, de pensamentos, de achar que eu era uma pessoa boa, porque não fumava, não bebia, não me prostituía, não necessitava, então tudo isso me mudou, me mudou por causa da palavra da palavra de Deus.

Entrevistador

Como você acredita que se sentiria uma pessoa, um visitante, ao participar de uma reunião, na sua célula, ou na igreja, em um momento em que essa pessoa estivesse em um sofrimento pessoal, por causa de algum erro que ela cometeu?

Dedicada

Acolhida, acolhida, ninguém ia olhar pra ela diferente, ninguém ia apontar. Eu tô dizendo ninguém, porque a maioria, né, claro que sempre tem alguém que, mas a maioria das pessoas, tanto da célula, quanto principalmente da igreja, ia acolher com muito amor, ia tentar ajudar a vencer essa situação, não ia acusar ninguém.

Entrevistador

Como a comunidade ou a igreja reage quando algum membro comete algum erro moral?

Dedicada

Até, nesse tempo que eu tô aqui, eu só soube de um caso, mas o caso que eu soube, é, não foi, assim, pelos pastores, né, eu soube pela liderança dessa pessoa, né, que conversando comigo, nessa amizade e também sendo líder, falou comigo, né, e pelo que eu soube, a pessoa foi advertida, foi chamada a uma disciplina, mas a pessoa, pelo que eu entendi, não aceitou, e aí essa pessoa foi embora, um pecado moral, né, que eu saiba, nesses quatro anos que eu tô aqui, que eu fiquei sabendo, só esse mesmo, foi tratado. O pastor chamou a pessoa pra conversar, né, querendo aplicar uma disciplina, conversando, e a pessoa não, dando realmente sinais de arrependimento, de que queria mudança e de que desejaria realmente passar pela disciplina. A pessoa não aceitou a disciplina, não aceitou a correção. Esse caso não chegou a ser público. Foi tratado de forma particular.

Entrevistador

Como a comunidade ou a igreja reage diante dos membros que passam por dificuldades emocionais, familiares ou dificuldades financeiras?

Dedicada

A gente trabalha com a campanha do quilo do amor, né, as células, falar logo da financeira, né. As células se reúnem, é, e todo mês a célula, ela, é, a célula, ela é livre, é, assim, fica à vontade pra dar uma cesta básica, duas cestas básicas, e juntando tudo, a gente consegue suprir as necessidades de algumas pessoas da igreja e de outras, familiares das pessoas da igreja que não são crentes, né, ou até de comunidades. É, quando fala, assim, da questão, é, de dinheiro, às vezes, não é sempre, mas às vezes a igreja paga, é, algumas, água, luz, né, ajuda numa medicação, socorre em alguma necessidade dessa. A maioria das vezes é por alimento mesmo, e outras vezes ajuda numa necessidade dessa. E quando a igreja, é, faz alguns eventos, que essas pessoas, os membros, alguns membros da igreja não têm condição de pagar, né, porque alguns eventos são pagos em sentido de Encontro com Deus, cobra uma taxa de inscrição. Pra que que é essa taxa? Pra poder fazer a comida, né, o almoço, comprar material. Quando a igreja sabe que algumas pessoas não podem fazer esse pagamento dessa taxa de inscrição, tanto pra eventos aqui como pra eventos fora, a igreja paga também. Com relação a problemas emocionais, eu vejo muito atendimento do pastor e da esposa dele, né, emocionais. Aí o que eu vejo mais é que, realmente, com a juventude da igreja, tem uma demanda aí que ela tava até conversando. Então eu vejo ela atendendo essas pessoas, vejo que ela conversa com os familiares que já são, né, crentes e que já sabem também da situação, dependendo da situação ela vai tratar particularmente, se precisar, chamar a família e conversar, né, se for algo que necessite, ela vai conversar, também vai chamar. E tem alguns eventos na igreja, ou algumas, por exemplo, o Encontro com Deus. Não sei se o senhor conhece, mas o Encontro com Deus, ele é um, vamos dizer que ele é um seminário ou uma conferência que ele trata tanto do não convertido, né, pra que haja uma conversão, como daquele que já é convertido, pra que naquele momento a pessoa seja renovada, seja restaurada, ou resolva um problema familiar, uma questão emocional. Também a gente trabalha com, até agora a gente tá só com esse evento aí, que não é um ministério, não chega a ser um ministério.

Entrevistador

Você sente que há empatia e compreensão nas relações dentro da igreja?

Dedicada

Sim, sim, com certeza.

Entrevistador

Para você o que é um líder?

Dedicada

Líder é um servo. É aquele que serve ao Senhor e serve ao outro, né, aquele que tá pronto pra orar na hora que a pessoa precisar, pronto pra aconselhar na hora que a pessoa precisar de um aconselhamento, pronto pra receber em sua casa, também é um hospedeiro, né, pronto pra receber em sua casa as pessoas que estão ali precisando de um momento, né, até de uma simples conversa, de um café. Pra mim é aquele que, o líder é aquele que serve em primeiro lugar, né, antes de liderar ele serve. Eu acho que a liderança é servir, né, porque se eu abro, hoje nós somos líderes e somos anfitriões. Então, se eu abro a minha casa, eu tô servindo com a minha casa. Toda semana eu abro a porta da minha casa, eu arrumo a minha casa, eu disponibilizo as cadeiras lá, eu tenho prazer em fazer um bolo, um patê, meu marido tem prazer também em fazer. Eu gasto tempo com oração por aquele povo da célula, né, não só no dia da célula. Gasto tempo estudando a palavra, me esmerando ali pra poder passar a palavra realmente como tá ali na Bíblia, né, de forma, com fidelidade mesmo à Escritura, então é servir mesmo.

Entrevistador

Qual a importância dos relacionamentos na igreja pra você, Paula?

Dedicada

Se a gente não se relacionar, a gente não cumpre a bíblia do se perdoar um ao outro, se corrigir, se exortar, ter comunhão, falar uns com os outros, esses uns aos outros, se não for com relacionamento, não tem como a gente cumprir, né. Então, é importante demais, não tem como.

Entrevistador

Para você, o que é uma relação social saudável?

Dedicada

Um relacionamento saudável, eu vou dizer o que não é, eu acho que aí dá pra, né... Pra mim o que não é, não é um relacionamento que nunca tem uma discussão, não é um relacionamento que nunca há uma discordância, né, não é um relacionamento que não há divergência de pensamento. Eu não tenho como pensar em todas as coisas igual ao outro, né, e às vezes isso gera conflito. Relacionamento saudável não é um relacionamento que não tenha conflito nunca. Um relacionamento saudável, pra mim, é aquele que, onde se anda junto, né, em comunhão com o Senhor, com a Palavra de Deus, em comunhão com a Igreja, né, com o trabalho da Igreja, mas que em alguns momentos vai discordar um do outro e que em alguns momentos pode até

haver conflito entre eles e de repente uma tristeza, uma mágoa, mas que isso é resolvido, é perdoado, né, é liberado perdão, é reconhecido que errou, que pecou, e aí é realmente corrigindo isso pra continuar a caminhada, pra mim, nesse relacionamento saudável.

Entrevistador

O que significa pra você participar, ou ser membro de um pequeno grupo, ou de uma célula?

Dedicada

É um privilégio muito grande, uma alegria muito grande. Eu amo muito, muito a minha célula, tenho um amor muito grande por cada pessoa dela, né, eu tenho prazer em ouvir as pessoas, ainda que alguns problemas sejam um pouquinho pesados, né, e quando eu vejo que é pesado e que eu fico ali pensando, meu Deus, me ajuda, me dá sabedoria, me dá discernimento, se o Senhor não vier aqui, Espírito Santo, se o Senhor não me orientar, eu não vou saber orientar. Me traz à memória aquilo que diz a Tua Palavra, me mostre o que diz a Tua Palavra, me lembre pra que eu possa também, porque nem toda hora é um momento que a gente tá com a Bíblia aberta, às vezes é pego de surpresa, né, mas apesar de tudo isso, de ser um grande desafio, né, também é um grande privilégio, uma grande alegria.

Entrevistador

Você poderia apontar, ou falar de algum momento, ou alguma forma em que a Igreja lhe ajudou num momento de sofrimento pessoal ou emocional que você enfrentou?

Dedicada

Eu acho que com o meu irmão, eu tenho um irmão que ele é usuário de drogas, e é muito doloroso, né, ele tem hoje 34 anos, então desde os 11 anos que ele usa drogas, são 23 anos orando por ele. E nesses momentos de dor, né, por essa vida dele, que eu compartilhei com a Igreja, em oração ou até em conversa com os irmãos, eu fui acolhida também em oração, em palavras de ânimo, sabe, de renovar as forças, continuar orando, né, o Senhor é aquele que ouve a oração, Deus é o Deus do impossível, vem aqui que eu vou orar com você ou eu vou orar por você. Então, encorajada mesmo no sentido de orar, de orar junto, né, e vir reanimar as forças e fortalecer.

Entrevistador

Esses momentos em que você compartilhou essa dificuldade com a Igreja, foram momentos pessoais, de amizade, ou foi momento de culto, foi momento de escola bíblica, foi momento de reunião de célula?

Dedicada

Foi momento de reunião de célula, momento pessoal, momento de amizade e momento de reunião de oração, na sala de oração ali, que é um grupo menor de pessoas. Não é um grupo específico, mas um grupo menor. Tem um grupo específico de mulheres que se reúnem na sexta-feira, e tem momentos específicos de oração, por exemplo, no início do ano, a gente passa 14

dias de oração. Então, tanto no grupo específico, como em momentos específicos, eu compartilhei e fui auxiliada em oração.

Entrevistador

Você poderia indicar algum material, que pode ser um livro, apostila, revista, site, ou outro material que seja importante para compreender a visão da sua Igreja?

Dedicada

As estações, eu acredito que ela vem lá da Central, da Batista Central, Belo Horizonte, né? Porque a visão celular segue a visão celular de lá. E as estações da Igreja, as quatro estações das células, né, que a Igreja trabalha com ela, é o olhar pra cima, o olhar pra dentro, o olhar pra fora e o olhar pra frente, né? Que é a consagração, a comunhão, o evangelismo e a multiplicação, a celebração. Então, eu acredito que essa visão celular e cada visão dessa tem um conteúdo, né? A gente pode encontrar no site da Batista Central.

ENTREVISTADA: FORTE

Entrevistador

Fale um pouco sobre a sua história

Forte

Então, eu nasci num lar cristão. Minha mãe, filha de pastor da Assembleia de Deus. E aí nos criou na doutrina da Assembleia de Deus e frequentávamos. E fui batizada lá. Toda aquela questão. E sempre muito envolvida com tudo na igreja. Um lar de um homem funcionário de uma empresa privada e a minha mãe doméstica. Um lar de muito amor. Meus pais sempre tiveram um casamento muito sólido, muito respeitoso. A gente cresceu nesse ambiente de amor, de afeto, de cuidado. Uma família saudável, com problemas como todo mundo. E nesse contexto cristão e evangélico. E aí, aos 14 anos da minha adolescência, eu acabei me afastando, me iludindo com as coisas do mundo. E paquerinhas e essas coisas de adolescente. E como a minha mãe era bastante rígida com a nossa educação. E nesse contexto de Assembleia de Deus, eu era muito presa em casa. Não podia estar saindo muito com as amigas e tal. E aos 14 anos eu quis viver o que o mundo oferece e tal. E saí da igreja, me afastei completamente das atividades da igreja. E fui vivendo essa adolescência, a juventude afastada. E no ano 1999, eu passei por uma experiência bem complicada com o relacionamento que eu estava. Um relacionamento afetivo. Eu estava muito ferida, muito machucada. Era um relacionamento que me machucou muito. E aí, um dia, mesmo tão distante da igreja e desse contexto religioso todo, eu orei. E disse, Senhor, se o Senhor ainda me ama, me tire desse lugar. Me tire dessa vida, me tire desse lugar que eu estou de sofrimento, de luta. E aí eu senti o coração aquecido com um cuidado e uma resposta do Senhor naquele momento. E decidi, a partir daquela experiência ali, procurar uma igreja. Não me cabia mais a Assembleia de Deus. Por tudo que eu amadureci, fui entendendo que muita coisa ali eu não concordava mais biblicamente e tal. Foi quando eu vim

para a Igreja Batista aqui em [cidade onde a igreja está], que é a que eu faço parte até hoje. E aqui, comecei a me envolver novamente em ministérios de dança da igreja. E aí, me envolvi, me envolvi e fui cada vez amando mais. Fui muito bem acolhida. E aí tinha um pastor solteiro nessa igreja, que era o pastor presidente já, mas ele já era pastor mesmo solteiro. E começamos num retiro de carnaval, em que eu fui pela primeira vez, um retiro de carnaval. Nós conversamos, nós oramos e começou a partir dali uma conversa que caminhava para um relacionamento de namoro. E aí começamos esse namoro. Em um ano nós namoramos, ficamos noivos, casamos. E assim, foi bem peculiar, porque a maioria das esposas de pastor que eu conheço, elas casam com homens normais, entre aspas. E aí eles se tornam pastores. E quando eu fui entrar nesse relacionamento, ele já era pastor. Então eu entrei nesse relacionamento sabendo uma grande responsabilidade. Mas como eu vinha desse contexto de igreja, desde muito pequena, de família de pastor, então era como se o meu coração de certa forma estivesse preparado. E a gente começou a namorar e deu muito certo. E casamos há 21 anos atrás, ao todo, entre namoro e casamento temos 22 anos. E me envolvo completamente no ministério dele, amo a igreja, amo servir ao Senhor com ele e da forma que servimos aqui. Amo servir ao Senhor, amo servir à igreja também, ao povo. E assim a gente tem caminhado nesses 22 anos. Trabalhei como educadora, mas aí na gestação da minha segunda filha eu abri mão do meu emprego, porque ela só mamava e eu tinha que ficar em casa. E eu considero também a família e esse ministério tão importante. E assim a gente tem vivido. Hoje eu estou em casa, meus filhos cresceram. Minha filha já está com 12 anos, mas eu continuo em casa só, cooperando com ele na igreja e na cidade, fazendo aquilo que me cabe que é viver e pregar Jesus. Meu filho mais velho está com 16. Esse filho de 16 anos, ele foi muito, muito esperado. Porque quando nós casamos, ele só chegou depois de 5 anos de nós casados, porque eu tinha problemas para engravidar. E eu precisei, eu tinha feito vários tratamentos e não engravidava e não engravidava. E um dia, num culto jovem, nós estávamos no culto aqui na igreja e ninguém precisou dizer, 'Deus manda te dizer'. Mas em um louvor, eu, no meu silêncio e na minha adoração, e [o pastor] que estava do meu lado, sentiu também. Nós dois, sem falar nada um com o outro e sem ouvir nada, sentimos ali que Deus estava abrindo o meu ventre. E depois disso, um tratamento que era de 3 meses, no primeiro mês eu engravidei. E a gente entendeu que foi naquele dia que Deus abriu o meu ventre e me deu a bênção de gerar o nosso primeiro filho, que hoje está com 16 anos. E assim temos vivido, servindo ao Senhor com família.

Entrevistador

Os dois tiveram essa mesma experiência?

Forte

Tivemos. Porque depois a gente conversou e a gente perguntou, 'tu sentiste o que eu senti?' Foi com aquele hino, 'Deus de aliança, Deus de promessa, Deus que não é homem para mentir'. Aquele hino estava no auge, naquele dia, naquele tempo. E no culto jovem, na igreja, quando esse louvor foi cantado e ali a igreja cantando e nós sentimos. E depois, na hora a gente nem falou nada, mas depois, de alguma forma Deus se manifestou ali, entre nós e por nós. E ali a gente sentiu, 'tu sentiste o que eu senti?' E entendemos que foi uma resposta de Deus, de

oração, de clamor por aquilo que a gente queria tanto. E de fato, a partir daquele dia, o tratamento que seria de 3 meses para eu engravidar, no primeiro mês já deu resultado. Então, a gente crê, creu e crê que Deus operou ali para nos abençoar com o nosso primeiro filho.

Entrevistador

Você se sente uma pessoa chamada por Deus?

Forte

Me sinto. Me sinto.

Entrevistador

Poderia falar um pouco sobre esse sentimento?

Forte

Então, a gente, todo crente, toda pessoa que decide caminhar com Jesus e viver para Ele, eu acredito que tem um pouco essa noção de chamado. Porque é uma missão de todo crente, esse chamado a servir e a propagar Jesus. Só que eu tive uma experiência no ano 2014, ou foi 2013, foi quando tivemos uma assembleia da Convenção Batista Brasileira de João Pessoa. Com o pastor Silvado, ele era o presidente, eu acho, pastor Silvado. E aí, a missionária Jaqueline da Hora, Jaqueline Augusto da Hora é o nome dela, eu acho. Ela estava ministrando. E na ministração dela, ela falando sobre Agar e sobre Ismael, eu senti uma coisa especial naquele dia. Que eu acho que é ousadia dizer que foi um chamado especial. Mas eu senti uma coisa diferente naquele dia, em 2014, naquela ministração daquela missionária. Eu senti algo especial e naquele dia eu fiquei chorando sem me controlar, pastor. E o pessoal que estava junto, pastor [pastor auxiliar], [o esposo], pastor [pastor amigo], o pessoal que estava junto. Todo mundo ficava, porque eu só chorava, chorava, eu não conseguia, não tinha como explicar em palavras. Eu só entendia que era como se fosse um chamado. Uma coisa mais especial assim, de Deus comigo, enfim. Uma experiência pessoal muito forte.

Entrevistador

A senhora é esposa de pastor, mas tirando essa parte de esposa de pastor. Por que a senhora escolheu a igreja Batista?

Forte

Eu entendi naquele tempo que é uma igreja com equilíbrio e uma doutrina bíblica. Uma doutrina bíblica não é uma doutrina de regras humanas. Não querendo falar mal de outra denominação, mas eu cresci num contexto de muitas regras humanas. De não poder usar calça, de não poder usar brinco, de não poder usar batom, de não poder isso, não pode, não pode, não pode. Tudo era não pode, né? E eu entendi que, obviamente, que quando a gente serve a Jesus, o nosso corpo, a nossa forma de vestir, de proceder, ela manifesta Jesus, mas muita coisa não era bíblica. E na igreja Batista, eu fui percebendo e entendendo que havia uma coerência bíblica, havia um equilíbrio. Então isso me fez vir para Batista, né? Porque era um servir a Jesus mais

leve, não mais liberal, porque muita gente confunde. Mas era algo mais leve, era uma coisa mais bíblica, mais equilibrada. Então isso foi o que me fez, quando voltar, não voltar para que eu era antes, procurar a igreja Batista.

Entrevistador

Você pode falar sobre o modelo de pequenos grupos? que você acha de positivo e se houver também de negativo nesse modelo, na sua experiência?

Forte

Positivo é quase tudo, né? De positivo, porque envolve relacionamentos, afetos, comunhão, cuidado um com o outro. Você também percebe as pessoas entendendo a Bíblia, a partir daquilo que você vai explicando. Obviamente que é o Espírito Santo quem conduz tudo, mas é muito bom. Essa experiência assim, de você se dispôr a ensinar e você também vai ali aprendendo com o jeito de cada pessoa. O cuidado é uma coisa, é um desafio, porque assim, a gente já tem a nossa própria vida para dar conta, né? E aí a gente vai entrar na vida do outro e nos envolvermos com os problemas dos outros. E viver e parar a sua vida para socorrer, para ajudar, para ouvir, para aconselhar, é um desafio. Mas a minha experiência com o PGM é uma experiência muito positiva, apesar dos desafios. O que eu vejo às vezes de negativo é que, é como se em alguns momentos, alguns daqueles participantes se acomodassem um pouco. Porque qual a intenção do PGM? Multiplicar líderes. É um pequeno grupo multiplicador, né? E às vezes eles estão ali, é muito bom ter uma pessoa que venha toda vez com a dinâmica legal, com um debate legal, explicar a bíblia para você entender melhor. Mas a partir de você propor que aquela pessoa faça isso com outros, às vezes a gente percebe que alguns não querem muito. Alguns realmente não têm... têm muita timidez, não têm muito jeito, mas outros têm o potencial, mas não querem muito esse compromisso. Então o que eu vejo de negativo é isso, mas quase tudo é muito positivo.

Entrevistador

Suponha que você tenha algum problema que necessite de uma orientação pessoal. Qual a primeira pessoa da igreja com quem você pensaria em conversar?

Forte

Com o pastor, que a propósito é o meu esposo, né? Ou uma amiga, esposa de pastor também. Tenho, eu tenho amigas que não são esposas de pastor, porque eu enfatizo tanto isso. Porque assim, às vezes uma esposa de pastor tem coisas que ela só pode conversar com outra esposa de pastor, porque são coisas que elas vão compreender. Talvez uma amiga ovelha, ela não compreenda muito algumas questões, alguns problemas, né? Um desabafo de uma esposa de pastor, um problema na família pastoral. Então eu tenho amigas que eu possa conversar um problema pessoal, mas assim, precisa de muita confiança mesmo. Muita, muita, né? Tem que ter essa cautela.

Entrevistador

Como você se sente ao expressar suas verdadeiras opiniões e sentimentos dentro da sua comunidade? Pode ser dentro da igreja ou dentro do grupo?

Forte

Eu me sinto um pouco... é... incompreendida, digamos assim. Porque eu tenho uma personalidade muito forte e tem coisas que eu falo que vai contra o que muita gente pensa, né? Então às vezes eu me sinto um pouco incompreendida. Então tem posicionamentos que eu não falo, que eu converso em casa com meu esposo, porque a gente se entende, a gente concorda em muito, em quase tudo na vida, a gente concorda. Então tem coisas que eu só posso conversar em casa com meu esposo ou com uma amiga muito pessoal. Porque se eu expressar às vezes aquilo que eu penso, aquilo que eu gostaria, eu vou ser mal, eu vou ser incompreendida. Porque alguns posicionamentos meus são muito fortes e muita gente não está acostumada com isso.

Entrevistador

Aí você acha que essa incompreensão é pelo fato de você ser esposa de pastor ou qualquer pessoa poderia passar por isso?

Forte

Por ser esposa de pastor. Porque a cobrança é maior. As pessoas esperam, criam algumas expectativas. Criam todas as expectativas em cima da esposa do pastor, do filho do pastor, enfim. É uma cobrança bem real.

Entrevistador

Alguma vez você se sentiu pressionada pela comunidade, pela igreja, para mudar alguma coisa em sua vida?

Forte

Pressionada não, pressionada não. Mas eu precisei algumas vezes ponderar o que eu ia falar. Eu digo até assim, que eu precisei calar, para não ferir pessoas, para não atrapalhar o ministério do meu marido. Entendeu? Então eu preferi calar. Mas não foi uma pressão, foi mais uma reflexão mesmo. De entender, eu não posso falar isso, eu não posso agir assim porque vai prejudicar o meu esposo, o ministério dele, a minha relação com algumas pessoas na igreja. Então, não foi necessariamente uma pressão, foi uma reflexão em que eu vi que era melhor ponderar.

Entrevistador

Como você acredita que se sentiria uma pessoa ao participar de uma reunião na sua igreja ou no pequeno grupo, em um momento de sofrimento pessoal, por conta de algum erro ou alguma falha que essa pessoa tenha cometido?

Forte

Aqui na igreja e no meu pequeno grupo também, essa pessoa se sentiria acolhida. Porque já aconteceu situações das pessoas cometerem falhas que na sociedade são consideradas

graves. Foi acolhida, tratada, mas acolhida. Isso é muito importante. É o lugar dos doentes, é o hospital da alma. Acolhimento e transformação.

Entrevistador

Como a igreja reage quando um membro comete algum erro moral?

Forte

A igreja, é como eu lhe falei na pergunta anterior, se essa pessoa procura a igreja, se essa pessoa... Ela vai ser acolhida e tratada, acompanhada. Mas também dentro da igreja há quem aponte, há quem... Infelizmente, a realidade da igreja, tem pessoas dentro da igreja que ainda não entenderam. Essa questão de acolhimento, de compreender as pessoas. Como a igreja é do Senhor Jesus e é ensinada sobre o amor de Jesus, sobre o acolhimento, a maioria acolhe, ajuda, tenta ajudar. Mas tem aqueles que apontam, que condenam, que não querem muito por perto. Mas a maioria acolhe. A igreja, inclusive na cidade, a igreja Batista, eu acabo ficando suspeita de falar, mas assim, por muito tempo o que se comenta que é a igreja do amor, a igreja que acolhe bem, a igreja que cuida, é essa visão que a gente escuta que as pessoas falam daqui. Mas como eu sou membro, sou esposa do pastor e conheço todo mundo, tem algumas pessoas que às vezes se comportam como a sociedade, apontando, acusando, mas a grande maioria realmente acolhe, ajuda, tenta tratar.

Entrevistador

Para você, o que é um líder?

Forte

Um líder é aquela pessoa que inspira, que ela não só ordena, não impõe, não ordena, não tem postura de chefe que cobra. O líder é aquele que, na sua atitude de cuidar de um grupo, ele inspira pelo exemplo.

Entrevistador

Qual a importância dos relacionamentos na igreja para você?

Forte

É fundamental, né? É fundamental. Porque a partir da vivência de fortalecer relacionamento na igreja, os membros vão conseguir fazer isso fora da igreja. Eles têm que aprender na igreja para fazer isso fora da igreja, né? Então é fundamental que a igreja trabalhe esse fortalecimento de relacionamento entre os irmãos.

Entrevistador

E para você, o que é uma relação social saudável?

Forte

Uma relação saudável é uma relação em que você não vai julgar as pessoas pelo seu erro, que você não vai cobrar da pessoa, que ao invés de cobrar você vai ensinar, que você vai ensinar

não só com palavras, mas também com exemplo, que você vai acolher a pessoa nas suas vulnerabilidades, né? Um relacionamento saudável é que haja também esse respeito entre aquele que vai te liderando e você como liderado, ou mesmo sem ser nessa relação de líder e liderado. Uma relação boa, saudável é essa relação em que os dois entendem, os dois ou três ou grupos de algumas pessoas entendem que todo mundo tem suas vulnerabilidades, mas que ali juntos se respeitam, não há cobrança, julgamento, condenação pelos erros, mas ali uma construção juntos, né?

Entrevistador

O que significa para você ser um membro de pequeno grupo?

Forte

Ser um membro de pequeno grupo para mim é uma coisa muito boa, porque você vai estar com uma pessoa ali que vai estar te ensinando mais de pertinho, com mais detalhes sobre a palavra de Deus, sobre o que é ser cristão, sobre o que é viver igreja, sobre o que é ser igreja, né? É muito bom ser membro de um PGM, de um pequeno grupo, de um...

Entrevistador

No caso, qual seria a diferença de um pequeno grupo para uma turma de escola bíblica?

Forte

Porque o pequeno grupo tem pessoas que não tem noção do que é ser igreja ainda, pessoas não crentes, pessoas que não são evangélicas ali, que não tem... Eu digo que são como bebezinhos assim, que chegam para a gente cuidar, alguns, né? Porque tem pequenos grupos que são compostos por pessoas crentes já, né? E a escola bíblica é um pessoal ali que já tem uma vivência de igreja, já tem um certo conhecimento bíblico, então assim, o debate é um pouquinho mais profundo, a sala de jovens, por exemplo, né? Eu sou professora dos jovens, então eles são universitários, eles têm uma mente acostumada a estudar, a pesquisar, a questionar, então um pequeno grupo tem pessoas ali que na fé estão como bebezinhos. E a sala de escola bíblica é um pessoal que tem um conhecimento, né? A troca ali é um pouquinho mais profunda.

Entrevistador

Você poderia apontar algum momento ou alguma forma na qual a igreja lhe ajudou em algum sofrimento pessoal ou emocional que você enfrentou?

Forte

Então... Eu acho que o primeiro momento que me marcou muito foi quando eu voltei para Jesus e voltei aqui. Porque foi justamente eu estava saindo de uma relação que me machucou muito e eu fui muito acolhida na igreja. A juventude da época me acolheu, me abraçou, me envolveu na comunidade de fé aqui. O pastor [pastor da época], que hoje está com o Senhor na glória, mas ele foi muito amoroso comigo. O pastor [pastor atual] também, que depois veio se tornar o meu esposo. Mas quando eu cheguei na igreja, fui muito acolhida aqui. Essa questão da minha

primeira gravidez, de tudo que eu precisava tanto de tratamento. Então, assim, aquelas pessoas vibraram. A igreja vibrou quando eu engravidei. O pessoal ficou muito feliz. Eu não consigo me lembrar mais. Porque eu acho que eu sou uma pessoa muito feliz. Eu não tive muitos assim, problemas em que precisou, sabe... Eu não me lembro, pastor. Eu não consigo me lembrar. Certamente teve. São 22 anos de caminhada aqui e eu não me lembro assim de um grande sofrimento emocional que eu tive e que a igreja precisou se envolver muito.

Entrevistador

Você poderia indicar algum material que seja importante para você, pra sua caminhada espiritual?

Forte

Um livro entre tantos né que a gente conhece e tal é "Mentores Segundo o Coração de Deus". É um livro que todo crente deveria ler porque ele é de fato um salto pra sua vida devocional né. Ele aponta bem como a gente dá desculpas e como tanta coisa pode se resolver a partir da nossa firmeza e disciplina com momentos devocional, como isso fortalece, como isso muda tanta coisa. Tem outro livro que, inclusive, eu estou com ele agora é "Ame como se nunca tivesse sido ferido". Que é uma família pastoral machucada por uma série de situações e que também é bem edificante. Mas Mentores é um livro que eu acho que todo crente deveria ler.

ENTREVISTADO: RESILIENTE

Entrevistador

Conte um pouco sobre a sua vida.

Resiliente

Sempre fui de uma família cristã, a minha mãe principalmente. A gente é um pessoal muito humilde, minha mãe e meu pai. O meu pai, a família dele todinha é cristã, da Assembleia de Deus, tem pastores. Mas meu pai não é convertido, meu pai é desviado. E assim a gente cresceu, minha mãe me levando para a Igreja Batista, e eu tendo conhecimento da palavra através da minha mãe. Minha mãe, eu posso dizer que minha mãe é uma mulher de Deus. Se não fosse ela, eu posso até dizer, porque Deus tem seus planos, mas se não fosse ela eu não estaria na igreja, eu acredito. E a gente sempre com dificuldade, possamos dizer assim, uma dificuldade financeira, posso dizer, mas meu pai sempre trabalhou, passou uma época desempregado, eu tive que cair de dentro também para ajudar a família, a gente era sete pessoas. Era uma necessidade muito grande, mas o Senhor, Deus, Ele sempre proveu as coisas, nunca deixou faltar nada para a gente, embora as dificuldades, mas Deus sempre foi suprimindo as nossas necessidades. E aí fui crescendo, ajudando meu pai, trabalhando de servente de pedreiro, e aí eu sempre orei ao Senhor, para que Ele me desse um emprego mais livre. Eu achava muito ruim trabalhar de servente de pedreiro muito pesado, e eu pedia a Deus sempre um trabalho mais maneiro, e aí Deus foi concedendo, concedendo, abrindo as portas, e aí foi onde eu me

estabilizei, e consegui arrumar uma namorada, que hoje é minha esposa, há 29 anos, vai fazer, casei, e hoje estou tomando conta de uma loja de material de construção, tenho um casal de filhos, que é uma bênção de Deus, a minha filha faz parte do Ministério de Louvor da Igreja, é uma bênção a minha filha, ela também agiliza ali, toma conta ali da mídia, eu louvo a Deus pela minha família, e Deus tem sido fiel conosco.

Entrevistador

Você se sente uma pessoa chamada por Deus?

Resiliente

No sentido cristão, acredito que sim. Porque às vezes tem um chamado para pastor, tem um chamado para uma função, nessas funções que eu estou, acredito que eu tenho chamado.

Entrevistador

Você teve alguma experiência pessoal que marcou sua vida, que lhe trouxe essa convicção do seu chamado espiritual?

Resiliente

A gente vê as pessoas sendo, infelizmente, perdidas nesse mundo, e eu sinto no meu coração que é necessário fazer o ide do Senhor, pregar a palavra na vizinhança, no trabalho, e principalmente nesse sentido que eu me sentia, na verdade, um inútil na igreja. E eu vou logo adiantar, talvez seja uma pergunta mais na frente, e hoje eu vejo, não, não, eu posso dizer assim, acredito que a resposta poderia fazer muito mais para Cristo, mas hoje eu me sinto um pouco mais útil, quando abriu principalmente essa porta do PGM, que é onde a gente entra nas casas para pegar o Evangelho, e isso eu sinto a alegria e o prazer de falar de Jesus.

Entrevistador

Como é para você fazer parte desta Igreja?

Resiliente

Fazer parte da Igreja Batista [nome da igreja] é uma honra. Eu glorifico a Deus por minha igreja. Tem pessoas da Assembleia de Deus que falam para a gente, eu fui muito para a Assembleia de Deus, mas as pessoas da Assembleia de Deus, eles admiram muita gente, porque a gente abraça as pessoas, eles falam que, na verdade, a gente ama as pessoas, porque a Igreja Batista tem demonstrado isso, principalmente o amor, o amor de Cristo.

Entrevistador

O que você destaca como principal característica da Igreja?

Resiliente

É o amor.

Entrevistador

Qual é a importância do modelo de pequenos grupos para a Igreja?

Resiliente

A importância é muito grande, porque, através do PGM, tem aberto muitas portas. No meu caso aqui, da minha esposa, que a gente somos líderes, aqui na região do clube, tem aberto muitas casas de pessoas que não são crentes. Para você ter uma ideia, ali na região do clube tem muita gente, a liderança lá maior é católica, né? E é uma idolatria muito grande. Inclusive, eles hoje estão construindo um templo lá, uma capela lá, para realmente expandir aquilo ali, né? E, para você ter uma ideia, num certo dia a gente começou a visitar essas pessoas e, num certo dia, a gente... Eu e a minha esposa não fomos diretamente para uma casa, mas a gente ficou de casa em casa nesse dia. E, nesse dia, tinha um pessoal lá, que estava fazendo um ritual lá, e tinha uma estátua e tal, tinha aquele negócio todo. Mas o interessante é que a dona dessa casa, quando eu bati na porta, que ela viu que era a gente, ela correu lá, né? Lá de dentro da casa dela e veio nos abraçar. E eu vejo essa importância que as pessoas veem em nós, que a gente realmente proclamado o amor de Cristo.

Entrevistador

Suponha que você tenha algum problema pessoal e que necessite de uma orientação. Qual é a primeira pessoa da igreja com quem você pensaria em conversar?

Resiliente

Com certeza, o pastor da igreja. Eu louvo a Deus pela vida do nosso pastor. Ele atende a gente de 5, de 6, de 7, de madrugada. É uma pessoa muito companheira. É uma pessoa muito amiga. Eu louvo a Deus pela vida do pastor [...].

Entrevistador

Há espaço para cada um expressar as suas opiniões dentro da igreja e dentro do PGM?

Resiliente

Tem, sim. Existe uma democracia, né? Eu posso até dizer assim, cristã, de ouvir as pessoas. E a gente vendo dentro daquilo que estiver certo, a gente vai dar um ok. E se a gente ver algo que desvia um pouco, aí a gente vai orientar essa pessoa.

Entrevistador

Tem algum ponto negativo nos PGMs?

Resiliente

Tem. A gente vai encontrar... Posso até dizer que vários tipos de pessoas, né? Tem pessoas até que querem se aproveitar, na verdade. Tem pessoas que querem se aproveitar... Porque PGM é o seguinte, PGM a gente começa o RD, né? Relacionamento Discipulador. Tem um relacionamento ali com aquela pessoa. E às vezes essa pessoa quer misturar as coisas. Por

exemplo, eu vou citar aqui o que aconteceu com a gente. Às vezes essa pessoa, ela quer... Posso até dizer, um dinheiro emprestado, um cartão de crédito. E quando a gente, por exemplo, não faz isso, a pessoa deixa automaticamente, até de falar com a gente, deixa de não quer mais PGM. Então, tem umas pessoas dentro do PGM, quando a gente fala isso, tem pessoas que não são crentes, né? Quando a gente fala isso. A gente vai encontrar muito isso. Às vezes as pessoas querem se aproveitar do momento, e a gente às vezes fica muito triste com isso, né? Porque eu estou falando isso porque já aconteceu isso com a gente.

Entrevistador

Alguma vez você já se sentiu pressionado pela igreja para mudar alguma coisa em sua vida?

Resiliente

Pressionado pela igreja, eu acredito que não, não. Nunca me senti pressionado não, senhor.

Entrevistador

Como era a sua vida antes de conhecer a Cristo e como é hoje?

Resiliente

A vida é completamente diferente. Eu posso dizer que a gente, quando não era crente antes, quando não era servo do Senhor, a gente sabe que o Espírito de Deus não habitava em nós. E a gente pecava, pecava, e a gente não sentia nada, e isso era mais normal para o mundo. Hoje a gente serve ao Senhor, o Espírito vem, nos acusa, olha está errado, Ele nos orienta, isso é maravilhoso e é fundamental na vida do cristão. Essa mudança, eu tenho certeza que vem de Cristo. Pela palavra. A palavra de Deus tem um poder grandioso, que é o próprio Deus falando, e quando a gente lê a palavra, que a gente ora, que busca, isso acontece completamente na nossa vida. Isso é Deus. Eu acredito que isso é Jesus Cristo.

Entrevistador

Como você acredita que se sentiria uma pessoa que tivesse feito algo errado e que foi ao PGM para uma primeira visita?

Resiliente

A gente tem testemunhos de pessoas que... Inclusive o pastor [pastor titular], eu chamei ele para ele trazer a palavra, nesse dia do PGM, que a menina trouxe uma palavra de gratidão a Deus. A primeira vez que ela foi para o PGM, ela sentiu de Deus que, naquele momento, que Deus ia fazer algo na vida dela maravilhoso, que ela esperava um benefício para a filha dela, que a filha dela é especial, é autista. E naquela primeira noite que ela foi, ela sentiu que Deus ali falou com ela, que Deus realmente faria um milagre, e um mês depois ela foi beneficiada com esse benefício da filha dela, e uma semana depois ela já pediu e falou com a minha esposa, para dar um culto, um PGM, na verdade, de ação de graça ao Senhor. A menina é autista e ela tinha que comprar remédio e essas coisas todas, e só trabalhava o marido, e aí foi onde ela buscou Deus no PGM e ela recebeu essa bênção. Hoje está beneficiada.

Entrevistador

Qual a melhor coisa de participar de um PGM?

Resiliente

A melhor coisa, é interessante, é que as pessoas se abrem com a gente de uma forma que a gente até se impressiona, né? As pessoas, uma pessoa que não vai pra igreja, uma pessoa que não é crente, mas as pessoas se abrem com a gente de uma forma como se fosse um pai, uma mãe, um irmão, tá entendendo? O PGM, ele tem feito isso, ele tem aberto o coração das pessoas pra contar a gente, e isso é muito gratificante, né? As pessoas se abrem com a gente de uma maneira incrível.

Entrevistador

Como é que a igreja reage diante de um membro quando ele comete algum deslize moral?

Resiliente

Eu tenho visto na minha igreja que quando a gente, né, por exemplo, eu como, né, eu tenho essa liderança, eu vou dizer assim, eu não gosto muito de dizer assim, eu tô no cargo tal, né, mas eu estou hoje. Quando acontece, a gente costuma chamar a pessoa pra orientar, né, e isso o pastor tem feito, a igreja tem feito isso.

Entrevistador

E como é que a igreja reage diante de membros que passam por dificuldades emocionais?

Resiliente

Quando tem e a igreja fica sabendo dessa situação, ela coloca em oração, né. A gente tem os cultos de oração, ora também nas casas por essas pessoas, abraça essas pessoas e principalmente ora, entrega a Deus e também orientando essas pessoas, né, na medida do possível.

Entrevistador

E quando alguém tá passando por problema familiar e problema financeiro?

Resiliente

A gente, eu sempre louvo a Deus pela minha igreja, né, eu como sou promotor de missões, eu louvo a Deus pela igreja porque a igreja, ela é missionária, né, porque é uma igreja que não vai até a África fisicamente, mas que contribui pra isso. Então, o que eu quero dizer com isso? É que a nossa igreja tem ajudado muitas pessoas. Pro senhor ter uma ideia, a gente tem aqui uma média de umas três pessoas de outra igreja, mas que a igreja da gente tem ajudado essas pessoas, e essas pessoas têm ficado felizes demais, né, pessoas que passam necessidade, mas que a igreja da gente tem ajudado, eu digo isso e eu louvo a Deus pela igreja Batista. A minha esposa, também é diaconisa da igreja, e ela toma conta dessa parte social da igreja, por isso que eu falo com propriedade, né, ela toma conta dessa área aí de cesta básica, do social da igreja. E

aí, todo domingo tem um culto da MCM, e é recolhido alimentos, e com isso ela faz cesta básica aqui, e doa pra essas pessoas. Inclusive na semana retrasada, eu estava lá na loja e chegou um menino lá chorando, e estava passando uma necessidade muito grande, e perguntando o que é que eu poderia fazer? Eu automaticamente falei pra minha esposa, ela viu com a mulher do pastor e lá foi feita uma feira e a gente doou pra essa pessoa.

Entrevistador

Pra você o que é ser um líder?

Resiliente

Ser um líder é uma responsabilidade muito grande, porque se a gente pecar, se a gente errar, por exemplo, eu acho que o peso é bem maior, o peso nas nossas costas cai com mais, vou dizer assim, é mais pesado, eu posso dizer, porque a gente precisa, como líder, dar exemplo, a gente precisa mostrar as pessoas que realmente é diferente. É um peso a mais, eu posso dizer assim.

Entrevistador

Qual a importância dos relacionamentos na igreja pra você?

Resiliente

O relacionamento é muito importante, quando as pessoas, um começa a confiar no outro, e tem esse relacionamento, as pessoas se abrem, como eu falei ali no início, e a gente realmente se torna irmãos, conhecendo a vida um do outro, e isso é muito importante, porque a igreja é aquela que se alegra e chora com os que choram. E quando a gente tem esse relacionamento, a gente entende e vê a situação das pessoas, a gente vai ver em qual área aquela pessoa está sofrendo, e com esse relacionamento a gente vai poder ajudar naquele momento.

Entrevistador

Para você, o que é um relacionamento saudável?

Resiliente

Eu acredito que não guarda rancor, que não guarda mágoa, que está pronto para perdoar, abraçar a pessoa.

Entrevistador

O que significa para você ser membro de um pequeno grupo?

Resiliente

Em Mateus 28.19 vai dizer assim, ide portanto fazei discípulos, a todas as nações, batizando em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ser membro de um pequeno grupo é fundamental para as nossas vidas. Como eu disse antes, eu me sentia um inútil. E a gente, sendo membro de um pequeno grupo, a gente tem feito algo para Cristo, tem feito algo para a Igreja e isso é gratificante.

Entrevistador

Você lembra de algum momento ou de alguma forma na qual a Igreja lhe ajudou em algum sofrimento pessoal, ou sofrimento emocional, alguma dificuldade que você enfrentou?

Resiliente

Sim. Tem uma cena na minha vida, uma cena na minha cabeça que não sai. O pastor [antigo], o pai do pastor [atual], eu com meus 16 anos de vida, minha mãe sempre me levava pra igreja, como eu falei no início. E eu estava desviado nesse tempo aí e foi o momento mais difícil da minha vida porque eu estava com a minha família, passando necessidades. E essa imagem não sai da minha cabeça nunca, mas toda semana, duas vezes na semana, e quando ele sabia que a gente estava passando por situações difíceis, estava lá o pastor [antigo] trazendo a palavra e orando pela gente. Então, isso não sai da minha mente nunca. Esse foi o momento que, até hoje, está na minha cabeça e eu não vou esquecer nunca, pela pessoa do pastor nas nossas vidas. Eu estava na igreja, mas com aquela frieza, né? Vamos dizer assim, era muito frio e foi um dos momentos mais difíceis da minha vida que eu passei. Foi exatamente isso aí. Foi onde o pastor chegava, trazia a palavra, orava e nos ajudava em todos os sentidos.

Entrevistador

E a sua família, naquela época, já era da igreja?

Resiliente

Meu pai, infelizmente, até agora, não... Meu pai é um coração muito duro. Embora seus pais morreram crentes, todos da Assembléia tem vários irmãos pastores. Tem um pastor aposentado da assembleia de Deus daqui da cidade que é irmão do meu pai. Tem meu tio também, do Rio de Janeiro, que é pastor, mas meu pai até hoje tem esse coração duro. Minha mãe, sempre, né? Desde pequena, junto com seus pais, que eram meus avós, é crente, firme. Meus irmãos, também desviados, o primeiro a seguir o caminho, fui eu naquela época. E hoje, tem eu e minhas duas irmãs, e eu tenho mais dois irmãos que não aceitaram Jesus, ainda.

Entrevistador

Você poderia indicar algum material, sendo livro, ou outro material que seja importante para a sua vida?

Resiliente

Sinceramente, tem alguns livros que eu já li. Mas, assim, hoje eu digo até a minha esposa. Eu sou muito baseado... Às vezes, o pastor diz assim leia esse livro. Eu tenho essa falha. Eu tenho essa falha. Mas hoje, a base de fé, hoje mesmo, a gente tem usado mais a Bíblia. Eu não gosto de indicar muito o livro, não. Por quê? O meu tempo... Isso é falta até... Até, assim... É uma desculpa. Que não poderia ser. Desculpa. Mas, assim, o dia é tão corrido. Trabalho, tal. Aí, chega, eu vou para a igreja. Mas eu tenho fundamentado a minha vida, né na palavra, que é a

Bíblia. Eu não tenho lido muitos livros. E isso ajuda, né? Contribui e soma. Mas eu tenho... Eu tenho baseado mesmo na Bíblia. Principalmente, o PGM né, a gente tem levado na Bíblia.

ENTREVISTADO: TRANSPARENTE

Entrevistador

Fale um pouco sobre a sua história

Transparente

É, eu sou [nome do entrevistado], né, tenho 29 anos, sou... sou do interior, né, eu nasci em Areia, e aí, só que minha família era toda de Pilões, na época, quem era de Pilões praticamente nasce em Areia para depois entrar em Pilões, vivi a minha infância toda no Rio de Janeiro, e aí, na adolescência, retornei para... novamente para o interior, e lá foi onde eu me converti, conheci a Cristo lá, e foi no mesmo período que eu conheci minha esposa, então, foi um... foi um ano ali, um momento da minha vida muito... muito impactante, né, e de lá para cá, foi o período que eu entrei na faculdade, fui estudar em Rio Tinto, então, passei um... praticamente uns 4 anos em Rio Tinto, mas eu ia e voltava, então, assim, não... não fiquei lá os 4 anos seguidos, sempre que eu podia, eu dava um pulo em Pilões, continuava nos ministérios lá também, então, praticamente todo fim de semana eu estava por lá, até que, depois que eu me formei, a minha área... me formei na área de TI, então, naturalmente, lá não tinha como trabalhar tecnologia, e na época, essa coisa de home office não era muito popular como é hoje, então, vim para João Pessoa, e aqui em João Pessoa foi onde eu comecei a trabalhar, realmente, numa empresa, e também foi onde eu conheci a igreja. No começo eu ainda demorei um pouco, porque, querendo ou não, essa mudança de igreja, né, eu costumo dizer que cortar o cordão umbilical é o momento mais difícil ali, mas, graças a Deus, a gente encontrou a Igreja Batista [nome da igreja], e desde então a gente está aqui.

Entrevistador

Você se sente uma pessoa chamada por Deus?

Transparente

Sim, sim. Eu, na verdade, vivi a minha vida toda, me considero como ateu, boa parte da minha vida, porque eu não cresci em um lar cristão, meus pais, eles são até hoje católicos, porém eles... eles nunca foram muito praticantes, mas eles me levaram para a igreja católica, fui batizado, coroinha, aquela coisa toda, porém quando eu cheguei na adolescência, onde eu pude tomar uma decisão, eu decidi não ir para a igreja, e meus pais também nunca brigaram comigo, nunca disseram, não, você tem que ir, nunca, meio que forçaram a minha ida para a igreja, então, na minha adolescência eu tomei a decisão de não ir, porque na minha cabeça, isso para mim era só algo meio que tradicional de igreja e tudo mais. Então, eu passei por esse período, onde eu fiquei ali, basicamente sem nenhum conhecimento da palavra, sem buscar a Deus, sem me envolver com isso, até que essa minha mudança, saindo do Rio de Janeiro para vir para cá,

foi algo que me abalou muito na época, e eu lembro que eu não entendia muito bem o porquê, porque normalmente quando você cresce em uma cidade e de repente você sai dela, você deixa seus amigos para trás, você deixa tudo aquilo que você construiu, e normalmente para mim foi difícil. E aí, adiantando um pouco essa história, no momento que eu fui para o interior, que é onde a família dos meus pais mora, que é em Pilões, lá eu conheci alguns amigos, e coincidentemente, um dos que se tornou o meu melhor amigo, ele sempre quis ser evangélico, ele tinha isso na cabeça dele, eu quero ser evangélico. E eu ficava naquela, assim, para mim era indiferente, mas eu dizia, não, se você precisar eu te acompanho, não tem problema. E aí a gente acabou conhecendo um outro amigo nosso, que era da Assembleia de Deus, muito estudioso, e eu, pela mentalidade que eu tinha, eu sempre fui aquele cara que eu debatia muito. Então eu fui aquela pessoa que trazia cada pergunta que fazia os irmãos voltarem para casa para no dia seguinte trazerem a resposta. Então eu fui esse tipo de adolescente, até que chegou num ponto que eu costumo dizer que ele respondeu todas as minhas perguntas, e para mim as respostas foram muito convincentes. E aí eu falei, tá bom, agora eu vou visitar. Aí eu visitei a Assembleia de Deus, que foi a primeira igreja que eu conheci, porém não me identifiquei, assim, acho que eu cheguei a ir umas três vezes, se eu não me engano, e aí depois desses três dias meu amigo, vamos para a Batista? Ah, vamos, vamos. E aí, por incrível que pareça, no primeiro encontro que a gente foi, a gente aceitou a Cristo, eu e ele, a gente foi lá na frente. E foi engraçado porque eu lembro que num dia eu olhei para a cara dele e falei, mas eu estou com uma vontade lá na frente. Aí ele olhou, rapaz, eu também. Vamos? vamos! E aí a gente foi. E aí tempos depois, meio que Deus me revelou que toda aquela mudança, tudo aquilo que eu tinha passado, já tinha mão dele naquele meio, sabe? Então desde então, eu sempre fui uma pessoa que sempre acreditou nessa caminhada que Deus prepara mesmo para a nossa vida, sabe? Quando Ele nos puxa de uma certa forma que a gente não percebe que é Ele, mas quando você olha para trás e diz, meu Deus, era Deus o tempo todo. Então, devido a toda essa minha experiência e a maneira como eu lido com as coisas, eu creio que Deus sempre me chamou e sempre esteve no controle da minha vida.

Entrevistador

Você disse que Deus lhe revelou esse chamado que Ele sempre teve no processo guiando a sua vida, mesmo nos momentos em que você, digamos assim, ainda não o conhecia. Como foi que se deu esse processo de conhecimento?

Transparente

Se eu não me engano, eu sempre tive muitas experiências, tanto em relação a sonhos, como também em certos momentos, por exemplo, que eu estou lendo a palavra e parece que vem meio que uma história na sua cabeça, sabe? Parece que você está lendo assim, de repente, meu Deus, entendi agora, entendi o que aconteceu. E Deus me trouxe na memória um momento que nem eu recordava, porque eu estava no Rio de Janeiro ainda, meio que deitado na cama em que eu dormia, reclamando da minha vida. E eu estava, nossa, minha vida está horrível. E mesmo sem conhecer a Deus, eu pedia para que a minha vida mudasse. Eu pedi para que alguma coisa acontecesse e que aquela sensação passasse, aquela sensação de raiva, aquela sensação de que,

sabe, eu não estou indo para lugar nenhum, eu não sei o que eu quero da vida, eu não tinha noção. E naquele tempo, realmente, eu era imaturo a ponto de não saber o que eu queria. Eu não sabia se eu queria construir família, o que eu ia ser da vida. Então, foi um momento que mesmo em meio a não conhecer a Deus, de alguma forma, eu clamei e Ele me ouviu. E Ele me trouxe essa memória, sabe? E sempre funcionou muito assim comigo, sabe? Sempre eu tive experiências e situações onde Deus me traz a memória coisas que nem eu lembrava. E eu percebo que era Ele, sabe? Era a mão d'Ele. E esse foi o ponto que eu olhei e falei, não, era Deus o tempo todo. Então, foi mais ou menos assim a experiência que eu tinha.

Entrevistador

Por que você está nesta igreja?

Transparente

Então, para mim foi uma experiência muito diferente, principalmente no começo, né? Porque é a primeira igreja que eu congrego que ela segue essa visão celular, né? E, assim, para mim tem sido uma experiência incrível. Principalmente porque, como eu vim de uma igreja muito tradicional, eu sempre estive acostumado a ministérios, né? Você normalmente é guiado pelos ministérios. Ah, tem o ministério masculino. Você vai, se encaixa no ministério masculino e naturalmente participa dos cultos. E aqui, por natureza, você participa dos cultos, mas você tem as células durante a semana para você poder estar em comunhão com os irmãos. E eu lembro que quando a gente estava nessa busca de igreja, sem ter muito essa ideia se a gente iria ou não congregar aqui, a igreja já tem o costume de, todo período, perguntar se existe algum visitante. Aí os visitantes levantam. E, naturalmente, as pessoas que têm células se aproximam. "Opa, tudo bom? Alguém já te convidou para uma célula?" Sabe? Sempre tem esse primeiro contato. E aí, nesse dia, a gente conheceu um irmão. E aí, ele justamente, "opa, alguém já te fez o convite?" "Não, célula?" "É, a gente faz um encontro toda semana e tal". Explicou por alto, mais ou menos, o que é. E nos deu um cartãozinho que tinha ali meio que o contato deles. Pegaram os nossos números também. Só que, de primeiro momento, eu ignorei. Porque para mim não era algo assim, ah, eu tenho que ir, não tenho que ir. Só que ele mandou mensagem, "opa, tudo bom? Vamos nessa semana?" E aí a gente, eu acho que duas semanas depois foi quando ele me explicou. "Vamos?" "Vamos." Aí ele tomou a decisão de ir. E para mim foi incrível. Quando eu cheguei, o que acontecia na casa de um outro irmão, que era anfitrião da célula, e aí quando a gente chegou lá, viu aquele pequeno grupo, viu que a gente podia ali compartilhar, pessoas falando da sua vida, a gente tendo um momento onde você, querendo ou não, quando você está diante de poucas pessoas, você tem mais facilidade para se abrir. Então, tudo isso gerou um, eu falei, nossa, é diferente, gostei, foi legal, sabe? E aí eu até costume brincar que a célula foi que me cativou, antes da, sabe? Porque quando eu olhei toda essa forma diferente, vamos dizer assim, né? De se fazer uma igreja através das células, eu olhei e fiquei, nossa, gostei demais. E aí, para mim, eu consegui, de alguma maneira, cortar o cordão umbilical que eu tinha comentado, né? Que era uma dificuldade minha, porque como eu praticamente fazia tudo lá, em Pilões, e aí de repente saí para uma nova igreja, começar do zero, é algo, no começo eu achei bem estranho. Mas isso, para mim, foi algo muito prático. E graças a Deus eu

tive líderes que me apoiaram muito, então acho que é um conjunto de fatores, assim. Você se sente amado, você se sente cuidado, você vê que a célula, a igreja através das células, ela está ali te cobrindo, ela está te protegendo, porque você reporta ao seu líder, seu líder reporta ao pastor, então assim, existe toda uma dinâmica, porque esse é um outro ponto que eu sentia, né? Em algumas igrejas, que na maioria das igrejas que não tem célula, você tem dificuldade de se aproximar, tanto do pastor quanto de alguns irmãos, porque você chega, você não conhece ninguém, começa o culto, às vezes termina o culto, e eu não conheci quase ninguém. E a célula, querendo ou não, ela faz você conhecer três, quatro, cinco famílias ali, e aí dessas famílias você conhece outras pessoas da igreja, e aí meio que vai fazendo conexão, então ajudou muito, sabe? Então tudo isso, assim, tanto fez a gente ficar, quanto também, meio que nos anima, sabe? De continuar, de poder ajudar, de poder cooperar com a célula, e provavelmente foi isso que fez a gente ser líder também.

Entrevistador

Tem algum ponto negativo na célula?

Transparente

Eu acho que ponto negativo é algo difícil de dizer. Porque, assim, eu diria que tem dificuldades. Não sei se seria válido, mas eu, porque querendo ou não, célula, principalmente depois que você se torna líder, quando você começa a realmente estar por trás dos bastidores, você entende que é uma responsabilidade muito grande. Querendo ou não, há um desafio ali, no dia-a-dia, principalmente para manter a célula, para poder tanto ministrar a palavra, quanto fazer tudo aquilo que se espera de uma célula, né? Durante o dia-a-dia. Porque querendo ou não, você está lidando com pessoas, você está lidando com vidas, pessoas novas que chegam na igreja e que podem, ali, de um primeiro momento, participar da sua célula. Então, existem esses desafios, sabe? Que eu colocaria ali, principalmente quando você está na posição de liderança ou numa posição em que você necessita ali, realmente, de, vamos dizer assim, um pouco de... Como é que eu posso dizer a palavra? Não é bem jogo de cintura, mas é como se fosse. Porque você está lidando com os problemas e você tem que saber como se reportar, você tem que saber como falar, você tem que saber como transmitir, você tem que estar ali, constantemente, cooperando e ajudando os irmãos, sabe? Então, eu diria que é uma tarefa difícil, nesse sentido, sabe? E, principalmente, para quem é um anfitrião, que abre a porta da sua casa. Então, assim, não é fácil para todo mundo, às vezes, né? Chegar assim, porque a gente até brinca, e eu costumo dizer para o pessoal, até como um... Eu sempre... Eu sou um tipo de pessoa que gosta de transparência. Então, eu sou aquele que fala mesmo e gosto de... Porque é para que todo mundo se prepare, né? Então, eu sempre digo... Tem um casal, um amigo nosso, que vai, em breve, se tornar líder. Eles vão ser líderes e anfitriões, que é o que acontece com a gente também. E eu sempre digo, olha, se prepare, porque... Você já.. Normalmente, quando é dia de célula, vai arrumar a casa, vai deixar tudo pronto, vai preparar. Aí, normalmente, a gente sempre já... A gente tem sempre o costume de fazer o café, já deixar o café pronto na cafeteira, preparar todo o ambiente para receber os irmãos. Então, tudo isso é um desafio, sabe? Eu não coloco um ponto negativo, mas é um... É um esforço, não pelo trabalho que você tem, pela

posição que você está. Então, tudo isso acaba sendo um desafio. E, principalmente, no meu caso, assim, vou falar por mim, né? Eu, como líder de célula, eu sou... Eu aprendi muito, e eu trago isso até do meu líder que eu tive. Eu acho que a coisa que fez mais diferença na minha vida, na minha esposa, que fez a gente firmar na igreja, firmar, realmente, nos caminhos do Senhor, foi, principalmente, o amor que eles transmitiam, sabe? E esse amor, muitas vezes, ele está ali, não só... Ele não acontece só no dia da célula. Muitas vezes, é uma mensagem. "Ôpa, tudo bom? Como é que você está?" Às vezes, o irmão, você descobre que o irmão, ele está fazendo, por exemplo, um concurso. Aí, você... "E aí, deu certo? Passou? E aí, precisa de alguma ajuda, de algum apoio?" sabe? Você ter esses contatos. Muitas das vezes, a gente mesmo, lá na célula, toda semana, a gente tenta, pelo menos, visitar um irmão da célula para ter esse momento de café. Chamar... "Ôpa, vamos tomar um café lá em casa?", sabe? E aí, normalmente, é nessas horas que a gente cria um laço com os irmãos. É nessas horas que eles se abrem com a gente, também. E aí, muitas vezes, é aí que eles têm a coragem de dizer "Ô, estou precisando de oração, estou precisando disso, estou precisando daquilo". E aí, eu entendo que é o trabalho da célula também. Então, tudo isso é uma grande responsabilidade, sabe? Então, isso também entra como um grande desafio, assim.

Entrevistador

Suponha, então, que você tenha algum problema pessoal e que você necessite de uma orientação de alguém. Qual a primeira pessoa da Igreja com quem você pensaria em conversar?

Transparente

Com o pastor. Hoje em dia, até quando, por exemplo, é igual, eu até costumo brincar, porque como eu sou da área de TI, né? Eu trabalho com empresas. Então, eu também lido com pessoas durante o dia a dia, né? Então, da mesma forma que acontecem certas situações em empresas, como, até por exemplo, eu hoje tenho uma posição ali, meio que de liderança interna da empresa. Então, é natural, às vezes, chegar alguém com um problema, desabafo ou coisa do tipo. Ou até mesmo acontecem situações.... Porque querendo ou não, na empresa você também está lidando com pessoas. São pessoas que estão ali no trabalho e que eles, querendo ou não, eles não estão ali só pelo trabalho. Muitas vezes eles estão ali porque eles querem realizar um sonho. E só que eles dependem daquele dinheiro e eles querem o dinheiro pra fazer algo, né? Na vida deles. Então, eu sempre enxerguei muito essa visão. E eu trago muito disso pra célula também, sabe? Então, sempre quando acontece alguma situação, por exemplo, trabalho, querendo ou não, a gente sempre tem as pessoas que estão do nosso lado. Eu sou liderado também. Então, eu necessito também fazer ali reuniões diárias com o meu líder, fazer algum feedback, passar um report. Então, hoje na igreja a gente tanto tem reuniões que são ali mensais, ou às vezes a cada duas semanas. Depende muito de como está o cronograma da igreja, né? Mas a gente já tem esse momento pra tanto falar como foi o mês na célula, como estão as coisas. Como em situações como, por exemplo, um casal saiu da igreja. Eles tomaram decisão de sair da igreja porque eles estavam morando em Gramame, que era longe e tudo mais. Então, são situações que às vezes acontecem, a gente fica triste e aí a gente vai falar com o pastor e aí o pastor vem e conforta a gente, né? Ele traz, "Não, fica tranquilo, acontece, faz parte

mesmo. Pessoas chegam, pessoas saem e tá tudo bem". Então, o pastor seria a primeira pessoa, assim.

Entrevistador

Como você se sente ao expressar as suas opiniões e sentimentos dentro da igreja? Seja na célula, seja com o pastor ou seja na comunidade maior?

Transparente

oje pra mim é algo bem tranquilo, assim. Eu como uma pessoa transparente, né? Eu sempre gostei de expor mesmo, de falar os problemas e de ser bem franco em relação a isso. Até hoje, graças a Deus, o pastor sempre foi muito tranquilo em relação a isso. E até do jeito dele também, porque ele também acaba sendo franco, né? Então, por isso que eu até gosto de ser franco porque aí as pessoas se sentem mais abertas, né? Então, pra mim sempre foi um ambiente bem tranquilo em relação a tudo isso.

Entrevistador

Alguma vez você já se sentiu pressionado pela igreja a mudar alguma coisa na sua vida?

Transparente

Não pela igreja. Eu diria que eu já me senti pressionado, por exemplo, na época que eu... que a gente estava sendo liderado em célula, por exemplo, e é o que querendo ou não, eu até mesmo faço um pouco disso, né? A gente tem muito aquela coisa de... tipo assim, por exemplo, se você está tomando uma decisão errada, querendo ou não, o seu líder tem o papel ali de... Oh, acho que não está muito certo isso. Então, existem certos conflitos que acontecem, às vezes, principalmente pra que você... Só que, obviamente, às vezes no começo você não entende, né? Fala, não, não é muito pra mim, não dá certo. Porque, por exemplo, no meu caso, no começo, assim que a gente entrou na igreja, eu lembro que na época a gente ficou um pouco pé atrás de participar já de ministério. Por mais que a gente viesse e já trabalhasse numa outra igreja, na época eu ficava assim, não, a gente quer dar um tempinho, agora que a gente chegou numa igreja nova, a gente nunca quer começar com os dois pés, né? A gente quer começar devagar e tudo mais. E aí foi nesse período que eu fiquei assim... A liderança chamando, passou todo mundo assim, meio que colocando aquela pilha assim, né? "Não, vamos, vamos trabalhar, vamos sei lá o quê". E aí pra gente foi algo muito rápido. Só que, quando a gente olha pra trás, né? E vê que fez muito bem, porque querendo ou não, quando a gente tá engajado, quando a gente tá em movimento, a gente deixa de pensar, assim, de... É igual o povo fala, né? Que mente vazia é a casa do diabo, né? Então, a gente realmente se ocupou e conseguiu realmente engajar, sabe? Então foi situações, assim, de meio que pressão, mas é sempre aquela pressão puxando pro bem, né?

Entrevistador

Como você acredita que se sentiria uma pessoa ao participar de uma reunião na célula em um momento de sofrimento pessoal dessa pessoa por conta de algum erro ou alguma falha que ela tenha cometido?

Transparente

Eu acho que... Sempre nas primeiras reuniões, quando tem algum visitante, normalmente a gente tem como costume, né? Não... Vamos dizer assim... Eu não vou te enganar, né? Tipo assim, fazer você falar ou te obrigar, entre aspas assim, a participar. A gente sempre tenta manter um ambiente saudável, agradável, né? Então, o máximo que a gente faz é sempre... "Seja bem-vindo e tal", faz um momento de oração ali, agradece pelos visitantes, mas não passa muito disso. Normalmente, o que a gente faz é... Durante a palavra, a gente sempre diz quem quiser falar alguma coisa, quem quiser participar, fiquem à vontade. Então, a gente sempre cria esse ambiente assim. E aí, naturalmente, quem já tá na célula fala, comenta, no final dá um pouquinho... As dúvidas que teve, ou até mesmo... Ah, deixa eu dar uma palavra, deixa eu falar alguma coisa, deixa eu apontar um testemunho... Então, existem esses momentos. Tem um momento que eu acho que encaixaria bem nessa situação, que aí, eu já tive experiências que... Pessoas que ou que acabaram de chegar, ou que estavam passando por algo, e que funciona, e funcionou muito o que a gente faz na célula, mas não é algo, vamos dizer assim, padrão. Mas foi uma prática que a gente criou dentro da célula, que ajudou muito. Que, basicamente, no meio da célula, a gente faz meio que uma divisão entre homens e mulheres. Então, as mulheres ficam no ambiente da casa, os homens vão para o outro, justamente para que a gente possa falar um pouco como foi a semana, compartilhar algum pedido de oração. E, normalmente, nessas situações, as pessoas sempre se abrem. E, normalmente, eu costumo até brincar que os homens falam mais que as mulheres nessas horas. Quando se afasta da mulher, parece que o homem se sente mais à vontade. E, normalmente, a gente sempre tem esses momentos. E aí, esses momentos, normalmente, a gente sempre tenta fazer com que todo mundo fale um pouco. Ah, minha semana foi boa, não foi? Aí, sempre tem um irmão que diz,

"Essa semana foi meio difícil, não consegui ler a Bíblia, não estou indo bem nisso, naquilo", sabe? "Caí". Então, são momentos que, às vezes, ajudam muito. Principalmente porque a minha célula, hoje, é uma célula, basicamente, de casais, casados. Então, querendo ou não, às vezes, você não se sente tão bem ali, né, ao lado da sua cônjuge. (7:33) E aí, nesses momentos, você se abre um pouco mais, você fala algum problema que está passando dentro de casa. E aí, existe todo esse aconselhamento, essa troca de ideias, sabe? Então, eu acho que, quando chega alguém assim, caso eu não tenha esse momento, eu deixaria ela super à vontade, né, se ela quisesse ou não. No final da célula, no momento de comunhão, normalmente, a gente sempre chega perto da pessoa e fala assim, "Olá, tudo bom? Qual o seu nome? Legal, obrigado por ter vindo", sabe? Pergunta o que a pessoa faz, o que ela gosta, se ela gostou da célula, se ela achou diferente. E aí, normalmente, ela já vai dar, ali, algum feedback, né? E aí, a gente diz, "Ó, venha mais vezes" e tal. Então, de forma natural, em algum momento, ela vai cair num dia que vai ter esse momento. E aí, acaba que é nessas horas que as pessoas começam a se soltar e compartilhar um pouco mais.

Entrevistador

Como é que a Igreja reage quando algum membro comete algum erro moral?

Transparente

Olha, graças a Deus, até hoje ainda não aconteceu, desde que eu estou aqui, né? Dentro desses meu um ano. Mas, até hoje, até onde eu sei, muitas das coisas que a Igreja já passou, o pastor sempre conseguiu conduzir bem, sabe? Em relação a tantos problemas que acontecem. No sentido, assim, ele nunca foi um líder de ir no púlpito e falar, sabe? Ele sempre conseguiu pegar os problemas e resolver dentro da Secretaria, dentro do espaço dele, vamos dizer assim, né? Então, ele sempre acaba, querendo ou não, protegendo toda a Igreja, em relação a todo e qualquer problema que aconteça. E, até quando acontece algum conflito, eu sempre vejo o pastor sempre aberto a conversar comigo, me chame, manda mensagem e tudo mais. Então, eu imagino que, se acontecesse, provavelmente resolveria dessa maneira.

Entrevistador

Como é que a Igreja reage diante de membros que passam por dificuldades emocionais, dificuldades familiares, dificuldades financeiras?

Transparente

Então, a gente teve até um caso recente, né? Que, inclusive, era uma pessoa próxima a mim. Não era tão próxima o meu, mas eu cheguei a trabalhar com ele durante um período que era um irmão nosso que teve câncer. E aí, infelizmente, ele veio a falecer. E foi um momento que a Igreja se comoveu muito, sabe? O que eu percebo é que toda a Igreja ela meio que se move, sabe? Em relação ao que está acontecendo. Então, foi um período que até a Igreja fez bastante jejum e oração. A gente teve muito... Tipo, você querendo ou não, a Igreja se molda dependendo das situações que acontecem, sabe? Existe um ministério que é de cestas básicas também que tem aqui na Igreja. Então, a Igreja tem algumas famílias que apoiam, que são da própria Igreja mesmo. E de outras famílias que a gente conhece também. Então, eu vejo que cada problema e situação, de alguma maneira, quando ela se torna pública, vamos dizer assim, né? A Igreja como um todo se junta. Inclusive, eu acho que faz... Acho que faz menos de um mês, ou faz um mês, que tinha uma irmã que estava precisando, se não me engano, de cinco mil reais para fazer alguma cirurgia. E a Igreja, ali no WhatsApp mesmo, começou a juntar, de repente, juntou o dinheiro, sabe? E foi algo assim que eu mesmo nunca tinha visto, né? Eu fiquei, meu Deus do céu, que incrível, assim. Então, é... Esse suporte é muito importante, né? É, faz uma diferença muito grande, assim.

Entrevistador

Você sente que há empatia e compreensão nas relações dentro da Igreja, ou há julgamentos e cobranças excessivas?

Transparente

Eu diria que sempre é um pouco dos dois, assim. Porque eu acho que, da mesma forma como eu falei, no caso dessa irmã que o pessoal se juntou e tudo mais, e ao mesmo tempo, se... Tipo assim, se você estiver cometendo alguma falha, alguma coisa, acho que, naturalmente, algum irmão que saiba que você está passando por algo, que você está cometendo uma falha, vai ir ali e te cobrar, vamos dizer assim, né? Ou dar aquela... "Opa, eu acho que você está indo no caminho errado", sabe? O equilíbrio das duas coisas, né?

Entrevistador

Para você, o que é ser um líder?

Transparente

Para mim, liderança está muito ligado a... Eu diria que conduzir pessoas, assim. Conduzir pessoas no caminho, sabe? Principalmente quando a gente fala de liderança dentro de Igreja, é conduzir realmente no caminho que é Cristo, sabe? Então é estar com elas ali no caminho, ao lado delas, sabe? De poder realmente mostrar a direção e apoiar elas nessa caminhada, sabe? Eu costumo dizer que o nosso papel como líder é preparar para depois eles irem sozinhos, sabe? Porque em algum momento eu tenho que... É igual criança, né? A criança não sabe andar, mas em algum momento ela vai aprender a andar e eu tenho que saber também soltar a mão para que ele possa se virar nesse mundo. Então, eu diria que é isso, assim, ser líder.

Entrevistador

Qual a importância dos relacionamentos na Igreja para você?

Transparente

Ah, eu acho que é fundamental, assim. Principalmente quando a gente pensa que a Igreja é um corpo, né? O corpo de Cristo. E a gente sabe que tem diversos membros e assim como um corpo, tem diversos membros também, né? Então, eu entendo que cada membro tem sua função, tem seu papel, cada um tem sua característica, né? Alguns falam mais, outros falam menos. Um gosta de pular, outro gosta de ficar quieto, sabe? Então, eu acho que se não houvesse relacionamento da gente saber lidar com o outro, da gente saber entender as diferenças, da gente saber realmente estar ali junto, sabe? Mesmo tendo pessoas que não pensam iguais, eu acho que não vai para frente, sabe? Então, o relacionamento é algo muito importante. E eu, da experiência que eu tenho e até desse meu jeito de ser franco mesmo, eu acho que é essencial, assim. E principalmente ter essa abertura para tantas pessoas falarem enquanto você também falar, você saber ouvir. Então, eu acho que é um conjunto ali que precisa estar bem ajustado para que as coisas funcionem, sabe? Então, o relacionamento eu acho que é fundamental.

Entrevistador

Para você, o que é uma relação social saudável?

Transparente

Eu acho que relação social saudável é quando eu consigo conviver com você diante de todas as diferenças que a gente tem, sabe? Eu lembro que, até hoje eu guardo isso. Quando eu me converti, a coisa que mais me chamou a atenção da igreja, né, para mim que veio de um cenário ali ateu, foi justamente ter pessoas diversas, vamos dizer assim, e juntas, no mesmo lugar. Porque, por exemplo, na época que eu participava do Ministério de Homens, eu sentado com um jovem muito mais novo do que eu, e ao mesmo tempo um idoso aqui do meu lado. Onde, na prática, no dia-a-dia, eu nunca teria relacionamento nem com um nem com outro. Porque provavelmente ele ia estar em um ambiente, eu ia estar em outro, e naturalmente, se não fosse pela igreja, a gente não estaria ali junto. Então, eu acho que igreja, não só igreja, mas todo esse relacionamento social saudável é justamente eu poder conviver com todas essas diferenças, sabe? E a gente, em um só corpo, tendo o mesmo pensamento que é Cristo, a gente conseguir se relacionar, sabe?

Entrevistador

O que significa para você ser um membro de pequeno grupo?

Transparente

Como todo líder já foi um membro, eu sinto que ser membro de uma célula é você fazer parte de um pequeno pedaço, sabe? Da igreja, assim. Onde você consegue, através do pequeno grupo, no sentido de poucas pessoas, você consegue se abrir, você consegue compartilhar, você se sente mais em casa. Porque eu acho que a grande... não vou dizer que é um problema, mas as igrejas hoje são tão grandes que é quase impossível conhecer toda a igreja. Então, assim, quando a gente para para pensar uma igreja com 500, 1.000 membros, não tem como eu decorar os nomes de 1.000 pessoas e me relacionar com as 1.000. Até porque a gente tem outros afazeres durante o dia a dia. Então, o pequeno grupo faz com que você se relacione de uma maneira, vamos dizer assim, acima do normal, com muito mais facilidade. Porque eu estou num grupo ali de até no máximo 10 pessoas e eu consigo de maneira rápida conhecer fulano, saber o que ele faz, o que ele precisa, o que ele passa. Ele também me conhece, então a gente meio que cria um laço ali, cria uma conexão. E eu acho que ser membro é realmente você se sentir parte dessa família, sabe? Você se sentir parte ali daquele seu pequeno grupo, sabe?

Entrevistador

Você poderia apontar algum momento ou alguma forma na qual a comunidade religiosa lhe ajudou em algum sofrimento pessoal ou emocional que você enfrentou?

Transparente

Eu acho que sim. Teve uma situação que a gente, na verdade, a gente ainda passa. Mas, se Deus quiser, em breve a gente vai ter a nossa resposta. Mas, basicamente, eu e minha esposa, a gente hoje tem dificuldade de ter filhos. E isso é uma luta que a gente vem há muitos anos e até mesmo antes da gente vir para a igreja, sabe? E muitos dos irmãos... Eu acho que hoje quase toda a igreja já sabe, porque a gente até já testemunhou sobre isso no púlpito. Mas foi um momento muito bonito, porque a igreja toda meio que nos abraçou, sabe? E, inclusive, minha esposa teve

uma experiência nesse meio, onde Deus realmente mostrou para ela que a gente teria o nosso filho, sabe? E a gente está com essa promessa aí nas mãos, vamos dizer assim. Então, a igreja foi um pilar importante, porque a gente pôde se abrir mesmo para falar sobre esse assunto, que hoje, para mim, eu costumo dizer que eu sou bem mais tranquilo em relação a isso, mas minha esposa ela sente muito. Então, para ela ter a abertura de falar mesmo, de expor, é porque realmente ela se sentiu em casa, sabe? Então, foi uma experiência muito boa, a ponto da gente conseguir compartilhar com os irmãos até quando Deus nos deu a resposta.

Entrevistador

Você poderia indicar algum material, podendo ser livro, apostila, revista, site, ou qualquer outro material que seja importante para compreender a visão daqui da igreja?

Transparente

Tenho sim. Na verdade, eu ganhei do meu antigo líder e foi algo muito importante para essa caminhada. "Valores inegociáveis da igreja em célula", de João Vitor Machado.^{[1][2][3][4][5][6][7][8][9][10][11][12][13][14][15][16][17][18][19][20][21][22][23][24][25][26][27][28][29][30][31][32][33][34][35][36][37][38][39][40][41][42][43][44][45][46][47][48][49][50][51][52][53][54][55][56][57][58][59][60][61][62][63][64][65][66][67][68][69][70][71][72][73][74][75][76][77][78][79][80][81][82][83][84][85][86][87][88][89][90][91][92][93][94][95][96][97][98][99][100]}

ENTREVISTADO: PR CUIDADOSO

Entrevistador

Conte a sua vida.

Pr. Cuidadoso

Pois bem, eu sou, eu só não nasci aqui em [cidade onde a igreja está localizada], né? Nasci aqui em [cidade vizinha], porque na época a estrutura de questão de nascimento era muito precária aqui, né? Mas a minha vida foi toda aqui ligada à [cidade natal]. Eu sou filho de pastor, o papai teve nove filhos, né? Seis homens e três mulheres e eu fui o caçula, né? Sou o caçula. Cresci dentro de um ambiente de igreja e papai sempre teve também uma recomendação muito grande para a gente, foi a questão da educação, pra gente estudar, né? Papai sempre fez, tanto é que graças a Deus dos nove irmãos, sete tem curso superior, né? Porque assim, para o interior é uma raridade, né? Na capital hoje é tudo mais fácil, mas se a gente pensar no tempo um pouco mais antigo, né? Isso era uma raridade, né? Então, quando eu completei 18 anos, na época era vestibular, eu fiz meu primeiro vestibular para Química Industrial, para a Federal da Paraíba, passei, só que quando eu comecei a fazer o curso não me encontrei, não era aquilo que imaginava e ao mesmo tempo vinha trabalhando algumas questões espirituais, algumas coisas muito profundas do ponto de vista espiritual na minha vida, aí foi quando eu resolvi ir para o seminário, aí estudei em João Pessoa no ITEBES, Instituto Teológico Batista da Paraíba, ligado a nossa denominação Batista, né? E aí, quando terminei, estava com 23 anos, papai também estava na fase já de, tinha na verdade se aposentado já, já estava com mais de 70 anos e a igreja me convidou para assumir o pastorado e aí com 23 anos solteiro, assumi o pastorado aqui da igreja, mas sempre tive um apoio muito grande de papai, né? E depois de 10 anos eu fiz um novo vestibular e passei para o curso de História, também na Federal da Paraíba, aí eu cursei todo o curso lá e fiquei trabalhando, né? Depois eu já tinha mais de 10 anos de ministério e aí

estudei, fiz o concurso para Pernambuco e passei e aí eu tenho essa dupla missão, né? Tanto na área educacional, com a área de História e aqui na igreja e graças a Deus dá para conciliar muito bem, hoje mesmo, antes de vir para cá eu participei de um velório de uma pessoa que tem um neto na igreja e a gente foi lá dar o apoio a ele e a família, depois a gente veio para cá e a gente tem, graças a Deus, conseguido conciliar, esse ano eu estou completando 30 anos de ministério pastoral, em outubro e 20 anos aqui na Rede estadual de Pernambuco.

Entrevistador

Para você, o que é um líder?

Pr. Cuidadoso

Um líder é, primeiramente, alguém que cuida de si mesmo, ele tem que ser um líder de si mesmo, é alguém que, se ele não tiver o seu cuidado, se ele não tiver a preocupação, como ele está, como ele vive, principalmente como ele caminha naquilo que ele se propõe a ser líder, por exemplo, um líder espiritual, ele tem que cuidar da sua vida de espiritualidade, se ele for um líder, como a gente é, educacional, a gente tem que cuidar também de como nós estamos lidando com essas questões da educação, como é que está a nossa própria educação, então primeiro ele tem que ter esse autocuidado e também ter o altercuidado, que é o cuidado do outro. Líder, você não lidera sozinho, você não lidera ninguém, se você é líder é porque você tem pessoas que estão sob a sua liderança, então você tem que estar preocupado com essa sua forma de liderar, que nunca é, e isso é muito claro no tempo de hoje, liderar não tem nada a ver com mandar, não tem nada a ver com ordenar, não tem nada a ver com essa questão de você estar até numa hierarquia acima. Líder é aquele que vai junto, é aquele que caminha junto, é aquele que está sendo exemplo, é aquele que caminha ao lado dos seus liderados e principalmente a gente tem também, se você é líder é porque você lidera alguém a chegar em algum lugar, então você também tem muito claro na sua mente, ou pelo menos assim deve ter, o lugar onde você deve chegar com os seus liderados, então é aquele que tem um alvo para atingir e levar aquelas pessoas que eles estão liderando a chegar naquele alvo.

Entrevistador

Como você avalia os líderes que apresentam suas fraquezas, limitações e vulnerabilidades para os seus liderados?

Pr. Cuidadoso

Se a gente não admitir isso, das nossas limitações, fraquezas, a gente está se colocando numa posição de herói, a gente está fugindo daquela realidade do ser humano, nós somos humanos, nada do que nos é humano é indiferente, já dizia um filósofo antigo, então a gente tem essa vulnerabilidade, agora o que a gente não pode transformar as nossas limitações em, eu vou colocar até assim, falsas desculpas para a gente deixar de fazer algo, "ah eu não consigo fazer isso não porque você sabe que eu tenho essa limitação", eu não sei determinadas coisas, então eu não vou nem tentar, não, a gente tenta, a gente batalha, a gente tenta superar, a gente tenta ir adiante, mas até para outra pessoa que também é tão humana quanto a gente, saber sim, se ele

conseguiu e ele é fraco como eu, eu também posso, se ele tem essas limitações e ele está caminhando, eu também posso caminhar também.

Entrevistador

Como ocorre a escolha e a formação de novos líderes na sua igreja?

Pr. Cuidadoso

A gente tenta fazer um processo muito natural, por exemplo, vamos pensar nos pequenos grupos, nos pequenos grupos a gente formou primeiro um grupo chamado grupo protótipo, já com aquelas pessoas que a gente avaliava que tinha alguma condição de liderar, às vezes era alguém mais espontâneo, alguém que tinha já uma liderança ali com outras pessoas, e a gente chamou essas pessoas para perto da gente, para caminhar com a gente, para a gente também cuidar espiritualmente dessas pessoas, e ao mesmo tempo você vai observando, de acordo com as características, e do ponto de vista do pequeno grupo, a gente tem uma questão, se a pessoa pode ter todas as características possíveis de aparentemente ser um bom líder, mas se ela não gostar de gente, se ela não gostar de relacionamento, se ela não gostar de estar com as pessoas, então ela nunca vai ser um bom líder de pequeno grupo multiplicador. Então a gente vê aquelas pessoas que tem interesse, tem preocupação com as outras pessoas, então normalmente esse é um dos maiores critérios que a gente usa aqui na igreja, pessoas que gostam de gente e querem ver o desenvolvimento de outras pessoas.

Entrevistador

Quais seriam as características que destacam para a escolha desses novos líderes?

Pr. Cuidadoso

Primeiro a questão da espiritualidade, já que a gente trabalha dentro da visão da espiritualidade, é alguém que tem uma vida exemplar, quando a gente diz uma vida exemplar, não é uma vida perfeita, mas uma vida que seja exemplo, exemplo de pai, exemplo de mãe, exemplo de estudante, exemplo de jovem, enfim, tenha bons exemplos, e também além do exemplo, tenha atrelado a isso um bom testemunho das pessoas, as pessoas conseguem enxergar naquela pessoa esses exemplos, e somado a isso, tem a questão relacional, como eu já falei, se a pessoa não gosta de estar com a pessoa, e igreja, pequeno grupo é primordialmente estar com as pessoas, então não tem como, a pessoa vai ser um líder se não for relacional, e uma outra característica que eu acho assim primordial, para a gente ter essa prática da liderança, é ter um coração ensinável, alguém que seja humilde para aprender, reconhecer até mesmo falhas, erros, dicas, que a gente percebe, a gente chama para conversar e dar umas dicas, e é aquela pessoa que é orgulhosa, aquela pessoa que acha que não erra, então é, simplesmente é muito difícil, tem que ter um coração ensinável, e gostar de ensinar também.

Entrevistador

Como é que se dá a formação inicial desses novos líderes?

Pr. Cuidadoso

Eles começam a participar de um pequeno grupo, dentro do pequeno grupo, cada líder já vai observando essas características, e a gente traz aquela pessoa para mais perto, e vai fazendo dentro do próprio pequeno grupo, alguns ensaios, por exemplo, uma reunião, aquela pessoa já vai ou liderar toda a reunião, ou liderar uma parte, a gente divide a liderança ali, então é o que a gente chama de liderança compartilhada, então vai ter naquele momento de liderança compartilhada, em dado momento a gente vai estar ali, é como, a gente usa um exemplo, alguém sabe fazer um bolo, então você chama alguém para aprender a fazer o bolo, você não vai fazer só o bolo, e aquela pessoa ficar olhando, e quando terminar, aquela pessoa saber, aí você fazer o bolo, não, aí ela vai fazer o bolo também, junto com você, e você vai ali ensinando aquela pessoa a fazer o bolo, e depois aquela pessoa vai fazer o bolo sozinho, você que vai observar, então aí, quando essa pessoa fazer o bolo e tiver o resultado, aí você vai saber se aquela pessoa está caminhando bem ou não.

Entrevistador

Então nesse aspecto o pequeno grupo também é um espaço formativo?

Pr. Cuidadoso

Sim, ele tem também essa parte formativa, além daquilo que a gente, a gente bem chama de pequeno grupo nas nossas igrejas, mas que na verdade são pequenos grupos, por exemplo, escola bíblica dominical, é um espaço de pequeno grupo nas salas, a união de homens, união de mulheres, udo isso são pequenos grupos dentro da estrutura maior que é a igreja, e também serve desse espaço de formação.

Entrevistador

Qual é a missão da sua igreja?

Pr. Cuidadoso

A gente, quando nós completamos 40 anos de igreja, a gente criou uma espécie de um lema para a igreja, é uma igreja que apresenta Jesus vivo, então esse lema nos leva justamente a pensar na nossa missão, a nossa missão é apresentar Jesus do ponto de vista, não aquele Jesus tradicional da religião, mas um Jesus que atua e é vivo realmente na nossa vida, e ao mesmo tempo a gente é motivado por esse Jesus vivo, para ajudar pessoas, para cuidar de pessoas, então é apresentar Jesus vivo, e ao mesmo tempo de cuidar das pessoas.

Entrevistador

Como você avalia uma igreja que cria uma atmosfera de aceitação de pessoas em seu grupo, independente de como estejam, ou seja, dos seus vícios, costumes e da aparência?

Pr. Cuidadoso

Quando a gente pensa em uma igreja e não um local de reunião, um dos pontos e focos principais da igreja, é todos chegarem a ser discípulos de Jesus, e Jesus tem um convite que é

muito claro para todo ser humano, se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me, então não tem como a gente ser seguidor de Jesus e ter a mesma vida, eu costumo dizer, inclusive domingo mesmo eu preguei e citei isso, se na história humana, na história universal, a gente tem um antes de Cristo e um depois de Cristo, na nossa vida a gente precisa também ter a noção, o antes de Cristo, ou seja, antes de termos aceitado Jesus, como era a nossa vida, e o depois de Cristo, como a nossa vida passou a mudar depois desse relacionamento, então não tem como, aí você está buscando mais adepto da sua religião, do que realmente alguém que quer ser discípulo de Cristo.

Entrevistador

Mas no caso, há abertura no pequeno grupo para a recepção das pessoas?

Pr. Cuidadoso

Total, total, como é a questão, a gente tem duas designações para essa questão de novas pessoas, aliás, *um dos objetivos dos pequenos grupos é essa busca de novas pessoas, você tem o chamado RI, que é o relacionamento intencional, digamos que você tem um vizinho, que você queria ver ganhar aquela pessoa para Jesus, ter aquela pessoa caminhando com Jesus, então você começa de modo intencional, a se aproximar mais daquela pessoa, a orar por aquela pessoa, a procurar ter uma comunicação com aquela pessoa, dizer que está orando por aquela pessoa, e aí vai criar pelo menos uma interrogação na mente daquela pessoa, por que fulano agora está me procurando mais, por que fulano diz que está orando por mim, qual é a intenção dessa pessoa? Então aí, a gente vai começando a fazer um vínculo, e a gente usa uma linguagem que algumas pessoas não entendem, mas é o caminho, primeiro você ganha essa pessoa para você, e depois para Jesus, o que a gente quer dizer com isso? Primeiro você ganha a confiança dessa pessoa, dessa pessoa ter a abertura de contar um pouco da sua vida, de dividir a sua vida com você, então nesse um a um, nessa caminhada um a um, você vai apresentando os princípios de Cristo, e aí passa do relacionamento intencional, para o chamado relacionamento discipulador, então essa pessoa passa a ser discipulada por você, e discípulo de Cristo, mesmo antes de tomar uma decisão ao lado de Cristo, você já é discípulo, você já está sendo discipulado.*

Entrevistador

Os membros da sua igreja podem expressar livremente suas dúvidas, questionamentos e dificuldades?

Pr. Cuidadoso

O ambiente ideal para isso, é justamente o pequeno grupo, porque no grande grupo, por exemplo, a gente está lá pregando, não tem espaço para alguém levantar a mão, lá no auditório, eu estou com a dúvida, nessa parte não tem, a gente tem dois ambientes que é muito favorável para isso, a escola bíblica, que algumas igrejas hoje, de modo muito errôneo, tem abandonado, a escola bíblica é um espaço para isso, para essas dúvidas, e o pequeno grupo, onde a própria natureza, do próprio estrutura como a gente senta, a gente não senta vendo

a nuca um do outro, a gente senta em círculo, podendo ver a face do outro, contemplar ali a fisionomia, e partilhar a vida, então, é o ambiente ideal, para esse tempo de compartilhamento.

Entrevistador

Há alguma forma de exclusão, ou punição, para aqueles que não seguem certas normas?

Pr. Cuidadoso

A própria Bíblia já nos determina, esse caminho, sem falar do ponto de vista da eclesiologia, mas a gente procura aconselhar, a gente procura estar junto, e se essa pessoa melhorar, já é o caminho para ela estar ali, de volta à comunhão, aí quando ela, pessoalmente ela não aceita, a gente procura um grupo da igreja, que é uma espécie de uma comissão, e vai lá procurá-lo, e se essa pessoa, continua com os comportamentos, ou com as atitudes que não convêm, aquilo que a gente chama, dos princípios bíblicos, então a gente leva a igreja, e a igreja leva, aquilo que a gente chama, de uma disciplina cirúrgica, que é, afastar aquela pessoa, mas o objetivo não é expulsar, porque você não presta, mas o objetivo é você se alertar, para saber que, aquele seu comportamento, está inadequado, com o caminho da igreja, que é a igreja do Senhor Jesus.

Entrevistador

Quais as estratégias, a comunidade utiliza, para restaurar, e acompanhar as pessoas que erram?

Pr. Cuidadoso

A gente tem a figura, do chamado, discipulador, o que é o discipulador? É alguém que se propõe, a caminhar junto com as pessoas, para justamente estar junto, eu particularmente, eu tenho um irmão da igreja, que eu considero ele, meu discípulo, e ele já deu, algumas escorregadas, assim até, um pouquinho complicadas, por exemplo, teve até um filho, fora do casamento, então assim, como é que eu procuro, é dizer, dar um tapinha nas costas, não, isso todo mundo erra, não, acompanhar, fazer ele, ter ciência, do erro que cometeu, mas ao mesmo tempo, apoiá-lo, a gente se encontra, uma vez por semana, a gente ora junto, a gente lê a palavra de Deus junto, e a gente procura, aquele ambiente ali, de fortalecimento, graças a Deus, houve restauração, do casamento dele, estava com quase a ponto, de se separar, uma família de, um casal de filhos, graças a Deus, houve restauração, e, vez por outra, ele ainda dá, uns caminhos, ele gosta, às vezes, de dar uma, tocar um pouquinho, na bebida alcoólica, aquela coisa toda, mas assim, quando faz, ele tem, sempre me procura, "Pastor, farrapei, de novo", e a gente conversa, e tem, esse sistema de acompanhamento, óbvio, que a gente não consegue isso, para toda a igreja, mas a gente tenta, fazer ao máximo, com as pessoas, principalmente, com os líderes de pequenos grupos, eles possam, estar observando, nesse cuidado, mais pessoal.

Entrevistador^[1] Como a liderança, lida, com os dilemas, pessoais, e espirituais, do membro?

Pr. Cuidadoso^[SEP]Do relacionamento, do cuidado pessoal, naquilo que os líderes, também não conseguem, digamos assim, fuge um pouquinho, vai além, daquilo que, eles conseguem ali, é, digamos assim, ajudar, aí já procura a liderança da igreja, já procura, eles têm, cada, a gente tem um coordenador, não é? para, a gente chama de supervisor, dos pequenos grupos, e, esse supervisor, está abaixo, do coordenador geral, que no caso, sou eu, aqui da igreja, dos pequenos grupos, então, eles levam o supervisor, se o supervisor não conseguir, traz para mim a pessoa, e a gente tenta, ajudar ali, as pessoas.

Entrevistador^[SEP]Qual a importância, dos relacionamentos, para a sua igreja?

Pr. Cuidadoso^[SEP]A gente pode dizer que, se não houver, é, se não houver, relacionamento, não é nem igreja, não é? Porque, a própria característica, da igreja, é o corpo, o corpo que tem membros, se os membros, não se relacionarem, com o outro, não tem como o pé, ir para um lado, o outro pé, ir para outra mão, ir para um lado, então, o relacionamento, eu digo, tanto, a base do pequeno grupo, quanto, da própria igreja.

Entrevistador^[SEP]Para você o que é, uma relação social saudável?

Pr. Cuidadoso^[SEP]Eu acho que, passa muito, por essa questão, da confiança, não é? Da confiança, porque, a partir do momento, que eu, digo, que eu, chamo o outro, por exemplo, de irmão, a gente tem essa mania, de chamar o outro de irmão, mas, se a dor do outro, não for minha dor, se a alegria do outro, não for a minha alegria também, porque, às vezes, até na dor, a gente, se solidariza, mas na alegria, às vezes, a gente fica com inveja, né? Fica com raiva, porque, só acontece o benefício, é, com a outra pessoa. Então, quando você gera, essa confiança, de você poder, compartilhar a sua vida, eu acho que aí, a questão social, está acontecendo, muito bem.

Entrevistador^[SEP]Sua igreja é uma igreja tradicional, uma igreja com pequenos grupos ou uma igreja em pequenos grupos?

Pr. Cuidadoso^[SEP]Essa é uma pergunta bem interessante, que as pessoas, é, às vezes, né? Porque, quando você diz, que é uma igreja, em pequenos grupos, então, ela está, meio que, dividida, né? Então, nós somos uma igreja, tradicional, é, mas que, temos a visão, de que os pequenos grupos, ajudam, a comunhão, é, então, nós temos, pequenos grupos, nós não somos, em pequenos grupos, né? Nós temos, esses pequenos grupos, né?

Entrevistador^[SEP]Porque este modelo é importante para a igreja?

Pr. Cuidadoso^[SEP]Quando a gente vai ministrar os cursos, e a formação, da chamada, visão de igreja multiplicadora, tem um, lá, um objeto, lá, que serve muito de exemplo, para a gente, que é, as catracas, né? Como se fosse uma catraca de relógio, as catracas da indústria, aquilo tudo, um, dentro, vai encaixando no outro, e vai movendo, toda a estrutura, então, os pequenos grupos, eles servem justamente, para mover, essas estruturas, na igreja, por exemplo, você prega sobre oração, você faz a explanação, sobre a oração, mas como é que você vai, ter a noção, de

que aquelas, digamos, cem pessoas, duzentas pessoas, que estão ali no seu auditório, todas elas estão captando, e estão realmente, praticando aquela oração, já no seu pequeno grupo, você tem, seis, oito, no máximo, dez, quando passa de doze, já é um grande grupo, né, mas digamos que tem aí, doze pessoas, você é capaz, de acompanhar mais, né, o que está sendo ministrado, e através daquilo, que a gente chama, de solicitação de contas, você consegue, é, observar, se, aquilo que está sendo ensinado, está sendo vivido, pelas pessoas, então é uma estrutura, que faz parte, e faz gerar toda grande catraca da igreja, a funcionar melhor.

Entrevistador^{[1][SEP]}Essa solicitação de contas, no caso, ela se dá durante a reunião ou em outro momento?

Pr. Cuidadoso^{[1][SEP]}Em outro momento, é justamente, daquilo que a gente chamou, de relacionamento discipulador no caso, individual.

Entrevistador^{[1][SEP]}O que a falta da escola bíblica dominical pode significar para uma igreja?

Pr. Cuidadoso^{[1][SEP]}A falta de ensino. Mais ou menos há uns três anos a gente tomou uma decisão aqui na igreja de, porque a gente sempre trabalhou com revistas né, aí tinha aquelas revistas que vinham ligadas ao estudo de algum livro da Bíblia e tem aquelas de temas da modernidade, né. E aí a gente tomou uma decisão há mais ou menos uns três anos atrás da gente se voltar exclusivamente para o estudo da Bíblia mesmo. Então a gente vem estudando livro por livro. Primeiro a gente fez uma visão geral do que era a estrutura Geral da Bíblia, né? E depois a gente vem trabalhando Por exemplo, hoje, depois de uns três anos de caminhada a gente está estudando agora o Evangelho de João. Então, a gente estudou de Gênesis Até agora o Evangelho de João E vai até chegarmos a Apocalipse.

Entrevistador^{[1][SEP]}Os pequenos grupos também funcionam como meios de evangelismo?

Pr. Cuidadoso^{[1][SEP]}Sim! É aquilo que eu já coloquei, não é? O discipulado um a um nos leva a gente a entender que todo mundo tem a missão de ganhar pessoas para Jesus. Isso não está preso ao pastor, não está preso àqueles que a gente considera líderes, mas todos nós temos a missão de ganhar mais um. E ganhar mais um através do quê? Do relacionamento.

Entrevistador

Algumas igrejas, quando começam a criar pequenos grupos, elas transferem a missão da escola bíblica para o pequeno grupo. E também a questão do departamento de evangelismo é transferida para o pequeno grupo.

Pr. Cuidadoso

É porque, na verdade, a gente caminha com a visão de igreja multiplicadora desde 2016, então são quase 10 anos de caminhada. A gente vai aprendendo, principalmente com os nossos erros. A gente aprende muito com os nossos erros na caminhada. E a gente vai vendo uma coisa assim, se alguém vem falar de igreja multiplicadora, visão de igreja multiplicadora, e se a primeira coisa que ela fala é pequeno grupo, é porque essa pessoa não entendeu ainda o que é

a visão de igreja multiplicadora. Porque a visão de igreja multiplicadora nada mais é do que um retorno à visão bíblica, a partir dos cinco princípios, da oração, da formação de líderes, da evangelização não separada do discipulado, a evangelização discipuladora. Isso faz uma multiplicação de novos locais de culto, que é justamente a gente ter a expansão para outros lugares. E aquilo que a gente chama, na linguagem normal, de ação social. E na visão, a gente tem mais essa visão mais perto de cuidado para com a outra pessoa. Então, é uma visão que a igreja toda deve viver essa realidade. Então, como é que se forma um pequeno grupo? É quando eu tenho alguns relacionamentos discipuladores, e eu chamo para perto de mim, para essa pessoa, para caminhar. Então, aí há um sentido de ter um pequeno grupo. E não pegar a igreja, chegar agora no domingo e dividir. Eu tenho 100 pessoas, eu vou dividir agora em grupos de 10, aí vou formar 10 pequenos grupos. Esse irmão que é mais desenvolvido aqui vai liderar isso aqui. Não, isso aí não funciona. A base é o relacionamento discipulador. Então, quando a gente entende que a base está toda no relacionamento discipulador, a visão é outra.

Entrevistador

A última pergunta que nós temos aqui, se você poderia indicar algum material, pode ser livro, apostila, revista, site, ou outro material que seja importante para compreender a visão da sua igreja.

Pr. Cuidadoso

Em termos de visão de igreja multiplicadora, a gente tem o material de missões nacionais, os livros básicos, que é o primeiro livro, Igreja Multiplicadora, do pastor Fernando Brandão, que ele é o organizador. O segundo livro, De Volta aos Princípios, do pastor Fabrício Freitas. Aí você vai estudar, justamente, Relacionamento Discipulador, que é o terceiro livro, que a gente lê mais ou menos, nessa sequência é o melhor caminho, né? Relacionamento Discipulador, que é do pastor Diogo Carvalho. Depois a gente vai ler um livro, então, um material chamado Raízes, que é do pastor Roosevelt, onde ele vai mostrar esse cuidado mais pessoal. E, por fim, é que a gente vai ler o livro Pequeno Grupo Multiplicador, que é o livro PGM, do pastor Márcio Tunalá, lá de Curitiba. E aí a gente vai entender a dinâmica do pequeno grupo. Então, você tem toda uma formação até chegar no pequeno grupo. E tem outros livros, que mexem mais com a questão de liderança e com esses conceitos de igreja. Por exemplo, a gente teve o lançamento agora de um livro muito interessante, Uma Igreja que Vale a Pena Ser Membro, que é do pastor Milton Monte, que é um caminho para tentar chegar ao coração dos desigrejados, que tem crescido muito. Então, esse livro tem sido muito interessante, eu estou começando a ler essa semana, e ele nos ajuda muito a gente entender esse coração dessas pessoas que não querem muito mais ter contato com a igreja.

ENTREVISTADO: PR. HUMANO

Entrevistador

Fale sobre a sua vida.

Pr. Humano

Eu nasci em Belém de Caiçara, aqui no interior da Paraíba em 05.03.1971. A gente veio morar em João Pessoa, na verdade, no Jardim Aeroporto em 1980. Trabalhei no comércio por muito tempo. Depois tive uma experiência com Cristo em 1998, por aí. Em 2000 fui para o seminário. Em 2004 me formei. Assumi a congregação da Primeira Igreja Batista no Altiplano. Fiquei lá durante o período do seminário, cinco anos. Aí depois fui ordenado. Fiquei mais um ano e seis meses lá na igreja. Depois eu vim aqui para [local da igreja]. Aí já tem esse tempo aí, acho que aproximadamente 19 anos que está fazendo este ano. Me casei com [nome da esposa] em 2004. Tivemos dois filhos, [nomes dos filhos]. [menino] hoje tem 19. [menina] 16. Bom, é isso!

Entrevistador

Pra você o que é ser um líder?

Pr. Humano

Um líder é um influenciador, aquele que conduz um grupo a um determinado lugar. Inspirando pessoas a alcançarem o objetivo não é, o alvo.

Entrevistador

Como é que você avalia líderes que apresentam suas fraquezas, limitações, vulnerabilidades para os seus liderados?

Pr. Humano

Humano, líder de carne e osso, líder que é gente como todo mundo e que não mascara suas dores e suas lutas, embora que tenha também que encontrar respostas, mas sem negar suas fragilidades, né.

No contexto igreja, o pastor deve ter o lugar onde ele consiga contar com ajuda e apoio. Não só ser aquele que vai sempre doar, dar, mas ser também aquele que também tem um espaço pra receber, ser ministrado né, enfim, ser abraçado, amado, curado, restaurado, encorajado.

Entrevistador

Pastor, como é que ocorre a escolha e formação de novos líderes na sua igreja?

Pr. Humano

Se dá no contexto das células, nos grupos pequenos, onde o líder e a própria célula observa o crescimento, o despertar o comprometimento desse novo membro e aí ele vai recebendo uma atenção maior, mais especial, onde aí ele vai tendo uma oportunidade de, ministrando, dando lição, dirigindo a célula. E aí ele vem pra Escola de Líderes onde lá efetivamente ele é formado como um novo líder, mas ele é indicado e levantado dentro da célula.

Entrevistador

Quais seriam as características que se destacam para a escolha desses novos líderes?

Pr. Humano

Bom, primeiro é vida com Deus. Acho que é o primeiro passo mesmo é vida com Deus, a comunhão com Deus, o caráter que é o traço de uma vida transformada por Deus e compromisso com a igreja né. Tem gente que até tem vida com Deus, tem um caráter bom, mas ele não tem compromisso com a igreja. Então tem que ter esses três “C”s: Comunhão com Deus, Caráter e Compromisso com a igreja.

Entrevistador

E como se dá a formação inicial desse novo líder?

Pr. Humano

Ele é formado tanto na célula, assumindo compromissos e dando exemplo, dando conta daqueles compromissos que ele assume na célula, como, ministrar a lição, dirigir uma reunião, cuidar de gente, discipular uma pessoa da célula e na Escola de Líderes. Nós temos uma escola específica pra formação de líderes. Então, essa pessoa precisa fazer o curso de formação.

Entrevistador

Pastor, qual é a missão da sua igreja?

Pr. Humano

Ganhar vidas para Jesus, cuidar bem delas e enviá-las também para alcançar vidas.

Entrevistador

Como é que vocês praticam essa missão?

Pr. Humano

Nós fazemos vários eventos de colheitas né que a gente chama. São eventos para atrair amigos, familiares, parentes, vizinhos, colegas de faculdades. Sempre com o objetivo mesmo de que essas pessoas conheçam o evangelho. Então a gente promove esses eventos-pontes, eventos de amigos. Aí essas pessoas elas chegam e elas recebem a apresentação do Evangelho.

Entrevistador

Como é que você avalia uma igreja que cria uma atmosfera de aceitação de pessoas em seu grupo, independente de como estejam, ou seja, de seus vícios, costumes e aparência?

Pr. Humano

A verdade é que o Evangelho ele é suficientemente poderoso para transformar todo o homem e o homem todo, então ninguém está dispensado, ninguém está desqualificado, ou seja, todos necessitam de conhecer o Evangelho porque nós cremos que é por meio do Evangelho que todos serão transformados. Então todos precisam ser acolhidos, amados e ouvir a mensagem.

Entrevistador

Os membros da sua igreja podem expressar livremente suas dúvidas, questionamentos e dificuldades?

Pr. Humano

Sempre. A gente encoraja na verdade isso, que ninguém vista uma capa de perfeição ou discurso religioso a ponto de dizer sempre pra todo mundo que tá tudo bem, quando na verdade, tudo, tudo não vai sempre bem. Então, a gente sempre encoraja. Nós temos encontros inclusive pra isso, encontros individuais, encontros de grupos pequenos e ministrações nos cultos onde as pessoas são encorajadas a confessar, pedir ajuda.

Entrevistador

Há alguma forma de exclusão ou punição para aqueles que não seguem certas normas?

Pr. Humano

A gente sempre usa o termo restauração. Então, é comum que uma pessoa, num determinado momento ela esteja cansada, desanimada ou chateada, triste, amargurada, magoada. Isso faz parte da vida. Então, o que nós recomendamos sempre é que a pessoa pare o que ela está fazendo e procure se cuidar. E aí nós temos pra isso também uma proposta de uma caminhada individual, pessoal, onde essa pessoa não vai estar dando, mas recebendo pra ela seja restaurada e depois volte a servir com a mesma alegria de antes ou até mais.

Entrevistador

Quais são as estratégias que a igreja utiliza pra restaurar e acompanhar essas pessoas?

Pr. Humano

Nós temos os atendimentos individuais, nós encaminhamos muitas vezes também a profissionais na área de saúde mental. Temos casos de alguns que agora mesmo estão sendo acompanhados por psicólogos e tudo. E a igreja subsidia isso pra que a pessoa desfrute desse cuidado, dessa atenção. Já teve o caso, por exemplo, de a gente enviar pra seminários até fora do estado, onde a pessoa pode receber, fazer uma imersão, enfim, cada caso vai exigir uma ação diferenciada ou específica.

Entrevistador

Há momentos específicos para ouvir os fieis?

Pr. Humano

Nós temos na própria reunião da célula um momento, onde a gente até separa homens e mulheres para que eles fiquem em grupos específicos, onde ali as pessoas compartilham. A gente chama isso exatamente de compartilhar. E ali cada um abre o coração e fala daquilo que tá lhe angustiando, daquilo que tá difícil, da necessidade de ajuda que ela possa estar precisando. E também o individual. É muito comum uma pessoa não querer falar algo pessoal no grupo e procura o seu líder de célula ou pastor da igreja para um atendimento específico de gabinete.

Entrevistador

Pastor, qual a importância dos relacionamentos para a igreja?

Pr. Humano

Grande. Essa palavra para nós é uma palavra chave inclusive porque o slogan da igreja é Valorizando Relacionamentos. Porque nós entendemos que, se agente tirar a palavra relacionamento da Bíblia, não fica nada importante porque, na verdade, Deus fez o homem pra um relacionamento com ele, aliás, o Senhor disse lá no Gênesis “Façamos o homem”, ali ele já estava falando em relacionamento. Ele poderia ter dito “Eu vou fazer o homem”, ele é Deus, mas ele disse “Façamos”. Então, a gente identifica a palavra relacionamento presente em toda a Bíblia. Então a igreja precisa viver relacionamentos saudáveis e frutíferos para a glória de Deus.

Entrevistador

Para você o que é um relacionamento saudável?

Pr. Humano

Respeito, amor, compaixão são palavras que norteiam um relacionamento saudável. Eu preciso olhar para o outro e amar o outro. Eu preciso entender que o outro é diferente de mim. Eu

preciso entender que há algo que eu posso em Deus fazer pra melhorar a vida dessa pessoa, pra tornar a vida dela melhor.

Entrevistador

Sua igreja é uma igreja tradicional, ou é uma igreja com pequenos grupos, ou é uma igreja em pequenos grupos?

Pr. Humano

A nossa igreja eu não defino como tradicional, também não digo que é uma igreja renovada no aspecto assim né, muito do movimento, mas é uma igreja, eu diria, pra mim, equilibrada, é uma igreja em células.

Entrevistador

Por que este modelo é importante para a igreja?

Pr. Humano

Porque ao meu ver é a forma mais atual de cumprimento da missão, onde ela democratiza, simplifica a participação de todos os membros da igreja. Com isso ninguém está dispensado da obra, todos são envolvidos do mais simples ao mais culto todos conseguem contribuir para o cumprimento da missão de fazer discípulos que na verdade é aquilo que o Senhor nos mandou fazer. Ele disse “ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura”. Então esse ide é pra todos e a célula é esse lugar simples onde os membros são disciplinados e ao mesmo tempo eles discípulos. É uma reciprocidade, é uma rede de relacionamentos de ajuda mútua, onde ali se cumpre a missão que nos foi dada.

Entrevistador

O que a falta de uma Escola Bíblia Dominical pode significar para a igreja?

Pr. Humano

Há muito tempo que nós não trabalhamos com esse termo ou essa visão mais tradicional. A nossa de fato o nome até mudou que é Centro de Ensino e Treinamento Ministerial. Então, eu diria que toda igreja saudável ela tem uma escola bíblica não é, então ela é necessária, é o fundamento, é o ensino não é, é o lugar de aprofundar a palavra. Aí nós temos domingo, nós temos sábado, nós temos segunda, inclusive, cursos os mais diversos, pra noivos, pra casais, para os filhos, pra crianças, pra adolescentes, jovens, enfim, pra alcançar a todos. Não conseguimos ainda cem por cento, mas estamos avançando.

Entrevistador

Qual a principal forma de discipulado na sua igreja?

Pr. Humano

Do discipulado é na célula, que é um encontro semanal e ali é onde acontece o discipulado. Tem outro nível de discipulado que é o encontro de líderes, que a gente chama de GDs Grupos de Discipulado, que é o discipulado entre líderes. E o ensino ele se dá mais profundamente no CETM né, Centro de Ensino e Treinamento Ministerial.

Entrevistador

Pastor, quais as consequências para uma igreja da falta de um ministério de evangelismo?

Pr. Humano

Gravíssimo né. É perder o foco. Quando a igreja não tem um plano pra fazer a colheita, disse Joel

Comiskey, eu acho interessante essa frase dele, ele diz assim, “Quando a igreja não tem um plano para fazer a colheita, ela planeja por omissão perder a colheita”. Então, é grave, é perder o propósito e se tornar um clube fechado. É uma igreja que a gente chama de manutenção. Ela fica focada em manter o que tem. E isso é uma falência do propósito da igreja.

Entrevistador

Você poderia indicar algum material que seja importante para compreender a visão da sua igreja?

Pr. Humano

Sim, o site DNA Central, recursos, você vai encontrar lá todo o material, desde o material de formação de líderes, material de evangelismo, apostilas, conteúdo para estudar nas células, pra formar líderes, tem tudo.